

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

Silvana Nymann dos Santos

**Ideologia, *Marketing* e Cooptação de Estagiários
na Revista *Agitação* (1993-2007).**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

Silvana Nymann dos Santos

**Ideologia, *Marketing* e Cooptação de Estagiários
na Revista *Agitação* (1993-2007).**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

Dissertação apresentada à banca
examinadora da PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO, como exigência parcial para a
obtenção do título de MESTRE EM
HISTÓRIA SOCIAL, sob a Orientação do
Professor Doutor Antonio Rago Filho.

SÃO PAULO

2010

Banca Examinadora

Dedicamos este humilde estudo a todos os que acreditam ser possível caminhar rumo ao conhecimento, pois são palavras que nos tornam melhores, no entanto são as nossas ações que nos fazem realmente transformar a realidade – em nossas escolhas – com vontade, dedicação e, acima de tudo, em nossa própria fé no homem e na humanidade.

Existem, durante a nossa vida, sempre dois caminhos a seguir: aquele que todo mundo segue, e aquele que a nossa imaginação nos leva a seguir.

O primeiro pode ser o mais seguro, o mais confiável, o menos crítico, o que você encontrará mais amigos...

Mas, você será apenas mais um a caminhar.

O segundo, com certeza vai ser o mais difícil, o mais solitário, o que você terá maiores críticas...

Mas também, o mais criativo, o mais original possível.

Não importa o que você seja ou quem você seja, ou que deseje na vida, a ousadia em ser diferente reflete na sua personalidade, no seu caráter, naquilo que você é.

E é assim que as pessoas lembrarão de você um dia.

Ayrton Senna da Silva (21/03/1960 — 1/05/1994).

Agradecimentos

Agradecimento é oportunidade de trazer para perto, em palavras, o carinho que nos é expresso nos momentos bons e nos difíceis também. Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela oportunidade e pelo momento em minha vida de avançar no conhecimento, tornando-se presença espiritual a fortalecer o viver, o sonhar e, finalmente, o concretizar.

Ao companheiro André Borges Catalão pelo amor transformado em apoio, incentivo e cuidados. Sua presença forte me faz querer sempre buscar mais, como exemplo de pessoa centrada, profissional e de gentileza; devo muito a ti, muito tenho de ti.

Aos meus pais, Augusto Knopf dos Santos e Neuza Nymann dos Santos, razão e caminho de estar nesta vida, que sempre demonstraram como uma vida se faz na retidão do caráter. Suas histórias são exemplos de luta e de vencer com a cabeça erguida.

À minha irmã Rosilete Nymann Müller – Lete, que é verdadeira amiga da qual precisamos para vencer obstáculos; agradeço-te pelas lindas Bibiana e Ana Carolina – elas são muito mais que eu poderia esperar ter pelo caminho, em família e em ligação fraternal.

A todos os verdadeiros mestres que tive na vida, dignos de seguir o exemplo. Em especial a primeira de todas, Professora Remi Moraes de Oliveira, exemplo ímpar tanto profissional quanto pessoalmente.

Destaco de minha primeira caminhada acadêmica, em minha Graduação em História na UPF – Universidade de Passo Fundo, sob a Orientação da Professora Doutora Eliane Lucia Colussi, que soube me mostrar o caminho da pesquisa e por me incentivar a continuar sempre querendo mais conhecimento.

Às sempre presentes nesta jornada, Professoras Doutoradas Yara Maria Aun Khoury, Heloísa de Faria Cruz, Estefânia Knotz Ganguçu Fraga e

Yvone Dias Avelino, por fazerem parte das novas descobertas nessa fase de minha vida: o mestrado todo teve sentido por acreditar em vocês.

E assim, posso agradecer, com todo meu carinho, respeito e admiração ao meu Orientador Professor Doutor Antonio Rago Filho, que me acolheu em momento de grande aflição, mas que soube conduzir-me às mais novas descobertas e melhoras de meus conhecimentos e no resultado de tudo isso. Tenho eterna gratidão pela acolhida e pela indicação dos caminhos. As adversidades sempre trazem coisas boas para melhorar nossa jornada.

As Professoras Fabiana Scoleso e Vera Lúcia Vieira, que gentilmente fizeram parte de minha Banca de Qualificação. Eu agradeço-as pelas contribuições ímpares que fizeram para este texto ter mais sentido e mais força na apresentação e redação final. Em especial à Fabiana, pela co-orientação fundamental na melhoria final do texto.

À Betinha, cuidadosa e sempre prestativa nas horas mais aflitas, carinhosa e meiga nas horas de dividir alegrias.

A todos os que estão em minha vida, pelo que significam e pelo que possamos fazer juntos nesta aventura que é viver. Peço que cada um sinta nessas poucas palavras o meu gesto de felicidade e agradecimento pela experiência compartilhada. Amor, paz e luz sempre. Que eu consiga retribuir cada um o bem que fazem em meu caminho. Cada um, a seu modo, estiveram/estão/estarão presentes em minha vida, tanto em palavras quanto em gestos. Sou grata pela oportunidade de convívio no carinho e no aprendizado.

Às amigas agora já distantes, vivendo em outras paragens, mas eternamente em minhas recordações de felicidade por existirem: Gilvânia, Marilete, Dirlei, Tânia, Mariana, Edione, Maristela, entre tantas outras.

Ao meu professor de natação, Fábio, que em meio a turbulência das escritas, me ensinou a nadar, que me fez deixar na água e tirar dela energia para continuar a dissertação. Eternamente: Obrigada.

Às amigas que vivem o dia-a-dia comigo, Hilda, Amélia, Marlene, Mari, Rossana, e que, possivelmente, teremos muitas histórias, todas divertidas e com a melhor sabedoria que me podem oferecer.

À amiga especial Eunice por tudo o que significa e por tudo que ainda vamos crescer juntas. À amiga Doloures – Dodô, agora mais perto, agora mais feliz por ti.

À Dra. Elisabete sem a qual as crises não teriam sentido de ser, não estariam racionalizadas e não teria como ver os bons momentos de minha vida que sempre me fizeram crescer como ser humano. Confiança é só uma palavra no dicionário, mas uma prática no consultório. Haja ouvidos!

À minha massagista Kátia Franco, pela sensibilidade com que contribui para minha saúde e pelas palavras carinhosas.

Aos colegas que ficam verdadeiros amigos na jornada do curso: Ricardo, Juliana, Eliana, Antonio, Reinaldo, dedico a vocês um pouco tudo o que vivemos e divido outro tanto essa alegria pela qual todos passamos. Espero uma jornada sempre melhor a cada um.

Ao amigo James pelos bons ouvidos e pela companhia inestimável. Suas contribuições são sempre ótimas.

Aos amigos Guilherme e Milena, pelas horas maravilhosas, pelas alegrias e conquistas divididas. Suas amizades são fundamentais, são imprescindíveis. Vamos viajar? Sucesso! Divertido!

Aos meus ex-alunos, hoje grandes amizade aos quais vale a pena fazê-los saber que me permitem acreditar na minha tarefa como educadora. Gratidão por fazer parte das vidas de algumas almas que continuam a me dar orgulho. Se eu citar, não haverá mais papel, são tantas jóias que não quero então cometer o equívoco de deixar alguma dessas preciosidades de fora.

Agradeço a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela oportunidade de realizar esse estudo a partir do momento em que fui contemplada com bolsa de estudos. É um incentivo importante nessa jornada de aprendizado.

Finalmente a mim mesma pela coragem, força, determinação e ousadia em querer mais da vida. Sinto-me grata por trilhar essa fase e poder concluí-la com humildade e satisfação. É mais uma etapa que acaba deixando-me novas possibilidades.

Navegar é preciso, viver não é preciso. Fernando Pessoa.

São Paulo/2010.

Resumo

Este estudo objetiva a discussão das expectativas e interesses na introdução de jovens no mercado de trabalho através de estágios. A crítica produzida a partir da revista *Agitação*, publicação bimestral feita pela ONG CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), permitiu uma leitura das falas dos empresários paulistas, percebendo-os nas relações sociais vividas e compartilhadas, levando à compreensão da imprensa como um espaço para a construção da realidade empresarial paulista. Foi possível questionar como o a revista é utilizada para expressar os ideais que criam sentidos da realidade social, pelos referidos empresários, assim como para definirem sua mediação cooptando jovens que ocupam *oportunidades* de estágios, os selecionando previamente e *os moldando* nas competências dentro da escassez da força de trabalho *qualificada*. Deste modo, todas as ações deste grupo empresarial responsável pela ONG CIEE, vêm ao encontro de concretizar suas expectativas no espaço que criam e que efetivamente abre-se para jovens estudantes apostarem na experiência e na sua introdução no mercado de trabalho. Destaca-se aqui o uso da pedagogia como um meio de atuação para criar a mentalidade de um mundo ideal para os jovens: uma oportunidade que a juventude pode visualizar no mundo empresarial, apostando em características que devem ou precisam ser desenvolvidas, tais como: criatividade, o uso de tecnologias novas, liderança, aprendizado da língua inglesa, entre tantas outras habilidades e competências que tornam o jovem um bom profissional na visão do empresário. Assim, quando referir-se ao mundo atual competitivo, capitalista, neoliberal, em que ocorre a mundialização do capital, acredita-se numa discussão que permitiu problematizar o modo pelo qual os empresários paulistas interagem para responder às suas atuais necessidades, assim como as estratégias que utilizam para garantir sua hegemonia.

Palavras-chaves: empresários, estágio, estagiários, ONG, capitalismo, trabalho, tecnologia, imprensa, educação.

Abstract

This study aims to discuss expectations and interests when the young are introduced in the labour market through internship programs. The criticism produced on the *Agitação* magazine, a bimonthly publication of the NGO CIEE (*Centro de Integração Empresa-Escola*), allowed a reading of São Paulo's executives speeches, analyzing them in their past living and shared social relationships, leading to a comprehension of the press as a means to construct São Paulo's entrepreneurial reality. It was possible to question how this space is used to express the ideals that create meanings in the social reality by such executives, and also to define their action in mobilizing the young who occupy internship *opportunities*, previously selecting, *molding* them according to competences inside the scarce *qualified* strength labour. In this sense, every action of this group of executives responsible by the NGO CIEE meet their expectations in the space created by them, which effectively is open to young students to invest in experience and join the labour market. Relevant is the use of pedagogy as a means of creating a mentality of an ideal world for the young: an opportunity that the young can envisage in the executive world, pursuing characteristics that must or need to be developed, such as: creativity, the use of new technologies, leadership, English language, ethics, among many other abilities and competences that make the young a good professional under the point of view of the executive. Thus, when referring to actual competitive, capitalist and neoliberal world, in which the globalization of capital takes place, it is a discussion that opens to questioning the way São Paulo's entrepreneurs interact to reach their hegemony.

Key-words: executives, internship, interns, NGO, capitalism, labour, technology, press, education.

Lista de Abreviações

ABERJE – Associação Brasileira de Comunicação Empresarial
ABRES - Associação Brasileira de Estágios
APH - Academia Paulista de História
CBN – Central Brasileira de Notícias
CEO - Chief Executive Officer – Presidente Executivo
CENEDIC - Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania
CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola
CIESP – Centro das Indústrias de São Paulo
CPD – Centro de Processamento de Dados da 3Com do Brasil
CRUESP - Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas
DEINFRA – Departamento Estadual de Infra-Estrutura
FAPESP – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FASP – Faculdades Associadas de São Paulo
FIESP – Federação das Indústrias de São Paulo
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NUBE – Núcleo Brasileiro de Estágios
OIT - Organização Internacional do Trabalho
REBRAFI - Rede Brasileira das Entidades Assistenciais e Filantrópicas
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC – Serviço Social do Comércio
SINE – Serviço Nacional de Empregos
SOBEET - Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização

Sumário

Introdução	13
 PARTE I - Gênese, Formação e Função da Revista <i>Agitação</i>	34
 CAPÍTULO 1	
A <i>Mundialização</i> do capital e as transformações capitalistas	35
1.1. <i>Mundialização</i> ou <i>globalização</i> ? Conceito ou pretexto: palavras que carregam outras palavras	50
1.2. “Neoliberalismo à brasileira”	60
1.3. O Fenômeno da precarização nas relações de trabalho	68
 CAPÍTULO 2	
Cooptando no tempo e no espaço	93
2.1. A <i>Agitação</i> e a prática empresarial na década de 1990: perspectiva de empresário e de estágio	93
2.2. <i>Agitação</i> : como se constitui a idéia	110
 PARTE II - Em Busca da Hegemonia nas Relações Sociais	127
 CAPÍTULO 3	
As relações de manipulação em ação na formação pedagógica - de jovem estudante a futuro profissional: com ou sem estágio?	128
3.1. A educação como suporte de mercado: pedagogia & manipulação ...	131
3.2. Público alvo ou no alvo? <i>Adentrar</i> no mundo do trabalho	140
3.3. Mensagem em muitas mensagens: limites das ações e reações	154

CAPÍTULO 4

Paradoxos da modernidade tardia	181
4.1. Mundo velho & mundo jovem: Os atores em relações na <i>Agitação</i> ...	190
4.2. Nem verdade nem mentira: Questão de readaptação	201
4.3. Paradoxo: jovens entrando e jovens saindo	211
 Considerações Finais	 223
 Referências Bibliográficas	 233

Introdução

Não se pode escapar ao passado, isto é, àqueles que o registram, interpretam, discutem e reconstroem. O que entra para os livros escolares e para os discursos dos políticos a respeito do passado, a matéria para os escritores de ficção, de programas de televisão ou de vídeos, me última análise, dos historiadores. Mais do que isso, a maioria dos historiadores, inclusive todos os componentes, sabe que ao investigar o passado, até mesmo o passado mais remoto, estão igualmente pensando e expressando opiniões a respeito do presente e suas questões, e falando a respeito delas. Compreender a história é importante tanto para os cidadãos como para os especialistas (...). Os historiadores não devem escrever somente para outros historiadores. (HOBBSAWM, 2002: 311)

A construção da interpretação da história, como uma tarefa de historiadores, conforme o que escreveu Eric Hobsbawm, em sua obra *Tempos Interessantes – Uma vida no século XX* é uma ocasião para perceber as relações sociais em que os sujeitos vivem, mais ainda para compreender a relação presente-passado-presente. Faz parte de nossa tarefa ler, interpretar e criticar os acontecimentos, acreditando que nada está encerrado num único discurso, nem numa única atividade.

Ademais, todos os dias, em qualquer circunstância de nossas vidas, somos impregnados pelas influências e pelas conseqüências do mundo capitalista em que vivemos. Deste modo, nossas atividades são marcadas pelas transformações geradas e, independente do grupo ao qual pertencamos, todos nós damos respostas para as diferentes situações que nos surgem.

Por conta disso, nossa sobrevivência estará garantida pelo estudo que desempenhamos e ao longo deste percurso, poderemos interpretar o que vivemos e lançar mão disso para uma crítica que nos permita ver nas

diferenças as possibilidades de estudo. Portanto a história do trabalho humano é e está entrelaçada à história do capitalismo, se fazendo e se refazendo em seus aspectos mais significativos.

Neste contexto, em nosso estudo, procuramos fazer uma crítica imanente para a percepção, através da pesquisa e análise do periódico *Agitação*, que é uma publicação da ONG CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola, da construção de um instrumento de ideologia¹ de uma parcela do grupo empresarial.

Quando procuramos n’A *Ideologia Alemã* de Karl Marx & Friedrich Engels, a compreensão da ideologia, anotamos:

Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas funções produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. [...] No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência. (MARX & ENGELS, 2007: 48).

Prudente de nossa parte dizer que a ideologia, enquanto poder será percebida como a forma com que esta parcela do empresariado se coloca no mundo e como reafirma isso para os demais. Acreditamos que esse é um campo que precisa ser visto em todos os aspectos, pois traz em si muitos significados, sendo assim, Karl Marx nos faz perceber adequada e abrangentemente a definição para ideologia para o estudo que pretendemos apresentar.

¹ Fizemos algumas leituras sobre Ideologia para embasar nosso estudo, como: *A Ideologia Alemã* de Marx & Engels, *O Poder da Ideologia* de István Mészáros, *Ideologia* de Terry Eagleton, *Marxismo*, *Literatura* de Raymond Williams, *História e Consciência de Classe* de Georg Lukács.

Mais ainda, diante de um tema tão controverso e tão usado em diferentes acepções, não podemos confundi-lo com falsa consciência ou ilusão dos sentidos, pois ela, a ideologia, é uma prática social. No entanto, ressaltamos neste momento que a forma de se expressarem, no caso dos empresários – homens reais, se colocando no mundo e utilizando de seu espaço, lançam no mundo o seu modo de ver o mundo, criando e afirmando esse modo como único, melhor, aberto, para futuro e progresso.

Sendo assim, vemos a publicação *Agitação* como espaço ideológico, pois as mensagens são passadas segundo os interesses de quem a escreve, pois os mesmos tem consciência do papel que desempenham para se reafirmarem no seu universo.

Na seqüência do estudo de Karl Marx, temos:

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou engendram mentalmente, tampouco do homem dito, pensado, imaginado ou engendrado mentalmente para daí chegar ao homem de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e de seu processo de vida real para daí chegar ao desenvolvimento dos reflexos ideológicos e aos ecos desse processo de vida. (MARX & ENGELS, 2007: 48-49).

Desta forma, vemos a ideologia como um campo a ser pensado em sua dimensão dos significados que abrange dentro do processo vivido – o que Marx chama de funções produtivas. Estamos enredados num estudo de dimensões da experiência social vivida tanto por empresários paulistas quanto de jovens estagiários, sendo então fundamental percebemos os significados e as mudanças produzidos nessa relação.

Nas palavras de Georg Lukács:

[...] na sociedade cada homem existe numa determinada cultura de seu tempo; não pode haver nenhum conteúdo de consciência que não seja determinado pelo 'hic et nunc' da situação atual. Por outro lado, originam-se desta posição certas deformações, razão pela qual nos habituamos a entender a

ideologia também como reação deformada da realidade.[...] o homem constrói os problemas a serem resolvidos e lhes dá respostas com base na sua realidade. Mas a consciência pretensamente livre dos liames sociais, que trabalha por si mesma, puramente a partir do interior, não existe e ninguém jamais conseguiu demonstrar sua existência. (Lukács, 1969: 40).

O autor infere sobre a existência de dois significados para ideologia, afirmando o vínculo entre os indivíduos concretos e as suas teias de relações sociais como modo de sua existência e de sua produção de idéias. Fazendo-nos refletir sobre os significados e a importância deles para não confundir a consciência como algo externo aos problemas do homem concreto, como se ela estivesse “*livre dos liames sociais*”.

O enfoque que pretendemos dar, dialogando com as determinações presentes no objeto de estudo para manter sua integridade histórica, em sua solidez, respeitando essas determinações, nos permite uma abordagem ontológica, pois a atuação da revista é dinâmica, assim como as interações das categorias nela presentes, cujo foco está nos pressupostos históricos da mundialização do capital e em todas as transformações deste contexto histórico lançadas no mundo do trabalho e do trabalhador em suas vivências.

Para especificar o modo como chegamos e escolhemos esse tema de trabalho, queremos manifestar o reconhecimento dos méritos à Professora Doutora Yara Maria Aun Khoury, pois em uma única discussão, em sua sensibilidade e competência, conseguiu nos encaminhar para um direcionamento de estudo diferente do que havíamos percebido até então. Além de nos indagar sobre conceitos fundamentais para a continuidade do estudo sobre o mundo do trabalho jovem, nos fez questões indispensáveis para aguçar a curiosidade sobre as atividades desenvolvidas pela ONG CIEE. O que nos permitiu o contato direto com a revista *Agitação*.

AGITAÇÃO é o nome da revista, objeto de nossa investigação, que é uma publicação bimestral feita pelo CIEE. O corpo editorial dela é

composto pelos próprios representantes da ONG CIEE, cujo editor responsável é sempre o próprio presidente executivo ou administrativo da ONG. Diante disso, de antemão, fizemos um questionamento de que a edição poderia ser toda feita a partir do que pensam, desejam, preparam os próprios empresários que nela escrevem.

Desta maneira, nosso foco de investigação está na perspectiva empresarial paulista, avaliando, primeiro, a classe empresarial, mentora da referida ONG, como sujeito histórico e, segundo, como atua e expressa suas “mensagens” através da revista *Agitação*. É importante para nosso estudo esclarecer que os empresários² percebidos nesse contexto são, em sua grande maioria, ligados ao setor terciário, como: gestores de faculdades privadas, profissionais liberais, professores universitários, consultores, economistas, administradores de universidades, jornalistas, engenheiros, entre tantos outros.

Nosso objetivo é a crítica em nossos pressupostos de que os empresários estão se organizando para realizar a mobilização de jovens para o mercado de trabalho e, dentro da mundialização do capital - onde há barreiras, dificuldades, desemprego, formação especializada ou qualificada, entre outros, para aumentar as probabilidades de que o referido grupo encontre seu caminho a fim de “*adaptarem-se às exigências*”³ do mundo moderno. Precisamos identificar esses sujeitos que nos chamam a atenção por que assinalam o seu desejo de inserção dos jovens no mercado de trabalho, em sua proposta de espaço para que isto aconteça através dos estágios, introduzindo os jovens no seu universo.

A primeira pergunta que podemos fazer é que homem e que universo é esse? E mais ainda, que visão de mundo possui? O que nos leva ao fato de percebermos o porquê dessas exigências e seus significados no mundo

² Até onde pudemos verificar os próprios representantes da ONG CIEE se intitulam como empresários ou homens de negócios, mas podemos questionar esse modo de se apresentarem em seu próprio modo de se reconhecerem e de seus papéis para o que o outro os interprete quando lançam essas sugestões.

³ É fundamental registrarmos que existe uma relação entrelaçada entre empresários, políticos, mídia e propaganda, leis, entre outros, interessados em sustentar e controlar a sociedade em seu público alvo: os jovens, vinculando-os às necessidades particulares de seus lucros e de sua manutenção no poder.

em que vivemos. A premissa de que somos capazes de acompanhar o que acontece nos faz percebermos que o mundo está em constante mutação, mas que também gera um descontrole, pois esse não é um processo singular, mas sim complexo, onde as operações são antagônicas ou até mesmo contraditórias, podemos afirmar que esse processo tem como desenvolvimento do capitalismo as suas particularidades na história da formação brasileira.

Antonio Gramsci, quando da abertura de sua discussão sobre a natureza histórico-social dos intelectuais, nos *Cadernos do Cárcere* (volume 2), em que registra em seus apontamentos algo que nos permite pensar nesses empresários:

Os intelectuais são um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social tem uma sua própria categoria especializada de intelectuais? O problema é complexo por causa das várias formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais. (GRAMSCI, 2006: 15).

Temos que pensar nas categorias e na complexidade que envolve a estrutura social e, mais ainda que:

O ponto central da questão continua a ser a distinção entre intelectuais como categoria orgânica de cada grupo social fundamental e intelectuais como categoria tradicional, distinção da qual decorre toda uma série de problemas e de possíveis pesquisas históricas. (GRAMSCI, 2006: 23).

Nas arguições de Antonio Gramsci, enquanto categorias, os intelectuais, inseridos na sua produção social, devem ser estudados no concreto. Apresenta as duas categorias, sendo a “orgânica”:

1) Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc. Deve-se observar o fato de que o empresário representa uma

elaboração social superior, já caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica (isto é, intelectual): ele deve possuir uma certa capacidade técnica, não somente na esfera restrita de sua atividade e de sua iniciativa, mas também em outras esferas, pelo menos nas mais próximas da produção econômica (deve ser um organizador de massa de homens, deve ser um organizador da 'confiança' dos que investem em sua empresa, dos compradores de sua mercadoria, etc.). Se não todos os empresários, pelo menos uma elite deles deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe; ou pelo menos, deve possuir a capacidade de escolher os 'prepostos' (empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores à empresa. Pode-se observar os intelectuais 'orgânicos' que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo são, na maioria dos casos, 'especializações' de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz. (GRAMSCI, 2006: 15-16).

Referindo-se aos intelectuais “*tradicionais*”, como sua segunda categoria, afirma que:

2) Todo grupo 'essencial', contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pela mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 2006: 16).

Então, neste conjunto de críticas, percebendo que de fato os mentores da revista *Agitação* conhecem seu papel frente ao mundo dos negócios⁴. Resta saber se compreendem o sentido dessas transformações geradas na sua função de permanência no poder.

Podemos fazer a pergunta que fez Antonio Gramsci para nos esclarecer sobre os problemas em sua forma de ver os intelectuais e, nelas, já temos as respostas do próprio autor. Vejamos:

⁴ Grupo empresarial formado pela burguesia nacional aliada ao capital internacional.

Quais são os limites 'máximos' da aceção de 'intelectual'? É possível encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e variadas atividades intelectuais e para distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, das atividades dos outros agrupamentos sociais? O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto das relações sociais. (GRAMSCI, 2006: 18).

Vejamos então, que além de utilizarem esse discurso, que corrobora para sua reafirmação, aproximam todos os executivos *“alertando-os”* de que as mudanças são reais e trarão pontos positivos e negativos, tanto que, na mesma reportagem, continuando com essa argumentação sobre a sobrevivência: *“O que pode parecer uma prévia do apocalipse empresarial, mostra-se na verdade, como uma grande oportunidade para diversificar negócios, ouvindo o mercado e seguindo na sua direção”*. (AGITAÇÃO 21, 1997: 6).

Aqui os entenderemos como sujeitos vivendo uma realidade e nela/dela reconstituindo-se. Interpelando e seguindo as idéias de Antonio Gramsci, podemos interpretá-los como sujeitos, mas mais ainda os veremos exercendo suas funções coerentemente aos seus desígnios e estratégias políticas:

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é 'mediatizada', em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários'. [...] Por enquanto, podem-se fixar dois grandes planos 'superestruturais': o que pode ser chamado de 'sociedade civil' (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como 'privados') e o da 'sociedade política ou Estado', planos que correspondem, respectivamente, à função de 'hegemonia' que o grupo dominante exerce em toda a sociedade àquela de 'domínio direto' ou de comando, que se expressa no Estado e no governo 'jurídico'. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. (GRAMSCI, 2006: 20-21)

Além disso, nos permite aprofundar o conceito de intelectuais e de suas funções quando afirma que:

Os intelectuais são os 'prepostos' do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso 'espontâneo' dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce 'historicamente' do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura 'legalmente' a disciplina dos grupos que não 'consentem', nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. Esta colocação do problema tem como resultado uma ampliação muito grande do conceito de intelectual, mas só assim se torna possível chegar a uma aproximação concreta à realidade. (GRAMSCI, 2006: 21)

Analisando as palavras de Anthony Giddens para assinalar os pensamentos que cercam as mudanças que ocorrem e confirmar o que o grupo reflete, lemos o seguinte:

Vivemos num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para o bem ou para o mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente mas cujos efeitos se fazem sentir sobre nós. (...)

Eu não hesitaria, portanto em dizer que a globalização, tal como a estamos experimentando, é sob muitos aspectos não só nova, mas também revolucionária. Não acredito, porém, que nem os céticos nem os radicais tenham compreendido corretamente nem o que ela é, nem suas implicações para nós. Ambos os grupos vêem o fenômeno quase exclusivamente em termos econômicos. Isso é um erro. A globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica. (GIDDENS, 2005: 17-20)

O autor, dentro de seu papel político-econômico⁵, nos faz pensar em como o grupo vê as possibilidades de se sobressair, utilizando esse discurso de que a globalização que traz transformações na vida de todos nós,

⁵ Lembramos que é sociólogo inglês social democrata, teórico pioneiro da Terceira Via, um dos primeiros autores a trabalhar com o conceito globalização, figura importante no novo trabalhismo inglês, assumiu a assessoria do ex primeiro ministro Tony Blair.

mas mais ainda, nos permitem ler em suas matérias que há a necessidade “*das empresas e dos profissionais se adaptarem a um novo cenário econômico mundial, com benefícios e sacrifícios, como em qualquer processo que altere a rotina sonolenta da inércia*”. (AGITAÇÃO 21, 1997: 6). Concordamos que essa definição não abrange todos os grandes problemas originados no desenvolvimento do capitalismo, optamos então por acompanhar o desenvolvimento das idéias de François Chesnais (1996) em seu termo mundialização do capital para explicar as mazelas em todos os campos sociais.

É desta maneira que a fala de Karl Marx, interpretada em contrapartida dessa situação criada, nos mostra que:

Os indivíduos que formam a classe dominante têm, entre outras coisas, a consciência disso, e pensam a partir disso; por isso, enquanto dominam como classe e enquanto determinam todo o alcance de uma época histórica, compreendem-se por si mesmo que o façam em toda sua extensão e, portanto, entre outras coisas também como pensadores, como produtores de idéias, que regulem a produção e a distribuição dos pensamentos de seu tempo; e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época. (MARX/ENGELS, 2007: 71).

Apoiados nas argumentações de Marx, juntamente com o que Gramsci apontou como “*intelectuais orgânicos*”, cumprem então o papel de serem os geradores e gestores das idéias que passam a dominar a interpretação do tempo em que vivem.

Ao mesmo tempo em que lemos idéias sobre o que está acontecendo com o mundo, através da mundialização do capital, com o que pensam e utilizam como sendo “*efeitos*” da globalização, podemos fazer uma breve leitura do que nossos personagens dizem estar acontecendo em sua realidade, pois eles usam uma linguagem que tenta o convencimento de que é através do seu olhar para o jovem que acontecerá a saída para os seres humanos, que sua tarefa é responsabilidade no seu tempo vivido.

Vejamos, nas palavras abaixo, como fazem a colocação dessas idéias:

Os especialistas concordam: o fator humano é o maior capital de uma empresa, e, nesses tempos de nova economia, sairá na frente aquela que melhor souber valorizar seus profissionais, lapidados desde os bancos escolares. Na garimpagem de talentos, o estágio se revela um dos mais lucrativos investimentos em recursos humanos, como comprova o índice de 64% de efetivação logo após o término do período de treinamento. Com papel tão valioso na formação profissional da futura geração, o estágio não pode ser visto como fonte de recrutamento de mão-de-obra barata, mas sim como exercício de responsabilidade social. (AGITAÇÃO 58, 2004: 33)

Lendo-os dessa forma, parece que, diante do que pensam do mundo atual e de suas transformações, estão prontos para resolver todos os problemas relacionados aos recursos humanos com os estágios, ou seja, como estratégia o estágio não só está arregimentando jovens, mas está resolvendo um problema de escassez de mão de obra qualificada, através da valorização do ser humano. A pergunta latente aqui é como executivos e empresários vêem o ser humano? O que significa trabalhar com a categoria ser humano? É uma forma de desclassificá-los enquanto classe de trabalhadores?

No entanto, quando seguimos a leitura e interpretação das revistas como prática social do grupo empresarial, poderemos compreendê-los em seu universo, preocupados em seu rearranjo e em suas próprias garantias de condições no mercado, pois ao criarem uma perspectiva, usando termos como o já citado, *exigências do mercado*, pretendem ganhar espaço para sua atuação. Nossa investigação nesse discurso, quando tentamos uma crítica sobre a expectativa de seu universo, registrada em forma de revista permite-nos entendê-los, agindo em prol de suas próprias necessidades.

Em Antonio Gramsci é que temos um pensamento que satisfaça o questionamento em torno da atividade humana, como algo pensada tanto quanto conduzida por uma finalidade ideada:

Por isso, seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates). Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e mais complexas em ligações com o grupo social dominante. Uma das características mais marcantes de todo o grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista 'ideológica' dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidos e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 2006: 18-19).

Assim, muitos registros no periódico, nos fazem perceber que a organização dizia ser capaz de *“cuidar, ao mesmo tempo, da educação dos jovens e da preparação profissional para o mercado de trabalho que exigia, para contribuir para o crescimento do País”*. (AGITAÇÃO 55, 2004: 50). Pensaremos na burguesia se organizando para garantir para si esse crescimento, apontando para sua necessidade em nome da nação.

O modo pelo qual os empresários estão inseridos na sociedade nos faz pensá-los como sujeitos sociais, capazes de interagir, buscando soluções em suas vivências, numa resposta às novas necessidades do mundo atual capitalista e nas realidades sociais. Precisamos observá-los como sujeitos inclusos nesse processo, mentores e criadores dessa realidade capitalista, pois são eles mesmos que montam e desmontam essa teia complexa que é o mundo dos negócios. Completando isso, temos:

Na verdade, o operário ou proletariado, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumentar, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais [...] E já se observou que o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam efetivamente a posição do empresário na indústria. (GRAMSCI, 2006: 18)

Antes de qualquer coisa, os veremos como grupo complexo também, ou seja, não são todos os empresários iguais, não estão todos nas mesmas condições e nem todos concordam ou tiram proveito igualmente das situações vivenciadas. Assim, procuraremos aqui estabelecer um diálogo não em um discurso tão conhecido sobre o mundo capitalista, mas em suas vivências (dos empresários) como modos de respostas às suas realidades sociais.

Enfim, poderemos perceber que sua atuação começa na fundação da ONG e, segundo seus protagonistas estará cada vez mais presente e mais marcante na “redemocratização”, mais precisamente no advento do período da política neoliberal⁶, em que o país se definia plenamente na abertura do mercado ao capital internacional. Usaremos o termo *mundialização do capital*, criado por François Chesnais, ao referir-se às transformações na economia mundial, fazendo correspondência ao que os empresários chamam sempre de globalização, verificando a ideologia que alimenta as interdependências entre ações políticas e econômicas para manutenção da hegemonia.

Assim como ao analisamos o trabalho como resultado do momento capitalista no qual está inserido, nos é fundamental perceber e ficarmos atentos ao mundo do trabalho e do trabalhador, como parte deste processo. Através da busca de analogias do mundo dos sujeitos históricos com aquele sob sua influência – do mercado e do capitalismo, quanto à nossa percepção na leitura de *Agitação* e nos demais autores ou organizações das mudanças da própria organização do trabalho.

No entanto, é preciso que esclareçamos de início que este não é o enfoque de nossa escrita: não deixaremos de ter presente essas relações,

⁶ Pretendemos desenvolver aqui a visão do significado de neoliberalismo como uma nova fase do capitalismo. Alguns autores afirmam ser o momento hipertardio. Utilizamo-nos das idéias de que a mutação do capitalismo, transformando as relações de produção e as forças produtivas é a expressão dos esforços das classes dirigentes para a manutenção do controle. É algo que temos consciência que deveria ser desenvolvido ao longo do texto, mas que justificamos não nos alongar demais pela nossa condição de pesquisa e de falta de tempo para aprofundamento.

mas como auxílio para esclarecimentos, interpretações, analogias, nos abrindo espaço para continuar nossas argumentações acerca de nossa problemática de estudo. Não podemos deixar de lado que a conjuntura capitalista é fundamental para entendermos muitos dos aspectos que abordaremos ao longo de nosso estudo, mas como são complexas as articulações tanto do capitalismo como dos empresários brasileiros no sistema capitalista como um todo, focaremos nessa dimensão mais restrita que é o que propõe a revista *Agitação*, como espaço de divulgação das articulações empresariais da Instituição CIEE.

Nossa compreensão disso nos faz perceber que o contexto histórico nos traz à tona justamente as transformações do capitalismo e, em seu bojo as transformações no mundo do trabalho e do trabalhador, bem como de que as estratégias empresariais que estamos pesquisando estão no topo, na ordem do dia como necessidade de manutenção do capital e da manutenção de poder.

É um momento oportuno, pois as situações de desempregabilidade geram uma estratégia fundamental para criar a mentalidade que os empresários desejarem, inclusive a principal: o espírito de competição; e, nesta exigência do mercado: só entram os melhores, os mais preparados, os qualificados.

Acreditamos que a opção do estágio, citado como forma de inserção no mercado de trabalho, abre-nos alguns questionamentos sobre o jogo de interesses nessa introdução de jovens em fase de estudos. Além de nos servir como alerta, algumas informações nos possibilitam indagar se as contribuições são para os jovens ou para os próprios empresários ou para ambos.

O que mais fica evidente, nessa mundialização do capital, na era da sociedade global, em respingos das transformações do capitalismo mundial,

é à grande exclusão⁷ a qual os sujeitos históricos estão submetidos. A mundialização, transfigurada no discurso de globalização é apresentada como um fenômeno que deve ser comemorada pelas facilidades que ampliou e aprofundou na vida da maioria das pessoas, desde o mais alto executivo até o mais simples *office boy*. Por outro lado, abriu grandes lacunas no tocante aos direitos humanos, pois existem outros tantos países pobres que estão de fora desse processo, à margem e à mercê dos países capitalistas desenvolvidos.

Em Octavio Ianni, na sua referência à sociedade global, nos faz pensar que “*os princípios de liberdade, igualdade e propriedade, organizados no contrato* (referência ao contrato social), *em geral operam em termos econômicos*”. (IANNI, 2008: 110-111). Vai além, apontando-nos que tudo se baseia em trocas mercantis e que “*A cidadania do cidadão do mundo está apenas em esboço, pensada, prometida, imaginada*”.

Percebemos que apreenderemos um pouco mais sobre o que significa falar em exclusão e os significados dos dilemas dessas sutilezas que a pós-modernidade⁸ quer nos fazer acreditar *ligados* a menos de um *clic* do que está acontecendo no mundo todo. Não obstante, existe uma realidade menos luxuosa e menos interessante, mas que é de luta, muitas vezes calada e sem forças, à procura de uma brecha ou uma resistência às grandes potências dominadoras. Mas tudo isso não faz parte de uma lógica econômica em construção?

⁷ Acreditamos ser oportuno, neste instante, reforçar o que tanto nos tem feito pensar e repensar em alguns conceitos impregnados de significados ambíguos. Pelo nosso estudo estar no campo da historicidade, muitas vezes ficamos na dimensão do capitalismo excludente como caminho para perceber as relações globais. Deste modo, em primeiro lugar, nos permitimos abranger os jovens e os empresários num campo mais amplo de suas relações sociais vividas no contexto em que as suas experiências são uma resposta para “se virarem” dentro das transformações capitalistas.

⁸ As discussões em torno dos termos *modernidade* e *pós-modernidade* nos parecem pertinentes nesse momento de estudo, pois nos interessa perceber o quanto do discurso utilizado para chamar um sujeito de *moderno* traz em si reflexos importantíssimos do mundo em transformações em que todos estão suscetíveis a receber esses conceitos sem a devida interpretação, até mesmo sem o devido olhar crítico para como a identidade do sujeito é construída nesse processo. Nossa opção estará para afirmar que é uma modernidade tardia, pois o desenvolvimento brasileiro produz e reproduz as mazelas sociais que geram perspectivas diferentes na realidade. Fundamental nos parece a leitura de Stuart Hall, já que o mesmo nos propicia um apoio fundamental para entendermos e dialogarmos esses termos articulados. Também citamos Néstor García Canclini como uma boa descoberta para um diálogo aberto e instigador.

Como nos apresentou Karl Marx n'A *Ideologia Alemã*:

A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe ao mesmo tempo, com isso, dos meios para a produção espiritual, o eu faz com que lhe sejam submetidas, da mesma forma e em média, as idéias daqueles que carecem dos meios para produzir espiritualmente. (MARX/ENGELS, 2007: 71)

Quando continua a discussão sobre a produção, aponta para a divisão do trabalho, como uma potência fundamental da história, que acontece na classe dominante:

[...] como divisão do trabalho espiritual e material, de tal modo que uma parte dessa classe se revela como sendo aquela que dá seus pensamentos (os ideólogos conceptivos ativos da referida classe, que fazem do desenvolvimento da ilusão dessa classe sobre si mesma seu principal ramo de alimentação), enquanto os demais adotam diante dessas idéias e ilusões uma atitude antes passiva e receptiva, já que na realidade são os membros ativos dessa classe e dispõem de pouco tempo para formarem ilusões e idéias acerca de si mesmos. (MARX/ENGELS, 2007: 71)

Aqui estamos apontando para uma investigação que dê conta de mostrar o modo de agir de uma parcela do empresariado para arregimentar jovens nos moldes criados por empresários paulistas, ou seja, é a forma com que mostram o mundo dos negócios para atrair a atenção e inserirem a sua chamada “*atrativa*” de espaço para os futuros profissionais. Portanto, tornamo-nos capazes de interagir com outros sujeitos históricos.

Esse mundo capitalista é por si excludente: mesmo que traga novas possibilidades, acaba por fazer os sujeitos reféns de suas próprias escolhas. Pela leitura de Anthony Giddens⁹, podemos fazer uma reflexão sobre a necessidade de uma reviravolta nos dias de hoje das interpretações acerca

⁹ As discussões do autor são interessantes para compreendermos a organização da mentalidade em torno das transformações atuais, vistas de dentro para fora, principalmente sobre a organização de entidades como é o caso da ONG CIEE, bem como os reflexos do capitalismo internacional em questões locais, haja visto seu discurso ser defensor da terceira via.

dos modos como interferimos e como percebemos as mudanças ocorridas, pois um empresário falando das consequências da globalização nos faz pensar que o discurso é proposital para gerar a insegurança necessária para, por meio da instabilidade, agregar novos conceitos e arregimentar seguidores dessas mudanças.

Lemos em seu texto o seguinte:

A modernidade é inerentemente globalizante, e as consequências destabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circularidade de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter. As tendências globalizantes da modernidade são simultaneamente extensionais e intensionais – elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global (GIDDENS, 1991: 175-176)

O autor está refletindo aquilo que acreditam ser a modernidade e é isso que nos interessa, para nos fazer pensar que nominar o momento que a humanidade vive não reflete necessariamente as características que produzem as mudanças na vida dos seres humanos, no que tange as experiências concretas.

Nesta dinâmica de transformações impostas pela mundialização do capital, existe, então, uma possibilidade de estudo das transformações nos caminhos que o jovem estagiando se depara para chegar nesse mercado de trabalho. Nossas atenções se voltam para o campo específico do mundo empresarial, no modo como eles se inserem e inserem seus ideais, em seu projeto, dentro do que dizem ser esse “*fenômeno globalização*”¹⁰. Desse modo, cria-se algo que aproxima tempos e integra aspectos que, *à priori*, poderiam nem estar interligados de fato: é o nosso olhar que poderá a guisa de uma investigação, desvendar as relações nas experiências sociais vividas nesse mundo capitalista global, na realidade local em que focamos nosso estudo.

¹⁰ Destacamos que, ao usar o termo globalização, em determinados momentos, não significa que concordamos com sua aplicação, pois já referimos aos estudos de François Chesnais sobre a mundialização do capital e o significado que isso representa nas transformações do capitalismo mundial.

É um mundo de mudanças, mas também de possibilidades, principalmente porque empresários dizem acreditar (e apostam)¹¹ no estágio como meio de inserção. Contudo, nos é factível discordar de algumas argumentações encontradas nas entrelinhas de palavras da classe empresarial, pois o fato de estarem criando as ditas possibilidades não significa que as mazelas da realidade juvenil se encontrem desta forma resolvidas. Ficamos parecendo que, lendo a visão apresentada desta forma, o sujeito não tivesse uma história, que com o trabalho - como mais um meio de sobrevivência - fosse capaz de encobrir toda a situação por ele vivida.

A discussão enreda os modos de articulação dos interesses dos jovens e dos empresários no contexto em que todos estão inseridos no momento atual, percebendo os anseios, interesses, expectativas ou conflitos, interpretando-os para perceber as intenções presentes nas referidas *oportunidades de estágio*. É crucial interpretarmos que a participação do jovem em todo esse processo não é passiva, pois se os mostramos como suscetíveis ao recrutamento empresarial, também temos a obrigação de sabê-los em seus interesses na busca de uma colocação no concorrente mercado de trabalho. Veremos que suas metas de adentrar-se no processo estão carregados de intenções de inclusão social por meio do trabalho. Registramos a intenção de uma investigação e de aprofundar esse e outros aspectos em outro momento, num estudo futuro.

Em nosso propósito de estudo, tomamos um rumo para escrever no confronto de idéias presentes nessas e noutras palavras dos empresários, pois, ao mesmo tempo em que elevam o estágio, criticam, de um lado o governo em suas políticas ineficientes e, por outro, o papel da educação também ineficiente, incapaz de contribuir para a formação adequada ao (seu)

¹¹ Observamos que é imprescindível pensar no *mundo dos negócios*, ou seja, toda e qualquer medida empresarial está inserida no contexto de um mundo racional, *tempo é dinheiro, lucro acima de qualquer coisa*, entre tantos outros argumentos para justificar que o empregado deve ser capaz de agir com controle, organizado, sem desperdício, pois a qualificação visa o enquadramento perfeito do profissional junto à lógica da empresa. Só poderemos perceber nuances nas linhas e nas entrelinhas se mantivermos nossa percepção aberta ao que os sujeitos históricos demonstram em seu próprio contexto.

mercado de trabalho. Deste modo, podemos questionar que tipo de educação eles estão se referindo?

Podemos justificar a necessidade cada vez maior deste estudo pela busca de formas de percepção da introdução do jovem no mercado de trabalho, bem como assinalar questões pertinentes nos objetivos inclusos nestas oportunidades criadas por diversos órgãos e, em nosso caso, pelo CIEE. As dinâmicas atuais podem e foram encaradas como obstáculos, no entanto podemos interrogar se não seriam novas oportunidades para, buscando auxílio em pesquisas, estudar e verificar espaços tomados pelos sujeitos históricos para “enfrentar-solucionar” suas dificuldades ou “encaixar” seus interesses.

Para estruturamos nosso estudo, para uma apresentação que satisfaça aos objetivos propostos nesta pesquisa e, oxalá atinja algum leitor interessado em nossas idéias, bem como para argumentar acerca das perguntas feitas às fontes, organizamos a escrita em duas partes:

Na **PARTE I** – “*Gênese, Formação e Função da Revista Agitação*”, em que focaremos as expectativas presentes nas palavras dos empresários e que viram a revista *Agitação*. Para isso, no Primeiro Capítulo – “*A Mundialização do capital e as transformações capitalistas*” pretendemos desnudar as relações, tanto no plano político e econômico, nas formas de (re) organização dos empresários paulistas inseridos na conjuntura histórica, ou seja, visualizando-os como sujeitos dentro do capitalismo, da mundialização do capital e nas transformações do capitalismo a partir dela originadas.

Assim, no Segundo Capítulo – “*Cooptando no tempo e no espaço*”, observaremos os seus papéis na cooptação dos jovens estagiários, vistos como modo de solucionar seus problemas de falta de força de trabalho preparada e estimulada às exigências que lançam como fundamentais para o profissional ideal, bem como verificaremos como apresentam estas propostas na constituição da idéia-revista, ou seja, como fazer a mobilização virar *Agitação*.

Para a **PARTE II**, *“Em Busca da Hegemonia nas Relações Sociais”*, apostaremos nas relações estabelecidas que apareçam como articulações e ações criadas, como forma de processo contínuo de construção de uma hegemonia empresarial, possibilitando a projeção de uma perspectiva de um universo ideal para o futuro trabalhador nas escolhas que deva fazer; na forma como pode conseguir sua introdução ao mundo do trabalho, percebendo os paradoxos como fonte de chamadas à atuação no mercado. É fundamental que compreendamos o papel que a Imprensa¹² assume nesses fios que enredam uma teia de relações múltiplas, pois é no uso da comunicação impressa que os empresários se apóiam para construir o seu sentido da realidade social.

Desta forma, como Terceiro Capítulo: *“As relações de manipulação em ação na formação pedagógica - de jovem estudante a futuro profissional: com ou sem estágio?”*, seguindo o raciocínio desenvolvido, mostraremos as ações que são desempenhadas pela instituição, em nome dos empresários, focando na Pedagogia como caminho para emissão de conceitos que direcionem os seus objetivos. Ao criarem a percepção e envolvimento na idéia do estágio, tendo como suporte as mensagens, aceleram um processo de compreensão de sua importância. Um meio facilitador de transmitir as (suas) necessidades no profissional que procuram (moldam).

No Quarto Capítulo: *“Paradoxos da modernidade tardia”*, ao qual a investigação do objeto de estudo foca as contradições como o modo pelo qual a força da atuação empresarial, na readaptação ao mercado, em sua hegemonia e ideologia, alimentam e realimentam interdependências nas ações políticas e econômicas, bem como, o jovem, percebido nas entrelinhas do que consegue manifestar nas cartas em *Agitação*, deixa pistas de sua percepção para entrar e sair deste universo.

¹² Buscamos uma discussão que venha ao encontro da percepção do papel desempenhado pela imprensa nessa definição/redefinição dos papéis sociais.

Para uma compreensão maior desses significados, quando trabalhamos com a “Imprensa”, lemos em Heloísa de Faria Cruz, em sua obra *São Paulo em papel e Tinta – periodismo e vida urbana – 1980 -1915*:

[...] a Imprensa, constituindo-se como um dos espaços de gestão e manifestação de novas significações e projetos sociais, apresentava-se como suporte documental fundamental [...] no interior de uma perspectiva de história social que compreende a cultura como um campo de forças, cujo foco central são as relações entre cultura e hegemonia, como propõe Stuart Hall, levou à delimitação de um campo temático sobre as relações entre cultura letrada, periodismo e viver urbano. Buscou-se discutir a cidade como espaço da cultura letrada, pensando o exercício da escrita e da leitura como dimensões importantes das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna. (CRUZ, 2000: 20-23)

Deste modo, além de termos a possibilidade de questionamento sobre o papel da imprensa, a autora nos proporciona entendimento do bom uso que podemos fazer desse espaço que é a revista *Agitação* e de como ela torna-se um espaço fundamental para articulação empresarial. Temos certeza da importância de Stuart Hall nesse estudo, como também nos mostra a autora, pois seus escritos culturais nos dão sustentáculo para investigação da identidade cultural no momento histórico, foco de estudo, ou seja, a atualidade.

Acreditamos que nossas reflexões, no estudo ora realizado, permitam-nos uma visão no potencial em que o tema foi-nos apresentado. É um espaço para ser aproveitado da melhor maneira possível, pois quando estudamos e pretendemos elaborar uma crítica focada na revista *Agitação*, estamos entrando num caminho que nos mostra que a realidade vivida pelo grupo empresarial paulista, compartilhando um espaço para estágio através de uma ONG nos tempos atuais, é uma experiência vivida e compartilhada.

PARTE I

Gênese, Formação e Função da Revista *Agitação*

CAPÍTULO 1

A Mundialização do capital e as transformações do capitalismo

[...] são precisamente as perguntas para as quais não há resposta que marcam os limites das possibilidades humanas e traçam as fronteiras de nossa existência.

(KUNDERA, 1999: 161)

O contexto que pretendemos explorar, neste estudo das relações das ações presentes em *Agitação* para cooptar jovens estudantes para aderirem ao estágio, bem como a visão crítica dessa fonte de pesquisa, nos faz perceber que sempre haverá uma resposta a qualquer situação, ou seja, os agrupamentos humanos, em suas categorias, refletem em suas ações as necessidades de sobrevivência.

Nossa perspectiva não passa despercebida se apostamos na profundidade das relações humanas. Sujeitos históricos, temporais e geográficos, apostam em suas situações para tirar nelas/delas sua própria coexistência, dentro de seus limites e de suas contradições para fazerem surgir novas relações apropriadas à sua manutenção.

E é justamente por nos perguntarmos o modo pelo qual essas relações acontecem que pode haver a possibilidade de um estudo que nos permita dialogar com as palavras escritas e perceber, ao ir além dessas palavras, as intenções no discurso empresarial contido em *Agitação*.

O estudo focado na revista *Agitação*, para ler as ações dos empresários paulistas através da ONG CIEE, necessita de uma análise da

mundialização do capitalismo e, conseqüentemente, das mudanças nas relações de trabalho originadas nesse processo. O processo produtivo passa por transformações que re-configuram as relações do capital e do trabalho, tanto a nível mundial quanto local, deixando uma complexa rede de inter-relações, das quais podemos afirmar fazem parte a pesquisa.

Para compreendermos os estudos que apontam a mundialização como fase do processo de internacionalização do capital, em seu contexto, assumimos os estudos realizados por François Chesnais:

A mundialização é o resultado de dois movimentos conjuntos, estreitamente interligados, mas distintos. O primeiro pode ser caracterizado como a mais longa fase de acumulação do capital que o capitalismo conheceu desde 1914. O segundo diz respeito às políticas de liberalização, de privatização, de desregulamentação e de desmantelamento de conquistas sociais e democráticas, que foram aplicadas desde o início da década de 1980, sob o impulso dos governos Thatcher e Reagan. (CHESNAIS, 1996: 34)

Seguindo essa linha de raciocínio¹³, quando temos em conta que ao estudarmos temas relacionados ao capitalismo, precisamos ficar alertas às transformações do sistema capitalista, assim como os modos pelos quais as crises dos anos 1970 e 1980 foram superadas e que os aspectos dessa internacionalização, nos fatos posteriores à década de 1990, levaram às ações locais, adotadas para fazer frente à situação, bem como o modo de organização na “nova fase”¹⁴, assim podemos verificar o modo pelo qual se colocam os interlocutores de *Agitação*:

¹³ Registramos que é de fundamental importância para esse estudo, trabalhos que explicam mais detalhadamente essas transformações, como por exemplo: François Chesnais apresentou na sua obra *A Finança Mundializada* o avanço dos debates de *A Mundialização do Capital*; também temos uma coletânea *Uma nova fase do Capitalismo*, em que diversos autores exploram o tema de forma a nos fazer perceber essa dinâmica; a tese de doutoramento de Fabiana SCOLESO, *Reestruturação Produtiva e Sindicalismo Metalúrgico do ABC Paulista: As Misérias da Era Neoliberal na Década de 1990* é outro caso de discussão do tema. Reconhecemos que existem muitos trabalhos nesta linha, mas precisamos optar pela possibilidade de não extrapolar nossa argumentação acerca desses estudos, deste modo, para não correr o risco de sermos prolixos ou sucintos demais, tentaremos discutir o assunto noutra oportunidade.

¹⁴ Aqui a intenção em usar *nova fase* se faz necessária para indicar algumas leituras que nos fazem perceber a chamada *nova economia*, em que ocorrem os novos desenvolvimentos (ou a

O novo modelo econômico é fruto da abertura comercial e da inserção do Brasil no mercado globalizado. Há uma redefinição geral de tarefas, de estratégias e objetivos. Nos últimos anos, o empresariado deu uma grande demonstração de competência, ao enfrentar os desafios propostos pela abertura comercial e a integração dos mercados.

A mudança se deu ao longo de um processo marcado por iniciativas como reestruturação interna, redefinição de linhas de produção, racionalização do trabalho, requalificação da mão-de-obra, investimento na qualidade, busca de financiamentos externos, atualização de produtos, vendas de ativos e maior utilização de insumos importados. Infelizmente, esse esforço não foi acompanhado pelo apoio efetivo de uma política econômica que deveria privilegiar a produção e não apenas cuidar do aspecto financeiro da economia. (AGITAÇÃO 25, 1999: 11).

Será que a proposta é fazer perceber, nessas afirmativas, que estão cientes das mudanças no mundo? Se a resposta for uma afirmativa, haveremos de perceber que a colocação é mostrada como se os empresários fossem os sujeitos que sabem o que fazer e darão as respostas por meio das atitudes necessárias – usam a “*demonstração de competência*”, para assegurar que devem ser levados a sério.

Encontramos outro ponto de destaque, pois o grupo está argumentando para origens externas a eles, sem que deixem transparecer que são os próprios autores e atores neste processo. O que nos faz pensar que isso é estratégia para angariar tanto adeptos de sua perspectiva, quanto apoio para suas atitudes. Indo mais além na tarefa, assumem a postura de que não têm apoio político¹⁵ para realizarem seus esforços.

E, em caso negativo, na pergunta feita acima, temos que pensá-los como interlocutores de seu próprio tempo. O que nos faz ter, imediatamente, novo questionamento acerca do papel que desejam desempenhar perante o que chamaram de “*Novos desafios*”: as mudanças dos

denúncia deles), justamente para que possamos tratar do neoliberalismo como expressão das classes dirigentes para perpetuarem seus lucros e se perpetuarem no poder.

¹⁵ Acreditamos ser relevante trabalhar com as questões governamentais – políticas em uma sessão a parte, assim poderemos argumentar mais apropriadamente essas jogadas estratégicas nas ligações/coligações contidas na referência a apoio político.

meios de produção e da propriedade definem as formas institucionais¹⁶ e, deste modo, na economia das finanças, estão nossos autores, como nova classe de administradores, clamando para si o papel de conduzir a economia?

É interessante vê-los argumentando como uma necessidade tomarem atitudes, no entanto, podemos questionar e caracterizar essas estratégias e objetivos como o seu próprio modo de organização na redefinição do momento atual. Poderemos assim esclarecer a mobilização dos homens de negócios, responsáveis por gerar/gerir e administrar esse espaço em que jovens estudantes circulam como estagiários para a sua introdução no mercado de trabalho - na sempre presente promessa de um futuro profissional.

Em discussão recente, Cruz e Peixoto nos fazem pensar todas essas questões e, mais ainda, nos colocam exatamente no ponto de discussão fundamental ao nosso trabalho:

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e da lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas. (CRUZ E PEIXOTO, PROJETO HISTÓRIA 35, 2007: 259)

Por um lado nos fazem ver a historicidade que precisamos fixar o nosso estudo, pois a visão que ora estabelecemos nesse contexto, ainda inexplorada na área de história, nos abre uma excelente oportunidade de realizar esse debate, por outro lado, mexem com nossa percepção de que ela faz parte da construção do mundo capitalista empresarial, constituindo-se como uma força na luta de classes dentro do próprio empresariado.

¹⁶ Também acreditamos ser significativo, de nossa parte, discutirmos o significado de *finanças*. Encontramos em François Chesnais em *A Finança Mundializada*, sua discussão acerca dessas mudanças no novo poder financeiro, do qual pretendemos fazer um melhor aproveitamento quando discutirmos a chamada *mundialização do capital* para fazermos frente à globalização usada pelos empresários.

Os apontamentos que lemos das argumentações, nos questionamentos feitos na introdução de “*Outras Histórias: Memórias e Linguagens*” permitem-nos fazer algumas considerações em nossa própria reflexão, que são necessários serem expostos e destacados, fazendo-nos tomar um cuidado quando lidamos com categorias de análise, entre os quais citamos:

Indagar sobre os significados e implicações de retomar a luta de classes, não só como categoria de análise, mas como perspectiva política e a correlata necessidade de pensá-la como um lugar que dê conta de juntar e articular academia e vida social. (MACIEL, 2006: 17)

A conexão lógica para o pensamento das autoras e do que pensamos estar inserida a pesquisa, é a reflexão da atuação dos sujeitos históricos nas transformações de suas vidas que, segundo a leitura, devemos resgatar nesta prática de jovens trabalhadores, ainda mais por nossa opção estar em decifrar isso a guisa da visão empresarial.

Outro ponto de destaque é o estudo estar inserido na produção da História Social, quando optamos por verificar o caso de empresários paulistas; acreditamos ser de grande valia para nossa demonstração, usando as idéias de Heloísa Cruz, em que, dentro de seus estudos sobre os temas cidades e trabalho, a mesma afirma:

No campo temático das relações entre Cultura e Trabalho, destacam-se preocupações com os estudos que, colocando em evidência os espaços e modos de trabalhar e as práticas e tradições dos trabalhadores nas cidades, promovem a reflexão crítica sobre os processos que, na atualidade, buscam produzir a invisibilidade social da pobreza e da exclusão e do consenso neoliberal que estabelecem a desigualdade como paradigma do relacionamento social e de organização da dominação. (CRUZ, 1999: 302)

Tal reflexão nos dá a oportunidade de adentrar nesse universo¹⁷ e, em seguida, ensaiar algumas contribuições aos estudos da História Social, pois é possível trazer à tona um estudo que dê visibilidade a um espaço social, enquanto processo de uma experiência relacionada ao viver urbano em São Paulo. Ainda mais que, diante dos estudos já realizados sobre trabalho e trabalhadores – nesse caso em especial o trabalhador jovem. As nossas reflexões contribuiriam para uma análise do jogo de interesses presentes nessa ajuda empresarial paulista.

Ao contrário do que a autora chama nossa atenção, por não tratarmos de excluídos, mas sim de empresários, vistos como classe dominante, abre-se uma brecha para visualizar, no campo social, outros sujeitos que nos tragam a discussão do relacionamento social e do modo da organização de dominação.

Desta maneira é que poderemos contribuir relevantemente, sob um enfoque de discussão histórica, dentro do entendimento da visão apresentada pelo CIEE, através da sua publicação *Agitação*, relacionando as abordagens teóricas e a experiência oferecida pelo caso.

Freqüentemente, nas grandes dificuldades encontradas na busca de uma colocação, num trabalho, muitos seres humanos estão abertos a todos os tipos de oportunidades criadas. Principalmente quando se trata de uma grande parcela da população – os jovens, que enfrentam tantas dificuldades, em primeiro lugar por não terem experiências.

A contextualização que pretendemos aqui expor está voltada para a percepção de que as ações tomadas pelos representantes da ONG CIEE,

¹⁷ Nossa perspectiva precisa estar voltada para a percepção de que a seleção de jovens estudantes como estagiários está atrelada à questão de luta de classes, mas mais ainda, quando nos perguntamos como a revista mostra quem pode ser incluído no processo e quem fica fora dele, não sabemos encontrar tal resposta numa revista feita a partir da visão de executivos e empresários. Os representantes da ONG CIEE mostram as características de quem estará apto, mas como interpretar isso sem ouvir os jovens? Que conexão fazer com a grande exclusão do mercado de trabalho para quem ainda não tem experiência? Temos a intenção de um estudo mais aprofundado sobre essas questões que envolvem os jovens, em pesquisa futura.

que estão presentes na revista *Agitação*, vêm ao encontro com as transformações que o mundo passa, na própria essência do capitalismo, em que os mesmos são artífices, e, principalmente, por que tudo e todos são transformados em mercadorias.

É um momento oportuno para, através das relações percebidas, mostrarmos nossa investigação no papel que a imprensa toma como local da manifestação dos ideais burgueses e nessas mensagens mobilizar-se e mobilizar os jovens estudantes para que vejam e encontrem no estágio a forma de introdução no mercado de trabalho.

Anotamos um trecho abaixo, em que destacamos a maneira do grupo empresarial perceber o mundo, vejamos:

Família, honra, dignidade, gratidão e amizade são hoje princípios universais quase esquecidos no convívio social. Recuperemos juntos tais valores naturais, contribuindo para a criação de uma sociedade mais cristã, justa, igualitária, fraterna e humana – ou continuaremos a conviver com um nível de desigualdade que gera a discordância social. (AGITAÇÃO 51, 2003: 24)

Nessa seqüência, nesse modo de interpretar o seu mundo e, por conseqüência, o jovem, deixam transparecer como o seu conservadorismo é forte. Valores tradicionais foram sempre citados como forma de dizer que, como elite, sabe que o que está em jogo é a manutenção da ordem; é o que quer. Vale-lhes dizer, sempre que possível, que a responsabilidade é pelo bem de toda igualdade.

É um discurso que propaga a igualdade, a paz, a aceitação e o entendimento de todos por todos. Ainda mais, apóiam-se no discurso cristão, traçando os objetivos como algo natural, pois os “*valores naturais*” devem ser seguidos para que a história da humanidade seja percebida e vivida por todos. É um modo atraente e porque não, sedutor, descrever para o mundo a partir dessas características. Posto isto, e quando temos a oportunidade de paramos para pensar em representação do mundo, nos vêm à mente algumas considerações feitas por Marilena Chauí:

A elite está no poder, acredita-se, não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o aparelho do Estado, mas porque tem 'competência' para detê-los, isto é, porque detém o saber. [...] Em geral, tendemos a considerar o autoritarismo através de seus signos mais visíveis: o uso da força, a repressão, a censura, a invasão. Contudo, há uma outra forma mais sutil de exercê-lo no mundo capitalista. Aqui, é a idéia de racionalidade que comanda a legitimação da autoridade ... autoritária. Esta é intrinsecamente favorecida pelo modo de produção na medida em que o movimento interno do capital é dotado de racionalidade própria, organiza o real e lhe confere inteligibilidade. (CHAUI, 2007, 58-59)

A conjuntura que vemos estabelecida, nas relações racionais dos sujeitos analisados em nossa pesquisa, nos faz vê-los interpretando o mundo e lançando mão dessas dimensões tempo e espaço, encaixando suas necessidades de permanência no poder, arregimentado pelo discurso modernizante e pelas conexões que fazem junto à sociedade, tornando legítima toda a sua atuação, legitimando o modo de produção capitalista.

Em seu discurso afirmativo, há uma exposição sempre presente de que o mundo está mudando, de que o CIEE está em constante mudança e que o rearranjo pode funcionar como alternativa dentro do próprio capitalismo aos interesses do bem comum: os seus.

Lembramos de George Orwell, quando nos presenteia brilhantemente com a idéia: *“Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”* (ORWELL, 1962: 128), nos inspirando a olhar e perceber os empresários em um momento, criando espaço para o encontro com o jovem e, noutro, como oportunidade de preencher um vácuo que enxergaram na sociedade; dizendo-se aptos e com uma proposta. Uma escolha estratégica, haja vista estarmos falando de um mundo fora da ordem, despedaçado, fragmentado e descontínuo.

Podemos argumentar acerca dos criadores desse modo de ver o mundo, pois o seu papel é dar credibilidade para sua visão, através de um *convencimento* da realidade que, segundo estes, força todos a tomarem medidas para se virarem nele. É um jogo em que é interessante mostrar *como*

sobreviver num mundo selvagem, no entanto sem deixar transparecer que esse é o modo daqueles de encaixar suas idéias e ideários para continuar usufruindo das vantagens disso.

Vejamos um exemplo disso, quando falam que a educação¹⁸ é importante, mas o que conta é a qualidade, pois:

Conhecimento de boa qualidade são aqueles que tornam os seres humanos produtivos e criativos, facilitando a aquisição de mais e melhores conhecimentos.

A sociedade moderna precisa de cidadãos capazes de oferecer respostas rápidas às mudanças que ocorrem nos campos do trabalho, economia, política e cultura.

A globalização, a revolução tecnológica e os novos modos de trabalhar tornam os seres humanos obsoletos rapidamente quando são mal preparados.
(AGITAÇÃO 40, 2001: 40)

Nosso primeiro objetivo, em apontarmos algumas formas de interpretação dessa conjuntura histórica, sem que isso se torne o foco central de nosso texto, é uma maneira de percebermos as relações que os empresários e os executivos estabelecem com seu discurso modernizante, como ideologia, fazendo o sujeito perceber que a sua falta de preparo é que o exclui do processo. Estará fora do jogo aquele que não jogar as regras estabelecidas. A educação fica transfigurada em qualidade, assim como podemos compará-la com a rapidez que o trabalhador “*mais preparado*” precisa ter para produzir mais, obtendo-lhes a continuidade das relações capitalistas: tempo é dinheiro, tempo é igual a lucro.

Vejamos que aqui, segundo o que nos querem fazer acreditar, não é o capitalismo que torna os “*seres humanos obsoletos*”, mas a globalização, a revolução tecnológica, ou seja, se somos cidadãos do mundo e se pretendemos nos sentir pertencidos a algo nele, precisamos trilhar os caminhos que nos é oferecido.

¹⁸ No capítulo 3 abordaremos mais detalhadamente como a educação faz parte dessas estratégias.

Muitos de seus “parceiros”¹⁹ tentam confirmar esse discurso, lemos, num desses casos, em uma entrevista “Trajetória de sucesso e competência”, com Ivan Zurita, então presidente da *Nestlé Brasil*, que o mesmo diz: *“Devo grande parte da minha história na Nestlé à oportunidade que obtive por meio de um estágio concedido pelo CIEE”*. (AGITAÇÃO 78, 2007: 11).

O sujeito, no mundo em que vive, reflete parte daquilo que teve como experiências. Todos somos sujeitos históricos, temos nossa presença marcada pelo que fizemos, mas aqui, neste caso, o sucesso e a competência, além de serem exemplos vindos de um executivo, tornam-se únicas afirmações de que a vida do mesmo está entrelaçada a um único fato: aconteceu porque o mesmo estagiou. Todo empresário chegou onde está porque estagiou?

Seguindo essa linha de raciocínio, encontramos numa matéria, na capa da *Agitação* 51, “A grande onda”, em que diz: *“Assim como um surfista procura por uma grande onda, eu buscava o melhor mercado para atuar. Naquela época, o potencial revelava-se no mercado financeiro”*. (AGITAÇÃO 51, 2003: 47).

Cássio Casseb, que estagiou em 1976 e terminou o curso em 1978: *“pegou a segunda onda e numa trajetória de 10 anos, de gerente de contas passou a diretor financeiro e diretor comercial, vice-presidente financeiro e vice-presidente executivo”*, além de afirmar que o *“estágio foi fundamental na carreira”*, expressa que foi *“o fator determinante para obtenção do 1º emprego”*. (AGITAÇÃO 51, 2003: 48).

Ao mesmo tempo em que fala de experiências, a matéria aponta para o estágio como forma de conduzir ao *“primeiro emprego e estimula o desenvolvimento do principal bem para as empresas: o capital humano”*. Assim seguem os demais depoimentos, dizendo que foi uma etapa importante para treinamento, como formação de capital humano. Todos ressaltam a importância

¹⁹ Esse é o vocábulo mais comum quando querem fazer referência a algum empresário que está sendo entrevistado ou citado em matérias da revista. Talvez haja uma tentativa de fazer vê-los como alguém que está lado a lado com o jovem, afinal parceiro, na definição mais simples, é alguém que é sócio, companheiro, pessoa com quem se joga.

do estágio e de que foi ele que *“alavancou a carreira, tanto como treinamento, experiência como forma de efetivação”*, sendo que a carreira é “top de linha atualmente”. (AGITAÇÃO 51, 2003: 48)

O que nos chama maior atenção nessas falas, além de estarem colaborando para afirmar o discurso de que é preciso dançar conforme a música tocada pelos empresários e executivos, é que temos que considerar a sua fala sobre *“capital humano”*. Voltaremos a outras expressões que nos chamaram a atenção, mas que não tivemos oportunidade melhor de indagar: *“seres humanos, cidadãos, sociedade mais cristã, justa, igualitária, fraterna e humana”*.

Encontramos um entrelaçamento quase que como um padrão: escola-empresa-sociedade e, nesta relação, aprofundam-se as necessidades de capital humano, ou seja, que os jovens entendam seu papel crucial na mudança do mundo de hoje, pois se eles compreenderem as regras do mercado, não encontrariam/enfrentariam empecilhos para suas carreiras. Mais que isso: construiriam a *“sociedade perfeita”*! É uma forma astuta, mas como nos faz entender Pierre Bourdieu:

*O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for **reconhecido**, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2007: 14-15)*

As regras do jogo possuem, além das estratégias, cartas marcadas. É um caminho complicado, mas interessante de ser percebido: fazer o jovem reconhecer que, se suas ações não vão mais além, é porque existem empecilhos entre outros empresários e de um governo que não faz nada mais que o *“novo pelo novo”*, sem aprimorar o que realmente é necessário para

aumentar as chances de empregabilidade: *“Não é preciso inventar coisas novas, quando já existem coisas funcionando bem. Para que o Programa Primeiro Emprego se já existe o estágio?”*. (AGITAÇÃO 57, 2004: 56).

Essas colocações, assim como tantas outras em palavras postas, que encontramos, percorrendo as linhas e entrelinhas do periódico, permitem refletir sobre como é astuto esse modo de encarar os fatos e de chegar ao ponto mais crucial de tudo isso, ou seja, dizer ao jovem o que ele precisa no mundo de hoje para estar apto a encarar e vencer²⁰ no mercado de trabalho e mais, dizer quem pode fazer isso.

São estratégias que apontam para o desejo do empresariado de ver uma mudança na sua intervenção política, como fator de desenvolvimento, pois como desafio para o Brasil, segundo suas colocações, impedem a competição da economia no cenário internacional, aproveitando-se da insegurança que mudanças trazem, podem dizer-se à frente no tempo e no espaço, capazes de fazer acontecer o *“desenvolvimento”* da nação.

A forma como os percebemos falar em nação, mostrando seu papel nessa concepção, é de que se as empresas se desenvolvem o país terá seu crescimento e será forte, portando eles são os construtores, facilitadores e responsáveis, através de sua ajuda. No entanto, em seus discursos, jogam ao trabalhador a responsabilidade de lutar para isso acontecer, no esforço que devem desenvolver, na dedicação que devem desempenhar. Usaram de palavras de Theodore Franklin Roosevelt para justificar essa importância, levando o trabalhador a compreender que é com o esforço pessoal que eles constroem idéias e mudanças:

O crédito é do homem que está na arena, com rosto marcado de poeira, suor e sangue; o que luta com valentia; o que erra e falha vezes seguidas, pois, não há esforços sem erros e falhas, mas, é ele quem, realmente, luta para fazer as coisas; é ele quem conhece os grandes entusiasmos e a total dedicação; é ele que dá tudo de si para uma causa digna, é ele quem, na melhor das hipóteses, acaba

²⁰ As *características* serão tratadas com maior detalhamento, no capítulo 2, quando abordaremos a formação do jovem, segundo o pensamento dos empresários paulistas.

conhecendo os triunfos de uma grande realização e, na pior delas, quando fracassa, ao menos fracassa por tentar com grandeza e ousadia, de tal maneira que, seu lugar, nunca será junto às almas frias e tímidas, que não conhecem nem a vitória, nem a derrota. (AGITAÇÃO 35, 2000: 12)

É um argumento de muita habilidade e forjado, por que fazer o jovem ver-se diante de uma situação em que ele age e é considerado um “herói”²¹ de si mesmo e deixa sua marca ou torna-se um medíocre por nem tentar lutar. É como se perguntassem: o que você jovem fará na história? Um convencimento engenhoso, pois ao se depararem com uma relação com o discurso de grandes homens que fizeram a história, lutaram e deixaram sua marca.

Mesmo que o contexto seja outro, que a chamada seja em outra circunstância, que nada tenha com o momento atual, usam-na como ferramenta para facilitar a introdução de qualidades necessárias, mais que isso, dar o “*sangue e suor*” pela empresa.

Como a realidade era insatisfatória para uma parcela do empresariado no país, houve uma perda de enfoque social do capital-trabalho²² para questões de cidadania, cujas prioridades passaram a ser vistas aos interesses individuais, ou seja, as organizações passaram a promover uma sociabilidade em um contexto dos interesses individuais de quem estivesse envolvido no processo. Estaria nisso a razão pela qual as ONGs nasceram atreladas aos ideários norte-americanos, bem como suas interpretações acontecerem nos circuitos internacionais: vida pública inserida nas iniciativas privadas.

²¹ A importância do mito para justificar a luta pelo espaço? Verificamos muitas vezes os empresários jogando com a ideologia presente em suas argumentações para mexer com a imaginação dos jovens e, por que não aqui neste caso também, em detalhes para fazê-lo criar verdades que acha, segundo os empresários, sinônimos de mudança, ou como diz o discurso de Roosevelt, grandeza e ousadia.

²² Registramos aqui as próprias mudanças na forma de encarar o trabalho, pois com a nova configuração do mercado de trabalho, com desregulamentação e na flexibilização, toda a responsabilidade de formação recai sobre o próprio trabalhador. A força de trabalho, desta forma, em suas transformações, passa por mais exploração e precarização, que estudaremos mais adiante.

Voltamos o nosso enfoque às mudanças nas estruturas internacionais refletidas nas ações e nas ligações que aconteceriam ao longo da história da ONG CIEE, pois quando a vemos declarando-se como organização não-governamental, temos que ter um cuidado para percebê-la como ação empresarial, mas atrelada, em primeiro lugar aos seus próprios interesses, assim como ao governo, quando convier.

Constataremos que esse entrelaçamento acontece quando lhe surgem dificuldades para seguir em seus projetos ou quando se faz necessária a atuação governamental para ampliar suas ações. Analisada fora desse esquema, fora dessa relação, fazendo e mantendo as alianças necessárias para sua continuidade, podemos percebê-la como empresa que é.

Um exemplo claro disso, acontece num embate com o governo quanto ao pagamento de impostos, ao qual acreditava ter que ser isenta. Lemos que *“deixar o Terceiro Setor livre de tributação não é uma opção política, é uma opção nacional”* (AGITAÇÃO 51, 2003: 24). O discurso volta-se para questões de desenvolvimento nacional, em que o governo é o entrave e por isso a ONG precisa receber de todas as empresas, que queiram ser parceiras, a ajuda financeira que lhes compete para dar direção ao projeto.

Temos ciência de que o governo também se constitui como uma empresa, no entanto não poderemos ficar ingênuos perante isso e aceitar que as ligações ou até mesmo as críticas que lhe são dirigidas não constituem um ponto fundamental para a compreensão da continuidade de poder e de relações de força entre grupos que procuram dar respaldo às hegemonias por eles criadas. Tentaremos voltar a essa discussão mais adiante.

As argumentações por nós percebidas, além das críticas expostas às ineficiências governamentais, apontam para novos questionamentos sobre quais medidas, ações, contribuições acreditam ser de fundamental importância para a intervenção na introdução dos jovens no mercado de trabalho, ou seja, de que modo os empresários acreditam cumprir seu papel perante a sociedade e como essa intervenção é concretizada,

reforçando a maneira de esses sujeitos agirem no que chamam de “*cumprir seu papel*”.

Neste aspecto, uma grande relevância tem a forma como os próprios empresários estão constituindo a sua imagem. Interessante focarmos nossa perspectiva no modo como esses sujeitos estão se vendo, vendo os outros e que esforço estão empregando para a construção dessa imagem, pois é fato presente no neoliberalismo o fortalecimento da idéia do individualismo é a marca que distingue os que conseguem se sobrepuser, os que enfrentam e vencem as dificuldades. É um discurso muito interessante de ser analisado, visto que é um fato do próprio capitalismo existir os excluídos, mas de que é fundamental adentrar quando surgem oportunidades, neste caso, oferecidas através dos estágios.

Essas primeiras argumentações não surgem ao acaso: precisam estar sempre mergulhadas em nosso objeto. É preciso entender como as coisas são pensadas e transmitidas como verdades e se pudermos ler e interpretar o discurso de como a ferramenta estágio utilizada para criar uma realidade que faz parte do capitalismo global atual, e que representa o modo pelo qual os mesmos sujeitos estão se (re) organizando no tempo em que vivem e nos espaços que ocupam. Poderemos realizar um estudo que nos tragam novas perguntas para antigas e novas possibilidades.

1.1. Mundialização ou globalização? Conceito ou pretexto: palavras que carregam outras palavras

Entender o fenômeno da globalização é [...] uma forma de sofrer menos com ele, mas só isso não basta. [...] a juventude [...] alimentará os interesses da globalização, o que pode ser um prato bastante saboroso, desde que bem temperado desde já. (AGITAÇÃO 21, 1996-1997: 6-7)

[...] há um longo e tortuoso caminho a percorrer. A globalização da economia, valorização da eficiência para gerar produtividade e a supremacia bélica das grandes potências amortecem os sentimentos e colocam os interesses materiais acima dos nossos princípios. (AGITAÇÃO 51, 2003: 24)

Os tempos novos exigem novas soluções – A abertura comercial e a inserção em um mercado globalizado exigem uma redefinição geral de tarefas, de estratégias e objetivos em todos os setores para o real desenvolvimento do País. (AGITAÇÃO 25, 1999: 10)

A globalização e os avanços tecnológicos estão permitindo deslocar para países em desenvolvimento muitos empregos. [...] (Falando do estágio) Fundamental. Vivemos num mundo competitivo e complexo, que pouco oferece a quem quer aprender do nada a partir do seu primeiro dia de emprego formal. (AGITAÇÃO 56, 2004: 10-13)

Por que a revista se utiliza dessa terminologia para argumentar que os jovens precisam cada vez mais de especialização para serem absorvidos por esse mundo? Por que dizer que a “globalização” é um fenômeno que pode fazer sofrer ou que é um caminho longo e tortuoso a percorrer? Ou mesmo que são tempos novos e que ele exige redefinição para levar ao desenvolvimento? Que intenções há nessas argumentações?

Ou até mesmo, por que usar “globalização”? Apostaremos que é um modo de fazer crer que têm a solução se, quem não quiser sofrer, seguirem os seus conselhos que são transformados em características (as competências) e neles encontrarão o modo de saborear o prato que deve ser temperado desde já, ou seja, os jovens.

O modo pelo qual se posicionam perante o mundo e perante as transformações é nosso foco agora nessa investigação, pois é percebendo as concepções que conseguiremos a ferramenta necessária para formular e vislumbrar as relações que estabelecem entre si, com o mundo, com as empresas e com os jovens.

Quando interpelam sobre a “*globalização*”, sobre como as mudanças, avanços, num mundo complexo e competitivo, do valor da eficiência e de valores, nós paramos para vê-los justificando suas próprias necessidades. É pertinente estudarmos esses enfoques partindo do pressuposto de que, como capitalistas, ao criarem uma realidade, precisam alimentá-la e realimentá-la se quiserem continuar nela e chamar novos aliados.

Pensando nos trabalhadores já no mercado, seria uma tarefa complicada convencê-los dessa realidade, então se voltam aos jovens, apostando neles para a sua manutenção, apelando inclusive para palavras tiradas dos mesmos – do vocabulário jovem. Destaque aqui para a consideração da relação disso com a mudança da fase do trabalho e do trabalhador brasileiros²³.

Voltamos a afirmar que construíram uma grande idéia utilizar de personagens que se mostram preocupados com o desenvolvimento do país e que apontam para as mudanças que vêm ocorrendo como algo aquém de sua vontade/capacidade e que lhes exige um grande esforço para vencer esta “*armadilha*” em que se encontram. Estamos apontando para elementos apelativos utilizados em *Agitação*, como por exemplo de pessoas que alcançaram o sucesso em suas carreiras, imagens que remontam ao sucesso, propostas que, se seguidas, levam aos objetivos de realização profissional, enfim são muitas as maneiras utilizadas para esse fim.

²³ Alguns trabalhos são fundamentais para essa compreensão dessas relações, no entanto nossos objetivos não estarão inteiramente focados em fazer uma longa discussão desses aspectos. O estudo recente, na tese de doutorado de Fabiana Scoleso, por exemplo, traz uma bibliografia riquíssima para isso, tanto que seu trabalho desenvolve o tema com muita desenvoltura. Nesta mesma linha de pensamento e desenvolvimento, citamos Beatriz Sarlo que também contribuiu de forma ímpar nesses estudos.

Pensamos na complexidade que é entender e viver num mundo em constante mudança, para isso destacaremos em Néstor García Canclini²⁴, quando está fazendo uma reflexão sobre globalizações circulares e tangenciais, que nos permite questionar o que os empresários desejam nessa visão que criam de suas ações e das obrigações que delegam aos trabalhadores:

Tanta incerteza desestabiliza outros atores sociais que não costumavam se interessar pela cultura. Passada a euforia globalizante dos anos 80, os políticos, que não entendem muito bem como seu trabalho está sendo reestruturado, com os aparelhos nacionais que eles disputam controlando cada vez menos espaços da economia e da sociedade, perguntam-se o que fazer, e em que lugar fazê-lo. Empresários desorientados pela brusca passagem da economia produtiva para a especulativa se defrontam com questões semelhantes. Uns e outros invocam a necessidade de criar uma nova cultura do trabalho, do consumo, do investimento, da publicidade e da gestão dos meios informáticos e de comunicação. Ao ouvi-los, tem-se a impressão de que eles só se lembram da cultura como um recurso de emergência, como se 'criar uma nova cultura' pudesse ordenar magicamente os aspectos do trabalho e dos investimentos que escapam à economia, tudo aquilo que a concorrência não resolve na mídia nem no consumo.

O apelo à construção de uma cultura com os movimentos globalizantes pode também ser entendido como a necessidade de ordenar os conflitos entre imaginários. (CANCLINI, 2007: 9-10)

Assim fica nessa incerteza e nesse imaginário de que estarmos atrelados ao global e suas causas, nos fazem presas fáceis de jogar num discurso de analistas-especialistas que indicam caminhos para a situação atual. Seguindo na análise da coluna já citada, encontramos o mesmo discurso do desenvolvimento do país, da globalização, com destaque para educação e estágio em palavras de Roberto Faldini²⁵, então diretor do *Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da FIESP/CIESP*:

²⁴ Néstor García Canclini é antropólogo argentino radicado no México que aborda a questão da crise atual da modernidade e da cultura – multiculturalismo e interculturismo tanto em intercâmbio como em conflito, sob a perspectiva latino-americana. Suas contribuições mais importantes chegaram ao Brasil por meio de sua obra *Culturas Híbridas*, em que contribuiu com o termo *hibridação e mobilidade identitária*, assim como outras obras fundamentais para o entendimento do fenômeno modernização tardia e seus reflexos na América Latina.

²⁵ Roberto Faldini: é administrador de empresas pela EAESP - FGV, com especialização em Gestão Avançada pelo INSEAD - França e em Empreendedorismo pelo Babson College - EUA,

Hoje em dia, além de especialização, as pessoas precisam ter uma noção muito grande do genérico. A realidade é que o Brasil se inseriu e está se inserindo, cada vez mais, no mundo globalizado. Pode parecer só uma questão de retórica, mas o fato é que aquele que não consegue enxergar de maneira muito clara que o País não está isolado do mundo, acaba não se comportando adequadamente, porque as empresas precisam estar voltando-se para essa globalização. Portanto, não basta só saber um outro idioma, por exemplo. É preciso entender, também, como esses mecanismos internacionais funcionam, quer seja nos âmbitos das defesas de mercado, da agressividade mercadológica, quer seja nas finanças internacionais, nos métodos de produção existentes lá fora ou no inter-relacionamento entre empresas no exterior e no Brasil.

O profissional de hoje, sem dúvida nenhuma, precisa ter inglês, e o ideal é dominar também uma outra língua, mas, mais do que isso, precisa ter uma noção muito firme do mundo como um todo.

É ter consciência da realidade que hoje as novas gerações já nasceram com algo que para a minha ainda é uma grande dificuldade: a computação, a informática. É preciso conhecer, saber, porque tudo está se modificando, principalmente, em função dos avanços tecnológicos. Esse novo contexto, do avanço nas telecomunicações, na informática, mexe com toda a estrutura mundial e, por isso, é um fator preponderante e necessário de conhecimento. (AGITAÇÃO 27, 1999: 11)

De acordo com Faldini o jovem nasceu com algumas qualidades da nova geração, às quais os trabalhadores de gerações anteriores não possuem. No entanto, mesmo que o jovem já possua essas competências, não é o suficiente, não bastam para ocupar oportunidades: precisa continuar buscando, precisa continuar em constante formação, mas mais ainda, precisa aprender a comportar-se adequadamente aos moldes empresariais.

A charge abaixo, usada na revista, nos serve de exemplo para o que estamos discutindo, quando falamos em realidade:

é sócio-diretor da Faldini e Cia e membro independente de Conselhos de Administração e Consultivos de diversas empresas no Brasil e no Exterior, inclusive é associado desde dezembro de 1980 e membro do Conselho Consultivo do IBEF – Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças de São Paulo, diretor vogal do IBEF SP pelo qual foi eleito Executivo de Finanças do Ano - Prêmio "O Equilibrista", em 1991, membro do IBCG - Instituto Brasileiro da Governança Corporativa, Coordenador do Núcleo da Empresa Familiar em SP da FDC - Fundação Dom Cabral, entre outros.



(AGITAÇÃO 13, 1995: 22).

A charge traz elementos que “*tentam mostrar*” essa realidade jovem no mundo atual: conhece muitas bandas internacionais, provavelmente sabe suas músicas por que está habituado a ouvir o inglês, gosta de curtir a vida, etc., quer dizer, o empresário usa dessa linguagem²⁶ jovem para atingir seu objetivo, chegar ao jovem e dizer-lhe que precisa se conectar ao mundo, às coisas que estão sendo oferecidas para eles como os “*avanços tecnológicos*”.

Lugar comum das falas intelectuais as transformações do capitalismo mundial, seguindo na discussão do uso desse discurso pelos empresários, pois os vemos falar muito em termos que nos remetem à “*modernidade*” e à “*pós-modernidade*”²⁷. Por isso, mais do que justo, neste instante de estudo, inferirmos algumas características que nos fazem perceber

²⁶ Desenvolveremos, mais adiante, uma discussão sobre o uso estratégico dessa linguagem jovem, pois acreditamos que nas entrelinhas das falas empresariais, para o convencimento dos jovens, poderemos verificar intenções e modos de pensar dos próprios interlocutores.

²⁷ Já apontamos para uma discussão sobre esses temas em nota na introdução, a de número 3, na página 27. Também pelo fato de que não queremos discutir os objetivos do uso dos conceitos modernidade e pós-modernidade assumidos na revista.

as relações presentes nessa teia em que encontramos os empresários paulistas, a mundialização do capitalismo e os reflexos dessas transformações capitalistas e que, segundo o que nos faz perceber o autor já citado acima, sabem tirar o máximo proveito pela racionalidade que conseguem emitir para essas concepções.

Um destaque especial para termos como modernidade e pós-modernidade é crível para facilitar nossas especulações, lemos assim:

Os enigmas da modernidade aparecem de forma muito desigual, em diferentes realizações, inquietações, frustrações e ilusões de indivíduos e coletividades, nações e nacionalidades, partidos e correntes de opinião, intérpretes e realizadores. Estão sempre presentes as descontinuidades, não-contemporaneidades, anacronismos, exotismos ou originalidades. (IANNI, 2003: 43)

Mas ainda mais, quando tratamos dessas questões, percebemos que a idéia da identidade é crucial, pois existe uma necessidade de ver o sujeito de um modo diferente, conforme nos faz perceber Stuart Hall:

*É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de **individualismo**, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção de sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto 'vívda' quanto 'conceptualizada' de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertam o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. (HALL, 2006: 24-25)*

Ao lado de nossa percepção dessas mudanças, na forma de ver o sujeito, inserido no contexto em que vive e produz, estaremos buscando uma visão de que tudo isso, associado ao fato da aquisição de soluções dentro do processo de mundialização do capital atual, faz com que o sujeito histórico se veja e veja aos outros de modo a viverem/provocarem uma crise de identidade para poder mostrar-lhe um novo modo de viver: o modo empresarial paulista, deslocando o sujeito social jovem de sua própria realidade para viver a de outrem.

Vejamos o que nos traz Anthony Giddens, quando em uma referência à dita globalização, porque é um empresário falando de dentro do sistema:

A importância indevida que os sociólogos têm conferido à idéia de 'sociedade', no que ela significa um sistema limitado, deveria ser substituída por um ponto de partida que se concentra em analisar como a vida social é ordenada através do tempo e do espaço – na problemática do distanciamento tempo-espaço. [...]

A globalização pode ser assim definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial [...] (GIDDENS, 1991: 69)

Primeiramente, devemos perceber a idéia de sociedade, pois ao chamar atenção para as relações sociais, ficamos diante de um dilema grande: os nossos personagens principais – os empresários e executivos, conseguem ver essas relações sociais em direção às mudanças que vêm ocorrendo no mundo ou sabedores delas, utilizam-nas como simples ferramenta racional para legitimação de seu poder? Ainda mais como portadores dessa bandeira tempo-espaço, para se fazer ver a frente de seu tempo e ocupando seu espaço nessa sociedade.

Podemos perfeitamente pensar nas mudanças ocorridas no processo do capitalismo como uma nova realidade surgida como resposta às transformações atuais. Porém, junto a isso, necessitamos de uma compreensão de que, conforme nos aponta Anthony Giddens, que os processos sociais em todas as experiências concretas vividas²⁸ é que devem ser buscados como modo de interpretar as conexões entre a produção capitalista e a interação dos sujeitos sociais em suas dimensões no tempo e no espaço - interconectados. No entanto o discurso de Giddens deixa a desejar nessa percepção por que quer fazer pensar em algo exterior à vida dos sujeitos envolvidos no contexto.

²⁸ Referindo-nos às idéias de Néstor García Canclini que nos mostrou que os sujeitos elaboram respostas para aquilo que vivem, suas experiências são resultados de como lidam com o tempo que vivem e que nele constroem as conexões com o mundo.

Qual a maneira de comprometer os sujeitos senão fazê-los sentirem-se responsáveis? Ou mais ainda: ao tratá-los de seres humanos, como iguais, seria uma tentativa de desqualificá-los enquanto classe social? É uma forma de vermos na essência desses sujeitos que, inserindo-se no processo e inserindo-se no contexto de outros sujeitos históricos, os fazem sentirem-se com medo de ficar de fora, de serem excluídos e, assim, dominando a parcela do mercado que lhes é favorável para permanecer no controle, como poder financeiro.

Em uma matéria da revista, “Mercado – sem fronteiras profissionais”, existem colocações que explicam a sua visão do que querem mostrar ser a globalização, sua história, blocos econômicos, entre outros:

O processo de globalização mostra-se irreversível. Os países estão se alinhando, movidos por fatores históricos, geográficos e, principalmente, por interesses econômicos. A produção tecnológica e as comunicações começam a transformar conceitos, que pareciam definitivos, como nação, estado, mercado, etc. (AGITAÇÃO 21, 1996-1997: 10).

Essa e toda aquela gama de informações que querem nos mostrar ser fundamental para entender o que significa a primeira globalização, com o trânsito de pessoas da Europa para as Américas, assim como quando apontam para questões de segurança que, com a escassez de mão-de-obra, gerou um “fluxo de profissionais dos países em desenvolvimento para países desenvolvidos”, chamando isso de processo de globalização do trabalho.

E quem será capaz de mostrar esse caminho e esse contexto? Essa talvez, a maior de todas as nossas inquietações perante o mundo dos empresários: fazedores dessa realidade, construtores de situações que nos levam a vê-los adaptando-se e tirando proveito disso.

Se buscarmos apoio em François Chesnais, naquilo que ele já nos fez pensar antes, quando se referiu às palavras carregadas de ideologia, nós teremos um momento oportuno para perguntarmo-nos sobre essa

adaptação. É de longe uma facilidade para o grupo empresarial ter em suas mãos essa ferramenta nova: dizer que, com os efeitos da globalização, todos nós temos que nos adaptar, ou trocando em palavras menos luxuosas, todos nós temos que aceitar que a liberalização e a desregulamentação da força de trabalho aconteçam definitivamente e que as empresas tenham a liberdade total e irrestrita de movimentarem-se e *“que todos os campos da vida social, sem exceção, sejam submetidos à valorização do capital privado”*. (CHESNAIS, 1996, 25).

Neste contexto, para dar fundamentação às idéias apresentadas, justificamos que a legislação trabalhista, modificada para atender essas novas demandas empresariais, tornou-se fundamental para a precarização cada vez maior da força de trabalho. Não temos a pretensão de discutir esse enfoque em suas nuances mais detalhadas, mas deixamos essa necessidade em aberto. Temos conhecimento de que o trabalhador jovem está plenamente neste contexto pelas condições que o estágio enquanto atividade instável e mal remunerada os obriga a servir de força de trabalho substituível de tempos em tempos, ou seja, nem o trabalhador formado tem condições de concorrer no mercado de trabalho, nem o jovem trabalhador tem condições de obter um trabalho com condições de seu desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional.

Gostamos muito do que nos fizeram pensar outros estudiosos²⁹, comprometidos com a indagação em seus estudos, pois ao lermos seus trabalhos, nossas reflexões ficaram atentas para o entendimento de que os personagens na história não são e não devem ser tratados como prontos a aceitar a posição de excluídos ou como oprimidos, perderemos a oportunidade de verificarmos os sujeitos como parte de um cenário de tensão e de conflito, em que a identidade é algo em construção e que todo ser humano dará uma resposta como meio de sobreviver na realidade que transita.

²⁹ Fizemos referência aos textos de Néstor García Canclini, Stuart Hall, Beatriz Sarlo, Eder Sader e Jesús Martín-Barbero, mas acima de tudo aos estudos que nossos mestres no curso da pós nos fizeram ver a partir desses autores.

Esse é o momento oportuno para o grupo de empresários no que pretendem mostrar ser a globalização, essas são as expectativas presentes nesses exemplos e de como podem contribuir para, dentro das dimensões que criam desse mundo, aproveitar para usufruir da oportunidade estágio em todo o seu contexto, em todas as instâncias que puder fazer parte, extraindo delas, como experiência, o modo de interagir nessas relações sociais em escala local, com vistas ao todo, ao global, justificando e incrementando suas ações como parte de um mundo necessário ao progresso humano.

Essa é a oportunidade para reafirmarmos, no estudo de François Chesnais, quando nos apresenta a idéia de que o que vivemos neste novo tempo dentro do próprio capitalismo, é o que ele nos mostrou ser a “mundialização” do capital. Assim, neste contexto, o autor nos traz a precarização para o universo do trabalhador, fragmentando-o e fragilizando-o, não como um movimento positivo, como querem fazer acreditar os empresários ao falar nessa globalização. Esse é o modo de contrapor a maneira com que os empresários querem fazer acreditar no “novo tempo” de globalização em que estão atuando, precisamente quando os estudamos e os vemos como criadores de expectativas em seu universo.

Oxalá nosso estudo possa contribuir para entender melhor essas expectativas e desnudá-las como parte dessa reação empresarial ao seu próprio interesse, mas também como parte de uma visão político-econômica que facilita as relações humanas baseadas nas desigualdades e no acirramento das diferenças.

Empresários e governantes encontram medidas que satisfaçam ao seu contexto. Resta-nos entendê-los como parte de tudo isso. Também nos compete vê-los e tratá-los como sujeitos históricos de seu tempo.

1.2. “Neoliberalismo à brasileira³⁰”

*Estou me lixando para o cliente.
Oscar Niemeyer*

Que tempo é esse em que vivemos? Que força é essa que faz com que as pessoas fariam qualquer coisa para encaixarem-se nesse novo mercado de trabalho?

A provocação, nas palavras de Oscar Niemeyer, vai contra a maré de nossa investigação acerca dos interesses presentes nas idéias expostas na revista *Agitação*. No entanto, pensando no arquiteto, um socialista declarado, seu trabalho está totalmente carregado dessa vontade de criar, do fazer humano, do pertencimento. Se levarmos em consideração que os tempos em que vivemos, as coisas que nos cercam no dia-a-dia, há que se dizer que sempre estamos em tempos de crise e que, justamente nela, alguns vislumbram as melhores oportunidades. E é nos conceitos que são jogados diariamente nos meios de comunicação que pretendem fazer esse tempo acontecer.

Como nos faz refletir István Mészáros, na sua obra sobre o século em que vivemos, nas situações atuais:

*Diante da **crise estrutural** do capital enquanto tal, em contraste com as crises **conjunturais periódicas** do capitalismo observadas no passado, é importante ainda sublinhar que os problemas são fatalmente agravados no estágio atual de desenvolvimento, inserindo na agenda histórica a necessidade de um controle global viável da produção material e dos intercâmbios culturais da humanidade como questão da maior urgência* (MÉSZÁROS, 2009: 21).

³⁰ Aqui fazemos uma referência ao termo utilizado por Fabiana Scoleso em seus estudos na sua tese de doutorado: *Reestruturação Produtiva e Sindicalismo Metalúrgico do ABC Paulista: As Misérias da Era Neoliberal na Década de 1990*.

Eis um bom ponto viável para discutir o significado das palavras utilizadas pela revista *Agitação*.. O que temos em consideração é entender como funciona a perspectiva dos empresários ao escrever na revista *Agitação*, quando de suas colocações sobre o mundo em que vivemos. O uso de palavras estrategicamente colocadas podem criar o sentido suficientemente forte para induzir o pensamento da clientela.

É a partir disso que nos fica um questionamento: antes de continuar essa intervenção, precisamos esclarecer um pouco o que significa esse neoliberalismo, afinal é a forma de atuação capitalista hoje em dia. O que pensam esses capitalistas a respeito de como andam as coisas e que medidas tomam para fazer frente aos desafios que dizem passar nos tempos atuais? É o que o autor citado acima nos faz perceber ser o ponto em que precisamos estar esclarecidos para não cair na armadilha de que o neoliberalismo .é algo positivo.

Em primeiro lugar, nos compete mostrar a origem das idéias neoliberais e de como elas influem em mudanças no mundo dos negócios. O Liberalismo, originado no contexto inglês do século XVIII, não é o mesmo que o “neo” liberalismo atual, pois o que vemos hoje em dia são aplicações de idéias oriundas daquele movimento, ou seja, o desejo latente de uma economia que caminhe por si só, sem a intervenção do estado.

E o que nos chamam atenção estudos recentes, como o já citado de Fabina Soleso, ao qual intitulamos esse contexto aqui apresentado, por entendermos que ao dizer que essas transformações no Brasil adquirem características particulares: a reestruturação produtiva no Estado, na economia e na Força de trabalho.

Acreditavam assim que haveria uma melhoria no mercado, pela livre-concorrência e também acabaria por ocorrerem melhoras sociais,

diferentemente do que desejavam. Nada mais do que nos mostrou Marx ser a “pressuposição”³¹ de novo modo de produção.

Quando lemos Octavio Ianni, em “*Enigmas da Modernidade-Mundo*”, podemos verificar o jogo de poder presentes nos interesses que envolvem o período contemporâneo:

O que está em causa, na base da política de reestruturação do Estado, destinada a criar o Estado mínimo e decretar a formação de ‘mercados emergentes’, é a destruição de projetos de capitalismo nacional e de socialismo nacional, bem como a transformação dessas nações em provinciais do capitalismo global. Em lugar do projeto nacional, capitalista ou socialista, o projeto de capitalismo transnacional, transnacionalizado, administrado desde o alto e desde fora.(IANNI, 2003: 56-57)

De acordo com Ianni, o neoliberalismo se configura como reestruturação do Estado, assumindo papel mínimo na correlação de força entre capital e trabalho. Com o novo papel assumido pelo Estado, o capitalismo romperia com as fronteiras nacionais, adquirindo um caráter global. Nesse sentido, esses empresários, reconhecendo essa nova realidade, procuraram implantar projetos que apreendessem uma nova dinâmica da economia nacional e internacional.

Essa é a realidade em que personagens preparados para seguir regras internacionais, precisam de pessoas – nosso caso de estudo de jovens estagiários – para trabalharem para mantê-los nessa cadeia alimentar que envolve questões da ordem do dia capitalistas internacionais, tanto que, quando ocupam os espaços na revista *Agitação* para mostrar suas formas de atuar, podemos os ver associando a grande preocupação que demonstram no período estudado:

Hoje, ninguém tem garantias de que continuará empregado e que a empresa continuará existindo, porque numa economia aberta prevalece a regra de mercado:

³¹ Podemos ler comentários feitos à obra *Grundrisse* de Karl Marx, em István Mészáros, no qual o autor trabalha com essa terminologia.

vence sempre aquele que tem o melhor preço, produto, serviço, parcerias estratégicas e comerciais. Quando uma empresa é privatizada, a multinacional que a adquiriu trará todos os seus fornecedores tradicionais que estão em qualquer parte do mundo. Acho que é o grande mistério da globalização, talvez, uma certa armadilha na qual o Brasil caiu. (AGITAÇÃO 26, 1999: 10)

Lemos nesta citação acima, na sequência da coluna, sob o título “É hora de priorizar o Brasil”, que o entrevistado é o presidente da Trevisan Auditores e Consultoria, Antoninho Marmo Trevisan³², e ao falar sobre a crise econômica, suas conseqüências e repercussões no mercado de trabalho, usaria justificativas como “armadilha” na intenção de mostrar os perigos que estão passando, como empresários, de sustentar, talvez através do medo, a sua importância nesse quadro internacional.

Vejamos a seguir a chamada de uma entrevista na revista:

ENTREVISTA

“Os tempos novos exigem novas soluções”

A abertura comercial e a inserção em um mercado globalizado exigem uma redefinição geral de tarefas, de estratégias e objetivos em todos os setores para o real desenvolvimento do País.



Presidente da Fiesp/Ciesp, Horácio Lafer Piva.

(AGITAÇÃO 25, 1999: 10).

³² Antoninho Marmo Trevisan, nascido em 30 de março de 1949, é presidente da BDO Trevisan AUDITORES (fundada em 1983, empresa com mais de 1.400 clientes e 1000 profissionais distribuídos em 16 escritórios no Brasil. A BDO Trevisan é a única empresa natural do Brasil entre as cinco grandes empresas de auditoria no País), Trevisan OUTSOURCING, Trevisan CONSULTORIA e Trevisan EDITORA UNIVERSITÁRIA; Diretor da Trevisan Escola de Negócios; Auditor e consultor de empresas desde 1970, graduado em Ciências Contábeis pela PUC de São Paulo. Em 1998 fundou a Faculdade Trevisan (Trevisan Escola de Negócios), entidade de ensino que se tornou referência nacional pela tecnologia instalada e metodologia diferenciada em cursos de graduação, extensão, pós-graduação e MBA. Presidente da ABCC, entre tantas outras atividades.

Juntamente com essas informações sobre a “*abertura comercial e a inserção em um mercado globalizado que exigem*”, e segundo Horácio Lafer Piva³³, nessa entrevista, está dizendo muito mais que “*uma redefinição geral de tarefas, de estratégias e objetivos em todos os setores para o real desenvolvimento do País*”, pois podemos perceber, que não fica esclarecido quem exige e o que exige. Seria uma forma de chamar para estas redefinições ou para justificar qualquer medida tomada?

Se estivermos atentos, além de lermos o que nos dizem na revista *Agitação*, vamos perceber que o empresário se coloca numa posição arrojada na fotografia, precisando lembrar que quem se coloca tem uma intenção. Pensaremos na fala, quando diz da posição internacional e nos perguntaremos: quem tem condições de “*enfrentar os desafios*”? Direcionaremos a nossa pergunta para localizar melhor quem está na imagem: ele é um jovem empresário e está disposto a fazer seu papel nas novas “*soluções*”, pois mostra acreditar fazer parte delas.

A imagem comunica, faz seu *marketing*, todavia é passível indagar se o empresário em questão não é o mesmo, ou seja, ele faz parte do grupo ao qual representa, não importando a posição que ocupa na referida foto, mas pela intenção que comunica em sua postura. Vende um pelo outro. Acreditando que no mundo dos jovens, seu papel é atrativo e convincente para o mundo dos negócios, melhor que muitas propagandas poderiam atingir.

Ao falar em internacional, em um mundo que se comunica sem fronteiras, destacamos que, mesmo que haja intenções do mostrar essa relação, há que se considerar que o jogo de disputa de poder ao qual

³³ Industrial, formado em economia e pós-graduado em administração de empresas. Foi Presidente da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp-Ciesp), é membro do Conselho de Administração das Indústrias Klabin S/A. É presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) e membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, da Presidência da República. Atua também em várias outras entidades, como Presidente da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e membro dos Conselhos da Fundação Arte Sem Fronteiras; da Fundação Antonio Prudente de Combate ao Câncer; da Fundação Osesp, além de vários Conselhos de empresas privadas. Essas informações podem ser adquiridas no próprio site da FAPESP: <http://www.fapesp.br/materia/1285/conselho-superior-cs/horacio-lafer-piva.htm> acessado em 03/03/2009.

pertencem aos sujeitos que escrevem em *Agitação*, utilizam desse discurso como seu papel estratégico nessas novas tendências. Vejamos as palavras a seguir:

*A dissociação entre Estados e sociedade civil, conforme ocorre sob o neoliberalismo, torna o Estado muito mais comprometido com tudo o que é transnacional, mundial ou propriamente global, reduzindo-se o seu compromisso com as inquietações, reivindicações ou tendências dominantes na sociedade civil. Amplos os setores da sociedade civil são desafiados a situar-se na lógica de um mercado, ou de mercados, nos quais a força e o predomínio das corporações transnacionais dificulta ou simplesmente anula a capacidade de negociação de diferentes categorias [...]. Sim, sob o neoliberalismo, quando se dá a dissociação entre o Estado e a sociedade civil, o Estado adquire todas as características de um aparelho administrativo das classes e grupos dominantes, ou blocos de poder predominantes em escala mundial*³⁴. (IANNI, 2003: 58)

Buscamos, em Octavio Ianni, uma explicação plausível para nossa argumentação, pois acreditamos que o que torna essa época tão desafiadora é o fato de que muitos enxergam o que é a era da transformação de tudo e de todos em mercadoria. Desta forma é um Estado que cada vez menos assume o papel de gerenciar e transfere para a iniciativa privada a função de gerir e administrar o mundo dos negócios e do trabalho.

Precisamos, deste modo, buscar uma correlação entre a administração do estado por governos que seguem a cartilha neoliberal, caso contrário a Nação estaria fora do jogo de poder, de interesses financeiros internacionais. Essa é a maneira crucial para a nossa percepção e interpretação das relações atuais.

Acreditamos ser prudente, a esta altura do estudo, não fazer uma reconstituição dos fatos dessa político-econômica neoliberal³⁵, mas entender,

³⁴ IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

³⁵ Dizemos assim porque temos uma bibliografia que estudou esse assunto de forma detalhada e que nos faz dizê-los mais completos e competentes, haja vista o presente estudo de caso estar intrinsecamente ligado a esses fatos, mas sem que a repetição dos mesmos seja necessária. Citamos, principalmente, os estudos de Ricardo Antunes e, entre suas obras, em

da interpretação por muitos outros estudos, que existe um caráter ideológico no discurso de que o neoliberalismo acaba com a intervenção do Estado na economia. Vejamos o que nos diz Armando Boito Júnior:

O segredo da hegemonia ideológica do neoliberalismo encontra-se, para nós, na forma como essa ideologia e essa política souberam explorar, de uma perspectiva reacionária, muitos dos elementos antipopulares da antiga política desenvolvimentista. A burguesia industrial brasileira tinha, de fato, obtido a industrialização apoiada em fundos públicos e no arrocho salarial e se servido do protecionismo para produzir mercadorias de má qualidade e vendê-las a preços elevados. (BOITO JR, 2002: 65)

Assim, o autor nos faz pensar como, desde que se rompeu com o populismo, que a ditadura militar foi implantada em 1964, o industrialismo teve uma acentuação nas medidas antipopulares, o que possibilitou que os desenvolvimentistas aproveitassem das empresas estatais e dos serviços públicos para o clientelismo político, surgindo a burocracia estatal. Tudo isso para preparar o terreno e fermentar o crescimento do neoliberalismo.

Aqui voltamos o olhar para a história, verificaremos que o neoliberalismo, no Brasil, teve suas práticas políticas voltadas para a abertura da comercialização, para a privatização da produção de mercadorias e de serviços, bem como a desregulamentação do mercado de trabalho e a redução dos gastos sociais do Estado. O início da implantação de toda essa prática ocorreu no governo de Fernando Collor³⁶ (1990-1992), sendo que, com Fernando Henrique Cardoso³⁷ (1995-2002), essas políticas foram amplamente aprofundadas³⁸.

especial, *A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)*, Francisco de Oliveira, Octavio Ianni, entre outros.

³⁶ Fernando Collor de Melo foi eleito presidente, em 1989 pelo PRN - Partido da Reconstrução Nacional, empossado em 1990 e em 1992 passou por um processo de *impeachment*, sendo substituído pelo seu vice, Itamar Franco, que terminou o mandato até 1994.

³⁷ Fernando Henrique Cardoso, FHC, foi eleito presidente em 1994 pelo PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira, sendo que foi reeleito em 1998, para um segundo mandato, terminado em 2002.

³⁸ Para mais ver Fabiana Scoleso em sua obra já citada.

Atentos aos aspectos e às possibilidades destes fatos surgidas, lemos em Canclini, algo que nos chama muito a atenção, quer seja pela forma como pretendemos tratar as qualidades desejadas pelos empresários paulistas, quer pela possibilidade de vermos as invenções destas, como meio engenhoso dos seus próprios artífices:

A exclusão e a segmentação desigual são as duas principais conseqüências da reestruturação. À diferença do liberalismo clássico, que postulava a modernização para todos, a proposta neoliberal leva-nos a uma modernização seletiva: passa da integração das sociedades para a submissão da população às elites empresariais, e destas aos bancos, investidores e credores transnacionais. Amplos setores perdem seus empregos e sua segurança social básica. (CANCLINI, 2007: 212).

Para nosso estudo, a referência do autor, nos faz ter a percepção dos jovens como parte que “deveria” estar “informatizada, obter saberes e entretenimento”, mas que diante das circunstâncias atuais de perda de dinamismo das economias acabam atrofiando o mercado de trabalho, ao qual o grupo de jovens acaba sendo o mais atingido.

É a forma como conseguimos interpelar e interpretar nossa investigação, diante do universo capitalista, do empresarial e do jovem. Por que o que nos apresentam como sendo formas de interpretar o mundo, os acontecimentos, as dificuldades, são, de certa maneira, os caminhos que temos para vê-los usando justificativas para criar a (sua) realidade e fazer dela a solução para os problemas dos outros, quando na verdade são suas soluções, seus problemas, sua falta de força de trabalho qualificada, sua tentativa de manutenção, entre outras.

Mais ainda, nos deixa uma margem de interpretação quanto aos nossos sujeitos de estudo, em suas elaborações para usufruir dessa situação apontando e, apostando no caminho a ser seguido pela grossa parcela desprovida de todas as informações necessárias para ver os interesses aplicados na sua proposta, segundo eles.

1.3. O fenômeno da *precarização*³⁹ nas relações de trabalho

A discussão acerca da reestruturação do capitalismo, visto como um fator determinante para observarmos o contexto de estudo de sua mundialização, e, em suas alterações, nos permite fazer uma análise da situação em que o trabalho ocupa tanto a nível nacional como um reflexo das condições mundiais que o levaram à precarização.

A história pode ser pontuada a partir do momento em que as relações dos empresários buscam um destaque para a idéia de programar um sistema de cooptação de jovens através do estágio, pois os mesmos afirmam:

Oferecer à comunidade brasileira soluções que contribuam efetivamente para a capacitação profissional da juventude, visando à sua integração ao mercado de trabalho e ao exercício da cidadania. (RELATÓRIO CIEE, 2006: 15).

Ao buscarmos, nessas idéias dos próprios executivos e empresários, quando fazem referência aos objetivos da época que fundaram a instituição, temos que discutir, em primeiro lugar, o que está sendo posto como significado de “*comunidade brasileira*”. Aparecem, no referido texto *grandes “empresários de direita”*⁴⁰ que tiveram papel de destaque no governo militar, assim como quando expressam seus interesses em manter uma ordem e que na comunidade está a segurança.

Partimos de um ponto que nos faz adentrar numa argumentação acerca do papel real da ONG no mundo atual. Temos conhecimento que o

³⁹ Nosso estudo tem fundamentação nos estudos de Ricardo Antunes, mais ainda quando expõe que a reestruturação produtiva no Brasil gera consequências diretas no mundo do trabalho. Também temos conhecimento dos trabalhos de Giovanni Alves, abordando juntamente a isso as questões sindicais.

⁴⁰ Alguns dos que estavam presentes e são citados: **empresários**: Mário Amato, Brasília Machado Netto, Herbert Victor Levy, João Baptista Leopoldo Figueiredo, Nadir Figueiredo, Adam Dietrich Von Bülow, Raphael Noschese; **executivos**: Geraldo Ziviani, Têrbio de Matos, Luiz Gonzaga Bertelli, Aluísio Martins, Clóvis Dutra, José Franklin Vera Viegas, Lamartine Navarro Júnior, Raul Galvão e Victorio D’Achille Palmieri; **educadores**: Lucas Nogueira Garcez e Zeferino Vaz (AGITAÇÃO 55, 2004: 50). Aqui, fizemos questão de citá-los, pois não precisamos ir atrás dos históricos dos executivos e empresários (já comentamos sua presença), basta sabê-los envolvidos no processo de criação, sem deixarmos de notificar o mais relevante disso: a presença massiva destes e a presença única de dois educadores.

surgimento das ONGs estão atreladas aos movimentos sociais e outras entidades representativas da sociedade civil, desde as décadas de 1970 e 1980, que tinham em seu bojo a idéia de romper com o assistencialismo. Nesta época, inclusive por conta do regime militar, não era aceitável a cooperação com o governo, que, poderemos questionar as razões políticas envolvidas nesse processo.

Fazendo um questionamento atento, ao ler essas idéias, poderemos dizê-las um tanto quanto perspicazes, pois vamos tentando observar essa nuance como fundamental para a discussão aqui proposta: sujeitos propondo integração, propondo fazer parte da comunidade. Então não é por acaso que o nome da instituição carrega a nomenclatura de “*integração*”.

Pensamos que existe uma intenção de, ao gerar a idéia de que o Brasil estava vivendo um momento difícil, dizer que algumas ações trariam a tranqüilidade e gerariam soluções, soam como forma de convencimento e justificativa de seus atos. Recordamos, nas palavras já citadas, em que afirmam mais adiante, que o Brasil “*vivia um momento político e econômico difícil, com muitas facções sociais com interesses conflitantes, que marcavam o governo do então presidente João Goulart*”. (AGITAÇÃO 55, 2004: 49-50)

Entretanto, em nenhum momento, ocorre um esclarecimento de facções ou que interesses estavam sendo postos em discussão, pois não fica evidente quem faz o que e quando faz. Para resumir, deste momento histórico, nos basta entender que, não era do interesse nada ser discutido, haja vista tudo isso fazer parte de uma invenção política de um Brasil hegemônico, civilizado, ordeiro, sem conflitos ou contradições.

Quando lemos Francisco de Oliveira, damos início a um esclarecimento desse período e de seu significado para as elites brasileiras:

O período entre 1964 e 1990 correspondeu a uma época de forte invenção política no Brasil. a ditadura, ela mesma sinal da impossibilidade de hegemonia, promoveu uma aceleração na transformação das forças produtivas, logrando um

crescimento econômico que elevou a média da expansão capitalista nos últimos cinquenta anos, como ficou reconhecido nos anos do 'milagre econômico'.
(OLIVEIRA & RIZEK, 2007: 16-17)

Os pensamentos expostos pelo autor, por nós lidos, nos fez perceber a burguesia daquele momento tomando uma atitude para conter o avanço das idéias contrárias, por isso chamam de período conturbado, em que a manutenção do poder era ordem do dia e que disso dependiam, como capitalistas, mas que usavam como contribuição para a sociedade e ao exercício da cidadania.

No entanto, diante dos nossos objetivos de estudo, quando mostramos e argumentamos sobre os fatos que deram origem à própria instituição - 1964, apontamos somente para a afirmação do que desejavam naquele momento histórico, sem nos aprofundarmos ou avançarmos nesta discussão. Haja vista nosso interesse estar no diálogo com nossa fonte, ou seja, no momento em que surge a revista *Agitação* – 1993. São épocas distintas, mas intrinsecamente ligadas nos ideais dos homens de negócios, interessados no rearranjo das cadeiras do/no poder.

Os anos da década de 1990 são particularmente significativos na pesquisa, pois representam momentos históricos em que os projetos implementados, dentro da política neoliberal, romperam com as barreiras nacionais, possibilitando a expansão do capital internacional, justamente onde os investimentos capitalistas e as altas lucratividades se farão sobre a exploração de trabalho e a inexistência de proteções legais trabalhistas.

Acreditamos que um dos estudos atuais, que mais nos impactou acerca do detalhamento desse processo, foi o trabalho⁴¹ de Fabiana Scoleso, principalmente em seu capítulo 4, onde podemos ler:

Nesse processo, a esmagadora maioria dos Estados perdeu boa parte de sua capacidade de conduzir um desenvolvimento parcialmente auto-centrado e

⁴¹ Tese de Doutorado, defendida na PUC-SP, sob o título: Reestruturação Produtiva e Sindicalismo Metalúrgico do ABC Paulista: As Misérias da Era Neoliberal na Década de 1990.

independente. Essas mudanças de fora para dentro repercutem de forma singular, nas localidades, dada as suas particularidades de desenvolvimento. No Brasil, a trajetória de desregulamentação da economia e da política no início da década de 90, evidenciou a fragilidade do país e trouxe, à tona, uma nova gama de questões acerca do mundo do trabalho e das relações capitalistas no país. Se a reorganização capitalista da Europa e nos Estados Unidos impôs a flexibilização do trabalho e o rebaixamento dos salários, que dirá os efeitos que a liberalização econômica e dos movimentos dos capitais causaram no caso brasileiro. (SCOLESO, 2009: 163)

Nesse estudo, podemos perceber a preocupação da autora em demonstrar as implicações que as alterações da mundialização do capital ocasionaram nas relações de trabalho. Vale a pena acrescentar que, assim como outros estudos, este nos deixa à vontade para não nos alongarmos nessas questões, ainda mais que o interesse do aprofundamento se fez cirúrgico no que tange reconhecer as relações de precarização brasileira.

Podemos seguir na argumentação, utilizando-nos da amostra que fazem os empresários, na revista, sobre essas mudanças e suas repercussões:

Os novos tempos exigem um novo tipo de relação entre o capital e trabalho, já que as velhas leis trabalhistas são também foco de desemprego, pois exigem um desembolso muitas vezes insuportável por parte da maioria das empresas. Todos esses vetores são foco do desemprego estrutural. O mercado de trabalho está se reciclando em função das mudanças radicais dos últimos anos e a própria tecnologia, ao implantar soluções novas, também cria novos postos de trabalho que exigem um novo perfil dos profissionais. (AGITAÇÃO 25, 1999: 11).

Observaremos que, no discurso, além de frisar que acreditam se tratar de novos tempos, mas que aponta a tecnologia como sendo a grande responsável pelos novos caminhos que devem ser tomados. Nosso primeiro argumento incide justamente no que dizem ser novos tempos: por que esse discurso do novo? Qual a intenção em chamar de novos tempos? Seria uma associação aos novos, aos jovens? Em alguns argumentos que usam, entre várias matérias, apresentam o jovem como sendo capaz e familiarizado com a tecnologia. Um bom caminho para arregimentar jovens.

No entanto, voltando nossa reflexão para os jovens e que são eles que os empresários dizem estar ajudando ao introduzi-los no mercado de trabalho através de estágios, nos perguntamos como isso acontece e quais são os caminhos que os empresários e executivos estão apontando para esses jovens, pois nos referimos como o encontro torna-se a forma de (re) organização do próprio grupo mentor e mantenedor da ONG CIEE.

Nas palavras de Horácio Lafer Piva, então presidente da FIESP/CIESP, temos:

Chegamos, agora, a dois pontos críticos neste momento, que são a retomada do desenvolvimento nacional e a criação de empregos. Não tenho dúvida da capacidade do Brasil em superar seus obstáculos, que são naturais em uma economia emergente. O quadro da educação mostra uma explosão do ensino superior privado, e não há como negar que esse notável salto no volume de graduandos pode refletir-se, no futuro, na melhora do sistema político, do sistema judiciário e do andamento da nossa economia. É claro que há toda uma discussão com relação à qualidade, mas de alguma forma estamos procurando abrir oportunidades.

É evidente que essa visão otimista não esconde o quadro de estagnação e desânimo que marcam muitos setores da nossa economia, em particular aqueles que não estão ligados à exportação e à agroindústria. Por falta de renda, por falta de massa salarial, todos os segmentos mais ligados ao mercado interno passam por um momento muito difícil, razão pela qual temos insistido na pressão sobre Brasília para que continue reduzindo a taxa de juros e se adotem políticas imaginosas que estimulem a atividade econômica e a criação de milhões de empregos.

Prevemos um crescimento do Produto Interno Bruto para este ano ao redor de 3 ou 3,5%. Mas deveríamos estar crescendo por volta de 5%, para pelo menos acomodar o 1,7 milhão de jovens que afluem todos os anos para o mercado de trabalho. Mas, apesar disso tudo, tenho a mais absoluta confiança de que, se conseguir consolidar a política fiscal e suavizar a política monetária, o Brasil poderá entrar numa fase de crescimento sustentado de 5% a 6% anuais. (AGITAÇÃO 57, 2004: 60-61)

Notamos que, apesar desta fala estar anunciando que a solução para empregos que, segundo o interlocutor, está no crescimento econômico do país, o maior obstáculo está na política fiscal do governo e na política

monetária. O que seria objetivo específico, ao atacar o governo e o pressionar para a redução das taxas de juros, ficaram, aparentemente, transfigurados em problemas que o governo cria para impedir o crescimento do país. Volta o discurso da qualidade, transmutada em oportunidade.

De antemão nos foi apresentado, neste mesmo seminário que, no uso desse discurso do convencimento, carregado de jogadas estratégicas (como por exemplo, o otimismo para combater o desânimo, a estagnação), que se as coisas não vão bem é por que existe a má vontade do governo, e outros setores, entre outros. Mais ainda, existe a possibilidade de um crescimento sustentado, desde que deixem-os trabalhar, incentivem-os reduzindo as taxas de juros, empecilho seu, mas sua justificar que prejudica o crescimento do país.

E vemos, nessa seqüência do discurso, o seguinte:

É preciso reagir ao que está acontecendo, para mostrar que o futuro que queremos só será construído com a participação de todos e que, mais do que controlar, é necessário prestigiar as iniciativas e o empreendedorismo, que fazem um país crescer e evoluir, bem como ocupar os espaços cada vez maiores que se abrem.

O núcleo da saída para a questão da empregabilidade não está no governo nem nas grandes corporações, embora venha delas o volume de investimentos que está segurando o lento processo de desenvolvimento dos últimos anos. Todos sabemos que um dos caminhos mais eficientes para reduzir o desemprego é o fortalecimento das micro, pequenas e médias empresas. Mas, como bem lembrou Yvonne Capuano, hoje essas empresas mais morrem do que nascem. Não por falta de idéias, mas sim porque, depois de muitas idas, vindas, propostas e mudanças, nada de concreto aconteceu nesse campo. (AGITAÇÃO 57, 2004: 63-64)

Damos conta que, se falam em nome das micro, pequenas e médias empresas, a briga é para pôr a mão no dinheiro – investimento – dos grandes empresários, das “grandes corporações”, por considerarem que são eles que estão segurando o processo de desenvolvimento. Vejamos por outro ângulo: a disputa por espaço, nesta luta dentro da chamada classe

empresarial, pois então, como podemos ver a presença de um representante do governo junto ao seminário, palestrando e defendendo o espaço criado pelo governo? Atentemos para as palavras de Misael Goyos de Oliveira, assessor da *Secretaria de Políticas Públicas de Emprego do Ministério do Trabalho e Emprego*:

O governo reconhece a necessidade de investir numa política voltada exclusivamente para os jovens. Hoje, dos 34 milhões de jovens do Brasil, 11 milhões fazem parte de famílias cuja renda per capita é menor que meio salário mínimo. Então, a par da preocupação de, na parte belga do Brasil, qualificar, concorrer internacionalmente, temos de cuidar do resgate do povo, pois, mesmo nas épocas em que o país crescia, existia marginalidade, que hoje se reflete na violência que bate à nossa porta ou que arromba nosso carro.

O Programa Primeiro Emprego visa, num primeiro momento, atacar o problema de um país que inchou e gerou um déficit social. [...]

Notadamente na questão do estágio, quero convocar os interessados na modalidade a criarmos fóruns de debates em que se garanta, sim, que o jovem permaneça na empresa, que ele seja incentivado para realizar o estágio, mas que o trabalho não crie empecilhos ou dificuldades para prosseguir na sua formação pessoal e profissional, porque, a par do desafio de resgatar a população de renda mais baixa, temos que levar à frente as tarefas de qualificar de forma mais refinada a população que teve maiores oportunidades. (AGITAÇÃO 57, 2004: 66)

Acaso trataremos de perguntar por que deram este espaço para ele, em nome do governo, expressar suas defesas? O interesse é atacar ou solicitar apoio do governo? Esse grupo, ao que tudo parece, quando os vemos permitir essas palavras e ao torná-las públicas, não quer perder o apoio do governo.

No entanto, este interlocutor usa algumas falas que precisam ser detidas com maior atenção: *“parte belga do Brasil; nas épocas em que o país crescia, existia marginalidade e qualificar de forma mais refinada a população que teve maiores oportunidades”*. O que nos sugere? Pensaremos como uma puxada de atenção para críticas feitas ao governo? Ou como uma forma de chamar atenção dos referidos grupos de grandes corporações? Por que quando continua, ele diz:

Não há, por parte do Ministério do Trabalho nem do governo federal, a intenção de colocar limites à atividade de estágio, mas de promover, com o CIEE e com o empresariado, uma ampla discussão que garanta que o estágio não seja um processo de precarização do trabalho e que assegure ao jovem um tempo para estudo. (AGITAÇÃO 57, 2004: 66).

Estariam, então, os empresários, responsáveis pela ONG CIEE, pedindo alívio ao governo que os grandes donos de corporações não estão dispostos a oferecer para que os mesmos tenham uma parcela no bolo, no lucro almejado? Aqui vemos uma briga que não acaba nesses encontros, nem em discussões abertas para chamar a atenção da opinião pública.

Outro fator, nas estrelinhas deste debate, a discussão sempre fica em torno das questões político-econômicas, acusando quando precisam, amaciando quando convém, sem sequer tocar na situação do jovem trabalhador, nas suas condições para entrar no mercado, nos seus direitos diante do tal emprego. Falar em desemprego e em situação social é resolver os problemas existentes numa sociedade?

Nas palavras de Francisco Prado de Oliveira Ribeiro, *Secretário do Emprego e Relações do Trabalho do Governo do Estado de São Paulo*, daquele momento:

O governo de São Paulo não quer inventar nada em termos de emprego. Está aderindo à Rede Brasileira das Entidades Assistenciais e Filantrópicas (Rebrafi), formada por empresas, CIEE e ONGs, buscando lograr resultado com o menor custo. Tenho medo, quando se fala em questão social no Brasil, de que o custo da solução venha resultar em aumento de tributos. Na verdade, se aumentarmos os impostos para tentar resolver o problema social, vamos criar mais desemprego, dificultar o empreendedorismo e a pequena empresa, que soa muito importantes para nós.

O Estado de São Paulo tem a boa experiência do Banco do Povo, que financia entre 500 reais e 5 mil reais para o pequeno empreender. No início, imaginamos que esse pequeno empreendedor apenas obtivesse renda para sua família, mas tivemos uma surpresa. Em média, depois de um ano de assistido pelo Banco do Povo, ele tem três empregados. Isso mostra que, para ter sucesso, não é preciso inventar nada, pois essa iniciativa já existe no país inteiro.

O que precisamos, efetivamente, é trazer empresas para dentro do governo. É o caso do Grupo Votorantim, que resolveu participar do nosso sistema de colocação de pessoal e aceitar egressos da Febem para treinamento dentro das empresas. O primeiro grupo é formado por 25 meninos que haviam começado aquilo que poderíamos chamar o estágio nas empresas e estavam realmente aprendendo. Um deles falou do resgate que sentiu ao ser admitido e tratado como gente dentro de uma empresa. São experiências que mostram que a solução dos nossos problemas pode ser menos difícil do que parece. Depende de nós, e não do governo. (AGITAÇÃO 57, 2004: 62)

Notamos nessa fala o apoio aos trabalhos do CIEE, inclusive que o governo nada pretende fazer contra o estágio, apoiando a idéia e a incentivando. Chamando a atenção de outros empresários, na fala deste representante do governo de São Paulo, usando o respaldo de grande significado: a *Votorantim* que, segundo o mesmo, está apoiando. E, mostrando um exemplo, será que acreditam que o problema todo está resolvido?

Uma forma instigante de afirmar suas palavras e de tentar comprometer outras empresas de grande respaldo a nível nacional. Ao final de sua fala, deixa um recado, no mínimo apelativo aos demais empresários e executivos: *“Depende de nós, e não do governo”*. Até mesmo por que, se formos analisar, estavam dizendo que, no momento, o governo do Estado de São Paulo, não impunha empecilhos aos empresários, mas sim demonstravam condições ou parceria com os mesmos. Há que se considerar que, em sua grande maioria, os próprios empresários, em muitos momentos de suas vidas, ocuparam cargos nos governos.

Por isso que, desde a década de 1990, as ações lidas na revista, bem como os apelos acima já citados e diante de uma leitura referenciada, temos que:

Em 1998, o CIEE foi marcado por reformulações que visaram a dinamização da Instituição como um todo. O objetivo foi o de capacitar o CIEE, em todo o território nacional, a atuar voltado para as novas tendências, agregando valores em serviços e produtos.

O CIEE investiu em recursos tecnológicos e de infra-estrutura para atualizar suas unidades e possibilitar a interligação e melhoria de processos. (AGITAÇÃO 25, 1999: 3).

O que precisamos neste momento é perceber o que se torna importante – as características, as qualidades que são apontadas por esse grupo como fundamentais – para o jovem estudante estar apto, estar preparado e ser selecionado para estas *oportunidades*, pois são “*novas tendências*” que exigem “*a interligação e a melhoria dos processos*”, sem com isso deixar de especificar todo o seu comprometimento: o seu investimento que, já vinham fazendo para chegar à realidade da importância de sua atuação.

A afirmação não é única, não está sozinha, pois existem outras colocações que afirmam essas oportunidades pintadas em características como essenciais para a mudança, como por exemplo, a criatividade, que é o “*fator estratégico para um Brasil competitivo*, mas que é inerente ao País; que *precisa mudar o padrão histórico-cultural em que é a política o campo intermediário ao desenvolvimento*”. (AGITAÇÃO 22, 1998: 5). Essas palavras são ditas em um “Fórum de Debates no CIEE” sobre a “realidade brasileira”, pelo jornalista econômico Luís Nassif, apontando perspectivas, fazendo considerações sobre a economia brasileira.

Seguem dizendo, no “*editorial*”, escrito por Antônio Jacinto Caleiro Palmas, presidente do conselho de administração do CIEE e professor de FGV, que o ano de 1998 foi de reformulação:

Mas um dos pontos de maior concentração de esforços foi o desenvolvimento e conscientização de um princípio muito importante: O CIEE é uma instituição que pertence ao 3º Setor. Portanto, deve exercer, estimular e incrementar ações de filantropia.

Praticar a filantropia e propiciar o avanço do 3º Setor é colaborar decisivamente com o desenvolvimento social em nosso País, apoiar e incentivar o crescimento econômico sustentado. Para tanto, a parceria entre os setores da sociedade é a forma que consideramos mais adequada para resolvermos problemas e anteciparmos medidas essenciais para o futuro. Por meio dela, é possível localizar áreas e assuntos de interesse comum, reunindo recursos, idéias,

inteligência e experiência, ou seja, o melhor de cada uma das partes, para caminharmos definitivamente para um futuro acolhedor e próspero.

O CIEE tem investido fortemente na consolidação de parcerias já existentes e abrindo frentes importantes para a criação de outras. Os resultados registrados foram excelentes, comprovando que investir em filantropia é, e será cada vez mais, de interesse para as organizações que já reconheceram a importância dessa atividade, tanto para a sociedade, quanto para seus negócios. (AGITAÇÃO 25, 1999: 3).

Uma fala que ultrapassa as próprias explicações: *“investir em filantropia”* – em que diversas matérias trouxeram aspectos da filantropia e de como a instituição faz sua parte, não sendo *“pilantrópica”*, pois o que o grupo deixa explícito são os investimentos que fazem e que consideram grandes, mas ainda falta conscientização para que outros empresários façam a sua parte, que invistam também para o *“desenvolvimento social em nosso País, apoiar e incentivar o crescimento econômico sustentado”*.

O discurso é de convencimento por que falta ajuda? Ou por que existem dissonâncias entre os próprios empresários? Como já os lemos questionando antes, quem é que precisa ser mais responsável? É um pedido para transformar essa responsabilidade em ajuda financeira?

Para isso, continuar argumentando sobre seu papel atuante na sociedade se faz tão presente em muitas publicações, como por exemplo:

Em editorial recente, a Gazeta Mercantil criticou o descaso com que vem sendo tratada a atuação do CIEE, apesar de ser exemplo de trabalho num 3º Setor que se revela fundamental para o desenvolvimento. Nos sete anos de parceria, a Gazeta Mercantil é testemunha do esforço que o CIEE realiza para abrir oportunidades aos jovens, contrariando a ação daqueles que vêm não para construir, mas para criar problemas. Não é possível mais aceitar a degradação das conquistas alcançadas nos últimos tempos. Essa crítica não se dirige apenas aos governantes, mas também à elite, que não assume por inteiro sua responsabilidade em um país que se pretende democrático e que, por isso mesmo, precisa respeitar seus cidadãos, suas instituições e suas organizações, tratando ainda de dar condições para seu florescimento. (AGITAÇÃO 57, 2004: 63).

Dois tópicos aqui são imprescindíveis para discussão diante de nossa problemática. Em primeiro lugar há uma luta de classe dentro da classe empresarial, pois nas palavras de Luiz Fernando Ferreira Levy, presidente do conselho da *Gazeta Mercantil*, na sua palestra “*Um bom futuro depende da força do terceiro setor*”, no VII Seminário CIEE/GAZETA MERCANTIL do Terceiro Setor⁴² sob o tema “*A Empregabilidade e a criação de melhores condições de trabalho para a juventude brasileira*”, percebe-se que há uma tensão quando chama à responsabilidade à *elite*. Mas acaso os envolvidos nesse processo, assim como o interlocutor, não fazem parte desta mesma elite?

O segundo ponto, é que existe um recado para que o CIEE possa fazer sua parte, pois, segundo a fala, não existe respeito pela ação feita pela instituição, em que críticas surgem como se fosse uma resposta a quem estaria impedindo a ação do CIEE. Como testemunha do esforço e pelo apoio, que questionaremos também em que contexto e intenções, o presidente do conselho da *Gazeta Mercantil*, roga-se de advogado em defesa do CIEE, pois, como parceiro, também é um dos envolvidos nesse processo de arregimentação de jovens.

Seguindo as falas realizadas neste mesmo evento citado acima, VII Seminário CIEE/GAZETA MERCANTIL do Terceiro Setor, perceberemos uma crítica muito enfática tanto para que permita o “Terceiro Setor” continuar sua atuação, quanto para que haja “*políticas de apoio a iniciativas bem sucedidas no campo do trabalho*”. (AGITAÇÃO 57, 2004: 56). Lemos o seguinte:

Não se quer do presidente Lula nenhuma ajuda material. Hoje, há um milhão de jovens ansiando pelo primeiro emprego. Deseja-se uma melhor compreensão do problema. [...]

Nos seus 40 anos de atividade, o CIEE já efetivou o pagamento de 5 milhões de bolsas para estagiários, em 150 mil empresas brasileiras que são suas parceiras. Diante disso, nós nos sentimos à vontade para reivindicar que o governo

⁴² Artigo *Contra a Invenção da Roda* – que mostra o que aconteceu nos debates do VII Seminário CIEE/Gazeta Mercantil do 3º Setor, pág. 56-66.

federal nos ajude nesse trabalho, até porque a concessão dos estágios não necessita de subsídios governamentais ou subvenções do Tesouro Nacional. [...]

Reconhecemos que ao governo não cabe criar empregos, porque essa não é sua função. Mas é sua obrigação proporcionar os meios e oferecer os estímulos para que a economia troque a recessão pelo desenvolvimento, o mais breve possível. Mas ele parece estar um tanto quanto imobilizado no olho do furacão. Pior, não demonstra a percepção de que a superação da crise do emprego não virá de soluções pontuais, que não passam de remendos, mas sim do enfrentamento corajoso e sério das causas que a alimentam.

O CIEE é uma casa de jovens. Por isso, tem uma forte preocupação com o destino que espera o 1,5 milhão de jovens que, anualmente, batem à porta do mercado de trabalho, em busca de seu primeiro emprego. Eles pouco podem esperar. Programas de inserção no mercado de trabalho são anunciados com fanfarras e fartas doses de otimismo, mas não conseguem sequer decolar. Enquanto isso, experiências bem sucedidas têm sua continuidade colocada em risco, não se entende bem em nome do quê. A confusão é tanta que até mesmo os estágios curriculares estão sendo atacados por setores de alguns ministérios, interessados em emplacar alguns projetos de leis de sua lavra. [...]

O que incomoda muito é que a sensação de desperdício, diante da enorme quantidade de jovens que o país não aproveita. (AGITAÇÃO 57, 2004: 56-60)

Por que esta mão sedosa ao governo? E ao mesmo tempo um ataque severo para deixar com que façam sua parte? Por que usar do argumento de que o desemprego aumenta cada vez mais e que têm o remédio para isso, se podemos confrontar com esse argumento pelo fato de que estamos falando de jovens? Quais são os tais setores que são parceiros e o que querem?

Nesta série de questionamentos, antes de qualquer resposta, teremos que os ver, nesta fala, apelando e dando um recado ao governo ao mesmo tempo. Se olharmos para alguns anos anteriores a esta fala, os veremos falando muito bem da criação do “Programa Primeiro Emprego”, deste modo:

Dentre os grandes e complexos problemas com que se defrontou o governo Lula, por ocasião de sua posse em janeiro passado, sobressai o do desemprego, que diariamente atinge trabalhadores despedidos de seus postos de trabalho ou impede os novos candidatos, todos jovens cheios de esperança, de adentrarem o

mercado. Os números são impressionantes. Só na faixa etária dos 16 aos 24 anos existem 3,4 milhões de jovens em busca de uma primeira ocupação. Daí que o Programa Primeiro Emprego cegou na hora certa para, unindo esforços do governo e do empresariado, oferecer uma solução inteligente para o problema.

O CIEE sentiu-se honrado e envaidecido, pela oportunidade de promover, juntamente com o Instituto Roberto Simonsen, da FIESP/CIESP, o lançamento do Programa Primeiro Emprego, em São Paulo, como também de explicitar os seus próprios projetos, voltados para as mesmas preocupações que inspiram o Ministério do Trabalho e Emprego a elaborar e implementar este tipo de ação. (AGITAÇÃO 52, 2003:5)

O que aconteceu? O namoro acabou? Como é possível logo após ter apoiado, feito a lançamento do programa do governo federal, atacá-lo como o fez, no ano posterior?

Lendo, em Domenico Losurdo, que:

[...] trata-se de uma história, da qual é necessário apenas focalizar o objeto: não o pensamento liberal em sua abstrata pureza, mas o liberalismo, quer dizer, o movimento e as sociedades liberais em sua concretização. Tal como para qualquer outro grande movimento histórico, trata-se de indagar certamente as elaborações conceituais, mas também e acima de tudo as relações políticas e sociais nas quais ele se manifesta, assim como a ligação mais ou menos contraditória que instaura entre essas duas dimensões da realidade social. (LOSURDO, 2006: 11-12)

É contraditória a realidade, tantas vezes uma contradição disfarçada em elogios, mas que nos permite associá-la ao desejo latente dos homens de negócio, diante de tudo isso, da sempre presente concorrência de diversos setores: o grupo quer ter amplo espaço para atuar e quer ter a liberdade político-econômica que os faria despreocupados assumir o controle da situação.

Deste modo, nessas relações sociais contraditórias, neste jogo de interesses de um grupo dentro de outro (empresários X empresários), atentamos para a precarização das relações de trabalho e para a conexão do despertar nos jovens a possibilidade de encontrar a sua saída. Enquanto isso

as mazelas continuam aumentando, as incertezas aos trabalhadores, a precarização continua se enraizando nas relações trabalhistas. A desintegração, a desmobilização, como frutos de toda essa argumentação politiqueria, acaba fortalecendo uma série de infortúnios a todo trabalhador brasileiro.

Poderemos utilizar um discurso, inclusive matéria da capa da revista 24, sobre os “*Rumos do Brasil até 2020*”, realizada pelo embaixador e secretário de assuntos estratégicos da “Presidência da República”, Ronaldo Motta Sardenberg⁴³ e que, portanto, percebemos possuir um respaldo muito grande, quando afirma:

O Futuro brasileiro mais perto do sonho

Para quem está acostumado a pensar e planejar a curtíssimo prazo, um alerta: os tempos mudaram e o novo Brasil exige agora uma postura diferente, de busca constante por alternativas que trarão resultados lá na frente. E um alento: nós podemos construir um futuro promissor.

Que futuro queremos? Com maior ou menor ênfase, essa pergunta vem sendo repetida desde o final dos anos 70, quando o Brasil iniciou uma verdadeira revolução interna, que está modificando a face nacional e que tem, como pontos altos, o processo de redemocratização e a conquista da estabilidade da moeda.

Tão importante quanto definir o futuro desejado, é ultrapassar a fronteira do sonho e descobrir os caminhos que permitirão que esta e as próximas gerações cheguem lá.

A idéia é bastante simples: se a História tem sempre lições que, extraídas do passado, permitem entender o presente, não há como negar que as sementes do futuro já estão plantadas no presente. Então, porque não começar agora a desenhar e construir a realidade brasileira do próximo século, buscando escolher o lugar que o País ocupará num mundo globalizado?

É difícil, mas não impossível, executar a tarefa de planejar o futuro, como mostra o Projeto Brasil 2020, que está em desenvolvimento na SAE - Secretaria de

⁴³ Formado em Direito pela UnB, em 1963, concluindo em 1964 o curso tradicional do Instituto Rio Branco de diplomacia de carreira. Exerceu magistério no Instituto Rio Branco, UnB. De 1967 a 1970 foi secretário da embaixada brasileira em Washington, representante das Nações Unidas até 1974. Em 1983, promovido a embaixador, assumiu a embaixada brasileira em Moscou até 1985, depois, até 1988 foi embaixador brasileiro na Espanha. Em 1990 e 1994 foi representante permanente do Brasil nas Nações Unidas, presidindo o Conselho de Segurança da ONU, em outubro de 1993. Supervisor da AEB – Agência Especial Brasileira, foi titular da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, responsável pelo Projeto Brasil 2020 – de preparação de cenários a longo prazo para o País.

Assuntos Estratégicos da Presidência da República e que objetiva traçar os cenários possíveis para um horizonte que não está tão distante e nem tão longe quanto parece. (AGITAÇÃO 24, 1998: 30-31)

Alguns caminhos nos levam a perceber que a crítica não é em relação propriamente ao trabalho, à função do CIEE, mas, sim para perceber, novamente como as afirmações acima são de espera para ações concretas do governo, pois atualmente o projeto está na fase de consulta ampla, na qual a ferramenta de trabalho são três cenários brasileiros, relacionados com variações possíveis de ocorrer no desenvolvimento do processo de mundialização no planeta:

A cada virtude, a globalização pode apresentar um defeito correspondente.

Por exemplo, não é absolutamente claro que o curso da democracia seja estável, considerando as manifestações contrárias a ela, sobretudo o terrorismo, mas também atividades como narcotráfico, que minam a tessitura social dos países. (AGITAÇÃO 24, 1998: 30-31)

Segundo Sardenberg, o que importa é descobrir se é possível combater a tempo os aspectos perversos da mundialização, *“essa tendência ao lento crescimento econômico, à instabilidade financeira, ao desemprego e à marginalização”*. Argumentando acerca da democracia, em tom de dificuldade de mantê-la se as coisas não caminharem para o seu desenvolvimento planejado. Ainda mais quando fala: *“é importante ter um cenário de catástrofe, pois nos permite manter o realismo em relação às outras possibilidades”*. (AGITAÇÃO 24, 1998: 30-31). Outro significativo aplicativo é esse realismo, onde o planejamento, nas idéias de Sardenberg, deve acontecer com legitimidade.

Segundo suas palavras:

Na ótica de um país que não está liderando esses processos, é fundamental saber se a internacionalização poderá oferecer perspectivas de bem-estar a todos os povos do mundo ou se resultará numa concentração da qualidade de vida se bem que no caso brasileiro, pelo menos por enquanto, podemos ter um certo otimismo. (AGITAÇÃO 24, 1998: 30-33)

Recordemos que falávamos em crítica ao governo, mas o que vemos acima são palavras de que existe um caminho, que os estudos dos especialistas dizem ser possível. Então voltamos à pergunta também já formulada: novamente dizem atacar o governo, mas dão espaço para que um representante deste fale abertamente sobre o que está fazendo, por quê? Melhor ainda: entendemos a sua legitimação com otimismo como forma de ações empresariais serem aceitas e implantadas, pois as sentem legítimas perante seu papel de manter o curso da história.

No entanto, é na própria revista, que podemos esboçar uma idéia acerca do que pensam os empresários: estão em busca de novas parcerias e as apresentam:

Quando todos ganham

Num mercado cada vez mais competitivo, o investimento em recursos humanos é ponto estratégico e fundamental para as empresas manterem-se vivas, produtivas e conquistando os seus consumidores. Entre as ferramentas utilizadas na política de Recursos Humanos, os programas de estágios vêm ganhando reconhecimento e força. (AGITAÇÃO 24, 1998: 12)

Nada sutil será a colocação de que a empresa não pode perder, que ganhar tempo é sinônimo de lucro. As empresas – mais uma vez a revista chama a atenção de outros empresários, muito poderiam ganhar com o investimento nos jovens, porque eles podem representar essa inovação. São eles que trariam para dentro das empresas essa capacidade de constante especialização, como um agente decisivo para superar muitas dificuldades da própria empresa. É a maneira que os empresários encontraram de dizer que se empenham para ajudar a nação, clamando, além disso, para si outros empresários que queiram se comprometer.

Lemos:

Por conta da importância dessa relação empresa-escola, o setor produtivo esforça-se constantemente para agregar a essa prática organizações conscientes de seu compromisso com o futuro das novas gerações e da própria nação. O fato é

que uma empresa que saiba aproveitar o capital humano disponível estará dando enorme passo para a ocupação de espaço no mundo globalizado e competitivo. (AGITAÇÃO 73, 2007: 82)

A instituição, assim como tantas outras, conta com números para demonstrar e comprovar sua eficácia, seu espaço. Não poderíamos deixar passar algumas considerações sobre isso, pois todos os anos, em seus levantamentos ou pesquisas encomendadas, surgem expressivas somas de dados que são utilizadas perfeitamente para “mostrar” sua atuação, quais sejam:

- **350 mil** estudantes dos ensinos médio, técnico e superior em estágio, em todo o País;
- **8 milhões de estudantes encaminhados para estágio em 250 mil** empresas e órgãos públicos parceiros, ao longo de 45 anos de atuação;
- **25 mil** instituições de ensino conveniadas;
- **300 pontos** de atendimento;
- **2.824 cursos** cadastrados, 62% do nível superior e 38% de educação profissional;
- **Mais de 12 mil** jovens encaminhados a programas de aprendizagem em 3 mil empresas em todo o País;
- **1 milhão** de jovens freqüentaram cursos e oficinas do Programa de Desenvolvimento Estudantil, em todo o Brasil, desde o seu lançamento, em 1996;
- **555 mil** pessoas beneficiadas pelo Programa de Educação a Distância desde 2005;
- **64%** dos estagiários são contratados após a primeira ou segunda experiência de estágio, segundo pesquisa do instituto TNS InterScience;
- **1 bilhão** de acessos/ano ao Portal do Estagiário;
- **1,5 milhão** jovens cadastrados no banco de dados;
- **35.000** nomes registrados no cadastro de recém-formados, totalmente renovados a cada dois anos, para atender aos programas de trainees das empresas;
- **50 mil** pessoas atendidas pelo Programa CIEE de Alfabetização Gratuita de Adultos;

*- 6,2 mil estudantes com deficiência encaminhados pela instituição para estagiar em empresas e órgãos públicos, por meio do Programa CIEE Pessoas com Deficiência.*⁴⁴

São dados que mereceriam estudo de caso a caso, mas como o objetivo é chegar ao ponto de verificar a visão do estágio para o mundo empresarial, queremos e poderemos perceber a importância da quantidade de jovens estagiando, ou seja, no momento em que a informação nos foi lançada, segundo os dados, 350 mil estudantes estão em estágio.

A primeira impressão é de que isso é algo relevante só pelo número em si, no entanto, quando buscamos um contraponto, nos relatórios acerca do desemprego de jovens⁴⁵, poderemos encontrar que: na América Latina, dos 16 milhões de desempregados, só no Brasil, que a população jovem é de 50,2 milhões, destes são 4,6 milhões desempregados.

Estamos diante de algo que não é para ser mostrado/comparado ou sequer teremos oportunidade de questionar a ínfima quantidade de jovens abarcados nesse processo. Lendo outro dado interessante, sobre a percentagem de jovens que se efetivam nas vagas de trabalho, após um ou dois estágios, que contam com 64%, é um alto valor para ser encarado por jovens à procura de uma colocação. Mas não existe uma comparação em relação ao universo total, pois 64% é uma amostra restrita, não representando o dado total de estudantes que conseguiram se efetivar no trabalho após estágio.

Todo esse uso que fizemos de dados, além de nos fazer parar para pensar na estratégia que é como ferramenta de manipulação pelo convencimento que os números trazem em si, é uma oportunidade de checar

⁴⁴ Números cedidos pela Assessoria de Comunicação do CIEE, dia 23 de março de 2009. Dados assim são lançados no Relatório Anual da Instituição também, tanto na forma impressa como virtual.

⁴⁵ Dados disponíveis na OIT (Organização Internacional do Trabalho – escritório no Brasil) - <http://www.oitbrasil.org.br/>; no IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) <http://www.ipea.gov.br/default.jsp>, entre outros locais que podemos ler sobre o assunto. Último acesso em dezembro de 2009.

nas páginas de *Agitação* o seu uso, assim como a afirmação constante dos executivos à frente da instituição do significado que ela tomou nos seus 45 anos de existência.

Para refletirmos sobre isso, usando de palavras expostas na própria fonte, na coluna “novas idéias”, encontramos algumas razões sendo apontadas pelos executivos:

É preciso refletir sobre a crise do emprego.

[...] a abertura de vagas não é suficiente para absorver o contingente que chega ao mercado.

[...] no cenário da globalização a busca da competitividade estimula o enxugamento dos recursos humanos e provoca alterações nas relações de trabalho.

As empresas disputarão o profissional flexível, criativo, e especializado, mas capaz de dominar o conhecimento sobre a sua atividade.

É preciso refletir e agir com inteligência.

Nesta situação, o estágio nas empresas ganha importância, como meio de formação dos futuros profissionais. As empresas serão beneficiadas ao colaborar na preparação destes profissionais, dotando-os de habilidades e competências que se antevêem como exigência do mercado produtivo.

Os estudantes estarão em sintonia com a realidade, pois o estágio é também um valioso canal de intercâmbio ente o ambiente acadêmico, no qual são gestados os avanços tecnológicos, e a prática empresarial, que os tornam acessíveis ao consumidor e, ao mesmo tempo, capta as aspirações e necessidades da sociedade. (AGITAÇÃO 22, 1998: 22)

A grandeza da fala é orientada no sentido de fazer o jovem sentir-se ao mesmo tempo amedrontado com a situação e, por outro lado, encorajado a seguir este caminho. Afinal ele está familiarizado com o tempo em que vive, ou melhor, conhecendo as tecnologias, fica mais fácil, prático, barato moldá-lo *às necessidades da sociedade?*

Em tempos de novas condições de trabalho e da irregularidade⁴⁶ do trabalho, temos um debate social sobre a regulamentação da carga horária

⁴⁶ Em *Costumes em Comum*, de E. P. Thompson temos um estudo importante sobre isso. (ver pág. 297-304).

do estágio, deste modo, não vamos muito além para perceber a “sintonia” da inteligência citada na fala acima, por que o debate é antecipado para que as regras do jogo mudem, mas mudem conforme suas próprias necessidades. É um debate feito ao longo de muitos anos, mas quando o governo resolve que algo tem que ser feito para mexer na estrutura do estágio, a mobilização será rápida para, mais uma vez, mostrar o quanto “*cumprem seu papel*”, como preocupam-se com os jovens estudantes.

Aumentou a discussão acerca da necessidade de regulamentação da legislação sobre estágios. Essa discussão não é nova, ela tem duras críticas de ambos os lados. Então, ao lermos, ao longo desses anos sobre o assunto, quando interessa ao grupo, dizem que o governo acertou, quando não lhes convém, o governo é o culpado pela situação em pauta ou ainda que deva a sociedade tomar providências para junta resolver as mazelas surgidas.

Vejamos neste caso, argumentação presente em *Agitação* para polemizar o assunto⁴⁷:

Não dá para entender a oposição ao estágio movida por setores de um governo que alardeia defender a inclusão social do jovem. [...] Na realidade, o jovem carente que não estiver usando seu tempo num estágio estará jogando na ociosidade da rua, onde a escola do crime prospera a olhos vistos (AGITAÇÃO 69, 2006: 30-31).

⁴⁷ A primeira revista que temos menção a isso é a número 54, 2003, página 38, no entanto, só no ano de 2008 (AGITAÇÃO nº 84: 64-65) que temos uma referência a debates sobre o tema, onde questionam se o estágio ajuda ou atrapalha o aprendizado, dizendo que empresas e universidades não se entendem sobre a carga horária e quem sai perdendo é o estudante. Mais adiante, teremos em outros exemplares, o debate continuado das novas regras para estágio, inclusive com publicação, para os jovens, de cartilha, a qual ainda não pude tomar conhecimento, pois não recebi exemplar solicitado. A referência a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, “Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências – disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm, último acesso dia 29 de Janeiro de 2010.

E, temos, por outro lado, a atuação do “Terceiro Setor” que quer trabalhar, quer agir, mas sente-se de mãos atadas, diante de dificuldades:

Os governantes não se mostram interessados ou capacitados para enfrentar ou resolver tais questões (referem-se ao que o governo não faz na sociedade, mas que o 3º setor tem feito muito bem).

[...] *Os senhores serão punidos porque estão dando uma má lição, desmoralizando-me, ao demonstrar que o que eu deveria fazer, não faço; por isso, terão de pagar tributos para fazer o que eu deveria fazer e não faço!* (aqui fala dos empresários sendo punidos com o pagamento de impostos por afrontarem o governo, cumprindo as funções que seriam suas – do governo) (AGITAÇÃO 51: 22-28).

Então, em ambos os casos citados, vemos uma forte oposição ao governo que não cumpre seu papel, segundo a visão empresarial e, que também, não deixa os empresários fazerem o que se sentem na obrigação solidária de fazer: ajudar a resolver problemas sociais (ociosidade, crime), pois são pessoas que buscam soluções para *“complexas e graves questões, que há muito desafiam a sociedade”*. É uma armadilha perigosa, mas que temos que entrar com a chave na mão para dizer: interesses estão em choque. Precisamos estar com a pergunta um tanto óbvia: Criticar quem e por quê?

Esse ataque frontal ao governo é feito publicamente em seminário realizado pelo CIEE, para discutir o “Terceiro Setor”, contando com a presença de muitas autoridades, inclusive do próprio governo. Um exemplo que citamos é Francisco Prado de Oliveira Ribeiro, *Secretário Estadual do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo*.⁴⁸

Indo mais além na investigação, percebemos que a crítica sai dos ombros do governo ou de qualquer membro reconhecido, toda a sociedade é responsável e precisa fazer algo:

⁴⁸ Secretário no período de 02/01/2003 à 12/07/2005, portanto engloba o governo neoliberal de Geraldo Alckmin. Em suas palavras apóia o terceiro setor para absorver a mocidade que o governo não consegue/conseguiu e deixou chegar ao ponto em que está.

[...] por razões que extrapola, a vontade de governos e da própria sociedade, esse será para a maioria absoluta da população, o único grau de escolaridade a ser freqüentado. Daí a necessidade de que seja ele o mais qualificado e eficiente nos seus propósitos, meios e resultados, pela simples razão de que é pelo ensino fundamental que se inicia a inclusão de todos na prática participativa da cidadania. [...] Desenvolvimento, diga-se de passagem, que não pode ser fruto apenas do esforço das elites, se não que, para ser sustentado e duradouro, depende da ativa, consciente e competente participação de toda a sociedade. (AGITAÇÃO 55, 2004: 84-85)⁴⁹

Aqui as argumentações, feitas pelo Sr. Paulo Nathanael Pereira de Souza, doutor em educação e presidente do conselho diretor do CIEE nacional, nos faz pensar que os problemas vistos por avaliações feitas por organizações nacionais e internacionais sobre índices da qualidade de vida do povo brasileiro, que, segundo ele, são o freio para o desenvolvimento econômico-social do País, não é culpa da ação do governo nem das elites que ajudam solidariamente, mas que a própria sociedade é que precisa agir.

Ao questionarmos a precarização da inserção juvenil no mercado de trabalho, verificaremos que há um aumento e aprofundamento da vulnerabilidade do jovem na ausência das garantias de direitos sociais básicos. Em um artigo, sobre as mudanças recentes na regulamentação do trabalho juvenil, temos:

As incertezas sobre o presente e a conseqüente impossibilidade de reflexão sobre o futuro causado pela precarização, intensifica a condição de vulnerabilidade do jovem, na medida em que impede a resistência deste segmento como uma unidade, perante os novos ditames neoliberais. [...] O aumento do desemprego e formação de um exército de reserva cada vez maior, conjunto da instabilidade na inserção profissional, contribui para dar a cada trabalhador – esteja dentro ou fora do mercado de trabalho – a impressão de que não é insubstituível, tendo por conseqüência a inviabilidade de uma mobilização entre os trabalhadores e

⁴⁹ A edição 55 comemora os 40 anos da ONG CIEE. Matéria O Ovo da Serpente (pág. 84-85), em que chama a atenção para o ENSINO FUNDAMENTAL: *Como educador, estou absolutamente convencido de que a origem de todos os males da educação brasileira, suas crises, insuficiências, distorções e injustiças, localiza-se no ensino fundamental, já chamado em outros tempos, de primário e ginásial ou de 1º grau.*

desempregados, como forma de reação às novas condições de trabalho. (SILVA & BORGES, 2007: 58)

Eis a oportunidade de fazermos referências às mudanças políticas em nossa nação que, se por um lado, dizem regulamentar as condições de trabalho, por outro, diante de um mercado contraditório e pelas transformações do Estado *“que em uma de suas facetas garante direitos, porém noutra os tira, deixando a juventude à mercê de vai-e-vens econômicos e de opções do mercado para garantir maior produtividade”*. (SILVA & BORGES, 2007: 58)

Portanto, nossas preocupações, nos esclarecimentos que temos e acreditamos poder fazer, estão relacionadas a percebermos que os governos brasileiros e os grupos empresariais estão atrelados por essa situação, pouco ou nada fazem pela situação em que se encontram a grande massa jovem.

Ademais, considerando que as relações entre empresários e governo são intimamente de vínculo de interesses da manutenção, pensamos que são os mesmos personagens que dançaram a mesma música em outros tempos, apenas alterando a nomenclatura. Longe de acabar com a situação. Quem teria interesse em acabá-la? Ou mais ainda: quem diz que anunciar mudanças é sinal de que algo está incomodando, ou seja, quem se incomoda?

Várias são as indicações para lermos uma interpretação da época em que vivemos como democrática, de plenos direitos. Também é uma forma poderosa de nos fazer acreditar na máxima de governo do povo, para o povo. Poderemos incorrer num grave erro de pressupor que houve um corte nas relações entre governo e grupos de controle financeiro no país. Pelo contrário, vemos a permanência de governos atrelados aos interesses de grupos de banqueiros, de grandes empresários, pois esta aproximação equivale para ambos a sua sustentação e a manutenção no poder.

Encontramos aqui a luta de classes dentro da própria classe. Nem todos tiraram vantagens das transformações financeiras dos tempos

posteriores à democratização do país, pois quando falamos em empresários, temos que sabê-los diferentes dos representantes dos grandes conglomerados financeiros ligados ao capital internacional. Intitulam-se profissionais liberais, advogados, executivos, professores universitários, administradores, homens de negócios.

CAPÍTULO 2

Cooptando no tempo e no espaço

2.1. A *Agitação* e a prática empresarial na década de 1990: perspectiva de empresário e de estágio

O estágio, muitas vezes, se configura como a primeira oportunidade para o jovem ingressar no mercado e ganhar experiência.
(AGITAÇÃO 60, 2004: 29).

Um dos primeiros pontos que nos surgem é por que jovens e por que um discurso que tenta mostrar oportunidade?

Ao lermos a afirmação acima, dita na matéria “*Sementes do Futuro*”, estamos diante da grande sacada que é o programa de estágios: como forma de inserção no mundo do trabalho é a oportunidade de adquirir experiência.

Esse é o contexto em que surge o estágio: os empresários paulistas mobilizam-se e mobilizam jovens para, segundo eles, “*enfrentar*” os desafios do mundo atual. Lembraremos que estes fazem parte dessa realidade, são os mentores e fomentadores da situação capitalista competitiva, mais ainda, precisam disso para continuar à frente da economia e da política, detendo o poder e organizando a realidade ao seu favor.

Não nos faltam palavras para percebê-los comprovando tudo isso na fundação da ONG CIEE, quando querem mostrar ao público suas intenções. No entanto salientamos que não nos interessa questionar o surgimento ou o

funcionamento da Instituição, o que nos interessa de fato, na produção que estamos realizando na pesquisa é uma investigação acerca das expectativas⁵⁰ geradas por este periódico para a introdução do jovem no mercado de trabalho, através do estágio.

Aqui, outro aspecto da fala nos salta ao questionamento: a presença de um grupo empresarial falando sobre “juventude” que também é uma categoria que merece ser apreendida em sua interpretação. Não será possível utilizar palavras dos referidos empresários para dizer o que pensavam naquele momento da juventude, mas será factual dizermos que a História nos mostrou que esta juventude não fora apática diante dos acontecimentos, não estivera ao lado das elites no “golpe militar” e não os apoiara, mas merece nossa consideração sobre a intenção de moldar os jovens para suas fileiras, através de mensagens nos estágios oportunizados.

Questionamos, sobretudo, se essas “oportunidades”, ditas por eles, eram modos de acalmar os ânimos que insurgiam socialmente⁵¹. Ainda mais: poderemos captar em palavras usadas hoje, o reflexo do que pensam e pensavam sobre a juventude?

Buscando, na revista, um modo de concepção dos jovens, encontremos o seguinte:

Quem diria que o jovem que, até poucos anos atrás, era visto com reservas pela sociedade, hoje vota, tem opinião própria e participa ativamente do mundo. É na direção desse jovem que muita coisa está caminhando, inclusive vários produtos de consumo e serviços.

⁵⁰ É-nos perceptível quando frisam objetivos e a situação da entidade, como ONG, é apolítica, sem fins lucrativos, filantrópica e de assistência social, mantida pelo empresariado brasileiro para beneficiar jovens, pois o Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE é hoje uma das maiores organizações não-governamentais do País e referência internacional, quando o assunto é o estágio e o treinamento de estudantes – escritas constantes na própria revista quanto em panfletos ou em propagandas do próprio CIEE.

⁵¹ Nossos objetivos aqui não pretendem discutir a participação da juventude na resistência à ditadura mas nos servem como forma de percebê-los ativos no contexto político daquela época.

Esta é a primeira geração 100% pronta para viver o capitalismo sem culpa ou remorso. Ela faz do consumo e da propaganda uma coisa natural quanto praticar esporte ou ir ao cinema. (AGITAÇÃO 4, 1993: 4)

As palavras acima ditas por Jaime Troiano⁵², enquanto vice-presidente e diretor de planejamento e pesquisa da *Lintas Comunicações* na América Latina, trazem à tona uma grande ligação com o pensamento do que significa o jovem. Primeiro, dizendo que ele “*era visto com reservas pela sociedade*”, nos fazendo pensá-lo como um ser apolítico, sem opiniões e sem vontade própria.

O referido executivo citado, Jaime Troiano, nos faz pensar numa juventude distante daquela que ele mesmo vivenciou, pois a direção de seu “*marketing*” dirige-se para um novo tipo de juventude “*pronta para viver o capitalismo sem culpa ou remorso*”, mas mais ainda,

O jovem está sempre aberto a novas experiências. Essa disposição diante do novo permite a ele vagar entre coisas, idéias e fatos, movido simplesmente pela necessidade de conhecer [...]. (AGITAÇÃO 4, 1993: 6).

Há uma intenção em mostrar o jovem desta forma, desqualificando-o? Ou mesmo tratá-lo como disposto ao novo, pelo fato de querer conhecer, como um ser que “*perambula*” a esmo pelas coisas, idéias e fatos? Talvez um esboço para responder esteja na consideração que o mesmo faz sobre o capitalismo: “*Esta é a primeira geração 100% pronta para viver o capitalismo sem culpa ou remorso*”. E é deste modo que entramos no momento

⁵² Jaime Troiano é engenheiro químico formado pela Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) e sociólogo formado pela Universidade de São Paulo. De 1986 a 1990, foi Vice-Presidente de Consumer Insights e Planejamento da Young & Rubicam no Brasil e América Latina. Foi Vice-Presidente de Planejamento da MPM-Lintas e da BBDO, responsável por essa área na América Latina. Nestes últimos 14 anos, como um dos dirigentes da Troiano Consultoria de Marca, tem assessorado empresas no desenvolvimento de negócios, análise de marcas e comportamento de consumidor em vários segmentos do mercado. Tem sido articulista do Jornal Meio & Mensagem, da revista Consumidor Moderno, do portal Mundo do Marketing, da Revista Forbes, Revista Licensing e de outros veículos no segmento de marketing, negócios e comunicação, além de colunista da Rádio BandNews FM. Tem vários artigos, papers e estudos publicados no Brasil e exterior sobre análise de marca e comportamento de consumidor. Fonte: <http://www.troiano.com.br/>

atual, pois, fazendo uma leitura disso, refletimos sobre os objetivos pela forma com que estão traduzindo o que esperam nesses jovens:

O Brasil, por enquanto, é um país de jovens. Mas está envelhecendo. [...] Em outras palavras, enquanto país jovem, o mundo terá interesse na utilização dessa força de trabalho, estimulando o processo de globalização. Isto porque o jovem aceita melhor as mudanças de padrões de consumo, experimenta novas idéias sem restrições, ganha menos e gasta pouco. (AGITAÇÃO 21, 1997: 7).

Mais do que esperar do jovem, estão mostrando suas apostas e propostas, justificando que isso geraria um novo significado para sua aposta no estágio como caminho a ser seguido para atrelá-los, como promissores no processo de mundialização, aos interesses da dita qualificação de mão-de-obra. Por que ao questionarmos esse discurso, enfatizaremos a forma de tratar aos jovens com passividade, como um interesse de atraí-los, atrelando-os aos seus conceitos de mundo capitalista. Fica a pergunta: é o jovem passivo como afirmam nestas suas idéias? Teremos que, certamente, discordar, mas para comprovar, necessitaremos de outro estudo, com base em dados mais concretos para interpelar sobre essas colocações.

Os empresários e executivos desejam fazer acreditar no estágio, pois querem mostrar que acreditam nele:

O ingresso no mercado de trabalho esbarra em dificuldades já conhecidas. [...] O estágio sério, bem conduzido pela empresa e pelo estudante, só gera benefícios. [...] Para a empresa, a grande possibilidade de formar profissionais que atuarão, futuramente, em seu quadro organizacional. (AGITAÇÃO 56, 2004: 88-89).

Enquanto lançam provocações sobre dificuldades, ineficiências ou até mesmo dizendo capazes de apontar soluções, acabam “convencendo” muitos de que a única saída viável é apostar no seu trabalho engajado de recrutar esses novos talentos. Afinal, está dito abertamente o seu desejo de “formar profissionais”. Não é uma metáfora ou meio-termo: a aposta que fazem no estágio é de que ele configure-se numa alternativa para as empresas de

agregarem aos seus quadros, profissionais recém-formados, no entanto moldados em suas necessidades.

Entre os diversos aspectos que envolvem a nossa problematização, sem dúvida nenhuma, o questionamento sobre o lugar estratégico que o estágio assume na visão empresarial, bem como as suas implicações para qualificação de jovens em padrões criados pelos próprios empresários. As palavras acima tão “*acalentadoras*” nos demonstram a aposta que o presidente executivo do CIEE, Luiz Gonzaga Bertelli, têm em relação a sua função, no cumprimento do desempenho da ONG e mais:

Desde a sua fundação, o CIEE desenvolve programas de estágio em empresas conveniadas, beneficiando mais de 4,5 milhões de jovens, com concessão de bolsas-auxílio. São freqüentes os depoimentos de representantes de escolas e empresas, confirmados pelos próprios estagiários, dando conta da eficácia dos estágios. (AGITAÇÃO 56, 2004: 89).

Quer dizer, se por um lado, convence aos empresários de tornarem-se aliados, torna o jovem seu próprio testemunho-aliado da boa dedicação que tem. Afinal, a mudança de imagem que fez do jovem os trouxe para sua área como aliados importantes, pois os está beneficiando. E, neste trabalho, queremos, além de questionar essa tarefa, tentar mostrar como esse discurso torna-se capaz de mudar a perspectiva acerca do estágio.

Entre tantas argumentações para a importância desse trabalho, os próprios empresários apontam que tiveram um trabalho inicial muito difícil de convencimento de outros empresários do quanto a opção por estagiários era importante. Usando argumentos, muitas vezes, sobre o quanto isso ajudaria com restituições de impostos, pois poderiam declarar no imposto de renda os valores gastos com bolsa-auxílio pagas aos jovens como sendo aplicações no social.

Em outro artigo da revista *Agitação*, “*Estágio, um bom investimento*”, que é assinado pelos próprios editores da revista, nos faz perceber e nos proporciona uma parada para reflexão do que estão tentando

atingir quando escrevem tais argumentações, pois vemos exemplares colocações do quanto esse “convencimento” está para ambas as partes. A presença de um gráfico, mostrando os benefícios para o estudante e as vantagens para a empresa. Lemos:

Benefícios para o estudante que está estagiando por intermédio do CIEE:

- *Adquire experiência prática no seu campo de formação*
- *Agrega valor ao seu currículo profissional*
- *Recebe uma bolsa-auxílio paga em dinheiro*
- *Tem um seguro de acidentes pessoais, com cobertura 24 horas, enquanto durar seu estágio.*

Vantagens para a empresa que tem seu programa administrado pelo CIEE:

- *Recrutamento e treinamento dos futuros profissionais, com baixo investimento de tempo e recursos*
- *Inexistência de vínculo empregatício e de obrigações trabalhistas com o estagiário*
- *Os valores investidos no estágio poderão ser considerados como despesas operacionais*
- *Praticidade no recrutamento e no pagamento da bolsa-auxílio. (AGITAÇÃO 21, 1997: 3).*

Diante de toda essa relação exposta, fica-nos evidente para quem são as verdadeiras “vantagens” do programa de estágio, pois:

As empresas, que mantêm programas de estágios, agregam à sua estrutura benefícios, que se estendem além do seu papel social de parceiras da educação. Para elas, o estágio se constitui numa estratégia eficiente de preparação para um plano de carreira, porque proporciona o tempo necessário de avaliação do perfil do estagiário, ao mesmo tempo em que ele se adapta à cultura da organização, trazendo novos conhecimentos, bem como a empresa poderá deduzir no imposto de renda essa aplicação na bolsa-auxílio. (AGITAÇÃO 21, 1997: 3).

Observemos aqui atentamente como o convencimento está mais para os empresários do que para os próprios jovens. Como dissemos anteriormente, é um grupo de empresários investindo para que outros invistam

neles, na idéia, na proposta por estes formulada. Lembramos dos “*intelectuais orgânicos*” e os dados apresentados tomam mais sentido ainda, pois para nós, eles partem de um pressuposto que as empresas e seus líderes querem apostar para ganhar, querem estar seguros em seus investimentos.

Deste modo, temos um grupo empresarial distinto, fazendo sua vez de anfitrião-selecionador, com um discurso de que pode preparar esse jovem para os quadros da empresa. Dizendo e afirmando quais são as necessidades, criando uma realidade e reforçando os laços de sua importância no contexto para ter o devido reconhecimento de uma “*missão cumprida*”.

Assinalamos a fala, bimestral, dos representantes majoritários da ONG CIEE, através do “editorial”⁵³ e da coluna “novas idéias”⁵⁴, em que esses aspectos aqui explorados, são lugar comum e de grande utilização como discurso que deva ser percebido como importante nesse contexto. Vemos as afirmações criadas se tornarem exigências e estas serem buscadas através de estágios para completar um quadro de funcionários deficitários quando o fator relacionado é “*estar apto*” para esse mercado de trabalho.

Dentre tantas argumentações, sobre a crise do emprego, lançam afirmações sobre o “*fim do emprego como conhecemos hoje, mas não o fim do trabalho*”⁵⁵, desta forma, destacando: “[...] *no cenário da globalização a busca da competitividade estimula o enxugamento dos recursos humanos e provoca alterações nas relações de trabalho*”. (AGITAÇÃO 22, 1998: 6-7). Aqui é interessante porque a afirmação vai ao encontro do que desejam frisar como sendo o que as empresas vão disputar num profissional: sua flexibilidade,

⁵³ Desde que houve mudanças no conselho editorial da revista, o edital passa a ser escrito pelo próprio presidente executivo do CIEE, Luiz Gonzaga Bertelli, surgindo como um canal com o presidente e tornando-se o próprio editorial nos números seguintes, até os dias de hoje. As mudanças acontecem definitivamente a partir da revista de nº 21, mas elas antecedem com os números 18 e 19.

⁵⁴ É uma coluna final da revista, com a palavra também do presidente administrativo ou executivo do CIEE, em que faz uso do espaço para complementar, para discutir assuntos relacionados ao mercado de trabalho e principalmente lançar opinião sobre os mais variados assuntos sejam eles tratados na presente revista ou não.

⁵⁵ Ressalta a questão da produtividade nas empresas, na medida em que estas se abrem a receber estagiários: *estariam formando esses futuros profissionais, já que o estudante adquire experiência e maturidade antes de entrar na carreira, antes de sua formação.*

criatividade, especialização, domina conhecimentos sobre sua atividade, entre outros, se reflete e age com inteligência.

Essa é a mudança nas relações de trabalho, pois quem estiver nessas condições estará dentro, senão fora. Ademais isso é questão de produtividade, aberta aos estagiários, como sua formação para futuro, antes da formação. É essa a visão que precisamos atentar para encarar esse espaço de estágio: enquanto afirmam ser uma mudança na realidade, uma forma de adequar-se ao mundo do trabalho em que o grupo de empresários está solidificando seu espaço diante dos tempos atuais.

Mais ainda, buscando a sua alternativa, reorganizam o terreno para que os jovens apostem neles. O contrário e talvez natural fosse pensar que eles apostam nos jovens, o que nos pareceria um *“marketing”* perdido: acaso não é o jovem que procura o CIEE? Algum empresário precisa *“catar”* jovem por aí?

Nessas questões está a defensiva dos próprios empresários e executivos que podem justificar que o espaço é necessário por que o jovem que precisa, ele que está em busca de uma conexão com o mundo. Se entendermos o que nos propõe Vera da Silva Telles, nos permitiremos ver os jovens *“transitando”* (TELLES, 2006: 173-195) pelo mundo e buscando nele ocupar territórios e circuitos para sentirem-se parte, para sua inserção social.

Ao encararmos o início dessas argumentações que fizemos, poderemos perceber que a *“busca pelos sem experiência”* tem um objetivo também quanto ao padrão que pode atingir recrutando-os dentre os mais brilhantes estudantes das faculdades, depois dos cursos técnicos e ensino médio, quanto ao que esses podem oferecer por desejarem entrar no mercado de trabalho, pois eles não estariam aprendendo isso nas cadeiras escolares.

Percebemos várias críticas ao sistema de ensino e pretendemos trabalhar esse aspecto mais adiante, no entanto acreditamos ser relevante

neste momento, já que isto está inteiramente relacionado à viabilidade na busca desses talentos.

Um bom exemplo disso tudo que acabamos de afirmar, está impresso na revista *Agitação* nº 62, cuja capa traz estampada as seguintes palavras: *“Talentos de ouro”*. A reportagem central é *“Todo mundo quer ter, ou ser, talento”*, em que o CIEE lança o *“Programa Trainee, época em que arrebatador futuros gestores virou questão de sobrevivência para as empresas, e em que todo recém-formado sonha ser reconhecido como candidato”*. (AGITAÇÃO 62, 2005: 28-37).

De imediato, qualquer um diria que não existe relação nenhuma a existência de um programa de recém-formados, mas ao aprofundarmos nossa leitura, pudemos perceber que todo aquele que já estagiou e estiver inscrito no banco de dados do CIEE já é um candidato potencial e, além disso, já pode ter estagiando no setor que a empresa precisa, estando com experiência para a área solicitada.

Assim podemos ir entrelaçando mais informações, como é o caso de que citam que o perfil do candidato *“vale mais que o status da faculdade”* (AGITAÇÃO 62, 2005: 31), inclusive citando que é mais fácil entrar no vestibular da USP do que ingressar como trainee na maioria das empresas.

A argumentação exposta é de grande significado, já que em nenhum momento podem afirmar sobre a formação dos candidatos a trainee, mesmo que tenham cursado a própria universidade citada, mas constitui-se numa estratégia muito forte ao convencimento para que cada vez mais jovens optem por este caminho após sua formação.

É um modo de arregimentar jovens, segundo eles talentosos, sem preocupação em ter lugar para todos, afinal já deixaram dito que é muito concorrido. Novamente trabalham encima de números, afirmando com estes, a dificuldade para conseguir uma vaga como trainee. Dois aspectos de destaque,

já que chama a atenção pela importância dada ao assunto e pela concorrência acirrada.

Voltamos aos números citados⁵⁶ em dados acima novamente para frisar que é uma quantidade representativa que procura o CIEE, mas mais ainda, destes jovens que procuram e se cadastram nos programas mantidos pela instituição, perceberemos que o discurso os mantém acreditando na aposta do CIEE porque inclusive muitos empresários depõem sobre suas histórias como estagiários, passando a mensagem de que podem chegar aos melhores postos de trabalho se acreditar no estágio como passo para isso.

Os empresários criaram essa visão *valor* do estágio como sua ferramenta para garantir a inclusão no mundo dos jovens como algo natural no início da carreira, inclusive quando eles próprios depõem de que não teriam chegado onde estão sem ter feito o estágio, torna-se um argumento muito forte e relevante para quem os ouve, os vê e os acredita como “*vencedores*”.

O questionamento que nos surge, que nos move e mexe agora é o que significa o estágio. Qual o modo de pensá-lo? Como o mostram, em ambas as concepções?

Se pensarmos nos executivos e empresários, optar por estagiários é um investimento, uma forma de obter vantagens em amplos sentidos, pois com uma mão-de-obra barata, podem ter serviços prestados do mesmo modo que com profissionais já preparados. Ainda mais, investir no jovem para adentrar no seu quadro funcional, é um modo de ir os treinando para os padrões da própria empresa.

E mais, na matéria de capa da *Agitação 44*, “*O primeiro passo*”, quando da abertura de estágio para jovens alunos do ensino médio, teremos uma leitura, dentre outras coisas que:

⁵⁶ Aos números de estagiários e ao número de jovens que procuram a ONG para se cadastrar. Esses dados também podem ser encontrados on-line <http://www.empresas.ciee.org.br>, último acesso 08/01/2010.

O estágio é totalmente diferente. Ele impulsiona tua vida para o futuro, para o mercado de trabalho.

[...] mudou minha maneira de pensar. Agora tomo decisões com mais facilidade.

O estágio é o complemento necessário para o conhecimento teórico apresentado pela escola.

É um tema fundamental para o desenvolvimento econômico e cultural do País.

O aluno não pode enfrentar o mercado de trabalho só com a teoria [...]. O estágio representa, portanto, o início de um currículo que no futuro certamente será exigido como condição inicial para que o estudante possa ser admitido em um emprego.

O estágio soluciona uma questão social, fazendo os estudantes se ocuparem durante o período em que estão fora da escola.

O estágio funciona como indicador da realidade social, pois é fator importante na complementação da renda familiar.

Modernamente, a formação do adolescente passou a globalizar os conhecimentos [...] A pessoa se educa igualmente com instrumentos teóricos e práticos. [...] A partir daí, os currículos escolares não deveriam separar trabalho e educação acadêmica.

Quando vejo um aluno em um subemprego, mostro a ele como o estágio poder ser mais vantajoso.

Em um país que precisa qualificar mão-de-obra, como o Brasil, o estágio é de grande utilidade.

O estágio é vantajoso tanto para os jovens estudantes como para a empresa.
(AGITAÇÃO 44, 2002: 31-41)

Aqui são ressaltadas várias possibilidades de interpretação. Algumas delas não são novas, mas é uma tentativa de elucidar nossa mente, quando pensamos no que dizem da questão da produtividade nas relações que as empresas se abrem para estagiários.

É um tema amplo de interpretações, mas que nos deixa à vista que os mesmos querem formar esses futuros profissionais, já que o estudante adquire experiência e maturidade antes de entrar na carreira, antes de sua formação.

O alerta lançado sobre o fim do emprego como conhecemos hoje, mas não o fim do trabalho, é um argumento que consideram o futuro do trabalho e do trabalhador, como uma alternativa ao jovem estudante que optar pelo estágio, pois isso cria medo, insegurança, instabilidade e, justamente nessa incerteza, está a base para convencer de um futuro possível. Aliás, o futuro da nação, seu desenvolvimento é atrelado ao estágio.

Usando palavras de Octavio Ianni, podemos interpelar as chamadas feitas acima:

Vale a pena refletir sobre as metamorfoses, as sublimações e os exorcismos que povoam o mundo da cultura e alimentam as narrativas, impregnando a realidade, a experiência e a imaginação. Há toda uma gama de articulações e desdobramentos nos quais se inserem as metamorfoses do que pode ser a realidade sociocultural, compreendendo a palavra, a linguagem e a narrativa, em suas muitas modulações. É aí que se criam e movimentam, dissolvem e reaparecem, permanecem e transfiguram os signos, símbolos e emblemas, tanto quanto as figuras e figurações, metáforas e alegorias, conceitos e categorias, tipos e tipologias. (IANNI, 2003: 222).

É essa a percepção que gostaríamos de manter sempre latente ao analisar a mensagem dita para o valor estágio empregado nessas falas e em outras tantas que encontramos pela frente na leitura. Mais ainda, atenção ao convencimento que as palavras lançadas possibilitam, quando são proferidas por *pessoas de sucesso*.

O convencimento pode ser feito de outras formas, vejamos a charge, publicada na *Agitação*:



(AGITAÇÃO 6, 1993: 15).

Interessante por que a placa de admite-se está em branco quanto às funções, não destaca o que necessita, é como se quisesse dizer: “venha” fazer qualquer coisa, tudo, afinal estagiário é “*força de trabalho para qualquer atividade*”. Mais ainda, se não vier, você é à sombra de seu próprio sucesso.

Qual jovem, sabendo que quer e precisa entrar no mercado de trabalho, sendo mostrado desse modo, não tomará alguma iniciativa?

Olhamos para a postura do jovem e o vemos acabrunhado, mas sua sombra não, ela está frente ao cartaz, pronto para entrar nesse universo. Significativo por nos mostrar que os empresários dizem aos jovens que fornecem as ferramentas necessárias.

Na narrativa, tanto escrita ou expressa deste modo, como é o caso acima, nossa oportunidade de perceber as nuances que nos farão ver as intenções, dos empresários e executivos, aflorarem e se fazerem usadas, como

maneira de entrar na cabeça do jovem e, dentro dela, ocupar principal espaço no convencimento e na coligação de metas. Perguntamos: qual o alcance disso?

É o caso da coluna entrevista, que podemos dizer tornou-se espaço, de “páginas amarelas”⁵⁷, para dar voz aos personagens que serão mostrados como modelos de sucesso, vencer na vida, apostar no estágio, valorizar a qualificação profissional, entre outras tantas idéias, que nos fazem perceber ser a forma utilizada para chamar a atenção do que precisam os jovens estudantes para entrar nesse mesmo universo.

Novamente, numa imagem de capa da revista, veremos:



(AGITAÇÃO 21, 1998)

⁵⁷ Em outro momento, afirmamos que a revista é empresarial, com sua linguagem, foi criada por eles, e agora utilizam das páginas amarelas, como em outras revistas empresariais (antes de serem amarelas eram roxa, até a edição de número 38) em que, como entrada da revista traz o espaço para a presença dos ‘grandes homens de negócios’.

A primeira informação que nos remete a figura é a postura do empresário, sério, vestido formalmente, com semblante que traz uma atitude compenetrada, certo do que quer na vida, inteligente, tradicional, enfim, um homem de sucesso, ainda mais com uma frase que promete: “*O Brasil que dá certo*”.

São homens de negócios criando um mundo e chamando, arregimentando, mobilizando aliados, e, além daquilo que suas palavras tentam mostrar sobre si, sobre o mundo ou sobre o que pensam de si mesmos e do mundo, assumem uma posição de líderes. Ao fazerem isso, tomam para si a tarefa de fazer algo, ou melhor, se dizem responsáveis. Quem lhes outorgou essa função não foi esclarecido. Mais ainda, se o caos acontece se candidatam a arrumar, sem ao menos assumir que causaram essas mudanças.

Seu papel (dos empresários e do citado Lafer Piva) será de destaque na revista, tanto que suas palavras serão foco de várias entrevistas. A primeira publicação que utilizou de entrevista, foi a de número 25, de 1999, em que o espaço foi dado para o então presidente da FIESP/CIESP, Lafer Piva⁵⁸. Interessa-nos destacar que, conforme já o mostramos, “*Os tempos novos exigem novas soluções*”, o espaço cedido é motivado pelo fator de que o principal parceiro do CIEE é a *FIESP/CIESP*, portanto o recado dos “*novos tempos*” e de “*novas soluções*” que se direcionam para ver o novo tipo de trabalhador, agora colaborador:

A inovação tecnológica e as novas ferramentas de gestão eliminaram tarefas obsoletas e erradicaram, na grande maioria dos setores, um tipo ultrapassado de mão-de-obra. Hoje, o colaborador, para participar do mercado de trabalho, precisa ser competitivo, saber trabalhar em equipe, ser versátil e ter qualificação. (AGITAÇÃO 25, 1999: 11).

Um discurso que mostra que a responsabilidade de se manter empregado é do trabalhador, pois o mesmo precisa estar apto às novas exigências. Em nenhum momento coloca-se que a criação destas é dos

⁵⁸ Já o citamos anteriormente, inclusive já o mostramos em *posição* de destaque, em postura de liderança.

próprios grupos empresariais, mas chamar a atenção para essas mudanças é uma estratégia de omitir a parcela de responsabilidade pelas consequências geradas nas empresas.

Sendo assim, começamos a perceber a visão apresentada pelo CIEE, diante destas questões atuais, quando encontramos o seguinte comentário, em um de seus artigos: *“Em um mundo globalizado, quanto melhor preparado estiver o jovem, maior probabilidade de obter colocação no mercado de trabalho”* (AGITAÇÃO 28, 1999: 32).

O diálogo possível, no entendimento que estamos buscando, na discussão das fontes, ressalta-nos a visão criada (dentro de parâmetros que preparam o jovem) e reproduzida pelos empresários para encontrarmos novos desafios pela frente e darmos continuidade ao campo das investigações, ainda mais quando temos as palavras acima ditas pelo então Ministro do Trabalho e do Emprego, Francisco Dornelles (no período de 1999-2002), principalmente porque o momento histórico brasileiro deste governo é o neoliberal, em que havia toda uma despolitização das perspectivas de mundo, de processo, de economia.

Assim, em outra citação que consideramos ser importante, num artigo *“O Jovem e o Desafio da Globalização”*, escrito por Luiz Gonzaga Bertelli, presidente executivo, daquilo que reflete o que apontam na instituição como sendo fundamental, encontramos:

Esse rápido painel das tendências que movem a economia globalizada e beneficia, em larga escala, as nações que sabem tirar proveito do momento atual evidencia, mais uma vez, a importância da qualificação do capital humano como motor do desenvolvimento sustentado e de bom fôlego. Infelizmente, os brasileiros pouco podem esperar do sistema de ensino, reconhecidamente ineficiente. (AGITAÇÃO 75, 2007: 40)

Estariam em ambas as colocações, influenciando os jovens para o tipo de formação que *“precisam”* ter para estarem aptos ao mercado de trabalho? Quando lemos informações apresentadas por grande parte dos

colunistas da revista, nos fica evidente que estão reforçando a forma como interpretam o mundo em que vivem, mas mais ainda, estão deixando transparecer quais suas argumentações justificam as suas ações no mundo. O enfoque que ora damos a essa leitura é perpassada por uma investigação acerca dos espaços produzidos e proporcionados pela instituição através da referida revista. São conceitos importantes que precisamos trabalhar para compreendermos melhor que processo está sendo desenvolvido nesse periódico.

Também podemos ir além, quando quisermos interpretar o discurso que elucida o modo como os empresários lançam suas argumentações, tanto para os jovens quanto para as empresas, como uma forma de demonstrar que os jovens podem receber a capacitação adequada aos desafios da economia atual, está na *“ação responsável das empresas e nos efeitos benéficos do estágio. Nesse esforço, as organizações contam com o apoio e a experiência do CIEE”* (AGITAÇÃO 75, 2007: 40).

São expectativas que vemos de uma análise nos laços nestas mensagens, que ao serem ouvidas pelos *interessados* (e nos perguntamos quem são esses interessados e por quê?), nos deixa condições de desnudar estas ações e relações que desamarradas nos deixariam compreender o que expressam como factual preencher uma lacuna que dizem existir.

Essa e outras questões nos levam a pensar sobre como é feito um emaranhado para tentar encaixar o papel exercido pelos empresários dentro de uma ONG. O discurso está dirigido para o convencimento de sua importância, mas a grande questão que nos é apresentada agora é o porquê da presença de uma instituição que atenderá aos jovens, pois temos a presença de outras tantas fazendo esse serviço. Aqui registramos, por exemplo, as atuações do SENAI, do SESC, da ABRES, do NUBE, entre outras organizações⁵⁹.

⁵⁹ Temos que ter a clareza de que esse universo de estágios é muito vasto, citamos aqui apenas alguns que julgamos ilustrar nossa idéia, no entanto se buscarmos no próprio site da ABRES – Associação Brasileira de Estágios - encontraremos um grande número de empresas

2.2. *Agitação*: como se constitui a idéia

Agitação: s.f. 1. Ação ou efeito de agitar(se). 2. Perturbação do espírito; excitação. 3. Transtorno na ordem social, política ou econômica. (FERREIRA, 2009: 102)

O QUE É AGITAÇÃO

* *Agitação*: s.f. 1. Ato ou efeito de agitar; 2. estremecimento, movimento geral; 3. inquietação.

Antônimo: tranquilidade, calma. Das definições registradas nos dicionários, talvez a única palavra que, no caso da revista, signifique, ou ainda, transmita o que ela significa é o seu antônimo.

Realmente, ler Agitação é sentir que nem tudo é desilusão ou desesperança.

Ney Aguiar Porchia – Universidade de Marília – SP. (CARTA PREMIADA – AGITAÇÃO 31, 2000, 6)

Quando interpretamos os significados das palavras, estamos aderindo àquilo que expressam em suas dimensões sociais, políticas, econômicas e, por conseguinte, expõem a ideologia que há sobre a perspectiva que se tem destas.

Qual dos significados é a opção dos intelectuais orgânicos que pensam, elaboram, definem e lançam a *Agitação*? Por que publicar, e premiar, uma carta que expressa o antônimo do nome da revista? Como isso configura um meio de colocar-se no universo jovem e nele agir? Como entender que a expressão “*desilusão*” e “*desesperança*” estejam inseridas na criação de uma definição de uma jovem estudante estagiária? Qual sua perspectiva? Num diálogo com a própria fonte teremos como interpretar alguns desses apontamentos.

que prestam esse serviço, quais sejam algumas delas: Estagiar, Trainee Estágios, Global Estágios, CDL estágios, Estágio Fácil, Pró-Estágios, Interage, Grupo Premium, Soulam, Estágio Consultoria e Treinamento, Crie – Centro Regional de Integração de Estágios, www.estagiarios.com, entre tantas outras. <http://www.abres.org.br/v01> é o site da ABRES. Também não temos a idéia e nem a audácia de desenvolver um estudo sobre o papel desta e de outras instituições, mas precisamos atentar para o discurso da mesma quando aponta aos demais como incapazes, ou seja, temos que observar que há interesses e, ao questionarmos, poderemos percebê-la na sua própria atuação.

AGITAÇÃO é o nome da revista, objeto de nossa investigação, que é uma publicação bimestral, que foi lançada em janeiro/fevereiro de 1993 e continua até os dias atuais, com uma tiragem que inicia em 35 mil exemplares e vem se mantendo em torno de 85 mil exemplares, distribuída em todo o território nacional. Os últimos números também estão disponíveis em “pdf” diretamente no site da instituição.

Aqui registramos que ela nem sempre foi publicada bimestralmente, pois alguns exemplares foram trimestrais. Além disso, salientamos que não há uma contagem seqüencial do ano da publicação: dos ANOS I ao IV, ou seja, de 1993 até 1996 a contagem foi seqüencial, no entanto nos ANOS V aos atuais houve variações, não seguindo a contagem padrão, pulando muitas vezes para frente e para trás. Entramos em contato com a editoração, não obtivemos resposta sobre a causa desse acontecimento, somente sobre as publicações que eram em épocas de mudanças, em que a reestruturação da revista precisou de mais tempo para acontecer, inclusive é fato comentado no “Editorial” sobre essas mudanças.

Ao observarmos a publicação, o logotipo do nome da revista, teremos quatro fases:



(AGITAÇÃO 12, 1994)

Nesta primeira apresentação, temos o uso de letra que indica “movimento”, pois deixa margem a uma interpretação de que é uma escrita mais descontraída. Não percebemos em revistas empresariais essa leveza e despreocupação com o estilo. Ao contrário, analisamos que no seu começo

(em 1993) era uma publicação voltada para os jovens, tanto que a linguagem utilizada era mais jovial, com expressões típicas dos jovens e com artigos do interesse do mundo do jovem, como música, esportes, estilos, entrevistas com pessoas ligadas de alguma forma ao universo jovem, entre outros.

Vejamos o modelo seguinte:



(AGITAÇÃO 24, 1998)

Aqui o que está exposto também mostra a palavra com certo “movimento”, no entanto, com a grafia alterada, começa a demonstrar uma padronização. Associando isso à mudança das reportagens de capas que, a partir da revista 21, traz fotos de personalidades e não mais assuntos do universo jovem. É uma peculiaridade que poderia passar despercebida caso não olhássemos para a fase seguinte:



(AGITAÇÃO 34, 2000)

A pergunta crucial é como as letras são escolhidas? As mudanças sugeridas soam como definição de padrão corporativo: são diferentes das primeiras edições, ganham uma linguagem empresarial – os artigos nela encontrados são assinados pelos próprios empresários representantes da ONG - e mais voltada aos mundos dos negócios, tanto que a revista ganha no ano de 2002, premiação por ser a melhor publicação

empresarial pela *Associação Brasileira de Comunicação Empresarial* (ABERJE).

O modo de apresentação atual, nesta perspectiva de ideologia a ser transmitida, encaixa com as mudanças que estavam propondo os mentores da revista:



(AGITAÇÃO 60, 2004)

Verificando os números de páginas, podemos contatar que as primeiras não ultrapassavam 8 páginas, chegando a conter 22 páginas. Na edição número 21, retorna a 10 páginas, sendo que consideramos como sendo a revista da mudança de estruturação, pois a partir dela, como pretendemos demonstrar mais tarde, novas idéias estão na composição e apresentação da mesma. Nos dias atuais ela contém por volta de 80 páginas. As primeiras explicações para isso estão na composição desses primeiros exemplares, com uma abordagem jovial, com assuntos que envolvem o universo jovem e com uma proposta de identificação com as questões em pauta pelos próprios jovens. Uma curiosidade que nos faz inquirir se existe uma associação disso com a intenção de transitar no universo jovem para motivá-lo a agir em sua causa.

As manchetes principais de capa apresentam pessoas com grande empatia com os jovens: sujeitos que estão falando a linguagem deles, como por exemplo, no número 1, encontramos Serginho Groisman⁶⁰, com a

⁶⁰ O jornalista e apresentador de televisão continua tendo uma grande relevância no mundo jovem com seu programa *Altas Horas e Ação*, na rede globo. Na época em questão apresentava o *Programa Livre*, no SBT. Além de ser citado como personagem de grande

chamada “*Fala Garoto*”; noutras encontramos gente de esportes, artistas no geral, televisão, teatro, cinema, música, e imagens dos jovens também. Em primeira instância, poderemos pensar que isso não é relevante, mas torna-se fundamental para a compreensão da identificação que o jovem fará com a revista.

Usamos como exemplo disso a primeira chamada feita na revista número 1, onde o editor, diz: “*sô, ôxente, bá tchê, aê galera, oi bichinho da peste*”, na expectativa de aproximação com o público alvo, assim como continua dizendo que a revista será feita “*com a cara do jovem brasileiro, com assuntos que interessam à vida profissional do estudante, discutindo e debatendo informações*” (AGITAÇÃO 1, 1993: 2), numa menção de que haverá identificação, pois ela é “*direcionada para o estudante que fez, faz ou pretende fazer estágio*”.

As matérias que a compõem são relacionadas aos acontecimentos do momento e passam informações sobre assuntos variados: plebiscito, AIDS, concursos, esportes, ecologia, alimentação & saúde, as cartas são escritas para elogiar e pedir novas matérias, entre outras. Podemos anotar também que as reportagens giram em torno de profissões, estágio, saúde, esporte, introduzindo assuntos diferentes, como multimídia (número 12, 16), empregabilidade (número 19).

Outro aspecto relevante é que elas trazem charges relacionadas ao mundo dos estagiários, como exemplo a primeira que foi feita pelo famoso cartunista Ziraldo, na sessão humor, mas abandonada posteriormente. O uso de uma personalidade tão conhecida, no meio literário, tem sua grande tacada por aproximar o jovem com o uso do humor sarcástico presente em charges. Assim faz a ponte entre empresários e estagiários. Há que se questionar se essa presença de charge foi uma forma de atração ao público, pois temos muitas mensagens nelas que valem a pena serem estudadas e compreendidas em seus contextos.

empatia com o público jovem, dito como um dos grandes acertos em sua carreira, inclusive como garoto-propaganda de universidade UNITAU.

Destaque para o próprio “Editor”, responsável pela edição da revista, quem escrevia até o número 18, depois disso o próprio presidente do CIEE, abre um canal de comunicação “*Fale com o Presidente*”. Essa observação fica instigante quando a associamos às pesquisas que foram feitas junto aos jovens e, que, neste novo editorial “*Palavra do presidente*”, é justificada como sendo as mudanças pedidas pelos jovens que farão surgir uma nova revista. É aqui que entramos na nova cara da revista, justificada como modernização que o CIEE está tendo e que a revista também terá.

Interessa-nos toda essa argumentação, feita pelos dirigentes do CIEE, pois é dela que tiramos as arguições de que as primeiras revistas fazem a identificação com o jovem para conquistá-lo em seu próprio meio, em suas próprias situações em que vivem. Argumentos que o façam sentir-se parte desse conjunto de argumentos usados pela *Propaganda Institucional* e que nos faz atenção especial à abordagem de tópicos que levam o jovem ao universo empresarial a partir dos números 18 ao número 20 da revista, culminando no número 21.

As publicações foram reduzidas em 1996, somente com dois exemplares anuais e em 1997 e 1998, fundem-se numa só revista, a de número 21, pois os meses de lançamento ficam novembro (que seria de 1997) e janeiro (presumindo ser 1998), pois a de número 22 está em fevereiro/abril de 1998. Ao falarmos nessa periodização e ao tomarmos conhecimento do tempo em que fica fora de circulação, a princípio para os ajustes que pretendem na reedição, a revista *Agitação* já tinha tomado uma proporção significativa aos olhos dos administradores do CIEE.

Afirmamos isso, como fator de interesse para análise, pois é o próprio presidente do conselho de administração, Antônio Jacinto Caleiro Palma, que vem ao editorial tentar fazer a justifica dessas mudanças, bem como deixa pistas de interesses envolvidos nesse processo. Vejamos em suas palavras como expressa, ante a reedição:

Voltamos a reeditar a revista Agitação, após um período de ausência do mercado. E não é à toa que estamos fazendo isso agora, rerepresentando a publicação modificada, num momento em que, tanto o CIEE, quanto a nossa sociedade, passam por mudanças muito significativas. Adotamos uma nova diretriz, visando a discussão de temas da atualidade, ligados ao processo de profissionalização e seu relacionamento com a vida nas empresas. [...] O CIEE está vivendo um período de grandes transformações, de modernização da sua estrutura, e a Agitação precisava acompanhar essas mudanças. (AGITAÇÃO 21, 1997: 2)

Nossa investigação pode trazer uma interpretação da chamada que o presidente faz aos novos interesses para os quais a instituição se volta agora, através da revista, ou seja, não mais somente aos jovens estudantes, mas aos executivos, professores e reitores de universidades, gerenciadores de recursos humanos, entre outros. Esse é o público alvo principal agora, pois também será o público mantenedor da empresa CIEE.

Vamos além e é o próprio discurso, no mesmo editorial, que nos comprova tal argumentação, quando lemos as seguintes palavras proferidas pelo já citado presidente:

Estamos oferecendo aos nossos leitores um vínculo com informações, idéias, experiências e opiniões de homens e organizações que estão comprometidos com o futuro, e fazendo a história profissional do nosso País. [...] Nós queremos leitores envolvidos, tanto quanto esperamos empresas parceiras; que queiram contribuir publicamente com a Agitação. (AGITAÇÃO 21, 1997: 2)

Aqui, seguindo nossa linha de exposição, de como nos é mostrada a revista, verificamos que a primeira mudança está estampada na capa da própria Agitação, pois as manchetes principais trarão agora estes *homens* citados pelo presidente, tanto que temos Stephen Kanitz, professor da USP, economista, criador da revista *Exame* e de um site na *Internet* de instituições⁶¹ filantrópicas para angariar voluntários ao serviço de utilidade pública.

⁶¹ Tratamos aqui de uma instituição específica: as ONGs, mas nossa referência é sobre todos os tipos de instituições, usos, costumes e tradições, ou seja, a própria classe empresarial

Assim, sem muitas ressalvas, fica parecendo que é um ser comum, escolhido ao acaso, mas sua postura e sua fala nos levam a perceber outra intenção do discurso, pois ele aparece vestido formalmente (camisa social, gravata e suspensório) de braços cruzados com ar sério, na foto da capa. Fazendo-nos percebê-lo num outro universo ao que até então era apresentado nas revistas. Sua fala é dirigida aos assuntos em alta nas rodas da economia; *“O Brasil que dá certo”*, como título, nos faz encarar a idéia da revista com perspectivas diferentes, no mínimo para que se pense naqueles objetivos citados, entre eles o de *“leitores envolvidos”*.

Além da apresentação da capa que seguirá trazendo pessoas renomadas nesse universo intitulado de *“homens que fazem o futuro profissional”*, mantendo essa apresentação até o número 30, quando aparecem novos tipos de capas diversificadas: imagem do assunto para o qual querem chamar a atenção, como a profissão, o voluntariado, o professor emérito, cara de alguns jovens estagiários já vestidos formalmente, entre outras, também mudam os enfoques das reportagens.

As reportagens agora tomam um formato mais específico ou definido dentro dos campos temáticos que interessam para a formação do jovem estudante que os mentores do CIEE desejam, tanto que quem as escreve agora não são mais exclusivamente os membros do grupo editorial, mas quem assume a responsabilidade, na coordenação da edição é o próprio Luiz Gonzaga Bertelli, presidente executivo do CIEE, juntamente a alguns dos representantes da instituição a passam a assinar algumas colunas na revista.

As colunas também são um ponto de destaque, pois apesar das mudanças pelas quais passou a editoração da revista, mesmo após toda a reestruturação, por ir alternando em quadros até manter as diretrizes atuais, têm apresentado suas atenções, de forma hierarquizada os seguintes aspectos:

burguesa, os jovens e as juventudes, as universidades, as empresas, a nação, a família, a escola, o trabalho, a tradição, entre outras, pois existem, acreditamos, um entrelaçamento entre todas elas, em que os reflexos em uma também o são sentidos nas outras.

- CAPA: assuntos que têm sido considerados recorrentes são:
 - as melhores empresas para estagiar – primeira revista do ano, citando empresas parceiras-mantenedoras da instituição;
 - a profissão que está em alta ou em falta de profissionais, o fato de que chamam a atenção para o jovem invista em determinadas profissões e se torne competente nelas e que o desenvolvimento do país depende das mesmas. Geralmente são áreas relacionadas aos interesses dos próprios autores da revista, como por exemplo, quando falam da engenharia na revista 85;
 - Professor Emérito do Ano: Troféu Guerreiro da Educação⁶² – todos os anos há uma escolha, com parceria com o jornal *O Estado de S. Paulo* (Estadão) para homenagear professores que lutam pela melhoria da educação;
 - Estágio, Educação, Ensino Superior, Drogas, entre outros, que se tornam matéria central e de destaque.

Devemos considerar que as apresentações das capas merecem ser analisados também, pela vitrine dos temas e questões que quer elucidar. Entendemos que, conforme a necessidade e o interesse do momento em que estamos vivendo, ou seja, os assuntos são abordados de forma a trazer à tona o modo como os autores de *Agitação* pensam o mundo em que vivem, fazendo os demais perceberem seu modo de ver as coisas e de utilizarem suas fórmulas ideologicamente.

- PALAVRA DO PRESIDENTE para EDITORIAL e atualmente CARTA AO LEITOR, mas com assinatura do editor, presidente executivo ou administrativo do CIEE – como espaço de abertura da revista, em seus significados, deixa a mensagem (e/ou mensagens) principal (is), como a vitrine dos assuntos que serão tratados, é a oportunidade que o representante da instituição tem para deixar seu recado e articular toda a revista aos interesses de seu grupo.

⁶² A escolha é feita por uma comissão formada por reitores, educadores, empresários e membros do Conselho de Administração do CIEE. Alguns deles: Ruth Cardoso (1997), Miguel Reale (1998), José Pastore (2001), Antônio Cândido de Mello e Souza (2003), Paulo Vanzolini (2004), Paulo Nogueira Neto (2005), Adib Jatene (2009).

- PONTO DE PARTIDA: espaço em que são compartilhadas experiências tanto de estagiários quanto de ex-estagiários: não existem pontos negativos em nenhum testemunho que tenhamos percebido, pelo contrário, existem afirmações de que a carreira atual só foi possível pelo estágio feito um dia no passado.

- ENTREVISTA: antes fora um espaço secundário, agora ganha as páginas logo após o editorial, pois nela há entrevista com uma personalidade que se quer ver destacada para falar de aspectos importantes e sempre dando um espaço para falar de estágio (importância, quanto é bom, como foi importante para a pessoa, etc.); os assuntos enfocados tornam-se fundamentais para a análise, percebendo que contém muitas mensagens para o público leitor, tanto chamando aos jovens quanto chamando os outros parceiros à ação (exemplo: encontramos Ozires Silva⁶³, presidente da Pele Nova Biotecnologia, com seus 78 anos, como engenheiro aeronáutico, sendo mostrado como um *“apaixonado pelos processos de inovação e não abre mão de buscar novos desafios”* (AGITAÇÃO 85, 2009: 8-11). Poderemos questionar o significado de tamanha empolgação, do esforço de mostrar um executivo em plena forma criativa.

- NOVAS IDÉIAS: era página final e agora ganha espaço mais no início da revista – é um aspecto interessante, pois assinado pelo presidente

⁶³ Ozires Silva, nascido em Bauru, no dia 8/janeiro/1931, é um engenheiro aeronáutico brasileiro: oficial da Aeronáutica e engenheiro formado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Encontramos que seu destaque foi por sua contribuição no desenvolvimento da indústria aeronáutica brasileira. Capitaneou a equipe que projetou e construiu o avião Bandeirante. Liderou em 1970 o grupo que promoveu a criação da Embraer, considerada uma das maiores empresas aeroespaciais do mundo. Deu início à produção industrial de aviões no Brasil. Presidiu a empresa até 1986, quando aceitou o desafio de ser presidente da Petrobrás (1986-1988), onde atuou até 1989. Em 1990, assumiu o Ministério da Infra-estrutura e, em 1991, retornou à Embraer, desempenhando um papel importante na condução do processo de privatização da empresa, concluído em 1994. Também atuou como presidente da Varig por três anos (2000-2003) e criou em 2003 a Pele Nova Biotecnologia, primeiro fruto da Academia Brasileira de Estudos Avançados, empresa focada em saúde humana cuja missão é a pesquisa, desenvolvimento e produção de tecnologias inovadoras na área de regeneração e engenharia tecidual. Também faz parte de uma série de Conselhos e de Associações de Classe. É autor de alguns livros também, focados no empreendedorismo, por exemplo: *Cartas a um Jovem Empreendedor: Realize seu Sonho. Vale a Pena; A Decolagem de um Sonho: a História da Criação da EMBRAER; Nas Asas da Educação: A Trajetória da Embraer*, entre outros (informações disponíveis em vários sites na Internet, pois na revista faz somente um breve comentário).

executivo ou administrativo diretamente, traz a discussão de assuntos sempre em grande evidência na própria revista ou nos acontecimentos recentes, como por exemplo, a nova legislação de estágios no país (AGITAÇÃO 85, 2009: 15).

- MERCADO, EMPRESAS, CARREIRA e/ou TENDÊNCIA, PERSPECTIVA, CAPACITAÇÃO: são espaços para divulgação das principais perspectivas que desejam os representantes do CIEE para que estes aspectos sejam lidos e interpretados pelos jovens estudantes como indicação do que *devem e precisam* fazer. É como uma cartilha a ser seguida para entrar no mercado de trabalho.

- OPINIÃO: neste espaço percebe-se a presença de colaboradores, que também fazem parte do quadro administrativo do CIEE, expondo suas idéias sobre assuntos diversos.

- AGITAÇÃO JOVEM – é um recente SUPLEMENTO ESPECIAL da revista, começou na edição número 67 de 2006 – traz informações sobre vestibular, dicas de saúde, de estágio, de profissões, finanças, cuidados com o carro, formas de comportamento, depoimentos, estudos e pesquisas. Não podemos aceitar a idéia de que esse suplemento está retornando aos aspectos trabalhados nos moldes do começo da publicação da revista, pois nela nada há que se configure num universo jovial. Os assuntos são tratados de forma a “mostrar” ao jovem como deve proceder, o que deve escolher, tanto que os depoimentos relacionados são sempre de profissionais com uma postura de executivos, mesmo que uma folheada rápida, pela presença iconográfica seja forte em uma distribuição mais colorida, marcante, ilustrada, etc., a linguagem é a mesma do restante da revista.

- EDUCAÇÃO: esse aspecto é sempre discutido, inclusive em fórum anual, numa visão que permite usar do discurso pedagógico como uma bandeira a ser explorada para apoio ao estágio, tanto que algumas das mais citadas parcerias são com faculdades privadas de São Paulo.

- Outro ponto é que vêm sempre DICAS DE PORTUGUÊS, DE LEITURAS, CULTURA, EVENTOS tanto em São Paulo, como no Brasil inteiro, destacando alguma das unidades.

- ANÁLISE: também é um quadro de destaque das palavras do presidente executivo ou administrativo em primeira pessoa, pois neste espaço expressam suas opiniões sobre os mais variados assuntos, ligados ao universo empresarial.

- CARTAS: as primeiras eram de jovens solicitando, reclamando por aquilo que expressavam sentir que faltava na revista; eram vistas no começo da revista, e acusavam ter recebido muitas cartas. No entanto, percebemos agora uma mudança substancial: além de irem para o final da revista, são mais selecionadas porque seus conteúdos são elogios, agradecimentos e reconhecimento por reportagens e por serviços do CIEE.

Outras peculiaridades podem ser observadas quando tratamos da publicidade em *Agitação*, pois a mesma, em seu início trazia poucos itens de propaganda e isso permanece até os números atuais. Encontramos bancos, faculdades, a empresa *Ticket*, concursos para estagiários, entre outros, mas a base essencial da propaganda dos serviços do próprio CIEE.

Aqui registramos uma pergunta para ser investigada: como é possível a manutenção de uma revista tão ampla, já que são 85.000 exemplares bimestrais, com uma paginação que chega perto das 80 páginas, sem contar com o auxílio de patrocinadores pagantes?

A distribuição dessa revista, que é gratuita, é feita por todos os Estados Brasileiros e em cidades com postos de atendimento do CIEE. Informação relevante, pois é uma condição audaciosa a manutenção dessa conta, mas quando não paramos nessa reflexão, temos o uso da imprensa como meio de divulgação dos ideários impressos em *Agitação*. Perguntas vão surgindo na expectativa que temos nesse estudo: qual o significado dessa

distribuição gratuita? De onde vêm o investimento e qual o retorno que se deseja com essa investida?

Nossas pesquisas nos mostraram que existe uma diferença de informações sobre a quantidade de pontos⁶⁴ de atendimento do CIEE Nacional. Diretamente com a instituição é informado que são 300 pontos, mas no site encontramos a seguinte distribuição:

CIEE NACIONAL: Unidades: Belo Horizonte/MG, Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Porto Alegre/RS, Recife/PE e Vitória/ES;

GERÊNCIAS REGIONAIS: NORTE – Belém/PA, Boa Vista/RR, Macapá/AP, Manaus/AM, Marabá/PA (POSTO), Palmas/TO, Porto Velho/RO, Rio Branco/AC, Santarém/ULBRA (POSTO), ULBRA/Manaus/AM (POSTO);

NORDESTE SUL – Aracaju/SE, Camacari/BA (POSTO), Feira de Santana/BA, Ilhéus (POSTO), Itabuna/BA, Maceió/AL, Salvador/BA, Serv. Mun. de Interm. de Mão-de-obra/BA (POSTO), UNIME/BA (POSTO), Vitória da Conquista/BA;

NORDESTE – Campina Grande/PB (POSTO), Fortaleza/CE, João Pessoa/PB, Juazeiro do Norte/CE, Maracanaú/CE (POSTO), Natal/RN, Quixada/CE (POSTO), São Luís/MA, Sobral/CE, Teresina/PI, UFMA-IMPERATRIZ/CE (POSTO);

DISTRITO FEDERAL – Brasília/DF, Católica de Brasília/DF (POSTO), UNICEUB/DF (POSTO), UNIERO/DF (POSTO), UNIP/DF (POSTO);

CENTRO-OESTE – Anápolis/GO (POSTO), Campo Grande/MS, Cuiabá/MT, Dourados/MS (POSTO), Goiânia/GO, Três Lagoas/MS (POSTO), ULBRA/ITUMBIARA/GO (POSTO), UNIC/MT (POSTO), Universidade Católica de Goiás/GO (POSTO), Universidade Católica Dom Bosco/GO (POSTO);

RIO DE JANEIRO – Campo Grande/Moacyr Bastos/RJ (POSTO), Defensoria Pública/RJ (POSTO), Flamengo/Bennett/RJ (POSTO), Madureira/Univercidade (sic)/RJ (POSTO), PA/Cabo Frio/RJ (POSTO), Piedade/Gama Filho/RJ (POSTO), Realengo/RJ (POSTO), Rio Comprido/Unicarioca/RJ (POSTO), Rio de Janeiro/RJ, Barra Mansa/RJ, Macaé/RJ, Niterói/RJ, Resende/RJ, Três Rios/RJ, Volta

⁶⁴ Através de contato telefônico e e-mail - com o departamento de Imprensa do CIEE, obtivemos a informação de que hoje contamos com 300 pontos de atendimento CIEE no território Nacional, no entanto, no site da instituição 130 pontos de atendimento – são no texto citados; não fechando com a informação obtida. No ano de 2004, na revista contamos 146 postos de atendimento; no último número da revista – nº 85 – JAN/FEV de 2009, contamos 143 postos de atendimento.

Redonda/RJ, Duque de Caxias/RJ, Nova Friburgo/RJ, Nova Iguaçu/RJ, Petrópolis/RJ, Campos/RJ;

INTERIOR PAULISTA – Americana/SP (POSTO), Araçatuba/SP (POSTO), Assis/SP/Assoc. Com. Assis (POSTO), Associação Com. Ind. Agropecuária/Avaré/SP (POSTO), Associação Com. Indus. De Olímpia/SP (POSTO), Atibaia/SP (POSTO), Barretos/SP (POSTO), Bauru/SP, Botucatu/SP (POSTO), Campinas/SP, Caraguatatuba/SP (POSTO), Catanduva/SP (POSTO), Centro Univ. Salesiano – UNISAL/Lorena/SP (POSTO), Einstein/Piracicaba/SP (POSTO), Franca/SP, Hoyer/Hortolândia/SP (POSTO), Jaboticabal/SP (POSTO), Jaú/SP (POSTO), Jundiaí/SP, Marília/SP, Mococa/SP (POSTO), Mogi das Cruzes/SP, Olímpia/SP (POSTO), Ourinhos/SP, PA Batatas – Centro Univ. Claretiano/CEUCLAR/SP (POSTO), PA Ituverava/SP/ Fundação Educacional de Ituverava (POSTO), Piracicaba/SP, PMRP – Prefeitura Mun. Ribeirão Preto (POSTO), Porto Ferreira/SP (POSTO), Pref. São José dos Campos (POSTO), Presidente Prudente/SP, PUC-Campinas/SP (POSTO), Ribeirão Preto/SP, Salto-Sorocaba/SP (POSTO), Santos/SP, São Carlos-Ribeirão Preto/SP (POSTO), São José dos Campos/SP, São Sebastião/SP (POSTO), Sertãozinho/SP (POSTO), Sorocaba/SP, Taubaté-SJC/SP (POSTO), Tupã/SP-Prefeitura Tupã (POSTO), UMC/SP (POSTO), UNAERP/SP (POSTO), UNIARA-ARARAQUARA/SP (POSTO), UNIFEOB/S.J.B.VISTA/SP (POSTO), UNIMEP/SP/Piracicaba (POSTO), UNIP/São José do Rio Preto/SP (POSTO);

SÃO PAULO – Alphaville/SP, CIEE/CENTRO/SP (POSTO), Guarulhos/SP, Mackenzie/SP (POSTO), Pref. Taboão da Serra/SP (POSTO), Processos Especiais SP/CAPITAL, PUC/SP (POSTO), Santana Parnaíba/SP (POSTO), São Bernardo do Campo/SP, São Caetano do Sul/SP (POSTO), São Judas Tadeu/SP (POSTO), São Paulo/SP, UNG/Universidade de Guarulhos/SP (POSTO), UNIABC/SP (POSTO), UNIBAN-CAMPO LIMPO/SP (POSTO), UNICSUL/SP (POSTO), UNISANTANA/SP (POSTO).⁶⁵

É fato que esses dados estão acessíveis para qualquer pessoa que os queira saber, tanto que nos foi frisado que toda unidade tem um posto de atendimento, mas nem todo posto é uma unidade, deste modo, o que nos intrigou foi o fato de informações, em lugares diferentes não são confirmadas de fato. Algo a ser considerado diante de como a empresa se coloca como importante em seu papel e de sua participação nacional. Não estamos fazendo

⁶⁵ Vide site: http://www.ciee.org.br/porta/institucional/uni_b.asp

levantamentos, mas percebemos que o uso de números é algo bastante presente para afirmação do quão grande é a sua atuação, articulamos isso ao fato de tomada de ações do grupo empresarial.

Tão importante quanto entendê-los como sujeitos do processo histórico em que estão envolvidos, há grande significado em verificá-los em uma conjuntura histórica, percebendo-os inseridos numa realidade político-econômico-social. Como a ONG foi fundada em 1964 e continua ativa nos dias de hoje, percebemo-la criada num contexto de falta de liberdade de expressão e de liberdade política, em que o desenvolvimento econômico estava atrelado aos interesses norte-americanos.

Novamente há a possibilidade de compreensão, de que as mudanças são pensadas e/ou apoiadas para criar condições no processo de definição/redefinição da/na manutenção do/no poder.

Constatamos na revista nº 55, de janeiro/fevereiro de 2004 – ano da comemoração dos 40 anos, que o grupo *“acreditava que um dos caminhos para construir uma nova sociedade era apostar na melhoria da formação profissional dos jovens”* (AGITAÇÃO 55, 2004: 50-51). Isso ainda nos anos 1963, pois para as pessoas envolvidas no processo de criação da ONG, o Brasil *“vivia um momento político e econômico difícil, com muitas facções sociais com interesses conflitantes, que marcavam o governo do então presidente João Goulart”*. (AGITAÇÃO 55, 2004: 49-50).

Registramos aqui a conjuntura dos anos 1963-1964, pois às vésperas do Golpe Militar, que daria início à Ditadura Militar no país, o interesse na fundação de tal instituição chama muito a atenção, haja vista o grupo envolvido na sua criação estar entrelaçado aos interesses político-econômicos daquele contexto histórico, ou seja, a economia nacional irá desenvolver-se atrelada ao e apoiada no capital externo.

Registram em revista, as primeiras reuniões que ocorreram nas dependências do *Grupo Ultra* (conglomerado atuante no setor de gás

combustível) por convite do próprio presidente, Percyl Igel. Em 24 de março de 1964, após a primeira assembléia aprova-se e cria-se o CIEE, nas dependências do tradicional *Instituto de Educação Caetano de Campos*, na Praça da República, em São Paulo. Outro aspecto a ser ressaltado, diante disso, é que são dois momentos históricos distintos: o momento da criação da ONG, 1963-64 e o período em que a revista é lançada e em que as matérias de análise são divulgadas, ou seja, entre 1993 aos dias de hoje, sendo nosso foco 2007. Pretendemos pensar nas conjunturas envolvidas nesses processos já que são realidades diferentes, distintas e separadas por interesses diferentes também. E é aqui que frisamos o estudo que pretendemos realizar com a pesquisa em *Agitação*: como uma investigação acerca das expectativas geradas neste periódico, a partir da visão empresarial que toma as suas ações dizendo-as como contribuições para a introdução do jovem no mercado de trabalho. (AGITAÇÃO 55, 2004: 49-50).

Nosso interesse nessa análise estará focado na percepção de que o apoio ao governo, pelos empresários e vice-versa se dará em bases atreladas ao capitalismo e de sua manutenção. Isso se torna algo fundamental em nosso estudo se desejamos esclarecer o papel de cada um no jogo que estamos narrando.

Assim como o processo do modo de produção capitalista em sua mundialização é relativamente recente, está em constante construção e continua a passar por transformações para se reorganizar, também os constantes confrontos de idéias surgirão de maneiras interessantes e criativas. É nessa brecha que lançaremos nossos olhos a fim de estudarmos e escrevermos a história presente em *Agitação*.

Poderemos, desse modo, construir uma história que não seja mera transmissão de informações, mas que nos traga oportunidades de vivenciarmos a historicidade da própria escrita dessa busca de conhecimento.

Sabemos que, ao lidar com a mundialização do capital, algumas questões nos farão repensar e reconsiderar o que estamos usando como forma

de identificar os acontecimentos em nosso tempo de estudo. Assim como, acreditamos ser primordial, buscamos apoio em escritos para tentar entender essas transformações que acontecem a cada instante e que se fizeram revista.

Assim, aqui percebemos claramente que nosso estudo, ao proporcionar-nos possibilidades de questionamentos a respeito da construção do papel do trabalhador jovem no mundo capitalista e da visão empresarial reflete uma experiência social compartilhada por ambas as partes. Constituir a revista *Agitação*, como força hegemônica, neste cenário, é uma das estratégias encontrada pelo grupo para mobilizarem-se e organizarem-se para cooptar jovens estudantes para ocuparem os postos da força de trabalho em dias de grande agitação.

PARTE II

Em Busca da Hegemonia nas Relações Sociais

CAPÍTULO 3

As relações de manipulação em ação na formação pedagógica - de jovem estudante a futuro profissional: com ou sem estágio?

Na escola atual, em função da crise profunda da tradição cultural e da concepção da vida e do homem, verifica-se um processo de progressiva degenerescência: as escolas de tipo profissional, isto é, preocupadas em satisfazer interesses práticos imediatos, predominam sobre a escola formativa, imediatamente desinteressada. O aspecto mais paradoxal reside em que este novo tipo de escola aparece e é louvado como democrático, quando, na realidade, não só é destinado a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-las em formas chinesas. (GRAMSCI, 2006: 49).

Ao concordamos com István Mészáros, que tem total razão quando fala da importância e da força da ideologia, bem como quando François Chesnais nos alerta sobre a mundialização do capital e do capitalismo, então veremos que as palavras acima, de Antonio Gramsci nos dão o pontapé inicial para pensarmos no tempo em que vivem os homens de negócio e suas relações, como grupo empresarial paulista, buscando uma válvula de escape para investir em soluções viáveis à aplicação de seus ideais.

Quer seja confirmando o papel da escola ou interrogando os verdadeiros princípios da educação, estamos diante de um momento ímpar para pensar que o espaço de formação pedagógica nos moldes da escola-empresa. Os recados encontram-se nos diversos tópicos em que os autores de *Agitação* nos permitem lê-los pretendendo “moldar” o jovem aos seus interesses, bem como sua expectativa de que atendam suas exigências.

Isteván Mészáros, em sua obra “*A Educação para além do Capital*”, nos permite interpretar isso:

*Naturalmente, as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital [...]. Aqui a questão crucial, sob o domínio do capital, é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Em outras palavras, no sentido verdadeiramente amplo do termo **educação**, trata-se de uma questão de ‘internalização’ pelos indivíduos [...] da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas ‘adequadas’ e as formas de conduta ‘certas’, mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno. (MÉSZÁROS, 2008: 42-44).*

Esta a questão principal do sentido ocupado pela educação em nosso tempo, no entanto, ao compararmos o discurso dos empresários paulistas (muitos se dizem especialistas no assunto) com a situação atual apresentada por Mézáros, identificamos que o uso principal do espaço pedagógico é adaptar para cooptar. A manipulação que queremos apontar é quando usam o espaço para fomentar seu modo de ver o mundo e “*tendem*” a formatar os jovens às suas necessidades, chamando-as de oportunidades e qualidades exigidas pelo mercado.

No trecho abaixo, podemos ter uma noção desse discurso:

*Mais uma vez, ao pensarmos sobre o mundo na virada do século, a reestruturação das organizações e a modernização tecnológica, temos que nos concentrar na **educação** e no **processo de formação profissional** [...] Olhar a **educação** e avaliar as possibilidades de reformular o modelo de escola é vital para que ela, a educação, se afirme como o pilar mais importante para o desenvolvimento dos jovens, principalmente às portas do novo milênio, quando o **conhecimento**, a **criatividade** e a **capacidade de aprender** serão, sem dúvida, o **verdadeiro capital de todos**. [...] Nesse contexto, o estágio do estudante reafirma sua importância como elemento que consolida essa relação e integra definitivamente o processo de formação, como um meio eficaz para dotar estudantes de **habilidades e competências exigidas pelo mercado**; dar maturidade e vivência profissional a esses jovens e, finalmente, como elo entre a vida acadêmica e a prática empresarial (AGITAÇÃO 23, 1998: 4).*

O discurso acima, proferido pelo presidente do conselho de administração do CIEE e professor da FGV, Antônio Jacinto Caleiro Palma, no editorial da revista *Agitação*, fala sobre a importância de reestruturação nas organizações e da modernização tecnológica e da importância que o CIEE tem em ser agente de interação entre o estudante e a empresa. No entanto, além disso, o que poderia ter representado estar fora do lugar em nossa discussão, é o enfoque dado à educação.

Perceberemos que o assunto educação tem merecido um destaque muito grande e é dito constantemente que é um assunto levado muito a sério, sendo uma alternativa, nos dias de hoje, para a implementação de melhorias. É um ponto nevrálgico da relação estabelecida pelos empresários para a aquisição de jovens com competências e habilidades necessárias ao mercado de trabalho.

Diante de tudo isso, nos resta entender o uso da pedagogia como aparato para expor as expectativas na dita “*contribuição*” feita pelo estágio na ONG CIEE para os empresários paulistas. É fundamental nossa abertura de mente para considerar esse aspecto um dos mais relevantes nas práticas contidas em *Agitação*.

Adicionalmente, nesta busca por questionamentos e entendimentos acerca de como essas abordagens nos ajudam a compreender a situação atual, analisaremos dados de grande interesse para contrapor aos nossos questionamentos. Aqui ressaltamos que, precisamos questionar quais são as razões, argumentos, explicações que a revista *Agitação* nos oferece para compreendermos o empenho empresarial para investir na qualificação dos jovens e não de adultos, diante dessa realidade. Mesmo que algumas ações são desenvolvidas em prol de adultos, como é o caso da alfabetização de adultos nos cursos gratuitos. Talvez como uma forma de atingir o que chamam de ação social.

3.1. A educação como suporte de mercado: pedagogia & manipulação

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
Paulo Freire⁶⁶.

É compreensível que tenhamos todos que repensar muitos aspectos na pedagogia, pois a situação da educação brasileira tem se arrastado por muitos anos, agravando cada vez mais problemas que poderiam ser resolvidos com mais vontade política, com menos palavreiro tecnicista e mais ação conjunta de todos os setores sociais.

Se quisermos entender essa forma de pensar, acreditaremos que talvez tenhamos que refletir sobre a educação relacionada a tudo isso. Não deixamos de acreditar na educação, enquanto possibilidade de transformação social, pois somos educadores também, no entanto, nosso papel nessa investigação nos faz questionar qual o interesse que vemos nesse discurso aplicado à educação.

Então, assim é que é possível verificar o uso de conceitos distorcidos da pedagogia para manipular a opinião. Acontece que um povo que tem conhecimento, que saiba usar desses conhecimentos e não se engane com propaganda fabricada, não será facilmente manipulado pela opinião já formada e lançada.

Podemos ler em uma reportagem de capa da revista *Agitação*: “Educação para a Cidadania”, na qual encontramos uma matéria sob o título “*Um eterno Aprendiz*”, a fala do jornalista Gilberto Dimenstein⁶⁷ apontando que:

⁶⁶ Educador e escritor que procurou fazer uma síntese de algumas correntes do pensamento filosófico de sua época, como o existencialismo cristão, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico. Essa visão foi aliada ao talento como escritor que o ajudou a conquistar um amplo público de pedagogos, cientistas sociais, teólogos e militantes políticos.

⁶⁷ Gilberto Dimenstein é formado na Faculdade Cásper Líbero, é colunista da Folha de S.Paulo e da rádio CBN; Já foi diretor da Folha de S. Paulo na sua sucursal de Brasília e

Hoje, a escola brasileira é uma fábrica de absoletos ou vagabundos. Vagabundos no sentido de que o estudante vai ser um trabalhador medíocre, porque não se interessa por nada. Ele está perdendo alguns valores, que até os 20 anos atrás, eram muito valorizados, como o da cidadania ou o do respeito pelos mais idosos. Na era da informação o aprendiz do futuro é o aprendiz permanente (AGITAÇÃO 23, 1998: 21).

Segundo o jornalista, a escola não é mais a mesma de antigamente, não ensina: tanto pela dificuldade da educação no Brasil como pelo professor que não é mais o mestre de antigamente. Vai além quando só poderá formar um trabalhador medíocre, afinal nosso encaminhamento nos leva a questionar por que ser aprendiz permanente? Por que seu discurso é pessimista em relação à escola? Por que se referir a valores e dizê-los sendo perdidos?

Quando vamos à fonte, observamos a capa da referida revista, onde consta a matéria acima mencionada:



(AGITAÇÃO 23, 1998).

correspondente internacional em Nova Iorque daquele periódico. Trabalhou também no Jornal do Brasil, Correio Braziliense, Última Hora, revista Visão e Veja. Segundo informações lidas em alguns sites da Internet, por suas reportagens sobre temas sociais e suas experiências em projetos educacionais, foi apontado pela revista Época em 2007 como umas das cem figuras mais influentes do país, sendo constantemente citado em palestras e por suas publicações, inclusive livros.

No interior da matéria encontramos o seguinte:

CAPA

Um eterno aprendiz

Um dos principais desafios da atualidade é a sobrevivência no mercado de trabalho, Gilberto Dinowitz fala com grande propriedade sobre quais os caminhos para se tornar um cidadão empregável, num mundo cada vez mais exigente.



O fim da escola, para a formação e o trabalho, pode parecer um paradoxo, mas não é exatamente assim. Segundo um dos principais pensadores da atualidade, Gilberto Dinowitz, que atua no Centro de Inovação Emprego Futuro - CIEF, para formar especialistas, profissionais e cidadãos, sobre um estado de presente e do futuro que constitui a realidade da vida de amanhã, não se trata de uma utopia, mas de uma realidade e, portanto, uma possibilidade.

Este livro explica, para não ficar apenas no teórico, mas também para não ficar apenas no prático, o que é a educação e o trabalho. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da educação e a segunda do trabalho. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da educação e a segunda do trabalho. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da educação e a segunda do trabalho.



79 **Agência**

(AGITAÇÃO 23, 1998: 20).

Dentre tantas argumentações que surgem como significativas e de peso para mostrar o que acontece neste contexto, a primeira de todas é a postura que assume o interlocutor em ambas as fotografias.

É um homem preocupado e concentrado para aferir sobre um assunto tão importante, mas mais ainda, é um vendedor de idéias, pois é considerado um especialista, inclusive seu livro está à mostra prometendo que nele está a sua visão, a sua expectativa para o presente e o futuro do mundo, traduzida em o “fim da escola”.

Mas por que dar apoio para essa idéia de que a escola está no fim? Acaso não é um meio de fazer dizer que se aprende mais na prática que na teoria? Voltamos o pensamento aos interesses envolvidos nesse processo é

estaremos diante de uma estratégia de mostrar que a escola fabrica “*obsoletos ou vagabundos*” diretamente proporcional a visão de que especialistas sabem o que precisa ser feito diante dos desafios. É assim que vemos a chamada exposta na matéria:

Um dos principais desafios da atualidade é a sobrevivência no mercado de trabalho. Gilberto Dimenstein fala com grande propriedade sobre quais os caminhos para se tornar um cidadão empregável, num mundo cada vez mais exigente. (AGITAÇÃO 23, 1998: 20).

O autor escreve em jornais, está no meio impresso e é respeitado pelas suas colocações, tanto que dizem que ele tem “*grande propriedade*” para falar do assunto. Perguntamo-nos exatamente quem disse que ele tem essa capacidade e por que o disse? Se o desejo é convencer jovens de que é preciso obter uma boa formação, que ela é constante e é para a vida toda, nada melhor do que usar alguém que tenha obtido sucesso no universo do jornalismo. Essa é a postura principal: um vencedor fala para quem quer ser vencedor, dando as dicas para sobreviver no mercado

Seguindo nas argumentações feitas pelo jornalista, prestaremos atenção ao tão conhecido aspecto do que o mercado de trabalho precisa, reforçando aos jovens a importância de prestar atenção à formação a ser adquirida:

O mercado profissional está cada vez mais exigente e é preciso estar atento às novidades, pois só irá sobreviver quem for apaixonado pelo conhecimento, quem achar que pelo resto da vida não deixará de ser nunca um estudante estagiário, ou seja, aquele que tem a sensação de encantamento com os novos conhecimentos. (AGITAÇÃO 23, 1998: 20).

Ao mesmo tempo em que entenderemos a chamada para os jovens prestarem atenção e que se mantenha atualizado, voltamos a ver a expressão exigente, conectada com a necessidade de que o próprio jovem invista em sua formação, buscando sempre mais conhecimentos. Mais ainda, é preciso ser “*um eterno aprendiz*”.

É um ponto de relevância para obter a qualificação da força de trabalho para que os jovens corram atrás dessa formação profissional. Colocar barreiras para ver o mundo do trabalho, deste modo, torna-se uma tarefa fácil, pois muitos estão desempregados e, assim, culpar a pessoa por não buscar é forma de jogar-lhe a responsabilidade de ser “*cidadão empregável*”, se quiser sobreviver no mercado. O significado disso está na busca que a própria pessoa precisa fazer para sua formação?

Paralelamente a isso, ao longo da trajetória da revista, vêm colocando o jovem, diante de sua formação como:



(AGITAÇÃO 2, 1993).

Teremos que refletir sobre essa imagem de jovem sofredor, no início da história da revista como o modo de arregimentá-los, pois se dizem sabedores do caminho a seguir. Eis a mensagem: “*Estudante sofre pra decidir o que vai ser quando crescer...*”, mas a mensagem implícita é que eles, os

empresários, que são crescidos, sérios e comprometidos, podem e vão mostrar o caminho.

Interessante contrapormos essa visão, de 1993, com uma mais recente apresentada em *Agitação*:



(AGITAÇÃO 86, 2009).

Verificamos uma grande diferença, pois a “*galera*” jovem que está nesta imagem, é diferente da apresentada anteriormente, está numa postura livre, solta, é feliz - aparentemente. Sentados em um banco antigo, escolar, cujo pé direito está sobre livros: o que dizer disso? Além de mostrar que os jovens sentem-se “*inclusos*” (tanto social quanto profissional) pelo programa aprendiz e tem orgulho disso, eles não precisam de material escolar? Ou seria: não precisam da escola e sim do estágio?

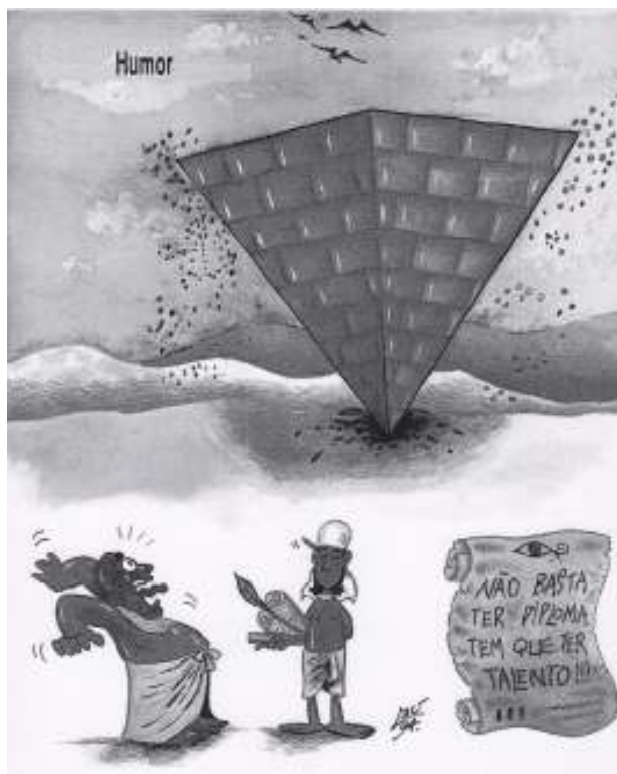
Uma jogada estratégica e com possibilidade de surtir efeitos, já que o discurso todo está para a relevância que tem o estágio perante o

diploma. Nada garante nada, mas o interesse foi despertado. Neste caminho, seguindo a investigação, vamos encontrar diversos artigos que apontam para o desemprego, para a falta de oportunidades, de que o próprio CIEE não consegue vagas para todos os interessados que os procuram.

Chama-nos atenção, numa dessas reportagens, *“Diploma sem Emprego”*, em que o dado revelado é *“um em cada quatro brasileiros, que se formaram em faculdades entre 1992 e 2002, não consegue uma colocação”*. (AGITAÇÃO 59, 2004: 17).

Registraremos que aqui a intenção é chamar à importância da capacitação do jovem estudante, através do *“melhor instrumento”*: o estágio bem administrado e supervisionado. Assim como outras palavras nos mostram que, o caminho para assegurar um futuro melhor para as novas gerações passa por uma série de providências, mas, entre elas, não deve ser esquecida a capacitação do jovem para uma nova ordem no mundo do trabalho.

Se repararmos os detalhes na charge abaixo:



(AGITAÇÃO 8, 1994: 22).

Ao interpretarmos os elementos da imagem, registramos imediatamente o sorriso pelo erro primário cometido pelo jovem. E esse é o princípio de um exame da intenção presente ao mostrar um jovem fazendo algo antigo: uma pirâmide. O senhor assustado, ao supervisionar a obra, tem as palavras anotadas: *“Não basta ter diploma. Tem que ter talento”*. O jovem, numa postura de quem fez algo que considera inovador, brilhante, com todos os papéis em mãos e com o lápis em riste atrás da orelha e o homem mais velho assustado para não dizer apavorado: que metáfora para dizer que o diploma não resolve, mas experiência sim.

É mais um ataque velado à educação formal? É parecido com dizer que uma formação não lhe dará o que necessita para saber fazer as coisas. Se quisermos exemplificar melhor o que lemos, em que é a educação o capital que proporcionará aos seres humanos o desenvolvimento e o estágio é a garantia de elo entre *“a vida acadêmica e a vida empresarial”*, precisamos nos perguntar: que garantias podem ser dadas de que ter uma formação ou o estágio trará uma colocação profissional?

Em nenhuma instância podem ser afirmados como pontos únicos, mas no discurso, como podemos abstrair da leitura que isso aparece como fator determinante: *“Melhor do que cursar uma faculdade, é saber se estamos no caminho certo. E o estágio que realizei, por intermédio do CIEE, me deu essa chance”* (AGITAÇÃO 59, 2004: 7). Muitas falas que encontramos, tendem a confirmar as efetivações possíveis com o estágio, assim como para o valor do mesmo. É uma forma de o jovem passar a ver a chance de estágio, além da inserção no mercado de trabalho, como oportunidade de aprender na prática.

Esse mérito não é questionado, mesmo porque se unindo a teoria à prática, torna-se uma ferramenta excelente para complementar o aprendizado. O caso que estamos aqui estudando, nos faz perceber a mudança na visão do estágio: como se ele fosse a única, ou melhor, o caminho único e mais curto para chegar à efetivação numa vaga de trabalho.

Vamos adiante e lemos o seguinte: O *“estágio foi fundamental para chegar aonde estou hoje. No início da carreira, eu já tinha definido que ia ser presidente e batalhei para atingir meu sonho”* (AGITAÇÃO 73, 2007: 8), tais palavras ditas por Mário Griego, o médico que virou CEO⁶⁸, é interessante se focadas no desejo e na realização da vida do médico que estudou e fez pós-graduação na Flórida, que fez mestrado em administração de empresas para assumir o controle de uma empresa farmacêutica e ter sucesso, mas a chamada fica centrada no estágio.

Assim, deste modo, fica parecendo que uma coisa não teve nada a ver com a outra. O que não pode ser dita como uma verdade, pois o profissionalismo atingido pelo médico-executivo dependeu de todo um preparo para assumir o controle da empresa. As palavras ficam soltas e podem ser usadas para serem interpretadas conforme o quadro em que são postas, mudando o contexto.

Partindo dessas provocações e indo mais além, podemos encontrar noutra revista, uma reportagem com a participação do então Secretário Municipal de Educação de São Paulo nos anos de 1986-87, José Aristodemo Pinotti, apresentando as ótimas condições que a municipalidade tem, mas que obtém resultados precários, alinhando-se à *“posição modernizante de educadores como Paulo Nathanael Pereira de Souza, presidente do Conselho de Administração do CIEE”*. (AGITAÇÃO 63, 2005: 8). Somando-se a isto, o referido secretário depõe: *“Devo dizer, sem medo de errar, que aprendi mais nos estágios do que no curso regular de Medicina”* (AGITAÇÃO 63, 2005: 11).

Temos que perguntar-nos a essa altura o porquê desse elogio e dessa crítica vinda de uma pessoa que ocupa um dos cargos mais importantes em termos de Educação na Municipalidade de São Paulo? Interessante que as alianças vão sendo traçadas e nesse emaranhado de palavras sendo

⁶⁸ A expressão CEO em sua origem é Chief Executive Officer, ou seja, usada no contexto brasileiro para referir-se ao presidente da empresa, o que manda, o principal. Mário Grieco, médico e executivo, presidente da Bristol-Myers Squibb.

colocadas intencionalmente ou não para mostrar ao que veio a instituição e seus ilustres fundadores.

E é assim que, ao continuarmos a leitura, acreditando que o secretário estava demonstrando suas preocupações com o ensino, verificamos o próprio Paulo Nathanael Pereira de Souza, na coluna “Análise”, criticando as reformas, “*nada reformadoras*”, da “nova proposta de reforma do ensino superior”, expressando-se da seguinte maneira: “*palavrório que é usado não para esclarecer, mas para dissimular as propostas estatizantes e voluntaristas*” (AGITAÇÃO 63, 2005: 19). O uso da crítica, com termos como estatizantes e voluntaristas clamam-nos a verificação mais pretensiosa acerca das argumentações e de que caminhos nos podem levar a análise mais detalhada.

3.2. Público alvo ou o público no alvo? *Adentrar* no mundo do trabalho

Poderemos verificar que, por um lado, existe um interesse em ter na educação um meio de “*divulgar*” quais são as habilidades e competências (como já anunciado em citação acima) necessárias nos dias de hoje, ou seja, quais são os conceitos importantes para o empresariado e que merecem atenção de quem deseja viver nesse contexto.

Se apostarmos na leitura da fonte, novamente em suas páginas é que vamos encontrar argumentos para a visão que criam do aprendizado que o estudante necessita nos dias de hoje:

Conhecimento de boa qualidade são aqueles que tornam os seres humanos produtivos e criativos, facilitando a aquisição de mais e melhores conhecimentos... A sociedade moderna precisa de cidadãos capazes de oferecer respostas rápidas às mudanças que ocorrem nos campos do trabalho, economia, política e cultura... A alfabetização digital é essencial. A capacidade de comunicar-se adequadamente é indispensável. A maleabilidade para trabalhar em grupo é fundamental.
(AGITAÇÃO 40, 2001: 40)

O estudo que fazemos, em primeiro lugar, destacando que teremos muitas características para serem analisados, no entanto é para o modo como elas são tratadas é que nos faz pensar como o que menos importa é o ser humano envolvido no processo, mas sim tudo o que leva ao aumento da produção, por isso a *“aquisição de mais e melhores conhecimentos”*.

Incluindo, nas diversas matérias que encontram publicadas na coluna “educação”, em *Agitação*, esta exposta acima é intitulada: *“Educação, o que conta é qualidade”* (AGITAÇÃO 40, 2001: 40-41), escrita por José Pastore⁶⁹, em que cita relatórios (ONU e IOT) para fazer demonstração da situação atual, mas quando lemos algumas de suas palavras, nos quer fazer perceber que as exigências da sociedade moderna, que para estar no mundo e nele permanecer, é preciso *“produtivo e criativo”*, condições adquiridas através da educação.

Sigamos vendo outras idéias:

O estágio é o rito de passagem, e impacta quem o faz e quem o recebe. Não há dúvida de que, para a empresa, aí está o elemento de oxigenação; para o estagiário, o passo para a consequência de sua ação profissional futura; e para a escola, o instrumento para dar vazão à prática e seu melhor elemento de auto-avaliação de desempenho. (AGITAÇÃO 56, 2004: 13)

Observando o que diz o então presidente da *Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo* (FIESP/CIESP), membro do *Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República*, Horácio Lafer Piva, compreendemos que sua descrição serve tanto para conquistar a opinião de jovens quanto de empresários, pois joga com elementos que estabelecem ligação e importância para todos os setores envolvidos.

⁶⁹ José Pastore – Doutor Honoris Causa em Ciência e Ph. D. em sociologia pela University of Wisconsin (EUA). É professor titular da Faculdade de Economia e Administração e da Fundação Instituto de Administração, ambas da Universidade de São Paulo. É pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e consultor em relações do trabalho e recursos humanos.

Aqui é que registraremos a pergunta crucial: a quem o discurso serve? Depende de quem está sendo dirigido, depende quem está sendo recomendado a ouvir. Quando discutimos sobre o que significa o estágio, suas implicações como ferramenta de busca de talentos, haveremos de ter em consideração o detalhe interessante desta fala: *“rito de passagem”*. Fica implícito ao jovem que, se quer se tornar adulto, adentrar no universo dos homens de negócios, terá que passar por essa etapa.

Mais ainda, quando questionado sobre como recomenda o jovem para os desafios de ingressar no mercado de trabalho, o mesmo diz: *“Para ingressar no mercado de trabalho, é preciso ter coragem, estudo, obstinação e pau na máquina”*. Disso abstraímos que joga ao próprio jovem a responsabilidade do seu futuro profissional, afirma que:

A meta é formar pessoas para oportunidades reais de emprego ou trabalho. [...] ainda, para esse mesmo jovem, é garantido o direito de prosseguir os seus estudos, possibilitando que alterne ou realize de formas simultâneas atividades de trabalho e de estudo. [...] Trata-se de estratégia que busca, entre outras competências, o desenvolvimento da iniciativa e da capacidade de pesquisa, estimulando o empreendedorismo entre os alunos. (AGITAÇÃO 56, 2004: 13)

Essa é uma formação em mudança, para o trabalho, para a atuação profissional que o mercado exige (e quem está por detrás do mercado formula essas competências). É assim que vemos constantemente, através dessas e de outras idéias apresentadas, uma forma de mostrar ao jovem que ele tem espaço, que ele pode adentrar no universo pelas características do mundo empresarial, basta os já citados: *“coragem, estudo, obstinação e pau na máquina”*.

Uma perspicaz atuação, pois o empresário se coloca como exemplo a ser seguido, então o jovem tem em quem se espelhar e recomendações a seguir.

É assim que queremos pensar os dias em que vivemos e que estudamos. Se for acertado dizermos que adaptamo-nos ao mundo e tão

coerente refletirmos sobre como a visão de mundo desenvolvido, tecnológico, exigência de um capitalismo neoliberal, conseqüentemente de um profissional apto a essa realidade, também será imprescindível recorrer à idéia de que estamos andando em círculos para chegar aos objetivos capitalistas.

É um dos desafios mais acirrados não cair na mesmice ao falarmos de mudanças, mas é a forma mais evidente de percebermos um grupo empresarial, em suas próprias necessidades, refazendo-se e refazendo sua transitoriedade pelo mundo dos negócios para arrecadar adeptos aos seus interesses, sem que isso pareça injusto ou desumano: mas alguém está no seu alvo sempre, todos somos consumidores de idéias ou de produtos.

Se assim procedermos, verificaremos que é concebível aos olhos de um observador menos atento e que tudo isso é natural e faz parte do quadro capitalista “*desenvolver habilidades e comportamentos*” adequados no mundo do trabalho.

Nas muitas páginas de *Agitação*, verificamos bastantes exemplos dessa visão de mundo e das exigências de um novo tipo de profissional.

Dando continuidade à arguição sobre o que acreditam os interlocutores de *Agitação*, lemos o seguinte:

Ampliar o volume de vagas de estágio [...]. Esse processo possibilitará, entre outras coisas, o desenvolvimento do nível profissional no País, já que, quanto mais estagiários em atividade, melhor o nível do profissional recém-formado e, conseqüentemente, as empresas poderão, num futuro próximo, contar com uma geração preparada para melhorar a qualidade de seus produtos e serviços. Além, disso, a atualização teórica e tecnológica que o estudante pode levar para a empresa e a vivência prática que pode compartilhar com os colegas de turma representam um ganho incalculável. (AGITAÇÃO 20, 1996: 4)

O presidente, em suas palavras iniciais, na palavra do presidente, nesta edição da revista número 20, mais uma vez deixa claro seu papel frente à instituição para ampliar vagas de estágio, buscar mais colaboradores –

empresas para oferecer estágio, para chamar a atenção de que as iniciativas diretas apontadas, frente aos desafios de proporcionar mais espaço para estagiários, justificam com o preparo do jovem como futuro profissional formado para que ocorra a qualidade do produto ou serviço e, finalmente: lucro certo que diz ser incalculável.

Na capa da revista abaixo, temos:



(AGITAÇÃO 80, 2008).

O destaque está para os números de aprovação pelos envolvidos no processo do estágio, no entanto o que é impressionante nestes números, além de estarem acima de 90% de aprovação é o modo como é apresentado: quem está aprovando? Não há o rosto do personagem que está dando a aprovação, ou seria mais interessante dizer que nenhum dos envolvidos no processo está na imagem? Haveremos de analisar também que não iriam publicar, caso a pesquisa tivesse surtido um efeito negativo, um resultado diferente do apresentado.

Uma maneira de isenção de responsabilidade, mas com apelo para que mais pessoas percebam o estágio em boas condições, neste caso e principalmente, o jovem, pois mesmo de costas vemos que é um jovem.

Chamada a atenção do jovem sobre sua relação com essa busca, vão mais além quando dizem que é o:

[...] caminho para a ousadia jovem: Para dar certo, é preciso partir da oportunidade. Se o empreendedor contar com a oportunidade, as pessoas boas para tocar o negócio, um bom planejamento, mesmo que não disponha de recurso financeiro, vai acabar conseguindo se firmar. [...] o empreendedorismo não é simplesmente uma alternativa para o desemprego, mas sim um caminho que você segue porque encontrou um negócio que acredita que vai dar certo e que você sabe administrar. E é preciso se preparar para isso. [...] Empreender não é só uma necessidade, resultante de um processo de globalização aliado a alta tecnologia, é uma vocação. (AGITAÇÃO 58, 2004:18-19)

Colocando desta forma, reforçando que é oportunidade, mas que é o próprio jovem que precisa investir em sua ousadia como uma possibilidade. Acima, no discurso da oportunidade está fortemente a presença do empreendedorismo, pois é mais uma chance de observar que, segundo os empresários, é o jovem que precisa se preparar, pois é preciso *“investir em si mesmo, pois treinamentos profissionais e conhecimento geral são armas poderosas para o profissional do próximo século”*. (AGITAÇÃO 22, 1998: 6-7).

No entanto, ocorre que esse fator está também vinculado ao fato de que um profissional melhor qualificado é bom para a empresa, pois terá melhoria no desempenho da própria organização. O desfecho é estarrecedor: empreender é uma *“vocação”*.

Em algumas chamadas de capas de *Agitação*, temos a presença constante das características-competências, em uma delas temos o seguinte:



(AGITAÇÃO 58, 2004).

O desenvolvimento de competências é importante, pois a mescla de várias funções é uma das exigências do mercado atual, quando nos mostra, através de características do “*Executivo do Século XXI*”, destacando os tipos: “alpinista”, “navegador”, “malabarista”, “empreendedor”, “viajante”, no qual pede para verificar e prestar atenção nos pontos fortes e fracos para ter um projeto e investir na carreira, ou seja, é uma aula de como preparar-se para o mercado.

Utilizando do pensamento de um anônimo, “*que imagens valem mais do que mil palavras*”, então temos mais uma delas, pois ao ler e ver o alpinista não nos resta dúvidas que quem precisa ser ousado, já que este é um esporte radical, é o próprio jovem. Vai além quando o chama de malabarista, afinal quem tem o controle, se conseguir, é o próprio praticante da atividade, ou seja, podemos vê-los usando de um discurso de que o controle está nas mãos do jovem. É uma forma de dizer que o profissional deve investir no auto-desenvolvimento, pois é aquele que:

[...] desenvolve o processo de competências, mesclando várias funções. Esse é o significado de empregabilidade. [...]

Ser empregável, então, é buscar o desenvolvimento das competências necessárias À realização do trabalho de maneira mais produtiva e com maior qualidade. [...] Uma das mais fortes competências [...] compreender o negócio, ou seja, ter visão do todo, do funcionamento geral e das etapas necessárias para o andamento do trabalho. Outra é a interpessoal, que envolve a capacidade de se relacionar bem, de administrar os conflitos e de compreender as pessoas, buscando objetivos comuns. É preciso também muita competência para lidar com a informação. Não basta ter acesso à ela, é importante saber ouvir, sintetizar, reproduzir. (AGITAÇÃO 22, 1998: 7)

Detalhe imprescindível em nosso desenvolvimento de idéias é a presença maciça dessas características em várias reportagens, em diversos números de *Agitação*, numa repetição presencial de grande expressividade. Afirmando, além da importância de tecnologia, a necessidade do aprendizado de língua estrangeira - com especial destaque para a língua inglesa. O que também faz a instituição oferecer oficinas para esse aprendizado. Mas, no desenrolar dessas características, temos que voltar há uma idéia anterior aqui citada e não devidamente comentada. É prudente apontarmos como pensam sobre o profissional polivalente, multifuncional.

Não há mais profissões em alta, mas ocupações em alta. Para preencher as vagas, são recrutados profissionais das mais diferentes áreas. É cada vez mais comum, por exemplo, um engenheiro atuar no mercado financeiro. O importante é que ele tenha o perfil adequado para a função. Esse perfil tem muito mais a ver com suas características pessoais e culturais do que com o curso escolhido. O aluno não pode e não deve acreditar que só o conhecimento adquirido na escola superior é suficiente. Quem tem capacidade para se adaptar a diferentes situações, sabe trabalhar em equipe, é criativo, domina outros idiomas, informática e lê bastante livros e jornais, já está no caminho certo. (AGITAÇÃO 29, 1999: 13)

Oportuno vê-los comparando o trabalhador multifuncional ao surfista – matéria “A grande onda”, em que:

Para alguns surfistas, achar esta grande onda pode significar o maior momento de suas vidas. Para alguns profissionais, o futuro e o sucesso das suas

carreiras. E, para conquistá-la, o estágio caracteriza-se como o melhor meio. (AGITAÇÃO 51, 2003: 47)

Abaixo a imagem da capa da referida matéria:



(AGITAÇÃO 51, 2003).

Por que associar a um surfista? Comparando a onda ao mercado? Existe uma intenção de ver a instabilidade nas relações de trabalho? Assim como a onda não é certa, não acontece sempre, o profissional precisa estar ligado para as possibilidades, talvez essa a forma que os empresários encontraram, chamando a atenção para a compreensão de que o emprego é instável e que o jovem deve se preparar para ser multifuncional se quiser é espaço:

Já se foi o tempo em que o trabalhador arranjava um bom emprego para ser adestrado. Hoje, ele precisa ser educado. Já se foi também o tempo em que a empresa podia contratar um trabalhador para fazer apenas uma tarefa. Hoje, ela tem de saber recrutar e preparar o trabalhador multifuncional [...]. A participação de estudantes e recém-formados nas atividades da empresa dá a elas grande

oportunidade de chegar mais rapidamente ao profissional de que necessita.
(AGITAÇÃO 51, 2003: 56)

Outro aspecto: o jovem ou qualquer pessoa pensa em ter uma vida boa de surfista? Ou seria por que este é um universo de jovens: a vida é mais livre, solta, despreocupada. Mas não, o jovem está surfando de terno e gravata. Detalhe, mas não menos importante, pois quem não ia responder que preferia ir surfar que ir trabalhar. No entanto o recado fica: se quiser surfar – diversão, é preciso surfar no mercado – trabalhar, trabalhando com aquilo que ressaltam na imagem: dinamismo, potencial, vontade, oportunidade, relacionamento.

Juntamente a isso, existe uma ameaça da falta de trabalho que sempre assustará e fará com que cada um tome responsabilidade para si em sua formação e capacitação. Já falamos sobre a coluna “*novas idéias*”, em que, num determinado momento, falam do “*diploma sem emprego*”, em que há uma chamada para isso, conforme já mencionamos anteriormente que um em cada quatro formados em faculdade (1992 e 2002) não conseguem emprego, então:

[...] É aí que ganha enorme importância a capacitação do jovem estudante. E o melhor instrumento para isso é, sem dúvida, o estágio bem administrado e supervisionado. [...] portanto, o caminho para assegurar um futuro melhor para as novas gerações passa por uma série de providências mas, entre elas, não deve ser esquecida a capacitação do jovem para uma nova ordem no mundo do trabalho. (AGITAÇÃO 59, 2004: 17).

Este é um discurso repetitivo, já afirmamos isso; mas entre todas essas artimanhas, vamos encontrando subsídios para compreender as qualidades que são exigidas para os jovens estudantes em suas expectativas por uma colocação em um estágio, adentrando no mundo do trabalho. Desta forma, encontramos outro de grande relevância para os artífices capitalistas, qual seja a *criatividade*, que é:

[...] um elemento básico para o sucesso e sobrevivência no mundo atual e futuro. Andando ao lado dos grandes avanços tecnológicos, ela vem equipar

nossos recursos pessoais e profissionais com o que há de melhor do potencial do cérebro humano. (AGITAÇÃO 11, 1994: 18)

As palavras são de José Carlos Bemvenutti⁷⁰, tido como uma das maiores autoridades no assunto criatividade. Argumenta que:

Na verdade todas as pessoas são criativas [...] o grande problema é que ao longo do tempo, por fatores culturais e através do nosso processo educacional vai meio inibindo essa criatividade. (AGITAÇÃO 11, 1994: 18).

Demonstra que a experiência é valorizada como um revisitar o que já se viveu e a curiosidade é importante para isso. A crítica vai ao sistema de ensino por valorizar quem *sabe*, não estimulando o aprendiz e finaliza: “*A escola deveria prestigiar mais o desejo de aprender do que o saber propriamente dito*” para nos fazer refletir que esse saber é a informação apreendida e não um conhecimento adquirido.

A opinião⁷¹ sobre essas regras, para que tenhamos a compreensão da visão expressa pelos empresários é feita por Jose Augusto Minarelli, Presidente da *Lens & Minarelli* e Conselheiro do CIEE, em que o mesmo expõe que o mercado de trabalho funciona como qualquer outro, com regras objetivas. Chama a atenção para ter sempre a “*visão de máximo alcance*” (AGITAÇÃO 75, 2007: 19), inclusive é o título de sua opinião.

Significativo é que assim fazem a diferenciação entre quem tem características natas de líder, pois a liderança é outro aspecto valorizado neste rol de boas formas de atingir o mundo dos negócios e nele ser introduzido.

⁷⁰ Reportagem em que apresenta dicas de como desenvolver a criatividade (medo, erro, acreditar, poder criativo, mentalidade abundante). Economista formado pela Universidade Federal do Paraná – 1972. Cursou Engenharia (1968 - 1970) - Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-Graduação pelo CITRE (Ministério das Relações Exteriores) para o cargo de Adido Comercial – 1978. Co-autor dos livros “Segmentação de Mercado” e “Marketing de Serviços” e do Manual de Gestão de Pessoas editado pela ABRH. Autor de diversos artigos e retratado em inúmeras revistas e jornais, tais como: Revista Exame, Jornal O Estado de São Paulo, Mercado Global, Revista Treinamento e Desenvolvimento, Inovação, Revista de Marketing Financeiro (Argentina), entre outras.

⁷¹ Na coluna opinião: uma matéria rica em informações, bem como das tais regras que são citadas.

Mais ainda, alguns empresários fazem questão de recordar que a ética também é um dos pontos a serem revistos nessa relação do jovem e de sua introdução no mercado de trabalho, pois a mesquinhez das ações do mundo competitivo está na contramão do progresso e do desenvolvimento.

Se desejarmos outros exemplos desta forma de tratar o jovem e mostrar-lhe que precisa seguir regras, acabaremos por usar duas comparações ao mesmo tempo: em todas as revistas existem dois espaços reservados para falar em “*leitura*” e em “*dicas de português*”.

No primeiro caso, devemos nos perguntar que tipo de leitura está sendo indicada aos jovens? Dentre tantas obras, as que chamam mais a atenção são livros que falam sobre o mundo corporativo, empreendedorismo, leis, trabalho, estágio, educação. Se lermos na *Agitação* nós encontraremos a seguinte idéia:

Ler é essencial para o sucesso em qualquer carreira. Um livro não apenas é uma excelente fonte de conhecimento, mas também proporciona o aprimoramento da escrita. O mesmo vale para a leitura diária de jornais e revistas, que atualizando o leitor com notícias cotidianas do que acontece no mundo e análises de especialistas sobre fatos mais relevantes. Manter-se antenado com veículos de comunicação (incluindo rádio, TV e internet) evita a alienação e é um diferencial importante na hora de conquistar uma vaga de estágio. (AGITAÇÃO 86, 2009, 44 – SUPLEMENTO: 8)

Aqui é que está o foco das questões principais disso: o que ler, o que ouvir, o que é se informar? Longe de sermos contra a leitura, pelo contrário, acreditamos na boa leitura. Sobre a quantidade de dados e seu uso leremos em “*Leitores, Espectadores e Internautas*”:

Não há por que lamentar que a exuberância de dados e a mistura de linguagens tenham feito ruir ordem ou um solo comum que era apenas par poucos. O risco está em que a viagem digital errática seja tão absorvente que leve a confundir a profusão com a realidade, a dispersão com o fim do poder, e que a admiração impeça que se renove o assombro como caminho para um outro conhecimento. (CANCLINI, 2008: 16)

O que estamos questionando aqui, por tratarmos de jovens, é que a indicação especificamente feita tem uma intenção de formar uma opinião, principalmente porque são fontes que já vêm prontas, com especialistas que escrevem. E nisso ocorre o risco que o autor nos apresenta.

Essa intenção é transformada em produto de consumo, assim como o segundo exemplo que sabemos é possível ser explorado: as dicas de como escrever corretamente precisam ter um lugar para estarem e se fazerem presentes no espaço comum destes jovens para que ele aprenda com alguém em que possa ser dado crédito, afinal é um Membro da Academia Brasileira de Letras⁷² que escreve na atual coluna “*gol de letra*”.

Existem tantas outras características que são citadas e exercitadas ao longo de inúmeras revistas. Chegamos até a ler sobre o quanto a *etiqueta* (AGITAÇÃO 44, 2002), conta pontos para obtenção de uma vaga no mercado de trabalho. Acreditamos ser interessante tocar nesse aspecto porque ele faz parte de outro mais geral e muito mais imprescindível, por que o percebemos sendo trabalhado incessantemente: o “*comportamento*”.

Anteriormente já havíamos lido, mas não dado a devida importância para as dicas que surgem sobre como se comportar⁷³ numa entrevista, que roupas usar, cuidados com gírias e seu uso excessivo, entre outros, que agora fazem um sentido maior quando queremos apreender neste contexto em que os empresários querem introduzir o jovem em seu mundo.

Sempre que existe a necessidade de mostrar o quando isso é relevante, usam e destacam que isso faz a diferença para um “*bom profissional*”. É vender o peixe. Por que, por exemplo, ao tratar de pontualidade e organização, estão mostrando para o jovem ser assim, mas o fato é que ele precisa agir assim na empresa em que está estagiando.

⁷² O autor que nos referimos é Arnaldo Niskier – Membro da Academia Brasileira de Letras – ABL, ex-secretário Estadual de Cultura do Rio de Janeiro e Presidente do Conselho de Administração do CIEE Rio.

⁷³ Acreditamos que é essencial ao estudo tratar mais detalhadamente, no próximo capítulo sobre questões que envolvem o modo do jovem se portar, quando discutiremos os aspectos sociais envolvidos no processo.

Ressaltamos aqui uma ligação quase inevitável com o que dizem ser o ter “*Orgulho de Ser Aprendiz*” (AGITAÇÃO 86, 2009: 24-31) ou *Aprendiz eterno, permanente* (AGITAÇÃO 23, 1998: 20-22), “*Adolescente Aprendiz*” (AGITAÇÃO 63, 2005: 50). Refletimos sobre como os argumentos se fecham todos em defesa do caminho do estágio para chegar aos seus objetivos. É a argumentação da continuidade, num mundo em que se falam de escolhas. Como entendê-los então, reafirmando que o importante é investir em sua formação, mas que é o estágio o ponto de partida para chegar à profissão?

Quem nos permite uma interpretação mais detalhada disso é E. Hobsbawm, ao ter afirmado que é difícil entender a realidade em que vivemos, pois estamos mais acostumados a analisar o passado. Desta maneira, para nossa continuidade de estudo, adotaremos a postura de uma investigação que aproxime nosso olhar para os empresários dizendo que não que o mundo não os queira (aos jovens) e mesmo que não existam lugares suficientes, existe uma boa chance e um bom modo de “*mostrar*” as possibilidades do mundo velho e interagir nele, pois ele se renova nos jovens e nas novas tecnologias.

Portanto, esses fragmentos de modos de agir, essa maneira de mostrar ao jovem um mundo empresarial de portas abertas, trazem em si algumas condições e, quem estiver pronto a segui-las ou obedecê-las, estará apto a assumir um posto no desejável mundo dos estagiários e futuros profissionais.

3.3. Mensagem em muitas mensagens: limites das ações e reações

*Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem.
O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. (BAUDRILLARD⁷⁴, 1991: 9)*

ACREDITE APENAS

*Acredite apenas no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem!
Também não acredite no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem!
Saiba também que não crer algo significa algo crer! (BRECHT⁷⁵, 2000: 80)*

Acreditamos que, ao tentarmos interpretar o conteúdo da revista *Agitação*, teremos a possibilidade de entender como a representação, em seu poder que ela tem para atrair interesse ou fazer entender uma mensagem, pode tornar-se um caminho para a compreensão do universo empresarial em suas mensagens aos jovens.

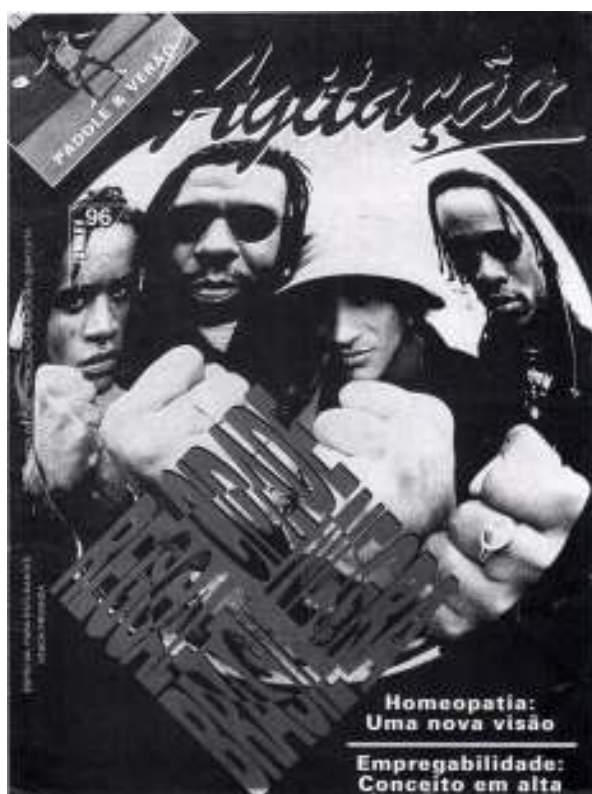
Por isso, Baudrillard e Brecht, citados acima, nos conduzem ao pensamento do quanto uma realidade pode ser alterada segundo os interesses de quem os cria e emite.

Para isso, podemos destacar o início da publicação de *Agitação*, como uma publicação voltada diretamente ao público jovem, pois suas matérias continham essa mensagem mais direta, mais aplicada ao mundo dos jovens, com uma linguagem que usava inclusive expressões comuns entre eles.

⁷⁴ Sociólogo, poeta e fotógrafo, personagem polêmico desenvolve uma série de teorias que remetem ao estudo dos impactos da comunicação e das mídias na sociedade e na cultura contemporâneas. Partindo do princípio de uma realidade construída (hiper-realidade), o autor discute a estrutura do processo em que a cultura de massa produz esta realidade virtual, contradizendo o discurso da "verdade absoluta" e contribuem para o questionamento da situação de dominação imposta pelos complexos e contemporâneos sistemas de signos.

⁷⁵ Bertolt Brecht – (Augsburg, 10 de Fevereiro de 1898 — Berlim, 14 de Agosto de 1956) foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX.

Vejamos a capa abaixo:



(AGITAÇÃO 19, 1996).

Observaremos que é uma capa com assunto jovem, com imagens que são facilmente associadas ao universo deles, inclusive aqui, no caso citado, a música. O uso das imagens em *Agitação* estava atrelado ao chamamento e ao convencimento dos jovens? Talvez quando começarmos a pensar que esta etapa era importante para que os empresários entrassem no universo de jovem para nele começar a mostrar seu modo de pensar e chamá-lo ao seu universo, teremos um início para compreender a relação da representação de mensagens sendo passadas. Assim o dissimular e o simular têm lugar mais específico: começar com o simular a realidade para chegar ao dissimular.

Em uma pesquisa⁷⁶ realizada “*ser jovem é...*”, em que a empresa *Jaime Troiano – Consumer Strategies* fez para o “Caderno da Série Debates

⁷⁶ Foram pesquisados estudantes de 6ª série do primeiro grau até o 2º ano universitário, com idades variando de 12 a 19 anos.

em Educação” publicado pelo *GRUPO – Associação de Escolas Particulares*, sobre como se estrutura a relação dos jovens como os diversos aspectos de suas vidas, nos traz alguns apontamentos muito peculiares:

Após uma longa análise sobre o que fazem e pensam os jovens de hoje, alguns pontos ficaram bastante evidentes. A título de conclusão, sete valores básicos que compõe as atitudes e o comportamento dos jovens em geral, podem ser destacados. São eles:

1 – Individualismo: Tudo indica que é uma geração extremamente individualista, com muitos e tênues compromissos, vivendo o centro que está em si mesmo, de forma ‘egoísta’, quando vistos do ângulo de outros grupos sociais. Muito distantes de utopias e projetos coletivo, de dimensões macro-sociais, ainda que possa se engajar de forma temporária ou intermitente a causas mais abrangentes. Este engajamento é muito mais um exercício de cidadania do que político.

O individualismo manifesta-se, até como foi exposto na pesquisa, na ocupação do espaço em casa e, por outro lado, através do sentido de autonomia com que o jovem faz, vive e reivindica o que quer; sem muitas mediações, sem muitos protocolos.

2 – Hedonismo: Uma busca intensa de auto-satisfação e de realização do prazer, que garanta o estado de ficar ‘numa boa’. Realizar e viver a auto-satisfação é uma coisa que pode ser buscada em diversas esferas da vida. E essa é uma turma que tem interfaces com muitas atividades diferentes. E, de cada uma delas, é possível extrair algum prazer e auto-satisfação.

3 – Conservadorismo: Outra coisa que a pesquisa deduz são os traços conservadores do pessoal em algumas áreas. Os projetos individuais consistem em crescer ao longo do que já existe hoje, sem necessidade de derrubar o existente para construir outro no lugar. Mais do que produzir uma transgressão ou irreverência próprias, consome transgressão produzida pelos outros. No Woodstock, primeira versão, a transgressão foi produzida pela própria platéia. No Rock in Rio, por exemplo, a platéia consome a transgressão e a irreverência produzida no palco.

4 – A vida é um ‘Clip’: A vida para o jovem de hoje é um ‘clip’, com muita atividade, múltiplas preferências, enorme diversidade de relações e interesses. Conhecer um pouco de muitas coisas, como se estivesse circulando pelos corredores de um shopping.

5 – Diluição da Hierarquia: O que as discussões em grupo apontaram é uma externa informalidade nas relações com a hierarquia. Com comportamentos e um sentido de independência individual, os jovens tendem a ‘diluir’ a autoridade. Uma maneira de lidar com estratificação do poder mais informal, menos desigual e

menos protocolar. E tudo indica que isto não é mera manifestação de irreverência ou pura confrontação, mas uma forma de estabelecer relações mais próximas e igualitárias.

6 – A cultura do corpo: O corpo é transado como objeto de prazer e integração consigo mesmo como pessoa. Como suporte da hiper-atividade e objeto de sedução. Isto marca um crescimento da preocupação com a ecologia corporal e a auto-satisfação física.

7 – Viver o Capitalismo: É uma rapaziada pronta para viver o capitalismo, sem qualquer culpa, sofrimento ou medo. Sem qualquer negação radical desse sistema, ao contrário, ela está preparada para vivê-lo plenamente.

É isso aí!

O pessoal está atrás de entender os jovens e, desta vez, estão usando meios supercientíficos, como esta pesquisa. Isto é uma grande vantagem, abra as portas da sociedade para que todos possam ser aceitos e entendidos, ao invés daquela crítica chata que quer todos nós vivendo de acordo com as regras antigas. Valeu, o mundo vai continuar mudando e os jovens também! (AGITAÇÃO 15, 1995: 5)

Assim acreditamos existir um elo entre o que acontece no mundo empresarial paulista e a necessidade emergente de novas concepções do futuro profissional que estes desejam chamar para suas cadeiras. Desta forma, ao buscarmos em *Agitação* uma forma de perceber o modo como o discurso é utilizado para chamar a atenção desses aspectos, colocando a grande parcela jovem no espírito do mundo capitalista a sentir-se tentado a fazer parte dele.

Em primeira instância, a pesquisa citada acima, deixa as características à mostra: “individualismo, hedonismo, conservadorismo, a vida é um ‘clip’, a cultura do corpo e viver o capitalismo” são muito mais que concepções de mundo, propostas como ditadas pelo jovem. Como valores, estão impregnados de um sabor de “*marketing*” capitalista, transmutados como ideais do próprio jovem. Ninguém está fazendo a cabeça do jovem, o jovem está dizendo por “*meios supercientíficos*”, o que é ser jovem.

Além de tudo, são jovens que estão transmitindo sua forma de ver o mundo, livrando os empresários de serem julgados por essa visão, aliás, eles

intitulam-se como mantenedores da concordância social, por que tocam em aspectos fundamentais em nossa sociedade, em nosso convívio.

Como é possível ficar inerte perante um jovem que diz que é individualista e que está centrado em si mesmo, vivendo egoisticamente? Mais ainda, tudo para viver sua auto-satisfação (hedonismo)? Ou na melhor das hipóteses, por que deseja viver plenamente sua vida, seu corpo, sem questionar o que aí está? Afinal ele quer crescer com o que já existe, não propondo nenhuma irreverência por que ele pode viver através da irreverência e da transgressão do outro?

É um jovem muito pacato esse, um jovem “preparado” e “pronto” para mudar, mudar para quê? São aspectos que nos deixam à vontade para dizer que é assim mesmo que os capitalistas os querem: completamente manipuláveis e completamente imbuídos do espírito individualista para alimentar, como grande massa de mão-de-obra que pode ser formada e qualificada, os ideais dos próprios empresários e executivos.

Apontamos muitas características de um modo de pensar dos capitalistas que os favorece, enquanto se dizem capazes de mostrar esses novos conceitos e que podemos questionar esta forma de induzir a pensar a mundialização do capital como irreversível e, portanto indiscutível.

O ponto crucial nessa nossa investigação é quando demonstram o “*investimento profissional*”, pois o que nos fica evidente de tudo, além da forma como tratam do assunto, é o que nos remetem pensar sobre a importância dos recursos humanos nesse contexto:

No mundo globalizado, empresas mundiais têm faturamentos maiores que o PIB de muitos países. Elas estão substituindo investimentos em equipamentos por investimentos em mercados.

Nesse quadro de mudanças profundas, a atividade profissional é elemento chave. Segundo Luís Carlos Cabrera, consultor de recursos humanos, as empresas precisarão, cada vez mais, de funcionários internacionalizados nos seus conhecimentos, com a percepção de realidades nacionais bem diferentes.

A capacitação profissional é o elemento chave para se manter como 'empregável' numa atmosfera que, por enquanto, é assombrada pelo fantasma do desemprego e extremamente competitiva. Mas, o que é estar capacitado para viver profissionalmente no mundo globalizado? Algumas condições são óbvias, como conhecer um idioma e dominar softwares de informática.

[...]

O novo profissional, portanto, deve transitar livremente nesse espaço que reúne culturas, tecnologias e pessoas diferentes, mas que estarão se relacionando intensamente. E não se trata de fazer um esforço sobre-humano para confundir-se com indivíduos de outro país e tornar-se um deles, mas de entender sua cultura e utilizar esse conhecimento para otimizar ao máximo o desempenho profissional, em favor dos objetivos da sua empresa, agora multi-internacional. (AGITAÇÃO 21, 1996-1997: 10).

Aqui está um momento ímpar para analisarmos o jogo posto no tabuleiro: como conseguir que o profissional sinta-se cada vez mais disposto a buscar aperfeiçoamento - a sua capacitação profissional? A ser força de trabalho qualificada? É fazendo-o sentir o perigo eminente de estar de fora, de ficar desempregado pelo mercado extremamente competitivo.

Afinal, em suas palavras, é o mundo “*globalizado*” que faz com que tenha uma nova exigência desse novo tipo de profissional, capacitado a ter uma visão diferente de mundo, capacitado para nele viver e que tenha conhecimentos novos para “*transitar*” nesses novos espaços.

Sendo assim, o investimento profissional, deste discurso é a mensagem, mas nas expectativas, o objetivo é o jovem vê-los agindo em prol do emprego. Por que tudo o que vemos ser dito, com tamanha eloquência nesse discurso, permite-nos, longe de vê-los preocupados com questões humanas (como já afirmaram tantas outras vezes), mas sim, procurando atender às suas demandas quanto à mão-de-obra qualificada, ao tipo de profissional que precisam para preencher as lacunas atuais.

Interessante, ao analisarmos, juntamente com isso, a imagem abaixo:



(AGITAÇÃO 62, 2005).

A comparação é peculiar, senão engenhosa e geniosa, pois está mostrando que encontrar alguém apto para o trabalho ou no caso, para estágio, é como encontrar uma “agulha no palheiro”. Se não bastasse ser praticamente impossível, essa agulha é de ouro, metal que simboliza riqueza, prosperidade.

Alguns aspectos secundários da imagem revelam outros detalhes reveladores: o ímã, por exemplo, que é o caminho para tornar possível essa busca, sugerindo ter o elemento facilitador para encontrá-lo.

O nome dado a isso é “oportunidade”, mas ainda mais, existe uma suspensão do ímã por uma corda praticamente invisível, assim como o sol (ou lua) ao fundo está presente como modo de dizer que não existem garantias?

Para completar essa argumentação, na revista seguinte, vemos:



AGITAÇÃO 63, 2005.

Em primeira instância, justificaríamos que a jogada aqui é mostrar quem tem a capacidade de fazer o jovem ser um vitorioso, dizendo que o diferencial não é o jovem, mas sim o CIEE que dá essa “oportunidade” a ele. Ao pensarmos na postura que o jovem está, imponente e com punho cerrado, como dissemos uma postura de vencedor, nos alerta para sua gravata que mostra o movimento na mesma. Ele é vencedor não por seus méritos, mas pela oportunidade? Segundo ponto é a outra mão posta nas costas, estaríamos inclinados a sugerir que esse é um sinal de submissão às regras do jogo, mas basta vê-lo usando roupa social para confirmarmos que ele está no universo dos homens de negócio.

Assim, quando lemos *Agitação*, em muitos momentos surgem as tais qualidades que preparariam os jovens, tais como: tecnologia, criatividade, liderança, empreendedorismo, flexibilidade, “formação = qualificação”, conhecimento de outro idioma, atitudes – aqui citadas como tanto no aspecto de comportamento como de iniciativa em aplicar-se nas tarefas ou tomar à frente o trabalho, o mais comum pôr a mão na massa, entre tantas outras que vemos sendo expostas e já trabalhadas anteriormente.

E a primeira questão que nos surge, diante de todas essas qualidades, é por que elas são as consideradas necessárias? Quem disse e por que disse que são essas as qualidades que o profissional precisa ter para estar empregado? Guardemos essas questões e outras questões importantes para termos oportunidade de chegar a novos passos nesta pesquisa.

O primeiro estagiário do Brasil, José Feliciano de Carvalho⁷⁷, é nosso exemplo fundamental para a argumentação de como um empresário pode e consegue mudar a visão do estágio e de que a revista tem objetivos ao publicar um depoimento de um caso tão bem sucedido. Lemos o seguinte:

Pensar que o estágio é uma forma de se obter mão-de-obra barata é um tremendo engano. Nas empresas por onde passei, empresas americanas, o estágio é levado a sério. No Citi é o próprio presidente, junto com recursos humanos, que cuida do programa de estágio. A empresa que absorve o estagiário tem que dar atenção a ele, acompanhar seu desenvolvimento e treiná-lo. Eu fiz vários cursos onde, além da diretoria do Citi, participaram estagiários. Do ponto de vista do estagiário [...] o estágio me parece indispensável; é através dele que o jovem pode perceber a realidade do ambiente de trabalho. É um banho de realidade. O problema mais complexo não é a matemática ou a química, mas as pessoas, o relacionamento humano. Se, por volta do segundo ano, um estudante inicia um estágio, no final da faculdade ele está no ponto. (AGITAÇÃO 7, 1994: 8-9)

José Feliciano de Carvalho, ao dar este depoimento respondia ao cargo de diretor do *Citibank*, por isso o cita durante sua fala. Nosso interesse está voltado para alguns aspectos cruciais dessa sua fala, quando o assunto é mostrar o que o estágio proporciona. Exemplo disso é o cuidado que a empresa tem com o estagiário: o tratamento citado pelo executivo não é um modo especial, senão pela engenhosidade posta à prova da observação que se quer ter do desempenho que o jovem estagiário executa suas funções dentro de uma empresa, não do modo como está sendo direcionado para

⁷⁷ Matéria que conta como surgiu o CIEE, com depoimentos, inclusive do primeiro estagiário do Brasil, José, que conta na sua fala que o estágio foi algo fundamental como na vida de qualquer profissional, está diretamente para os interesses de como se quer mostrar o estágio na revista.

florear e parecer que ele é tratado como uma jóia (lembraremos aqui da agulha de ouro acima citada) a ser cuidada.

Outro aspecto é o relacionamento humano, pois chamar a atenção disso, valorizando o que a pessoa viverá no ambiente de trabalho, sendo mais importante que os conhecimentos que dispõe. Modo pelo qual as pessoas são escolhidas para permanecer no ambiente de trabalho? Quando pensamos em que mercado estamos vivendo nos dias de hoje, paramos para refletir e questionar que os valores são outros, não se dirigem às pessoas como parte integrante do processo. São mais uma mercadoria? Então, como vemos a revista quer demonstrar e fazer pensar que os jovens vejam diferente, que é possível ter sucesso e que todos serão bem tratados.

Conforme já fora citado antes, em aspectos na própria fonte, quando fala de mundialização, uma das características fundamentais e dar uma atenção especial para a “*tecnologia*”. Esse aspecto está diretamente ligado a muitos outros julgados como imprescindíveis para a introdução no mundo dos negócios. É ferramenta indispensável para a obtenção de sucesso.

Apontamos vários artigos, desde o início da publicação do periódico até os dias de hoje como propagadores dessa idéia. Lembramos que a primeira abordagem feita foi quanto ao produto CD, em que o artigo dizia que “*eles (os jovens) estão super integrados com a mídia eletrônica*”. (AGITAÇÃO 12, 19945: 11). Vejamos, pois que os jovens nasceram plenamente integrados ao mundo tecnológico da *Internet*, no entanto temos que ter clareza, quanto ao que já foi lido e citado tanto em Nestor Garcia Canclini quanto em Beatriz Sarlo, assim como outros autores, que nem todos os jovens têm acesso às mídias, imaginem à *Internet*.

Deste modo, os veremos defendendo o uso da Internet como ferramenta indispensável nos dias de hoje. Numa matéria intitulada: “*Informática: Internet – Um papo planetário*”, suas apostas são:

[...] é a realidade de uma imensa rede que nasceu nas agências científicas americanas, ganhou corpo nas universidades e foi bem servida de programas malucos e de primeira linha feitos por jovens que realmente estavam 'em outra' e, só depois de um tempo, atingiu a popularidade.

[...] pode-se ter acesso a uma quantidade sem precedentes de informação, não importa se você está nos fundos da sua casa ou numa cidade distante [...] o idioma que predomina, certamente, é o inglês.

Portanto, para saber para que serve é melhor experimentar, você acaba se enturmando rápido e achando as coisas que precisa.

Mas é claro que tantas informações e tantas pessoas conectadas já se converteu num dos maiores tesouros da atualidade e tem chamado a atenção de muita gente. [...] Até o uso da rede por parte daqueles que tentam utilizá-la comercialmente, através de anúncios, recebeu um sonoro 'chega pra lá' dos usuários que, aliás, não foram nem um pouco delicados.

Fiquem de olhos abertos: a Embratel abriu a Internet no Brasil, com todos os serviços, com acesso para todos que disponham dos equipamentos mínimos [...]. Aperte as teclas e boa viagem. (AGITAÇÃO 15, 1995: 14)

E, sempre que possível, recorrem ao seu uso como ferramenta, assim como o aprendizado da língua inglesa, como fatores decisivos na vida de um profissional:

"Inclua a Internet em sua vida, todos os profissionais de todas as áreas deverão saber usar essa ferramenta. E não estamos falando de 5 ou 10 anos, num piscar de olhos a coisa vai ser tão corriqueira como o fax ou o telefone". (AGITAÇÃO 19, 1996: 8-9).

Apostando que haverá aceitação do recurso, argumentam o quanto o jovem tem que voltar seus interesses para as coisas que formam no universo da Internet e que, mais do que isso, pode ser uma canal rápido de comunicação com o próprio CIEE: *"Navegar é preciso... Os sites interessantes para desenvolvimento profissional e educacional. Apresenta as mudanças no site do CIEE na Internet, que está no ar desde julho de 1996". (AGITAÇÃO 22, 1998: 15).*

O uso de vocábulos estrangeiros na nossa língua pela dinâmica da cultura brasileira, visto como estrangeirismo tem diferentes opiniões:

Para alguns, essa influência não é lá muito bem-vinda. São aqueles que acreditam que essa 'invasão' quebra a nossa identidade e coisa e tal... para outros faz parte do contexto da globalização cultural, já que com o desenvolvimento das telecomunicações, satélites, Internet e afins as distâncias estão se reduzindo muito e o mix de idéias e idiomas ganha força. (AGITAÇÃO 19, 1996: 22)

Em uma matéria sobre *“Mercado: O profissional do Século XXI. As competências essenciais para o profissional do próximo milênio”*, com Luiz Carlos Cabrera (AGITAÇÃO 22, 1998: 6-7), que é considerado um dos executivos especialista responsáveis pela contratação de executivos - em um ciclo de conferência sobre recursos humanos no CIEE, aponta para as características obrigatórias para quem quiser estar empregado em épocas de mudanças - empregabilidade, ações para desenvolver a capacidade em estar empregado, ousadia e preparação constante, entre outras, mas de todos os seus argumentos um nos chama maior atenção: *“Saber usar o computador e ter domínio de um segundo idioma é fato consumado”*. Isso fecha a informação que, na visão empresarial, de que o profissional deve estar preparado para competir no mercado com as ferramentas adequadas.

Recomendação sempre factual do uso que devem saber fazer da Internet, como algo que passaria a ser corriqueiro. Essas observações eram feitas, como já o dissemos, no início do periódico: ano de 1993. Lugar comum nas colocações dos anos seguintes, mas mais incisivas tornam-se com o passar dos anos, chegando a tornarem-na matéria de capa ou assunto de palestras desenvolvidas pelo grupo CIEE. É salutar voltarmos para os primeiros comentários que recordamos sobre o jovem ter nascido na era da informatização, mas aqui fica um recado de que ele deve fazer uso dessa ferramenta para coisas relacionadas ao universo do trabalho.

Acreditamos ser o ponto mais alto de todas as características citadas pelos empresários, tanto que temos o oferecimento de oficinas para conhecimentos de informática, realizadas gratuitamente pela instituição, pois o analfabetismo digital precisa ser combatido, segundo suas justificativas para o espaço oferecido aos jovens, de suas preocupações com os mesmos.

Um bom exemplo dessa justificativa é que são realizados Simpósios Anuais pela instituição CIEE, com ciclos de palestras dos mais variados assuntos, em que, na quase totalidade dos anos, ela é um dos enfoques tratados em debates realizados. Outro ponto comum é que realizam anualmente concursos literários, *Prêmio Professor Emérito* (anual); *EaD – Educação à Distância*, inclusive houve, em novembro de 2008, o “3º Encontro CIEE - ABED de Educação a Distância: A nova imagem da educação”.

Também defendem a educação virtual (AGITAÇÃO 86, 2009: 63), como um fator de formação mais acessível e rápido aos jovens, inclusive discutem o assunto nos encontros anuais. Diante disse, assinalam para a realidade da nova geração “Orkut”, ou seja, os jovens vivem no tempo da informatização até em seus relacionamentos.

Nossa argumentação precisaria confrontar o que os jovens pensam disso, pois o universo da *Internet* é tão amplo que, ao vermos o empresariado tentando limitar às atividades de trabalho, devem ter razões nas horas em que não querem ver desperdiçadas utilizando-a como diversão, passatempos diversos que a rede proporciona. Chegando ao ponto de fazer uma matéria sobre o dia-a-dia do jovem, em “*dá um tempo*”, em que mostra como administrar o tempo de forma a programar estudo, trabalho, lazer, tempo para família, para o gato, provas, entre outros. Inclusive dizendo que pode não parecer tarefa das mais fáceis, mas que, com um “*pouquinho de vontade e algumas dicas você pode dar um ‘tempo’ nos ponteiros e fazer o dia render*”. (AGITAÇÃO 15, 1995: 9).

Dicas são passadas, como: estabelecer prioridades; usar técnica do arremesso; assumir a responsabilidade; fazer uso de agenda; usar o telefone para deixar ou apanhar recados e informações rápidas. Parecem coisas simples, são apresentadas como facilidades para o jovem trabalhar mais centrado, mas vai além, pois quer maximizar o tempo do trabalho e aproveitar para ensiná-los a ficarem focados: “*fazer o dia render*”.

O jovem, mostrado como um novo tipo de profissional, no entanto, observando as qualidades, preparatórios “a um novo” mercado, configuram-se como forma de mão-de-obra moldada nos padrões que os empresários e executivos precisam, reforçando-as como “exigências dos novos” tempos.

A inovação tecnológica e as novas ferramentas de gestão eliminaram tarefas obsoletas e erradicaram, na grande maioria, um tipo ultrapassado de mão-de-obra. Hoje, o colaborador, para participar do mercado de trabalho, precisa ser competitivo, saber trabalhar em equipe, ser versátil e ter qualificação.

[...]

Os novos tempos exigem um novo tipo de relação entre capital e trabalho, já que as velhas leis trabalhistas são também foco de desemprego, pois exigem um desembolso muitas vezes insuportável por parte das empresas. Todos esses vetores são foco do desemprego estrutural. O mercado de trabalho está se reciclando em função das mudanças radicais dos últimos anos e a própria tecnologia, ao implantar soluções novas, também cria novos postos de trabalho que exigem um novo perfil dos profissionais. (AGITAÇÃO 25, 1999: 11)

A fala, neste caso, ajuda-nos a ilustrar o modo como os empresários defendem-se de que as mudanças são exigências da nova realidade, não suas próprias criações dentro de sua reestruturação, seu rearranjo. Fica mais fácil, deste modo, criar a mentalidade no trabalhador, de uma adequação às necessidades das empresas. Seguindo, temos:

O novo modelo econômico é fruto da abertura comercial e da inserção do Brasil no mercado globalizado. Há uma redefinição geral de tarefas, de estratégias e objetivos. Nos últimos anos, o empresariado deu uma grande demonstração de competência, ao enfrentar os desafios propostos pela abertura comercial e a integração dos mercados.

A mudança se deu ao longo de um processo marcado por iniciativas como reestruturação interna, redefinição de linhas de produção, racionalização do trabalho, requalificação da mão-de-obra, investimento na qualidade, busca de financiamentos externo, atualização de produtos, venda de ativos e maior utilização de insumos importados. Infelizmente, esse esforço não foi acompanhado pelo apoio efetivo de uma política econômica que deveria privilegiar a produção e não apenas cuidar do aspecto financeiro da economia. (AGITAÇÃO 25, 1999: 11)

Diante disso, é a mesma coisa que nos dizerem, se nós, empresários fizemos tudo isso: tomamos todas essas medidas, enfrentaremos desafios, por que vocês não fazem a parte que lhes compete, que são só qualidades novas? Então aí vem definitivamente, um discurso que aponta para:

A expressão 'o fim do emprego' tem sido repetida nos últimos anos e deve ser esclarecida: o que acabou foi um tipo determinado de emprego, onde era possível refugiar-se na rotina, na defesa de feudos dentro das organizações e na falta de integração entre os departamentos. O novo profissional deve se preparar para uma realidade onde predominam a eficiência, a transparência, a agilidade, a sólida formação pessoal e profissional, o espírito de grupo e a criatividade.
(AGITAÇÃO 25, 1999: 11)

É a partir dessas constatações que, ao olharmos para nossa história político-econômica, em um passado não tão distante até os dias atuais, verificaremos o quão complicado é fazermos uma análise da situação em si, quanto mais dos interesses que envolvem o grupo empresarial que estudamos, desde sua intenção na fundação da ONG CIEE, tanto como na publicação da revista *Agitação*, que se torna o meio mais eficaz de propagar suas concepções do mundo dos negócios. São mensagens que muito nos mostram sobre todas essas relações e que precisamos desvendar a luz de nossas percepções.

Ao pararmos para refletir as ocorrências das mudanças na forma cíclica de reorganização do capitalismo, pensando-o desde as transformações anunciadas com o advento da *Revolução Industrial Inglesa*, certamente poderemos afirmar que o mundo nunca mais seria o mesmo. As transformações geradas no contexto inglês respingaram para todos os cantos do planeta: certamente qualquer observador, expectador dessas mudanças, não imaginaria o mundo como o vemos hoje, mas ficaria impregnado de surpresas ao constatar que o capitalismo estava sendo jogado para tantas partes quanto seria possível explorar.

E é assim que, uma configuração do e no mundo era necessária para os próprios capitalistas para, nessas constantes transformações, assim

como nas necessidades originadas nesse processo, pudessem encaixar as modificações também nas relações do e no trabalho.

Nossas intenções nessas breves observações precisam ser mais específicas se desejarmos que o homem veja o resultado do que vivemos como um prolongamento dessas mudanças, mas acima de tudo, se veja nelas como co-participe por estar contextualizado ao mundo do capital no dia-a-dia. Afinal é isso que julgaremos ser moderno? Especialistas⁷⁸ dizem que estar “conectado” é sinal de modernidade.

Podemos ver tudo isso como uma grande comédia ou uma nefasta tragédia. As indagações que nos surgem estão relacionadas ao fato de que a humanidade sempre produziu, envolveu-se no processo de fazer parte da engrenagem que o mundo significa, no entanto a atenção deve ficar redobrada por estarmos inseridos num mundo capitalista global que nos exige respostas ao que vivenciamos.

E mais, segundo os mesmos, só assim poderemos contribuir para o progresso, para o desenvolvimento. Aliás:

Desenvolvimento, diga-se de passagem, que não pode ser fruto apenas do esforço das elites, se não que, para ser sustentado e duradouro, depende da ativa, consciente e competente participação de toda a sociedade. (AGITAÇÃO 55, 2004: 84).

Fazendo um paralelo entre as citações acima e esta que acabamos de pôr no texto, temos alguns elementos para entender a construção do emaranhado que desejam ver. Primeiro afirmar que a “globalização” é um fenômeno, tornando-o inevitável por que é chegado o novo

⁷⁸ É interessante que nominar esses especialistas poderia criar certo tom de sarcasmo, mas é algo real hoje em dia: muitos se dizem especialistas, inclusive lançam mão de dicas sobre tudo, no entanto ninguém pára para discutir *quem está falando*. No nosso caso, em muitas linhas de nossa fonte, temos empresários *apostando* em especialistas para afirmar tendências do momento, criando-as e reforçando-as, induzindo ao seu uso. Outro aspecto é quando lemos diversas obras em filosofia, sociologia, antropologia, há um estudo direcionado ao aspecto sócio-cultural, sem que se veja os jovens como um grupo em transformações na realidade em que vivem e sem uma discussão que atente para a compreensão do papel destes na história do tempo e do espaço em que vivem e produzem as suas experiências.

tempo. Num segundo plano, ao falar sobre princípios, nos deixam imaginando que existe uma relação direta com o que as pessoas têm obrigação de fazer por si mesmas, de seus próprios caminhos.

Ainda mais que a proposta é dizer que, em termos de tecnologias e idiomas está tudo bem, o jovem “manja” disso, no entanto ao dar esse enfoque nos valores, passamos a questionar que o grande problema dos empresários e executivos é que demanda muito tempo para o jovem interiorizar os comportamentos “desejáveis” no seu desempenho dentro das empresas. Precisam, então, chamar a atenção das escolas para que façam uma educação diferente, que valorize esses conceitos.

Citam então, na sessão escolas, três escolas onde os professores criaram novas maneiras: “*diferentes, de ensinar, de transmitir conhecimentos e valores com sucesso*”. São duas escolas estaduais e uma municipal, sendo que uma em São Paulo, uma em Pernambuco e outra na Paraíba (AGITAÇÃO 36, 2000: 19-21).

E por que então falar em escolas de ensino básico? Por que induzir a pensar que é na escola que deve fazer essa educação de valores? Nossas expectativas rumam para ler o que desejam os representantes das universidades, pois os encontramos várias vezes utilizando espaços na revista para dizer o que pensam dos jovens, como estes jovens “*podem/devem*” acreditar nesse tipo de formação.

Percebemos que os capitalistas, numa forma de dizer por que o jovem estaria apto para ser aceito em seu universo, mostram seu modo de vê-lo:

A mente aberta dos jovens para o universo tecnológico é reconhecida pela Vivo, empresa de telefonia que considera o programa de estágio uma ferramenta definitiva para o desenvolvimento de seus negócios e também para a formação profissional do estudante. (AGITAÇÃO 51, 2003: 15).

Temos que atentar para essa “*mente aberta*” utilizada nesta fala, pois ela nos permite interpretar o que pensam os empresários dos jovens. Ao criarem uma perspectiva de que o jovem precisa ser ensinado e que é fundamental mostrar o mundo ao jovem, pois ele não tem experiência, apostam num meio facilitador de incutir o seu modo de pensar, de ver e de agir no mundo. Então não se trata de criar ações novas, mas de reagir perante o mundo com idéias para aceitação e servir-se delas.

É como se, ao criar uma sensibilidade no jovem e na sociedade como um todo, de que esse jovem deve ser resgatado, pudessem manipulá-lo dizendo que estão ajudando-o. E em uma mensagem transfigurada, apostando que os ecos destas mensagens terão a aceitação desses jovens. Vemos numa leitura, o seguinte:

O estudante adquire um tipo de conhecimento que nem a família ou escola estão preparados para passar. [...] É a formação que é valorizada no mercado de trabalho. [...] Levamos aos estudantes, nas palestras e oficinas, conteúdos que os executivos estão vendo atualmente nos seus MBAs (AGITAÇÃO 56, 2004: 63-64)

Unindo esta fala ainda a anterior, constatamos que o argumento torna-se forte, pois a formação é oferecida sem cobrar nada do jovem, apenas dizendo que ele terá uma oportunidade no mercado de trabalho e estará mais bem preparado que muitos outros candidatos. A fala citada está na matéria “destaque”, que é intitulada: “*O Caminho mais curto para o Sonho*”, em que, um dos pontos altos é a chamada para “*Aqueles que passam pelo Programa de Desenvolvimento Estudantil têm um encaminhamento preferencial às oportunidades de estágio abertas*”. (AGITAÇÃO 56, 2004: 64). É uma oficina oferecida aos jovens, constantemente atualizadas, segundo a supervisora do CIEE, Viviane Massa; com três módulos: seleção e carreira; comunicação e lógica, empreendedorismo corporativo.

Outra coisa que fica evidente, nas expectativas que têm os executivos é a preparação que este jovem receberá, pois os módulos apresentados destacam características fundamentais para o mundo dos

negócios, nessa formação – que poderíamos chamar de treinamento rápido, pois quem passa por ele, segundo colocações, tem preferência nas colocações de estágios. É um modo interessante de pré-selecionar os envolvidos nestes estudos.

Em outro momento, na coluna “novas idéias”, por Luiz Gonzaga Bertelli, presidente executivo do CIEE, presidente da *Academia Paulista de História* e diretor do *Deinfra da FIESP/CIESP*, o mesmo escreve “*O Sonho do Jovem*”, como já havíamos utilizado antes, diz: “*Os jovens sonham com a conquista de um emprego ou de um estágio. E vão além: têm certeza de que vão conquistá-lo ainda este ano* (AGITAÇÃO 56, 2004: 88). Os argumentos permitem questionar a perspectiva dos empresários implícita em suas chamadas aos jovens.

Neste ponto, em nossas reflexões acerca das intenções que podemos verificar nestas palavras, o indicativo sonho, pulsa em grande intensidade em nossa possibilidade de estudo. Não é somente neste espaço que esta palavra foi usada, existem muitos outros momentos em que ela torna-se imprescindível para o discurso do convencimento.

Aqui destacamos que entendemos que os desafios são ferramentas originadas nas próprias formulações da visão empresarial, pois é de fundamental importância ter critérios pré-estabelecidos que determinem que tipo de profissional a empresa tenha para contratar futuramente, após o estágio. Acima é possível perceber claramente esta intenção, mas mais ainda quando afirmam que podem: “*formar profissionais que atuarão, futuramente, em seu quadro organizacional*”. (AGITAÇÃO 56, 2004: 88).

O jogo de estratégias é tão complexo que se torna mais interessante quando a revista publica em uma matéria, também com chamada sobre “*Marketing*”, na capa, intitulada “*Estudante meu Amor...*”; onde jovens estão sentados numa escadaria, descontraídos. A matéria, no interior da revista, leva o título de “*Um caso de amor que Freud não explica...só o Marketing!*”.

A princípio uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas quando escutamos as vozes dos representantes das empresas que têm espaço neste momento (*Nestlé, Credicard, Nike, Coca-Cola*), pois cria uma imagem do jovem para outros jovens, da seguinte forma:

Quem diria que o jovem que, até poucos anos atrás, era visto com reservas pela sociedade, hoje vota, tem opinião própria e participa ativamente do mundo. É na direção desse jovem que muita coisa está caminhando, inclusive vários produtos de consumo e serviços.

[...]

Esta é a primeira geração 100% pronta para viver o capitalismo sem culpa ou remorso. Ela faz do consumo e da propaganda uma coisa natural quanto praticar esporte ou ir ao cinema (AGITAÇÃO 4, 1993: 4).

As palavras nos fazem uma contribuição para percebermos que imagem de jovem pretende-se ver e que contribuições esses jovens podem dar à manutenção do capitalismo. São palavras do então vice-presidente e diretor de planejamento e pesquisa da *Lintas Comunicações na América Latina*, Jaime Troiano.

Quando buscamos um suporte para nossas argumentações, encontramos em Theodor Adorno, em sua obra *“Indústria Cultural e Sociedade”*, vemos que nosso caminho está direcionado à percepção ao que pensam os interlocutores desta revista, pelo fato de desejarem fazer um jovem ao seu estilo. Leremos o seguinte:

Mais próxima da realidade é a explicação baseada no próprio peso, na força da inércia do aparato técnico e pessoal, que deve ser considerado, em cada detalhe, como parte integrante do mecanismo econômico de seleção. Junta-se a isso o acordo, ou, ao menos, a determinação comum aos chefes executivos de não produzir ou admitir nada que não se assemelhe às suas tábuas da lei, ao seu conceito de consumidor, e, sobretudo, nada que se afaste de seu auto-retrato. (ADORNO, 2002: 10)

Se dermos um salto na busca por palavras na coluna “entrevista”, o discurso pouco mudou, vejamos o que diz Antônio Corrêa de Lacerda,

professor da PUC/SP, diretor de estratégia corporativa e análise macroeconômica do *Grupo Siemens* para a região *Mercosul* e presidente da *Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização* (Sobeet):

As transformações e limites de uma economia globalizada implicam enormes desafios para países que, como o Brasil, pretendem ampliar as suas condições de desenvolvimento baseadas em uma inserção internacional ativa. Muitas vezes, isso significa caminhar na contramão do consenso. É preciso levar em conta que, apesar do discurso globalizante e liberal, a grande maioria dos países faz uso intenso de políticas que visam desenvolver o mercado local, gerar tecnologia e expandir exportações. Essas medidas e ações levam em conta o papel do Estado e da iniciativa privada, em um esforço conjugado e concentrado para atingir os objetivos definidos.

[...]

A educação e a qualificação profissional tem papel de fundamental relevância para o desafio brasileiro. Precisamos preparar pessoas para grandes transformações em curso. Isso significa melhorar a qualidade do ensino básico, fortalecer o ensino técnico e universitário e ampliar o intercâmbio com o setor privado. Nesse ponto, não posso deixar de destacar o extraordinário trabalho empreendido pelo CIEE no Brasil. Precisamos aumentar as oportunidades para a formação dos jovens e sua inserção no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que é preciso diminuir a enorme distância que há hoje entre a universidade e empresa, que na verdade devem se complementares. (AGITAÇÃO 55, 2004: 11-12)

Torna-se um discurso repetitivo (essa é uma intenção?), mas se quiser se fazer ouvido e aplicado, precisa ser cirúrgico nos pontos em que permitirá ao jovem fazer uma leitura de mundo em que sua própria ação é que o tornará capaz de estar inserido ou ficar de fora.

Assim, percebemos que, de algum modo, selecionando jovens estudantes estagiários, eles foram ouvidos. Se compararmos a essas entrevistas aos depoimentos lidos em “ponto de partida”, teremos a complementação disso com a fala de executivos e de estudantes em estágio. Lemos o seguinte:

Antes de partir para a faculdade, fiz um curso Técnico em Eletrônica e trabalhei em algumas empresas de informática, o que me permitiu consolidar meu interesse pelo setor. Contudo, a vontade de renovar conhecimentos e de crescer na profissão fez com que eu deixasse o emprego fixo e procurasse um estágio numa grande empresa. Com o estágio, estou aprendendo na prática coisas que ainda não vi na teoria. E essa experiência está sendo muito importante para meu aperfeiçoamento profissional e pessoal. O fundamental é perseguir sempre um objetivo, sem desistir. (AGITAÇÃO 25, 1999: 38)

As palavras são de Ricardo Takahashi, na época estudante do 2º ano do curso de ciências da computação da FASP – *Faculdades Associadas de São Paulo*, que estagiava na área CPD – *Centro de Processamento de Dados da 3Com do Brasil*. Percebemos em sua fala que ele apostou no estágio como forma de aprendizado, foi sua entrada definitiva para a escolha do que iria fazer na vida. Mas é o estágio que determinou ou foi o próprio interesse? Fica focado no primeiro.

Temos que considerar que todos os depoimentos colocados na coluna acima citada são selecionados ‘a dedo’, pois sempre há uma exaltação ao estágio como pontapé inicial para a carreira, tanto que a pergunta feita no começo desta mesma coluna: *“como o estágio contribuiu para ingressar no mercado de trabalho? ou como o estágio contribuiu para o início de sua carreira profissional?”*.

O direcionamento é dado, então, como esperar uma resposta diferente?

Mas não basta vermos exemplos de quem estava estagiando, precisamos ter presente depoimentos daqueles que já estão ocupando alguns cargos, pois a forma de convencimento é fazer acreditar que alguns chegaram no sucesso graças ao fato de ter desempenhado o estágio.

Vejamos um desses exemplos, no depoimento abaixo de Rubens Ferreira Passos, intitulado *Um mundo de oportunidades*:



(AGITAÇÃO 75, 2007: 7).

Diversos aspectos podem ser chamados para nossa percepção da imagem acima. A primeira delas é que nosso interlocutor ofereceu sua carteira de trabalho como forma de registrar o estágio que efetuou. O segundo ponto é que o mesmo destaca o estágio como início do currículo, pois a seguir diz que “a carreira decolou”, do mesmo modo como a sua imagem aparece associada a produtos para jovens. Um forte argumento para jovens estudantes que pretendem obter sucesso.

Assim como esse depoimento, outros tantos podem ser encontrados como medida de demonstração do quanto o jovem pode encontrar no estágio a sua forma de adentrar no mercado de trabalho e nele permanecer como profissional, pois as promessas são grandes para aqueles que encaram o estágio.

Interessante é que o discurso utilizado usa de um jargão muito inteligente: a educação. Quando o objetivo é tornar lícitas as ações, mostrar o quão falha é a educação é um argumento de grande reflexo. Ainda mais quando as prioridades, dos seus alvos, se encontram em fases de estudos ou são recém formados.

Usando de uma frase interessante na própria revista: “*Estou formado e agora?*”, queremos chamar a atenção para o que os jovens dizem:

A gente batalha, se esforça durante anos, come a matemática que o diabo rascunhou, e tudo bem. Faz parte do jogo de quem decidiu estudar. Mas quando chega a hora de pegar o ‘canudo’ na mão e colocar a cara no mundo atrás de um emprego, aí é que o nó aperta. (AGITAÇÃO, 1994: 7)

Se quisermos comparar essa argumentação do jovem com o que pensam os empresários, podemos ver numa charge apresentada o seguinte:



(AGITAÇÃO 5, 1993: 10)

Ao mesmo tempo em que os jovens precisam se preparar para concorrer no mercado de trabalho, eles precisam ter uma formação, mas isso não basta. A comparação do jovem se esculpindo, pois tem pregado na madeira o “*diploma*”, como uma metáfora de que isso não basta, não será o suficiente para conseguir a colocação almejada. Podemos dizer, além disso, que a responsabilidade é exclusividade do próprio jovem, ninguém lhe esculpe, ele mesmo precisa fazer essa tarefa que é árdua, voltando a nos fazer pensar na idéia de que se ele ficar de fora, foi por suas próprias escolhas.

Para não deixar o jovem à mercê de escolhas ineficientes, incentivam-no a buscar ajuda de profissionais qualificados para tratar do

assunto. Na matéria *“Futuro Profissional: Help-me!”*, que conta com a indicação de ajuda profissional de Renata Fonseca de Oliveira da equipe de orientação profissional/vocacional do CIEE:

O importante nessa hora é a pessoa perceber que está com um problema, uma dúvida e o contato com alguém que ela possa conversar, um psicólogo, um orientador, é o melhor caminho.

E a idéia da mudança também assusta [...] dar um breque pode significar o fim do mundo, mas só o fato de perceber que a coisa não vai bem já é um bom sinal. (Está falando de jovens que desistem do curso no 1º e 2º anos da faculdade ou 2º grau).

[...] lembra também, que muitas vezes os problemas de frustração no trabalho, perda de rendimento, falta de criatividade, são fruto de uma escolha precipitada, já que normalmente o que se vê é um adolescente que, até então não tinha muita informação sobre o universo profissional, ter de tomar uma decisão crucial: escolher em pouco tempo, sem subsídio ou apoio, uma atividade que irá acompanhá-lo durante toda a vida. (AGITAÇÃO 17, 1995: 21)

Seguindo a mesma linha está em *Atualização*, uma matéria escrita com o apoio do psicólogo com especialização em Orientação Profissional, Cláudio Silva Loureiro, em que a revista afirma que escolher a profissão é um grande passo, pois é preciso *“planejamento profissional”*, apontando para:

O maior benefício que o exercício do planejamento profissional pode nos dar é o amadurecimento de uma postura mais ativa com a vida profissional.

[...] o que é colocado em jogo é a questão da sobrevivência versus a do crescimento profissional. (AGITAÇÃO 19, 1996: 12-13).

Vemos desta forma a empresa CIEE colocando profissionais prontos para ajudar aos jovens em suas escolhas, para que sejam ‘boas’ escolhas e assertivas. O peso colocado na busca dos jovens por uma formação é tão grande quando à preocupação de colocação futura no mercado de trabalho.

Mais do que um esforço, é um sonho. Encontraremos em “novas ideais”, escrito pelo presidente executivo, Luiz Gonzaga Bertelli, “O sonho do jovem”, já citada antes, mas em que afirma:

Rigorosamente, o estágio é uma verdadeira ferramenta de aperfeiçoamento e capacitação profissional, com grandes ganhos para a própria empresa, a escola e o estudante.

Os jovens sonham com a conquista de um emprego ou de um estágio. E vão além: têm certeza de que vão conquistá-lo ainda este ano.

O ingresso no mercado de trabalho esbarra em dificuldades já conhecidas. Entre elas, e principalmente, estão as exigências relativas à necessidade de experiência profissional, além de conhecimentos de idiomas e informática.

O estágio, bem conduzido pela empresa e pelo estudante, só gera benefícios. Entre eles, para os jovens, menor prazo entre a conclusão do curso e a obtenção de emprego. Para a empresa, a grande possibilidade de formar profissionais que atuarão, futuramente, em seu quadro organizacional.

É imprescindível, portanto, que cresça entre os empresários a consciência de que a promoção de estágios é também parte da responsabilidade social das organizações. (AGITAÇÃO 56, 2004: 88-89)

Perceberemos que é a forma adequada para este grupo empresarial de se organizarem para chamar a atenção para o seu modo de vida, como ideal, transfigurada em oportunidade oferecida, em apoio para os jovens que apostarem nessa ferramenta que se constitui o estágio. A ideologia presente nos escritos, nos modos como pretendem dizer que o jovem é e como deve ser, nos fazem parar para refletir sobre tudo isso como forma de manutenção do/no poder.

Em tempos de neoliberalismo, juntamente com a possibilidade de tornar a globalização a grande vilã, os empresários tiram proveito do desejo dos jovens de introduzirem-se no mercado de trabalho e os garantem o caminho, mas os sabemos parte desse processo. Por isso chamam outros empresários para fazer parte, para serem parceiros.

É um tempo de transformação, já o dissemos: tudo e todos são mercadorias para os capitalistas, assim, esse aspecto competitivo citado

diversas vezes nas linhas de *Agitação* é que permite aos jovens a entrada nesse mundo. Podemos questionar se isso é assim, utilizando de estudos de outros autores, que fizeram levantamentos interessantes e que afirmam que o trabalho não configura como a principal preocupação dos jovens no seu tempo presente.

CAPÍTULO 4

Paradoxos da modernidade tardia

Ao perguntar o que significa, hoje, ser jovem, verificamos que a sociedade que responde ser o futuro incerto ou não saber como construí-lo está dizendo aos jovens não apenas que há pouco lugar para eles. Está respondendo a si mesma que tem pouca capacidade, por assim dizer, de rejuvenescer-se, de escutar os que poderiam mudá-la.

(CANCLINI, 2007: 210).

Pertinente salientarmos os estudos feitos em Nestor Garcia Canclini, mais ainda nesta obra *“Diferentes, Desiguais e Desconectados”*, pois o mesmo nos dá sustentação quando queremos mostrar o mundo em transição; quando paramos para analisar os acontecimentos com olhar aberto às transformações como parte do processo, como adaptação às novas identidades surgidas no contexto da mundialização, onde a conexão e a desconexão com os outros fazem nos constituirmos como sujeitos individuais tanto quanto coletivos.

Explicitando melhor nossos pensamentos, nessa fase acreditamos que devemos seguir numa linha de raciocínio que nos leve a esclarecer como os dois mundos se cruzam, como as necessidades são marcadas como ponto de partida para preparar terrenos para a organização do campo do universo da ação empresarial na prática do jovem em estágio. Nosso caminho é perceber o modo como a inclusão de jovens no mercado de trabalho, através de estágios, é percebida, lançada, criada, dita como oportunizada pelos empresários paulistas.

Imprescindível é uma explicação mais aprofundada sobre o que este mundo significa nas relações sociais implicadas nesse contexto de estudo. Estamos aqui utilizando da idéia, em primeira instância criada e implantada pelos próprios empresários, do mundo dos jovens, ou seja, supor que os jovens perdem-se no mundo: não reconhecem mais uma temporalidade que os coloque diretamente em ligação com os acontecimentos atuais, em que não há uma prática de ideais, entre outros, são ótimos argumentos para oferecer-lhes tudo isso, inserindo-os no mundo empresarial. Tanto criando a referida oportunidade⁷⁹ como os códigos necessários para isso.

Assim, lemos o seguinte:

Ele (o estágio) soluciona uma questão social, fazendo os estudantes se ocuparem durante o período em que estão fora da escola. Eles preenchem o tempo com atividades que, além de treiná-los melhor para a vida, impedem que sejam conduzidos pro afazeres não recomendáveis [...] (AGITAÇÃO 44, 2002: 39).

Perceberemos que a associação entre estar num estágio é articulada como modo de solucionar os problemas sociais dos jovens, além de conduzi-los em afazeres recomendáveis.

Vejamos, além disso:

É melhor ficar na rua? E quanto ao fato de os estágios de mais de quatro horas impedirem os jovens de ter lazer? Onde irão os jovens pobres da periferia exercitar o seu lazer durante a semana? Que alternativas lhes oferece o Poder Público em termos de clubes, centros esportivos, etc.? Na realidade, o jovem carente que não estiver usando o tempo num estágio estará jogando na ociosidade da rua, onde a escola do crime prospera a olhos vistos. Essa é a proteção que se lhes pretende dar? (AGITAÇÃO 69, 2006: 31)

Há um consenso na opinião de educadores, empresários e gestores de Recursos Humanos das empresas na avaliação do jovem brasileiro: de conhecimentos técnicos, que englobam o próprio curso de nível médio, técnico ou

⁷⁹ Toda vez que dizemos oportunidade, entendemos que é a expressão usada pelos empresários para demonstrar que a criam, no entanto, temos que ter presente que esse jogo é de interesses para ambas as partes, mas, mais ainda, para os artífices desse espaço.

superior, mais domínio de informática e idiomas, os jovens até que estão bem. Há uma mobilização dos estudantes para se adequar ao que o mercado está pedindo. No entanto, o lado comportamental está deixando a desejar. [...] Educação demanda tempo, porque diz respeito à internalização de valores, à orientação de conduta e comportamento, às questões de aprendizado. A empresa trabalha no limite do tempo, racionalizando custos e tentando manter ganho com investimento. (AGITAÇÃO 45, 2002: 38-39)

Não temos como afirmar que isso soa de forma inadequada ao mundo dos negócios. Recordamos que são sujeitos – os empresários e os executivos – interagindo com o mundo e cedendo a ele sem anular-se, bem como os jovens não o são totalmente indiferentes neste processo, pois seus interesses em inserção também são importantes para terem o pertencimento que lhes faz sentirem-se conectados⁸⁰ no mundo. O que nos faz parar nessas duas citações acima é a associação do estágio como forma de salvar o jovem. Como já dissemos antes que, para os empresários, pode perder-se e é através do estágio que ele pode ser protegido. Que argumento forte: proteção!

Muito para além dessa associação, está para eles a certeza de que o jovem já sabe como se adequar ao mundo dos negócios. O que lhes faltam agora são valores morais. Que valores? A pista já foi deixada, a *“empresa trabalha no limite do tempo, racionalizando custos e tentando manter ganho com investimento”*. Estão novamente fazendo referência aos costumes capitalistas, pois ao associar educação, trabalho e desenvolvimento do país fica à mercê das necessidades empresariais. Os rastros daquilo que pensam e querem fazer acreditar, vão ficando mais compreensíveis à medida que

⁸⁰ Canclini nos pergunta em um determinado momento se ser diferente é estar desconectado. O que nos remete a pensar que a geração jovem nasceu neste mundo tecnológico, conhece e interage com as novas tecnologias diariamente, não é uma novidade para eles as dificuldades que adultos passam mostrando como barreiras projetadas para dificultar o acesso ao mercado de trabalho. Aqui também fica outro ponto para ser repensado: nem todos os jovens têm acesso às tecnologias, quando falamos em grande número de desprovidos de condições para esse acesso. Se desejássemos uma pesquisa aprofundada no assunto, bastava recolher os dados da pesquisa feita pelo IBGE, em parceria com o CGI.br - Comitê Gestor de Internet no Brasil, assim como outros estudos para chegar a uma breve conclusão da desigualdade de acesso, gerando assim a chamada exclusão digital. O texto completo da pesquisa está em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/internet.pdf>, último acesso em 14.02.2010.

entendemos que não desejam uma escola que forme o jovem questionador, capaz de perceber o mundo de forma diferente:

É possível perceber que a expectativa da empresa com relação à escola não coincide, em grande parte, com a rotina da própria escola. [...] Contudo, não se pode afirmar que a aprendizagem na sociedade do conhecimento prepara o jovem na mesma proporção que produz e faz circular a informação. A verdade é que a realidade e a vida também se tornaram mais complexas em proporções semelhantes. O cotidiano do jovem em formação hoje é formado por uma densidade factual (o termo é do antropólogo Marc Augé) estimulante, mas incrivelmente resistente às simplificações, tão comuns às iniciativas pedagógicas do início do século. (AGITAÇÃO 45, 2002: 41)

Voltando ao citado acima, destacamos que *“há pouco lugar para eles”* (os jovens), levando-nos a afirmar que é presente a fragilidade das e nas relações humanas, mas ainda mais, é um recado bem dirigido ao pensamento daquilo que acreditam os arquitetos do estágio como modo de interagir nesse mundo e nessas relações, pois ao mostrar seu mundo ao jovem, os empresários estão dizendo àqueles qual o caminho a seguir. É o ponto crucial dessa relação a que chamamos de (re) organização: desta forma está preparando e moldando o jovem para o seu mundo.

Usando uma metáfora: *“se não pode com seu inimigo, junte-se a ele”*, poderemos usar um tom sarcástico para definir nossa visão da situação criada pelos ilustres senhores empresários paulistas envolvidos no processo da ONG CIEE. Se, por um lado buscam saídas para seu próprio *“déficit”* de força de trabalho qualificada, por outro, trazem às suas posições os jovens que, segundo sua perspectiva, *“necessitam serem moldados”* aos seus interesses. Dizem-nos que qualidade não é mercadoria, mas que é possível vendê-la como condição de inserção no mundo empresarial e que está funcionando e que tem sido a ferramenta mais peculiar nessa relação forjada.

Por que dizemos anteriormente relação forjada? Existe uma explicação ou uma necessidade de se fazerem ouvidos em suas posições?

Podemos dizer que existe uma necessidade do empresariado em arregimentar jovens para suas posições de trabalhos, mas também existem bons profissionais qualificados já formados em busca de trabalho, senão não teríamos números tão altos de desempregados engrossando fileiras cada vez maiores. No entanto, ao considerar que os jovens podem e vão se tornar aptos a ocupar cargos, através da experiência em estágio, os mesmos estão considerando a possibilidade de prepará-los para essas funções. É algo a ser considerado, levado a sério, pois muitos atribuem o sucesso de suas carreiras por haverem tido uma oportunidade de estágio. Não tiramos o mérito de suas falas, mas aproveitamo-nos de sua presença para questionar intenções desse alarde.

Se considerarmos as coisas exatamente deste modo, estaremos diante de um impasse, pois uma forma de aprender é a comprovação de teoria na prática. Isto nos torna a todos capazes de reformular conceitos e agregar novas idéias à teoria. O que não torna, configurado como ferramenta, a causa primária e única para a aprendizagem.

A visão de todo esse potencial, tanto para empresas quanto para seus colegas empresários, está impressa do seguinte modo:

O estágio, bem conduzido pela empresa e pelo estudante, só gera benefícios. Entre eles, para os jovens, menor prazo entre a conclusão do curso e a obtenção de emprego. Para a empresa, a grande possibilidade de formar profissionais que atuarão, futuramente, em seu quadro organizacional. [...] É imprescindível, portanto, que cresça entre os empresários a consciência de que a promoção de estágios é também parte da responsabilidade social das organizações. (AGITAÇÃO 56, 2004: 89).

E mais ainda:

O Sonho Continua – Em que momento estaria a juventude brasileira hoje? Prontos para Mudanças – Cada vez mais, os jovens se vêem como responsáveis pelo futuro e sabem que, se ficarem sentadinhos, não acontecerá nada [...]. Outras conclusões do levantamento mostram que os novos rebeldes contrariam o clichê e têm causa. Basta observar os principais instrumentos que elegem para promover a

mudança: valores sociais e cidadãos de alta capacidade crítica diante da realidade social. Os jovens do século 21 podem ter sonhos na cabeça, mas mantêm os pés no chão, numa saudável combinação de idealismo com realismo, pois 47% vêem o diploma apenas como início de aprendizado e só 18% o enxergam como um passaporte para a ascensão social, ao contrário do conceito preponderante até poucos anos atrás. (AGITAÇÃO 49, 2003: 40-41)

Além de termos alertas sobre condições humanas – o sonho, os princípios nos valores sociais, como fundamentais, pois se as mudanças existem é por que fazem parte da rebeldia do jovem que quer ser esse agente transformador e que pode ser aproveitado nesse processo. É uma visão simplista do jovem, como um ser que está apático e que se quiser deixar algo, precisa incorporar os padrões de *“idealismo e realismo”*.

Nossas inquisições continuam e tomam forma para exemplificar essa mudança de foco. Mais ainda, queremos experimentar um pouco do que acreditamos ser mostrado como a *“aceitação”* que o jovem tem perante essa experiência. É algo difícil de ser percebido nas revistas atuais, mas quando buscamos os primeiros números, mais diretamente voltados para os jovens, com uma linguagem mais próxima a eles, revela-se uma realidade diferente, ou seja, hoje não temos assuntos relacionados ao mundo do jovem. Mesmo com a implantação do suplemento *Agitação Jovem*⁸¹, não temos a opinião do jovem impressa.

Talvez nossa atenção tenha ficado focada na educação e deixamos de pensar nos nossos sujeitos como empresários que são. Corrigindo o rumo, acreditamos que falar sobre tudo isso, apontando os problemas da educação e do desenvolvimento brasileiros, são assuntos de muitas relevâncias para a situação geral da nação e que, deste modo, as relações vividas neste contexto trazem em si os desejos, os anseios do grupo empresarial paulista diante do mundo e da tentativa de sobrevivência nele. Por isso falar em sonhos e mudanças é uma constante, no entanto a direção da

⁸¹ A partir da revista *Agitação* número 67 foi lançado um encarte *Agitação Jovem*, servindo como espaço de dicas, enquetes, concurso, comportamento (dicas de roupas) elaboração de currículo, dicas de estágio, vestibular, entre outros.

palavra vai para o jovem, insinuando sempre o que é necessário para conquistar o sonho e para acontecer a mudança.

O que não nos impede de vermos nestas falas uma saída que os empresários usam para encontrar novos parceiros, novas parcerias interessadas em revelar sua insatisfação com o governo, mas mais ainda atingem pontos que os atrapalham como grande grupo. Deste modo, conseguem apoio para suas fileiras de empresas-ajudantes à continuidade do estágio como ferramenta necessária à busca dos talentos inovadores às suas empresas.

Por outro lado, conforme vamos lendo as palavras expressas por representantes do grupo empresarial envolvido na ONG CIEE, teremos que vê-los como fazendo seu papel e esperando que o governo faça o seu e os deixe trabalhar. Isso é para além de curioso, porque é algo de momento: alfinetam o governo quando necessário e por que incomoda os planos de continuarem utilizando-se de estagiários, depois passa a mão na cabeça do governo quando precisam da aprovação de algo.

Aí está a fragilidade das relações vividas neste mundo, aí está uma argumentação crítica dos aspectos que lhes interessa, quando lhes convém. Vemos a seguinte fala:

O Brasil soube, desde sempre, educar as suas elites de sangue e riqueza, mas, em contrapartida, se descuidou da educação popular. Até hoje, sente-se falta de uma política de escolaridade de qualidade, voltada para a formação do filho do operário, do empregado de loja e de banco, do lavrador, dos mais pobres, enfim.

Convivemos hoje com a certeza da inevitabilidade social e política de uma ação governamental que busque superar insuficiências e lacunas da educação popular, o que acaba por colocar, se não toda a escola pública no centro das operações, pelo menos alguns programas como a Alfabetização Solidária e o Fundo de Desenvolvimento.

No entanto, a rede pública está sucateada, física e pedagogicamente, a ponto de não ter sido possível definir, até aqui, com clareza, que tipo de brasileiro, e com o uso de quais recursos, queremos formar o povo. (AGITAÇÃO 24, 1998: 58)

Talvez uma resposta provável seja o que ele próprio diz que, no Brasil, são necessárias muitas mudanças no sistema de ensino para atingir essas metas, deste modo, para o grupo interessado ele está fazendo uma crítica de como deveria ser e de como realmente é, pela ineficiência das ações governamentais. Já escrevemos sobre o papel que a educação terá como meio de propagar os ideais burgueses capitalistas, no entanto, aqui estamos fazendo uma referência do quanto é forçado dizer que, além de preocupação com a educação, fazem a parte nas lacunas existentes. Fica a pergunta no ar: quem criou essas lacunas?

Enquanto procuramos uma explicação razoável para nossas dúvidas sobre as intenções dos interlocutores da revista, vamos percebendo algo peculiar, na percepção da fala recorrente do presidente Paulo Nathanael Pereira de Souza, presidente do conselho da administração do CIEE e presidente do conselho diretor do CIEE Nacional, quando o mesmo afirma o papel desempenhado, dizendo:

Há 40 anos atuando como ponte entre os mundos acadêmico e empresarial, o CIEE registra, em seu banco de dados, cerca de 4 milhões de estudantes colocados nesses programas, número que, por si só, comprova a eficácia da atividade, realizada graças às parcerias estabelecidas com empresas e escolas.

[...] empresários e executivos, com carreiras bem sucedidas, e que validam o estágio como uma oportunidade indispensável a quem está começando sua carreira. Revelam, ainda, um outro benefício da atividade: uma importante ferramenta que estimula o desenvolvimento do principal bem para as empresas – o capital humano. (AGITAÇÃO 51, 2003: 5)

Nos seus quarenta anos de existência, o CIEE ampliou o leque de atividades, sem nunca se desviar da missão principal, que é ampliar as oportunidades de estágio aos alunos dos ensinos médio e superior. (AGITAÇÃO 57, 2004: 6)

Os quarenta anos de experiência do CIEE mostram, também, que a organização tem consciência do alto valor social de sua atividade-fim. No caso do CIEE, temos a convicção de que ajudamos a construir um futuro melhor para 5 milhões de jovens que encaminhamos para estágios e contribuímos desta forma, para o desenvolvimento do país. (AGITAÇÃO 60, 2004: 4).

Como faz há quase 42 anos, quando foi fundado por um grupo de empresários e educadores de visão, o CIEE formata seu planejamento com os olhos nos próximos anos. Só assim poderá continuar, com responsabilidade, balizando caminhos e contribuindo para a inserção dos estudantes dos ensinos médio, técnico e superior, no mundo do trabalho e da cidadania. (AGITAÇÃO 66, 2005: 4).

É exatamente essa a missão que o CIEE vem cumprindo desde sua fundação, há 43 anos, sempre superando as metas que se impõe ano a ano, com resultados que são medidos pelo valor maior de suas atividades: a ampliação da oferta de oportunidades de estágio para os estudantes dos ensinos médio, técnico e superior. É com orgulho que registramos em 2006 um salto de 12,5% no volume de contratos de estágio assinados, em relação ao não anterior. A boa notícia está registrada na reportagem da capa e significa que, com esse crescimento, em 2006 o CIEE beneficiou o número recorde de 327.567 jovens. (AGITAÇÃO 73, 2007: 4)

Observamos que a cada fala e em tantas outras iguais a estas que poderíamos expor aqui, a cada nova idéia de convencimento, de que a inserção dos jovens no mercado de trabalho só acontecerá via estágios. Seguir esta linha de raciocínio é esquecer que é necessária a criação de condições para novas vagas de trabalho.

Os números, as datas – tempo, as percentagens, os ganhos – desenvolvimento, entre outros aspectos são as moedas de barganha para tirar o máximo de proveito daqueles que estiverem prontos a ouvir essa mensagem e acreditar que as oportunidades anunciadas são o caminho certo. É na repetição que eles pretendem ganhar a confiança, sensibilizar e ganhar apoio.

4.1. Mundo velho & mundo jovem: os atores em relações na *Agitação*

Quando perdemos o direito de ser diferentes, perdemos o privilégio de ser livres. Charles Evans Hughes

Nossas argumentações, utilizando as palavras de Charles Evans Hughes, são para chamar a atenção que, ao forjar uma visão de mundo para chamar a atenção de jovens em e com potencial, também há de se criar um mundo em que pareçam pertencer a ele para que nele apareçam.

Vejamos a imagem publicada em *Agitação*:



(CONTRACAPA AGITAÇÃO 22, 1998).

Considerando que esta é uma imagem publicitária, ela vai além quando extrapola o significado que pode assumir na leitura de seus receptores,

pois deixa uma margem de que, assim como a vida é feita de estágios, o estágio é o momento para o jovem, pois quem o proporciona, quem o cria, o mantém, são as pessoas com mais idade. Ainda acima de tudo, no topo da imagem é a pessoa mais velha que aparece, perguntando-nos do porquê de não ser ao contrário? Acaso podemos utilizar do pensamento de quem está acima é aquele que manda?

Sentimos ser apropriado usar um termo “*múltiplos pertencimentos*”⁸² de Nestor García Canclini para percebermos o jovem nesse contexto, ou melhor ainda, fazendo parte de um contexto que não é seu, mas que pode usufruir dele para ser introduzido nesse universo, sem que deixe de pertencer ao seu em particular.

É, no mínimo peculiar essa intenção, pois a imagem também nos deixa a margem para esse pertencimento, pois sabemos que, independente do grupo, da idade, do sexo, da razão, todos queremos pertencer a algum grupo, nos sentir ligados a algo real, concreto.

Desta maneira, ficamos satisfeitos por perceber, nos primeiros números de *Agitação*, uma forma simples de deixar um depoimento, em que deixam transparecer sutilmente a resistência através do estilo de vida que cultivam os jovens fora do trabalho. É a não passividade que nos referimos: quando dizemos que os jovens “*aceitam*” essa oportunidade, em momento algum podemos tomar como certa sua “*adaptação*”⁸³ ao que entendem os senhores empresários como sendo o estilo ideal, pois ele continua seu pertencimento a sua tribo fora do horário de trabalho, veste-se conforme se sente melhor, ou seja, tem uma postura dentro e fora do ambiente de trabalho.

E quando temos as opiniões, através das “cartas”, elas nos parecem que são muito bem selecionadas pelo que constatamos, pois nelas

⁸² O autor usou o conceito antropológicamente, falando das diferenças e abrange nosso estudo por tratar de multiculturalismo, justamente quando fala de integração e desintegração.

⁸³ Aqui é prudente utilizarmos dos questionamentos feitos por François Chesnais, em que ele nos propõe *decifrar palavras carregadas de ideologia*, como é o caso de *adaptar-se* como sendo uma palavra-chave, que vale como palavra-de-ordem dos dias de globalização.

não encontramos nenhuma palavra dissonante ao discurso até agora analisado, mas deixam pistas para algumas considerações.

Alguns casos em que destacamos:

Conheci a Agitação e fiquei empolgada. Ela informa e forma opinião. Para mim, teve um papel decisivo na tomada de algumas decisões na área profissional. Solineide Maria de Oliveira – Itabuna –BA. (AGITAÇÃO 24, 1998: 7).

Bom início – Fui encaminhada pelo CIEE a fazer um estágio numa excelente empresa, a qual foi uma escola para mim. Hoje, trabalho num jornal como repórter e redatora. Posso dizer com toda certeza, o estágio foi o início de tudo. Gostaria também de receber a Revista Agitação [...] Susimari Oliveira de Bem Payão – Lages -SC . (AGITAÇÃO 36, 2000: 6-7).

Jornalismo Sêrio: Gostaria de parabenizá-los pelo trabalho de excelente qualidade e de fundamental importância para jovens que, assim como eu, estão buscando qualificação e treinamento para ingressar no mercado de trabalho. A revista Agitação tem uma característica que é bastante especial: o jornalismo sêrio, de leitura leve e agradável, e informativo, voltado para a educação e cultura. Ana Paula por e-mail. (AGITAÇÃO 40, 2001: 6).

No rol das melhores: Vocês fazem dessa, uma das melhores revistas, através da qual, eu, como estudante, tenho adquirido informações muito importantes para meu desenvolvimento escolar e bom futuro profissional. Ângela Maria da Silva Paes – MT. (AGITAÇÃO 51, 2003: 7).

Fonte de informação: Sinto-me lisonjeado em receber a revista Agitação. Por ser estagiário, vejo a publicação como uma ótima fonte de conhecimento sobre o mercado de trabalho, suas tendências e exemplos de profissionais de destaque em seus ramos de atividade que, assim como eu, começaram pelo estágio. Parabéns aos responsáveis pela revista. Rodrigo Gonçalves Dias – São Paulo/SP. (AGITAÇÃO 85, 2009: 76).

Fica evidente que os representantes da revista não publicariam depoimentos contrários ao estilo e objetivos da revista, no entanto, nos serve de apoio para conectarmos essas falas de apoio, como sendo um reforço a

tudo o que pretendem fazer com que outros jovens estudantes leiam e aceitem como sendo a forma mais rápida de ascensão no mundo do trabalho.

Também é perceptível que não poderemos ter a opinião direta de nenhum jovem estudante estagiário para confrontarmos com essas informações lidas, pois não foi a esse propósito que iniciamos este estudo.

O que seria de grande valia para, ao ouvi-los, elaborarmos uma crítica sobre seu modo de ver, acreditar e adentrar nesse universo. Talvez, além de uma crítica, termos a oportunidade de verificarmos o quanto desse discurso tem de efetiva adaptação ao jovem e o quanto há de sua resistência ao utilizar os espaços para estagiar.

A linguagem inicial de Agitação deixava um pouco disso mais à mostra, ficava mais evidente sua estruturação para o jovem. A partir do momento em que ela “*entra*” no uso dos jovens, muda seu posicionamento, como veículo da mensagem empresarial, mas o jovem continua seu caminho, continua sua história.

Isso renderia um estudo muito interessante, mas acreditamos que é uma conversa para outra oportunidade, pois precisaríamos do depoimento dos jovens, confrontando: aquilo que pensam, sentem e desejam; quais críticas têm sobre sua realidade e sobre estagiar; quais visões sobre o que lhes é apresentado e sobre o que acreditam sobre si mesmos e sobre sua profissão, bem como sobre a sua colocação no mercado de trabalho.

O que nos fica evidente, após o estudo da perspectiva de estágio, tanto para o grupo empresarial quanto para o jovem, é que o primeiro grupo afirma estar ciente de que faz seu papel e cumpre aquilo que se dispusera a oferecer: espaço para jovens estagiarem, assim como experiência para “*enfrentar*” o mercado de trabalho; enquanto o segundo grupo, à mercê desse discurso, estaria disposto a aceitar essa situação como forma de sentirem-se inseridos no processo, para dentro dele esboçar suas teias de relações que

nos permitem vê-los em campos de forças num mundo em constante configuração.

Um bom exemplo que temos aqui, para ilustrar isso, que, mesmo passando por toda essa experiência de ver os jovens estudantes entrando nesse barco que é o estágio, afinal eles desejam se sentir inseridos, no caso da presença de uma reportagem de capa do “Suplemento Agitação Jovem” na revista 76, intitulada “*Tribos Urbanas: Qual é a sua?*”.

Aparentemente, poderíamos dizer que nada tem de resistência nesse fato, mas ao pensarmos no jovem, durante o dia, no trabalho, usando uma roupa convencional e à noite outra, que o identifica com sua tribo, já é motivo suficiente para, pelo menos, verificarmos do que se trata:

Gírias, roupas, ideologias e gosto musical fazem parte do conjunto de códigos que identificam as tribos urbanas, grupos em que se dividem os jovens. Haja diversidade, pois as tais tribos não são poucas: numa rápida listagem, elas chegam a dezenove. Nas ruas das grandes cidades, não é difícil cruzar com um punk, de cabelos espetadíssimos, cheio de correntes e ar feroz. Ou então um esportista, de boné, regata e tênis sofisticados. Ou então mauricinhos e patricinhas, sempre arrumadinhos. E assim por diante. (AGITAÇÃO 76, 2007: 47 - SUPLEMENTO: 1)

Até aí tudo bem, estão descrevendo que existem vários tipos de turmas de jovens, em que há identificação entre eles, que é importante que se estabeleça uma teia social, comum na passagem da vida jovem para a adulta.

Mas quando um especialista vem é diz que:

Vale lembrar, entretanto, que o tipo de passagem, até para muitos jovens de tribos, inclui também assumir responsabilidades, incluindo os estudos e o início da vida profissional. Nesse campo, atitudes muito extravagantes não são nada convenientes, por isso é preciso tomar muito cuidado, alerta a psicóloga Noely de Carvalho David, supervisora de Processos Seletivos Especiais do CIEE. O comportamento pode ser mais despojado, porém o excesso não é bom em nenhum lugar, seja em casa, no estágio ou entre os amigos, aconselha, com

experiência de quem foi encarregada por empresas de avaliar milhares de candidatos a estágio. Em outras palavras, a tolerância com a liberdade e a opção por ser diferente não encontram grande espaço na ‘tribo do trabalho’, que também tem seus códigos, seus signos, seus comportamentos e seus valores. Essa tribo não pede exclusividade, mas exige respeito à sua identidade. (AGITAÇÃO 76, 2007: 48 – SUPLEMENTO: 2)

Conectada a essa fala a imagem a seguir:



(AGITAÇÃO 76, 2007)

Por que falar sobre comportamento de jovens? Por que falar sobre como se portar na “tribo do trabalho”, ainda mais que expõe que “*não pede exclusividade, mas exige respeito à sua identidade*”? Compreenderemos que esse é um bom recado para o jovem tomar uma postura diferente, pois estão exigindo dele que siga os códigos, signos, comportamentos e valores e que sua liberdade e sua opção não serão aceitos nesse universo empresarial.

Analizamos a imagem unida à fala e percebemos que o jovem está completamente diferente na tribo e no “vestido para trabalhar”, pois ele assim passa a pertencer a ambos os grupos? De certo modo sim, pela maneira com que se porta ao mudar a vestimenta está apto a pertencer, como disse a especialista.

Outro fator para ressaltar nessa imagem é a colocação da mãe do jovem, pois a mesma está observando o filho passar pelo ritual de transformação, em que a matéria diz que ela vê tudo isso a “contragosto”, pois o filho não deixa de lado o estilo alternativo. Perceberemos que essa mãe se veste de forma tradicional, reafirmando o propósito que a revista tem em mostrar que o que permanece nos adultos é a forma padrão. O estilo do filho é visto como algo passageiro, tanto que ele está arrumado socialmente de dia e à noite é que se veste de forma alternativa.

Indo além da questão das tribos, temos o seguinte anúncio:



(AGITAÇÃO 73, 2007).

É mais um modo de dizer o que fazer do que propriamente uma ferramenta para conseguir uma vaga, pois o comportamento de alguns jovens é visto como ousadia e essa ousadia podendo ser interpretada como uma

maneira de quebrar regras. Tudo bem, ninguém quer alguém indo trabalhar como se estivesse numa praia ou em sua própria casa.

O que nos faz questionar aqui é que o modo de vestimenta sugerido é ao estilo dos interlocutores: estar socialmente vestido é um modo de dar continuidade ao modo de operar do mundo empresarial?

Poderemos utilizar mais formas de ver como a representação, nesse caso é fundamental para a permanência, para a justificativa de o mundo corporativo ser visto como é e de que mudanças não são bem vindas.

Vejamos a imagem na matéria a seguir:



(AGITAÇÃO 64, 2005: 47).

Várias formas de ver a imagem acima, quando temos a possibilidade de vê-la num contexto em que se fala de carreira. A primeira

delas é a aposta na roupa que já falamos acima, mas que nos é lícito reafirmar como uma das dificuldades que o grupo deve enfrentar na resistência que os jovens têm em vestir terno.

Nesta imagem, além disso, nos salta à vista a postura assumida pelo mesmo jovem com as roupas diferentes: a mensagem está bem a nossa frente quando vemos o jovem de terno altivo, ereto, com braços abertos e proativo pronto para ganhar o mundo e mandar nele, enquanto o outro, com roupas casuais, submisso, cabisbaixo, com os braços abertos e reativos, pronto para receber o que vier. O próprio jovem diz que é um personagem que ele assume, demonstrando que o encontro dos dois mundos só acontece por que o jovem encaixa-se nas exigências dos empresários.

Usar o termo fantasma, neste caso, funciona como estratégia ao medo de ficar de fora do processo. Uma ferramenta que já vimos ser utilizada anteriormente e que é recorrente nas falas.

Se recordarmos uma das pesquisas feitas para saber: “Ser Jovem é...”, sete valores básicos que compõe as atitudes e o comportamento dos jovens em geral, foram destacados: “Individualismo”, “Hedonismo”, “Conservadorismo”, “A vida é um ‘Clip’”, “Diluição da Hierarquia”, “A cultura do corpo” e “Viver o Capitalismo” (AGITAÇÃO 15, 1995: 5), todas são características fundamentais para que os sujeitos percam a sua identidade e passem a ver com o mundo com os olhos de outrem.

Quando buscamos uma argumentação que satisfaça ao propósito desta pesquisa, questionando ou até mesmo voltando ao ponto de partida, registramos que as intenções nas falas e nas colocações abrangem mais que o convencimento. Vejamos:

Há um consenso na opinião de educadores, empresários e gestores de Recursos Humanos das empresas na avaliação do jovem brasileiro: de conhecimentos técnicos, que englobam o próprio curso de nível médio, técnico ou superior, mais domínio de informática e idiomas, os jovens até que estão bem. Há

uma mobilização dos estudantes para se adequar ao que o mercado está pedindo. No entanto, o lado comportamental está deixando a desejar. [...] Educação demanda tempo, porque diz respeito à internalização de valores, à orientação de conduta e comportamento, às questões de aprendizado. A empresa trabalha no limite do tempo, racionalizando custos e tentando manter ganho com investimento. (AGITAÇÃO 45, 2002: 38-39)

É a construção de uma realidade que permita a adequação dos jovens estudantes aos padrões presentes nos ideais capitalistas. Temos um ponto de destaque de um dos periódicos, que é sobre a crise de valores. Neste ponto esse discurso merece especial atenção pela sutileza com que coloca a posição dos jovens como receptores dos tais valores.

Observando uma das capas veremos que o assunto crise é manchete:



(AGITAÇÃO 45, 2002).

É desta forma que queremos ver a imprensa como espaço em que dois mundos estão juntos, mas que, por hora, nossa análise estará sobre o

que estão fazendo os empresários com esse espaço que é a Revista *Agitação*. Existe uma intenção em mostrar o desespero pela crise de valores, mas nos vale a pena perguntar se o reflexo sentido no mundo empresarial é uma oportunidade de dizer o que pensam, como pensam e o que precisam como resposta para a situação.

Ao contrário de outras matérias, capas ou imagens, este jovem está descabelado, preocupado, até de cabeça para baixo (seu reflexo), mas existe um organização mostrada pelo universo da matemática, em linhas, ondas e números, dando a sugestão de que a possibilidade está no que sugerem como valores.

Pensaremos os empresários paulistas, como sujeitos históricos, inseridos no contexto histórico vivido, enquanto uma força viva e ativa no processo das relações que constituem suas respostas no cenário capitalista de mercado, gerador de poder e seu fortalecimento.

Vejamos o que apresenta a revista:



(AGITAÇÃO 49, 2003).

Dentre tantos aspectos, podemos ressaltar dois que nos fazem seguir nessa argumentação: os jovens vistos como artesãos do futuro, mas dentro do símbolo da paz⁸⁴. Algumas interpretações nos fazem pensar que existe um propósito grande ao dizer que o jovem faz parte da história quando participa de um movimento, de sua tribo ou, como é o caso, dos caras pintadas⁸⁵, para que saiba que é artífice de sua própria história, quando está disposto a isso, como escrito na frase que anuncia a matéria, mas acima de tudo, que possa fazer isso em paz.

Desta forma, o uso da imprensa é um caminho como seu suporte ideológico, ao qual pretendem, através de mensagens passadas, constituírem o seu modo de viver, as suas perspectivas de mundo e seu lugar no mundo dos negócios, afinal são homens de negócio. Nosso trabalho com a imprensa nós dá grandes possibilidades. Traz-nos também um bom desafio do quanto estamos interessados em discutir de como a imprensa é capaz, sendo usada como um meio de suporte aos objetivos de quem a escreve.

É uma sutil sugestão de que o espaço criado – o estágio, deve ser aceito por quem está interessado em seguir as regras do jogo e, de que, o espaço usado – a imprensa, é a forma como vai atingir o público-alvo com informações e valores.

4.2. Nem verdade nem mentira: Questão de readaptação

Costumamos dizer que o estagiário deve ser uma xícara vazia. Queremos pessoas sem experiência, pois serão os melhores receptores das informações e valores que queremos passar (AGITAÇÃO 51, 2003: 16).

⁸⁴ Esse símbolo, o CND – Code of Nuclear Disarmament, é o mais conhecido símbolo da paz.

⁸⁵ A imagem mostrada, olhada detalhadamente, mostra jovens cara pintadas, fazendo uma referência ao ato de participação dos jovens estudantes brasileiros no movimento de Impeachment de Fernando Collor de Melo em 1992.

Talvez a leitura da citação acima cause estranhamento ou até indignação, numa primeira leitura, mas quando tentamos lê-la novamente, tirando nosso juízo de valor, pensando sua conotação em nossa problematização do quanto os homens de negócio estão aproveitando esse espaço para mostrar sua maneira de pensar e agir, nós podemos vê-la aplicada aos chamados que os empresários e executivos fazem aos jovens interessados em aprender e adentrar no mercado de trabalho. Por este motivo é que enredamos para falar em readaptação da parte do grupo de empresários.

Em ambos os casos que citaremos abaixo, procuramos ilustrar essa argumentação presente em *Agitação*:

DO ESTÁGIO PARA O MUNDO

Se jovens pudessem selecionar as empresas para estagiar, a maioria escolheria organizações multinacionais ou em plena expansão, com programas motivacionais e que proporcionassem experiência no exterior. Para Carlos Alberto Ercolin, o desejo tornou-se realidade, já que aos 22 anos, enquanto cursava Administração de Empresas com ênfase em Comércio Exterior, conquistou uma vaga de estágio na Nestlé. Um ano depois, já fazia parte do quadro de funcionários da empresa, onde teve a oportunidade de viajar para mais de 20 países, passando por diversos cargos de gestão [...] Quinze anos depois, Ercolin recebeu convites e passou pela Renault e Laboratórios Fleury, entre outros. Contudo, nunca perdeu de vista seu sonho de tornar-se professor universitário. Antes do que imaginava, começou a dar aulas e, em 2006, passou a fazer parte da cadeira de Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Aos 48 anos, Ercolin também é sócio diretor da Hexis Consulting, empresa de consultoria empresarial. (AGITAÇÃO 85, 2009: 6).

Nesta fala encontramos alguns elementos de uma visão de um mundo que se abre de forma extraordinária ao jovem empresário Carlos Alberto Ercolin, como se nada tivesse entre o que ele sonhos, idealizou e como concretizou isso na sua vida. Imagina-se que as portas sempre se abriram de forma simples. Imaginamos como um jovem lê essas informações, com o que quer para sua vida – aqui registramos novamente a palavra sonho, utilizada de forma substancial para mostrar que quem persegue seus sonhos alcança objetivos.

E, mais, não é o jovem que escolhe o estágio, o estágio – em nome da empresa, que escolhe o jovem, pois a frase “*se jovens pudessem selecionar empresas*”, nos aponta o argumento de que, se alguns não entram no mercado, não é por que não tem espaço, é por que “*não encaixa*” naquilo que a empresa procura.

Na mesma coluna, como nosso segundo exemplo, temos:

FORMAÇÃO DE LÍDERES

Um dos prefeitos mais jovens do estado de São Paulo, 38 anos, Ednilson de Almeida – recém-empossado em Guararapes, cidade com pouco mais de 30 mil habitantes, no noroeste de São Paulo/SP – foi estagiário na Caixa Econômica Federal, em 1987. [...] Foi durante o treinamento que o atual prefeito teve certeza de sua vocação para a área contábil. No estágio, Almeida também adquiriu várias habilidades que facilitaram sua trajetória. Após obter o diploma de ensino superior de Ciências Contábeis, na vizinha Araçatuba/SP, ele investiu na carreira pública. Sua última função, antes de concorrer à prefeitura, foi a de analista técnico contábil de projetos da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, regional Araçatuba. (AGITAÇÃO 85, 2009: 7).

Nossas perguntas estão para a análise de que intenção há de mostrar um político jovem e um empresário jovem. Isto aproxima mais ainda o discurso da possibilidade. Soa como: eles conseguiram você também conseguirá, mas precisa cumprir com as “*informações e valores*” que oferecemos! Tanto que, nesta mesma sessão temos um *entre aspas* para ressaltar e reforçar as informações presentes nos depoimentos, pois ninguém mais que Barack Obama, em seu discurso de posse da presidência dos Estados Unidos é que fica registrado em sua frase:

Nossos desafios podem ser novos. Os instrumentos com que nos deparamos podem ser novos. Mas aqueles valores dos quais nosso sucesso depende – trabalho duro e honestidade, coragem e justiça, tolerância e curiosidade, lealdade e patriotismo – são antigos. (AGITAÇÃO 85, 2009: 7).

Esta fala empresarial representa o que desejam os seus artífices quando abrem o espaço para os jovens que desejam estagiar através de sua

ajuda⁸⁶. As “informações e valores” do mundo empresarial só podem ser incorporados em mentes abertas e prontas ao seu recebimento. Interessante e contraditório, um pouco exagerado na comparação, mas assertivo na forma que quer atingir a intenção do jovem aprendiz.

Podemos desta maneira, buscar uma argumentação que nos satisfaça na análise das páginas impressas em *Agitação*, sem podermos, no momento, fazer comparações com o que acontece de fato, como o que pensa, reflete, deseja o jovem. Não os ouviremos por hora, mas fica registrado a relevância que teria esse confronto de idéias.

Acreditamos e apostamos que valha a pena seguir nesse raciocínio, pois o jovem é o objetivo do empresariado, mas ele precisa convencê-lo, fazê-lo acreditar na sua forma de ver o mundo e, assim querer fazer parte dele; também precisa convencer outros empresários a apostarem na sua idéia para que ela se perpetue com a ajuda financeira, vinda através de empresas parceiras na ONG CIEE.

O jogo do convencimento é o principal ator de nossa conversa com a fonte *Agitação*, porque percebemos que o jovem, enquanto alvo dessas projeções, em grande número está indo em busca desse caminho como alternativa para adentrar no mundo do trabalho. É uma saída que pode ser encarada, diante de um mundo cada vez mais excludente, onde as chances são poucas de entrar no mundo dos negócios e nele permanecer; esse é um jogo de interesses jogado por ambas as partes⁸⁷.

⁸⁶ Deixamos aqui registrado que usamos a palavra ‘ajuda’ no sentido em que dizem os autores da revista *Agitação*, sem no entanto deixarmos de perceber a conotação diversa do que acontece na prática: os próprios empresários estão se beneficiando dessa ajuda. Como palavras são sempre carregadas de significados e soa usadas com alguma intenção, essa não deixaria de ser diferente, pois ao fazer o outro ver que o ajuda, o presta um benefício, fica mais fácil o convencimento. Lembramos que estamos falando de um mundo capitalista, em que capitalistas nada fazem sem esperar receber algo em troca. Mercado e mercadoria estão presentes em todos os aspectos da vida empresarial, pois se pensarmos no que nos fez analisar François CHENSNAIS, se existe a mundialização do capital, existe também a mundialização das atividades, caminho para a flexibilização da força de trabalho e consequentemente a sua exploração.

⁸⁷ Novamente frisaremos aqui que nosso estudo ficará na visão empresarial, pois podemos até levantar uma hipótese de que o empresariado fala o que quer e o jovem escute também o que quer, por que mesmo usando da oportunidade de estágio o jovem não fica passivo. Pode ser

Prosseguindo na leitura da matéria acima citada de *Agitação* sobre “*Marketing*”, poderemos delinear algumas explicações mais direcionadas sobre como essas intenções estão sendo utilizadas neste espaço para esse envolvimento das idéias dos jovens com os seus ideais:

... uma imagem de modernidade, identificada com a juventude.

Eles são um espelho do mercado. O público infantil se mira bastante nos jovens. Mas o movimento inverso também é verdadeiro, ou seja, as gerações mais velhas buscam uma identificação com eles, principalmente no que diz respeito aos hábitos de saúde, com a prática de esportes, por exemplo (AGITAÇÃO 4, 1993: 5).

Quando queremos interpretar a fala, precisamos lhe dar rosto, pois essa intenção de mostrar a modernidade relacionada ao jovem é um modo de dizer-lhes das escolhas, do etilo de vida, do seu consumo e de sua influência na vida de outras pessoas. É como se utilizando da rebeldia jovem, estivessem dizendo que ele, o jovem, é o responsável por fazer novos adeptos do consumismo.

Celso Schvartzer⁸⁸, gerente de promoções da *Coca-Cola*, quem nos diz o citado acima, está, juntamente com outros representantes de grandes empresas, tentando mostrar que o jovem pode ser fiel às marcas que consome e, deste modo, justamente por que, dizem:

O jovem está sempre aberto a novas experiências. Essa disposição diante do novo permite a ele vagar entre coisas, idéias e fatos, movido simplesmente pela necessidade de conhecer. (AGITAÇÃO 4, 1993: 6).

que na revista ele responda como o empresário quer ouvi-lo, até mesmo pelo fato de existir uma seleção nas falas que são utilizadas para reforçar o pensamento dos homens de negócio, mas sem ouvir os próprios jovens não poderemos fazer meras suposições. Fica registrado aqui o desejo de dar continuidade ao estudo, quem sabe com outra visão, confrontando esses dois mundos, após ouvir e interpretar o que pensam e vivem os jovens.

⁸⁸ Celso Schvartzer iniciou sua carreira em marketing na RJ Reynolds Tabacos do Brasil, onde trabalhou entre 1982 e 1985 como gerente de promoções e eventos. Em 1985, Schvartzer passou a trabalhar na Coca-Cola, sendo diretor regional de marketing e operações da empresa no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Ele só voltou a trabalhar no Rio de Janeiro em 1997, quando assumiu o cargo de gerente de relações institucionais da Coca-Cola. Na multinacional americana, Schvartzer ficou até 2003, quando se transferiu para o Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos de 2007 (Co-Rio) e passou a trabalhar ao lado do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) na confecção do plano de licenciamento para o Pan, onde atuou como diretor de planejamento das atividades aos espectadores dos Jogos Pan-Americanos de 2007.

Mas não basta mostrar o jovem deste modo aberto ao (seu) mundo, é preciso apontar a sua visão de onde as coisas podem ir, caso o jovem preste atenção. Por isso a previsão na revista:

Para onde vai essa juventude

Muito se tem falado sobre o comportamento do jovem, principalmente dos estudantes. Eles surpreenderam muita gente quando foram para as ruas com as caras pintadas. Mas não gostam de ser rotulados ou cobrados.

Cultuam o corpo e buscam a auto-satisfação, sem ao menos disfarçar. Herdaram uma bandeira levantada pela geração anterior: a da liberação.

Alguns dão essa geração como perdida ou alienada, outros acham que temos muito para aprender com os jovens. (AGITAÇÃO 4, 1993: 6).

Difícil ficar indiferente diante de tamanha sensibilização que utilizam nestas palavras. É algo que traz uma reflexão que remonta o jovem a sentir-se valorizado, comparado à juventude dos anos 60⁸⁹, com suas próprias idéias de auto-satisfação. No entanto, há uma grande mobilidade nessa fala, pois ela conseguindo mexer com a consciência do jovem, acredita que transforma seu modo de ver o seu próprio mundo e acaba aceitando a ajuda oferecida.

Vejamos a charge (logo abaixo) onde a mesma é seguida da frase: “o estagiário pode até pôr os pés pelas mãos, mas é por acreditar muito no que faz”. Acoplando essa fala, a imagem e o que escrevem do jovem, tornam um modo de chamar a atenção para o que dizem (os outros, não eles) sobre ser uma geração perdida ou alienada, mas que “*temos muito para aprender com os jovens*”, assim estão dando o golpe certo de que estão de

⁸⁹ Nem ousamos entrar no mérito da questão. O termo juventude, por si só é carregado de significados, então imagina fazer uma comparação dessas! São tempos diferentes, épocas em que a participação, no sentido de liberdade, era algo a ser buscado. Aqui utilizam de *liberação*, o que nos faz vê-los amarrando tempos diferentes de forma igual para fazer o convencimento de que os jovens de hoje também querem conquistar algo, mas o discurso fica no vazio, já que não é pela comparação política, pela expressão, pelo grito de liberdade, mas pela forma de dizer que o jovem procura o que quer e em seu modo, sem importar-se com mais nada a não ser sua auto-satisfação.

braços abertos, que os aceitam como são, que acreditam neles e estão prontos a aprender com os mesmos. Esta charge é uma criação de Ziraldo⁹⁰.



(AGITAÇÃO 1, 1993: 8)

É uma contradição, haja vista demonstrarem a todo o momento aos jovens como eles devem ser – voltamos à citação inicial: que informações

⁹⁰ Vale ressaltar que o cartunista, já citado na introdução, aparece com um papel significativo de chamar a atenção dos jovens, haja visto o pensarmos num meio totalmente diferente ao seu propósito de ideais. Retomo e reafirmo que o início da revista era voltado para o público jovem. Também, vendo que a própria trajetória do Ziraldo é controversa: dito com um revolucionário ideológico de esquerda que gosta de vida boa, segundo críticas do Millôr Fernandes após ter ganho o processo de anistia aprovado pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, sendo indenizado em mais de 1 milhão de reais. Que envolve-se com projetos questionáveis e não esclarecidos, como é o caso; de uma cartilha chamada O Olho do Consumidor, que foi produzida pelo Ministério da Agricultura, com a arte do Ziraldo, para divulgar a criação do Selo do SISORG (Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade Orgânica) que pretendia padronizar, identificar e valorizar produtos orgânicos, orientando o consumidor na sua escolha de alimentos realmente orgânicos, teria sido vítima de um pedido de segurança à pedido da multinacional Monsanto. Essa informação, veiculada livremente pela internet, nunca foi confirmada por nenhum dos envolvidos, mas apesar de a cartilha aparecer nos arquivos do Ministério, nem Ziraldo, nem SISORG, nem Olho do Consumidor retornam resultado na busca interna do site <http://www.agricultura.gov.br/>. Outros sites pesquisados: <http://www.ziraldo.com/historia/home.htm>; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ziraldo>, último acesso em 10/03/2010.

e valores querem que o mesmo tenha, para adentrar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo em que, na charge, propõe que o jovem põe os pés pelas mãos, mas é capaz de assumir múltiplas funções, o desenho mostra-o vestido apropriadamente para o trabalho, reafirmando os padrões que deve assumir.

Aqui está o objetivo principal em discutir o papel da imprensa como espaço utilizado para mostrar o mundo empresarial, desta forma, nos parece tomar um rumo nas concepções que vão sendo passadas indiretamente ou diretamente nas palavras utilizadas por pessoas que aproveitam as brechas encontradas no mundo dos negócios e expor tudo isso nas páginas de *Agitação*.

Perguntamo-nos se, dentro da “Editoração” de *Agitação*, de algum modo, existe uma visão a respeito do papel que a propaganda institucional tem frente aos interlocutores jovens. Delineamos uma pequena resposta, na revista *Agitação* número 56, quando existe uma análise disso: A “*propaganda e seu novo papel*”, cujas palavras, ditas por Cristina Carvalho Pinto, sócia-presidente do *Grupo Full Jazz de Comunicação* e conselheira do CIEE, nos mostra sua opinião quando diz:

A mídia se transformou no grande dono da verdade. A humanidade, ingenuamente, lhe outorgou esse poder. Se os valores, as crenças, a estética, a visão de mundo que a mídia nos apresenta não corresponde ao que pensamos e sentimos, temos a sensação de que algo está errado conosco, não com a mídia.

Ao ligar aquele botãozinho, muitas vezes a gente não se desliga apenas do mundo ao redor: nos desligamos de nós mesmos, de nosso ser, de nossas verdades. Nos desligamos, enfim, do que interessa e passamos a nos frustrar com o que não interessa.

Já que a comunicação tem tanto poder, a propaganda pode contribuir para destruir ou reconstruir a auto-estima das pessoas e sua capacidade de empreender e ser feliz. Ela pode se transformar em legítima alavanca de indivíduos e sociedades, respeitando sua culturas e seus valores e encorajando-os na direção da auto-sustentabilidade. (AGITAÇÃO 56, 2004:14-15)

A visão apresentada está diretamente relacionada ao meio televisivo, pois a mesma diz “*Ao ligar aquele botãozinho*”, portanto nos faz

pensar sobre as coisas que está dizendo a um universo externo a Revista *Agitação*, como se a mesma não fizesse parte da mídia.

Essa visão da propaganda, ao chamar atenção para fatores de auto-estima, cultura, auto-sustentabilidade, ao que pensamos e sentimos, a coluna pretende o quê? Talvez tenhamos que buscar uma maneira de ver novamente a ação empresarial sendo o motivo principal para chamar a atenção dos jovens para que ocupem suas mentes com outras coisas e não com o universo televisivo. Ela clama por um mundo diferente do visto na TV, que possa *“trazer cada um de nós de volta para nós mesmos”*, nas palavras da jornalista.

Mais ainda, tudo isso nos remete ao que queríamos no início desta parte da escrita: o grupo está usando a imprensa escrita como modo de expor seus ideais, é a maneira como pode manipular a opinião de muitos jovens estudantes para sua atuação dentro do CIEE.

Em uma das propagandas, encontramos:

Bill⁹¹, da próxima vez contrate estagiárias do CIEE. Não vale a pena correr riscos. Os estagiários do CIEE são rigorosamente selecionados, têm grande potencial e não dão a menor dor de cabeça. Empresário, dê estágio. É um grande negócio. (AGITAÇÃO 22, 1998: 22)

A citação acima, como propaganda, funciona de forma apelativa para com duas funções. Em primeiro lugar ela quer mostrar um rigor na seleção de quem é estagiário e de que tem potencial, ou seja, está dando o aval para que todos saibam que sua forma de selecionar quem será ‘premiado’ com a oportunidade de estágio precisa ter na sua cartilha a obediência necessária para não dar dor de cabeça.

⁹¹ Referência ao ex-presidente norte-americano Bill Clinton, quanto ao escândalo em que se envolveu com a estagiária Mônica Lewinsky que o acusou e o denunciou por assédio sexual, pois segundo a mesma, ele teve relação inapropriada com ela na Casa Branca.

No segundo ponto, estrategicamente exposto junto a essa associação ao ocorrido no escândalo com Bill Clinton, é que os empresários estão sendo convocados para oportunizar estágio, que seu investimento é um grande negócio, pois o estagiário fará qualquer coisa, como força de trabalho disponível e melhor qualificado que muitos concorrentes à vaga de trabalho como profissionais.

É local ímpar, haja vista o momento da mundialização do capital, com as ditas incertezas e os descontroles que vivenciamos para fazer transparecer, nas reportagens expostas em *Agitação*, o caminho a ser seguido, dizendo-o caminho certo e seguro para a parcela jovem.

No entanto, sem preocupação do quanto sua influência pode estar sendo válida, apostam no emprego massivo de idéias que desejam que sejam incorporadas pelos jovens, afinal, relendo novamente a citação primeira deste capítulo: *“Costumamos dizer que o estagiário deve ser uma xícara vazia. Queremos pessoas sem experiência, pois serão os melhores receptores das informações e valores que queremos passar”*. (AGITAÇÃO 51, 2003: 16).

A relevância dessa fala está nos dois fatores “jovem=vazio”; “jovem=sem experiência”, pois é nesse vazio e nessa falta de experiência que contam como forma operante de incutir neles o que precisam para manipulá-los.

Vamos mais além, quando poderemos perceber o uso de atributos para um futuro profissional “bom”, segundo suas expectativas: trabalham com noções de criatividade, ética, ser capaz de usar novas tecnologias, dominar outra língua – inglês, entre tantas outras, bem como a todo instante citar a competitividade como fator determinante no mercado.

Ao lermos, mesmo que sejam poucas páginas de um exemplar de uma revista *Agitação*, ela nos deixa plenamente cientes de que sua linguagem é empresarial (recordaremos que ela ganhou o título pela ABERJ de melhor

revista empresarial), tanto que a visão que passam das necessidades do mercado atual, são as suas próprias necessidades.

Ocorre que é a maneira pela quais esses sujeitos encontraram para garantir seu controle, pois a imprensa é usada com canal para criar uma visão de mundo que interessa àqueles, como forma de apresentarem a sua contribuição: o espaço existe, a oportunidade é aberta a todos. Esqueceram de comentar que a contribuição é para eles mesmos. Isso não é uma mentira contada: é uma necessidade de arranjo na disputa criada pelo seu mundo dos negócios.

4.3. Paradoxo: jovens entrando e jovens saindo

Persistência não tem limites

Desde o primeiro ano de minha graduação, sempre contei com o CIEE para fazer estágios na minha área, mas, como prova do alto grau de competitividade dos participantes, nunca cheguei a ser selecionado. Quando me formei, surgiu uma oportunidade para gerente trainee de uma grande rede de lanchonetes. Fui participar do processo da seleção, já maduro e confiante de que aquela seria minha hora, mas, novamente, não foi a minha vez.

Espero que esta carta seja uma boa reflexão para aqueles que desistem diante do primeiro obstáculo. Apesar de desempregado, agora faço pós-graduação. E, parabenizo o CIEE pela idoneidade e transparência em seus processos seletivos. Saulo Motta Obara. São Paulo – SP (AGITAÇÃO 39, 2001: 6)

Ao lermos o depoimento acima, exposto nas “cartas”⁹² de *Agitação*, em primeiro lugar fica aparente os elogios para a competitividade,

⁹² A sessão de cartas, na revista passa por fases diferentes. No começo ela expõe todo o tipo de questionamento, dúvida ou qualquer coisa que os jovens escrevessem, no entanto com o passar do tempo vai tomando um formato diferente e o cuidado, ao meu ver, com que os editores tomam é para não haver publicações contrárias aos posicionamentos assumidos pela revista. Nas revistas 21, 22 e 23 aparecem sem a publicação das cartas, voltando na 24 com a proposta de que em cada edição da mesma, haverá um sorteio de uma caneta e vidro de tinta *Mont Blanc* para os leitores que ganharem com a melhor carta. Na revista número 57

idoneidade e transparências do CIEE, no entanto, numa leitura mais aberta, no todo da carta e na situação do jovem, vêm à tona alguns questionamentos a partir de que o jovem está desempregado e que continua estudando.

Em um texto de Leonardo Trevisan, “*Jovens, mentiras e desemprego*”, temos a introdução do mesmo deste modo:

Na última década, a permanência no mercado de trabalho foi difícil para todos no Brasil. Mas, sem dúvida, a crise do emprego foi particularmente cruel para os jovens. A tabulação final dos dados do Censo do IBGE, divulgada em fevereiro de 2003, mostrou que a taxa de desocupação na faixa entre 15 e 24 anos saltou de 12,4% em 1992 para 18,1% em 2001. Em números absolutos, o IBGE garantia que 3.679.546 jovens brasileiros nessa faixa de idade estavam desempregados. Em nenhuma outra faixa o drama do desemprego era tão grave. (DOWBOR et. al., 2004: 70)

Que caminho o jovem deve seguir? Diante da situação que lhe é imposta? Acreditando que o jovem entende o que acontece na sua relação com os empresários, opta por tentar seguir a oportunidade, pois é seu interesse também conseguir espaço para adentrar no mundo do trabalho. Ainda assim fica a pergunta: Diante das dificuldades do mundo competitivo, é melhor estagiar ou não? E como fazer quando não consegue espaço?

E os dados expostos pelo autor não param por aí, pois qualquer um pode verificar as pesquisas feitas pelo IBGE, o que desejamos perceber é que o que o autor assinala que o caminho do jovem estudante, na sua formação lhe trará espaço, não configura como uma garantia dessa introdução no mundo do trabalho: eis uma das mentiras propagadas à qual o autor chama-nos atenção.

O próprio estudante sugere que sua carta possibilite uma reflexão, fala em persistência, mostra interesse soando até como um apelo para que o contratem, afinal continua estudando. Mas aí está nossa

começaram a ter algumas respostas da redação para algumas cartas, justificando o pedido de quem escreve.

oportunidade do estudo: verificar que o jovem está presente em *Agitação*, mesmo que não consiga opinar, mostrar o que pensa, aproveitou-se da brecha que as cartas lhe ofereceram e expôs o que está pensando sobre si mesmo e seu mundo.

Vejamos a seguinte fala:

Neste número voltamos a falar um pouco daquelas pessoas que batalham e conseguem. Quando a chance aparece elas estão lá, atentas e dispostas. Alguém já disse que a sorte é uma alquimia que resulta da combinação dos elementos: estar no lugar certo, na hora certa e de sacar que é o lugar certo. Ou seja, de acordo com esse pensamento, a sorte depende de nós. E parece que tem quem leve isso muito a sério.” (AGITAÇÃO 20, 1996: 16-17)

Essas palavras fazem parte de uma matéria ‘mão na massa’, que fala da vida de estagiário e que conta com depoimento de ex-estagiários. Voltamo-nos para a interlocução anterior e, na união das duas, perceberemos que nesta não é o jovem falando. Quem está vivendo a situação de estagiário não fala na revista, é mero expectador. Mais ainda, joga na fala com uma realidade em que o jovem precisa aproveitar a chance e ter sorte para conseguir uma tão esperada vaga.

E o jovem vai além quando diz, nos primeiros números da revista:

Seria interessante que fosse introduzida uma área destinada aos estagiários. Seria um espaço avaliativo dele, apontando suas dúvidas sobre o estágio. Thiago Campos de Oliveira. Estudante (AGITAÇÃO 24, 1998: 7)

Mais adiante temos o seguinte:

Parabéns pela edição da revista. É fundamental que nós, estudantes e estagiários, estejamos sempre bem informados sobre o mercado de trabalho. Vocês poderiam colocar um canal direto com o estudante, reservando um espaço para que possamos escrever artigos para a publicação. Márcio Bruno Falcão Pereira. Estudante de Jornalismo. Natal/RN. (AGITAÇÃO 28, 1999:7)

Lendo um número mais atual, temos uma fala que vai ao encontro destas:

Sugestão

*Desde 2004 venho acompanhando o crescimento de **Agitação** e devo confessar que ela está cada vez melhor. Contudo, sinto falta de um espaço maior para o jovem na revista. Apesar da inserção do suplemento **Agitação Jovem**, acredito que as matérias poderiam dar mais ênfase aos assuntos voltados para esse público. Afinal, a excelência do trabalho do CIEE está em sua atuação como ponte entre o jovem e o mercado de trabalho. Thiago Souza. (AGITAÇÃO 84, 2008: 81)*

Essa reivindicação por espaço, em todas as citações acima, sugere que o jovem não está passivo diante das possibilidades apresentada, que ele percebe o mundo que vive e nele se constitui enquanto pessoa ou profissional. O sujeito não se faz e nem é moldado simplesmente, mas se constitui dentro daquilo que vive e projeta-se no mundo em que está inserido.

No estudo, “*Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma Pesquisa Nacional*”, temos o seguinte:

A visão de um futuro que traz consigo sinais de graves dificuldades não pode ser traduzida para o presente simplesmente como se fosse como uma antecipação a ser vivida, ou seja, o jovem que vê, entre os principais problemas a preocupá-lo, a necessidade de, em futuro breve, ter de encontrar emprego/atividade profissional não está declarando, com isso, que a forma de melhor eliminar essa preocupação residiria na imediata obtenção de um emprego ou no pronto desempenho de alguma atividade econômica. Portanto, circunscrever a uma automática reação que se exprimisse por meio da promoção de políticas que tivessem por único objetivo ampliar a quantidade de jovens inseridos em atividades produtivas agregadoras de valor de mercado, ainda que, em muitos casos, dadas as premências que pudessem estar cercando as estratégias de sobrevivência de muitos jovens e/ou de suas famílias, não se tivesse como olvidar esta alternativa, colocando-a em posição até mesmo prioritária no conjunto das ações públicas. (ABRAMO & BRANCO, 2005: 139)

Afinal o fator motivador é a sobrevivência? E essa necessidade está atrelada à sorte? Ficamos sem opção numa contradição em que é concreto que estudar e trabalhar são grandes dificuldades, ainda mais para quem precisa de emprego para complementar a renda familiar.

Do mesmo modo, estaremos abertos a perceber que o jovem, mesmo diante de toda cooptação, entra e permanece deixando pistas do seu modo de assumir este mundo.

Podemos argumentar que o autor, diante do exposto, está mostrando as dificuldades de adaptar-se ao mercado de trabalho. No caso deste estudo, de adaptarem-se ao que os adultos querem que seja feito ou seguido, contrastando com a vida juvenil. Podemos atentar para que o jovem necessite de uma oportunidade, pois a realidade colocada é pessimista, no entanto traz em si a situação de que a ocupação do jovem é fundamental para sua sobrevivência.

Isso, por si só, demanda pensar que é uma brecha interessante aos empresários, uma vez que apostam nisso para angariar jovens estudantes trabalhadores, outrossim, comunicam que o jovem precisa de sorte para isso.

Antes de tentar indagar ou assumir que é uma realidade nua e crua, para ir mais além à provocação que essa fala nos proporciona, queremos apresentar a seguinte fala em uma carta também:

O CIEE não está preocupado apenas com o momento atual, mas sim com o futuro, nosso futuro, realizando palestras, oferecendo cursos e várias outras oportunidades para aqueles que estão se deparando com um momento de transição na economia mundial, se preparando para enfrentar o novo milênio não como uma tarefa impossível, e sim como o 1º desafio de nossa carreira profissional.

Congratulo o CIEE e a revista Agitação, que juntamente com outras instituições, estão se preocupando em “fazer” profissionais cada vez mais de acordo com o mercado. (AGITAÇÃO 25, 1999: 6)

As palavras acima, que fizeram Everton de Almeida, Estagiário da Zero Hora Editora de São Paulo, ser o vencedor do concurso da carta premiada, mostram vários aspectos, dentre os quais destacamos o “fazer” profissionais. Ao mesmo tempo em que o estagiário demonstra sua noção de mundo, também deixa claro que o que está cumprindo é uma obrigação para adentrar no mundo do trabalho, no mercado, como ele mesmo escreveu.

E os jovens demonstram que estão abertos para uma oportunidade:

Mais Estágio - Eronildes, de Volta Redonda-RJ, que cursa economia, está esperando sua oportunidade de estágio pelo CIEE.

Nós, da redação da Agitação, estamos torcendo por você e pra mais um monte de estudantes. Enquanto isso, o pessoal do CIEE está trabalhando pra valer. (AGITAÇÃO 9, 1994: 3)

Futuro Profissional - A Fabiana Dainese, de São Caetano do Sul/SP, está batalhando demais uma oportunidade de estágio em Processamento de Dados e tem uma cabeça boa, cheia de idéias. (AGITAÇÃO 10, 1994: 5)

Em outro depoimento, pois existem outros tantos que seguem esta mesma linha de encadeamentos:

Quero parabenizar o CIEE pelo belo trabalho que tem feito como os estudantes. Eu, como sou um deles, sei o quanto é gratificante ter um incentivo. Cadastrei-me na instituição há pouco tempo e vi como é grande a organização e a competência de vocês. Quero, brevemente, fazer parte do quadro de estagiários. Juliana Kelli M. Pinheiro. Estudante – São Paulo/SP (AGITAÇÃO 32, 2000: 7)

Na presença do que fora exposto, estas falas corroboram para reafirmar que existem muitos jovens fora do mercado, mas que eles batalham pela vaga de estágio como alternativa para o início de suas jornadas no mundo do trabalho.

Observamos, numa carta, o seguinte diálogo:

Day after - Patrícia, de Goiânia/GO, 2ª colocada no Concurso Ticket/Agitação e uma das vencedoras do I Monografiat 92, está preocupada com o futuro.

Vale a preocupação, vale mais a luta e, pelo jeito, você é uma vencedora. Continue sendo. (AGITAÇÃO 11, 1994: 5)

Propositalmente chamar a Patrícia de vencedora pelos concursos, no entanto ressaltar que a preocupação dela é válida, mas que ela mesma deve lutar pelo espaço. É um modo interessante de dizer que existe a possibilidade, ela é real, é concreta. Há que se lembrar de Marshall Berman, quando nos faz interpretar que tudo é efêmero em seu brilhante *“Tudo que é sólido desmancha no ar”*. Que a aventura humana é mesmo um impasse.

Ao publicar, qualquer que seja a sessão da revista, mesmo nas cartas que estamos nos referindo, existe uma intenção: acreditamos que estão jogando as responsabilidades para outrem, pois sempre se colocam como aqueles que estão abrindo-se para o mundo do jovem e arrecadando ajuda para isso. A que se ler o seguinte:

DEVER DE TODOS - Cabe aos educadores incentivar a curiosidade dos alunos/estagiários e às empresas concedentes oferecer aos estagiários acesso a um mercado de trabalho escasso, seletivo e exigente, em que o sucesso profissional depende do envolvimento, comprometimento com o conhecimento genérico e o específico, acima da média. Joaquim Pereira. Coord. de Estádio – Luzitana Dist. Skol – Cuiabá/MT. (AGITAÇÃO 31, 2000: 7)

Perceberemos que a colocação quer mostrar que a colaboração feita por quem está por detrás do estágio é sempre ajuda, mas que o dever é sempre de quem está no outro lado. Essa linha imaginária que separa uns e outros é que fazem parecer ser o dever, mais ainda chamam isso de comprometimento. Um discurso que supervaloriza os envolvidos e os torna cúmplices para não dizer que, caso não apóie, são contrários ao jovem. Maneira sutil de induzir todos aos seus quadros, auxiliando-os na tarefa de selecionar jovens que foram devidamente incentivados.

Interessante ver o resultado de uma pesquisa apresentada na charge abaixo:



(AGITAÇÃO 4, 1993: 12)

A charge, na sessão “humor”, possui a legenda: “Do comportamento do jovem, enquanto consumidor”. Pesquisa encomendada pelo Grupo Associação das Escolas Particulares, propondo, conforme informa o peixe de prancheta na mão: “pesquisa informa: os jovens são infiéis!”. A primeira pergunta que nos surge, diante de tal colocação é quem está pescando na referida charge? E porque mostrar que o jovem é infiel quanto ao tipo de roupa a vestir. Interessante ressaltar que a jovem está fazendo careta para a roupa mais séria, tradicional e o jovem sorri para a roupa casual, mais despojada, mais jovial.

O que ainda nos rende a pergunta, por que infiel? Mais ainda: existem duas peças para serem fisdadas, mas mais de um vai querer, então haverá disputa. É como se dissessem que os jovens não as tem (não tem nada, ambos estão nus), as querem e somente um sairá com resultado satisfatório – ou nenhum!

Parafraseando Pierre Bourdieu, o poder é “*simbólico*”, no entanto o sentimento de poder vem junto com o da atração pelo objeto. Aqui começamos a delinear uma possível resposta, haja vista o mundo empresarial estar aberto ao jovem, principalmente pelos que competem e se mantêm fiéis aos pressupostos deste universo: o fazer perceber e o fazer crer neste mundo, como já tentamos demonstrar antes.

Tanto que as coisas aparecem de forma diferente, mas sempre dissimuladas:

Novas Propostas - Ana Maria, de São Paulo/SP, escreveu apresentando uma série de propostas para a Agitação e expondo uma série de problemas com relação à sua situação como estagiária. O Conselho Editorial da Agitação respondeu, esclarecendo algumas dúvidas da Ana. (AGITAÇÃO 14, 1195: 3)

Verificaremos que a estudante-estagiária teve problemas na sua vivência como estagiária que, neste caso foram tratados como respostas dadas. A força maior ficou para aquilo que ela apresentou como novas propostas, perdendo a importância para as dificuldades que ela enfrenta em sua experiência. O modo de trazer a fala da jovem ficou para mostrar que ela recebeu ajuda do conselho editorial como simples dúvidas e não como fatos que a mesma encaminhou, pois os mesmos não estão presentes na publicação.

Lemos em outra carta:

CRÍTICAS E COLABORAÇÃO - O Gustavo Bertelli, de São Paulo, manda uma carta fazendo uma análise crítica da revista Agitação. Nós agradecemos as dicas e sobre você colaborar na revista, faça o seguinte: mande para nós o que achar legal que vamos tratar seu material com todo o respeito. Abraços. (Agitação 16, 1995: 3)

Enquanto o jovem acima diz criticar, a publicação mostra que ele quer colaborar. Modo peculiar de dizer que quem quer criticar tem que mostrar sugestão para os problemas. Notadamente o jovem foi bem recebido, teve

espaço, recebeu abraço na resposta, enfim, foram cordiais com ele. Curioso o fato de o Gustavo ter o mesmo sobrenome do presidente executivo do CIEE, Luiz Gonzaga Bertelli – não conseguimos apurar se existe um grau de parentesco entre ambos, mas o encontramos hoje como associado do ACIBRAG- Associação dos Corretores de Imóveis de Bragança Paulista e Região⁹³ e como integrante da Imobiliária Bertelli⁹⁴.

Aparentemente é algo insignificante, mas que neste fato fica velado o quanto a revista serve aos seus propósitos. Ela pode afirmar ser para o jovem e pelo jovem, mas na essência ela utiliza o universo jovem como forma de chamar a atenção de outros.

Ressaltamos o seguinte discurso em uma carta:

Dura Realidade - Adorei a matéria 'Escola não forma empreendedores', da edição 40. Ela retrata a realidade pela qual o país está passando. Me identifiquei bastante com o que foi escrito. Após minha formatura, não fui efetivado na empresa em que trabalhava. Foi quando me deparei com um mercado muito promissor (Serviços Contábeis Terceirizados), mas para o qual não tinha sido formado na faculdade. O resultado é que tenho que entrar como sócio de um escritório já montado para que possa passar um tempo aprendendo como as coisas são realmente na prática. Gilson S. de Castro. Fortaleza – CE (AGITAÇÃO 42, 2001: 6-7)

O jovem vive, em suas experiências e responde conforme suas necessidades. Ele sabe o que está acontecendo, não é inativo diante dos acontecimentos. Ele diz que gosta da matéria, que acredita no trabalho, mas que no final das contas, não foi efetivado após o estágio, após terminar a faculdade. Dois fatos ficam intrinsecamente registrados: ele fez estágio para aprender na prática e estava estudando. Não é essa a grande justificativa de se realizar o estágio? Claro que um único depoimento não é suficiente para comprovar que estagiário é utilizado como mão-de-obra barata, mas fica registrado que ele estava fazendo o que era instruído e mesmo assim teve que aprender por conta própria.

⁹³ Acesso no site <http://www.acibrag.com.br/Associados.php>, no dia 14/03/20010.

⁹⁴ Acesso no site <http://www.imobiliariabertelli.com.br/>, no dia 14/03/2010.

Contribuindo e contrariando espaços abertos, encontramos outra situação em:

Vi a última edição da revista e percebi mudanças positivas. Gostaria de sugerir uma pauta sobre trabalho e estágios remunerados no exterior, uma alternativa à crise do desemprego. Silvia Prevideli. Leitora/SP. (AGITAÇÃO 29, 1999: 7)

A jovem apresenta o fato de que não possuem vagas no país, quer saber mais sobre oportunidades no exterior. Mais ainda que outro jovem se manifesta sobre esse assunto, diretamente relacionado a ele:

Decepção e explicação - Sou cadastrado no CIEE e venho fazer uma crítica. Agitação me ligou em maio para uma entrevista sobre jovens de diversas nacionalidades, para fazer um contraste com o Brasil. Ao ler a matéria fiquei decepcionado, principalmente o subtítulo Fantasma do desemprego (edição 75) e a frase ‘...é um exemplo das disparidades que atrasam o desenvolvimento nacional...’. Isso tudo tem uma conotação muito negativa em relação a mim. Ainda no dia da entrevista falei que não queria que a minha imagem fosse queimada e foi justamente isso que vocês fizeram. Fabrice Alain Fuhrer.

NR: O leitor não interpretou corretamente a reportagem. No trecho citado, procuramos mostrar que o país está repleto de jovens (brasileiros ou não) extremamente capacitados e talentosos, mas que não conseguem encontrar espaço nas empresas, até mesmo pela falta de visão de alguns gestores. Ressaltamos que a falta de investimentos nos estudantes é, sim, um dos motivos que impedem o Brasil de realizar o seu potencial. Isso, para o CIEE e para o milhão de jovens que aguardam por uma oportunidade de estágio, não é um drama, mas uma triste realidade. (AGITAÇÃO 76, 2007:81)

Se, por um lado, existe a possibilidade de estágio no exterior, o país também recebe estudantes de outras partes do mundo. Razão de ser a indignação do jovem acima, pois é estrangeiro e se viu diante de uma crítica que os estudantes de fora estão mais preparados, portanto mais aptos a concorrer à vaga de estagiário.

A revista levou-o para o lado de que está chamando a atenção das empresas, contudo essa é uma das questões que envolvem os jovens

brasileiros: não conseguem competir com estudantes de outros países. Citando como exemplo a própria língua estrangeira que é uma das exigências mais comuns (a matéria em questão citada, na edição 75 aponta para isso).

Aqui está o ponto da revista, acreditamos, tenta levar para o rumo em que necessita: precisa de jovens entrando em estágio, jovens terminando e mesmo assim outros esperando preparados para viver a experiência, pensando nessa possibilidade como uma oportunidade. No convívio de ambos, em suas relações, em que o poder da ideologia presente nas afirmações, abre-nos o estudo por ora apresentado. Contudo nos deixa o sabor de que muito mais pode e deve ser dito, desde que devidamente investigado.

Considerações Finais

OS ATORES

*Agora vamos contar
A história de uma viagem
Feita por dois exploradores e por um explorador.
Veja bem o procedimento desta gente:
Estranhável, conquanto não pareça estranho
Difícil de explicar, embora tão comum
Difícil de entender, embora seja a regra.
Até o mínimo gesto, simples na aparência,
Olhem desconfiados! Perguntem
Se é necessário, a começar do mais comum!
E, por favor, não achem natural
O que acontece e torna a acontecer
Não se deve dizer que nada é natural!
Numa época de confusão e sangue,
Desordem ordenada, arbítrio de propósito,
Humanidade desumanizada
Para que imutável não se considere
Nada.*

(A exceção e a Regra de Bertolt BRECHT)

A direção que pretendíamos tomar em nosso estudo agora, longe de ser uma forma de dramatizar nossa interpretação, mas quando usamos as sábias e críticas palavras de Bertolt Brecht, encaminha-se no sentido de que queríamos expor nossa indignação diante da mudança que se faz nos conceitos e do modo como isso se torna natural. O poeta nos lembra que é uma *desordem ordenada*, entendemos que é assim que tem que ser para que

os interesses nos objetivos dessa desordem, nesse descontrole, atinjam seus mais variados públicos e tornem-se hábito natural.

Se lermos em nossa fonte de pesquisa, perceberemos que existe uma intenção de mudar o foco das atenções dos jovens, fazendo-os perceber que o mundo desorganizado pode ser uma alternativa para ele, desde que queira seguir os padrões criados pela parcela da burguesia capitalista, auto-intitulada homens de negócios ou empresários executivos.

Entramos em colapso ou decidimos o que pensar dessa confusão. Voltamos a Brecht: *arbítrio de propósito*. Essa expressão tem um enorme peso em nossas argumentações, pois alguém está consciente em e de tudo isso. As brechas de interpretações que surgem na sociedade atual, com um discurso modernizante, em que existem necessidades a serem cumpridas, trazem uma grande gama de possibilidades. E deste modo que podemos ver o encontro entre instituições como uma grande sacada para tirar todo o proveito que a oportunidade traz.

Começamos esta dissertação na esperança de um estudo com significados não somente à formação acadêmica, mas como contribuição à história social. Afinal, como historiadora que pretendemos ser, acreditamos que nosso papel é ler e interpretar os acontecimentos à nossa volta, buscando fontes, como meios de questionar as relações sociais vividas.

Entendendo que a história se faz num processo, que o homem, independente da posição social, etnia, cor, sexo, religião ou qualquer outro aspecto, lança mão do mundo em que vive e, dentro dele, busca os próprios meios de sobrevivência, apostamos que o estudo venha a contribuir como forma de diálogo, bem como de um espaço para perceber as categorias apresentadas e suas respostas ao mundo atual.

Deste modo, a pesquisa e o estudo realizado, na leitura, análise e interpretação para a compreensão da revista *Agitação*, como contexto de uma parcela da burguesia paulista, traz-nos contribuições para chegarmos a alguns

aspectos relevantes na finalização desta etapa de estudo. Da mesma maneira que ainda temos outros questionamentos sendo elaborados, temos as considerações para justificar a importância que a pesquisa apontou enquanto forma de interpretar o desenvolvimento do capitalismo naquilo que nos traz o entendimento das relações em diferentes categorias.

Partindo desse pressuposto e acreditando que os sujeitos envolvidos em *Agitação* vivem as transformações geradas pelo capitalismo mundial na época contemporânea, qual sejam, neste caso, os resultados da flexibilização e da precarização do mundo do trabalho gerando ações e reações por parte das classes dirigentes e dominantes na organização e estabelecimento de novas instituições que lhes garantam a continuidade de ascensão e manutenção do poder.

István Mészáros escreve em “*O século XXI – socialismo ou barbárie?*” o seguinte:

*O sistema do capital se articula numa rede de contradições que só se consegue **administrar** medianamente, ainda assim durante curto intervalo, mas que não se consegue **superar** definitivamente. Na raiz de todas elas encontramos o antagonismo inconciliável entre capital e trabalho, assumindo sempre e necessariamente a forma de **subordinação estrutural e hierárquica do trabalho ao capital**, não importando o grau de elaboração e mistificação das tentativas de camuflá-la. (MÉSZÁROS, 2009: 19)*

As questões pertinentes ao mundo do trabalho e de suas transformações, apontadas como momentos de instabilidade – os antagonismos, as contradições que o autor cita ao longo de suas argumentações nesta obra - nas relações entre patrões e empregados, também cria oportunidades de novas estratégias para a burguesia. O que o autor nos faz entender brilhantemente, nos estudos sobre Marx, quando mostra-nos que junto às crises estruturais do capital, estão as crises conjunturais periódicas.

No processo histórico do capitalismo essas contradições são pertinentes como o modo de operar e de verificar a reestruturação das classes dirigentes. Sendo assim, observaremos que o caso brasileiro está perfeitamente inserido nesta descrição, principalmente no que tange a classe burguesa aliando-se ao capital internacional para organizar-se e garantir sua manutenção na ordem do dia.

Portanto as ações são parte de uma parcela das estratégias, deste grupo empresarial paulista, assim como nossa investigação passou a vê-los fazendo o rearranjo no poder e a perceber essas ações no conjunto das estratégias da mundialização do capital e da finança mundializada.

É na própria fonte que lemos:

Daí duas conseqüências pouco animadoras: de um lado, a competência profissional e científica, em baixa, e de outro, essa patologia política e econômica, que excrucia o Brasil, e faz com que tanto o desenvolvimento, quanto a prática da democracia, continuem a depender de minorias privilegiadas, sem a inclusão das massas, como seria obrigatório e necessário. É o ovo da serpente gerando um perigoso veneno, em doses que aumentam continuamente, e dão origem aos grandes problemas que vêm caracterizando as crises até aqui invencíveis, que se instalaram no mercado de trabalho e nos ensinos médio e superior brasileiros. É mister investir tudo na qualificação do ensino fundamental e na extinção do analfabetismo tanto puro, quanto funcional, para que se salve o futuro do País. (AGITAÇÃO 55, 2004: 85)

O raciocínio, apontado pelo dito especialista em Educação, Paulo Nathanael Pereira de Souza – doutor em educação, que critica a falta de condições para o funcionamento da rede escolar, com professores mal formados e mal remunerados para os novos desafios para atingir uma formação adequada, afirma que tudo isso gera o analfabetismo – ainda mais chamando de o ovo da serpente.

O primeiro grande questionamento que fizemos, ao longo da tentativa de mostrar que a educação é mostrada como sinal do progresso, está

a grande sacada, repetidamente dita e reafirmada em muitas ocasiões na revista, que os empecilhos ao desenvolvimento sempre são externos aos representantes da ONG CIEE – os quais são responsáveis pela criação, manutenção e publicação da revista *Agitação*.

Vejamos o seguinte:

Nenhum país vai a lugar algum se não tiver a base de seus profissionais capacitados e enfrentar essa nova ordem econômica que é o mundo globalizado. O Brasil está atrasado em relação aos países desenvolvidos e mesmo aos países do Mercosul. As empresas acabam tendo um custo adicional para treinar e capacitar o profissional, para torná-lo apto e mais competitivo. Hoje, o próprio setor privado tem assumido o papel da educação básica, que é um dever do Estado, e vem avançando na formação universitária e profissional. Mas também as universidades brasileiras, principalmente as privadas, estão dando saltos, quanto às qualificações e às metodologias adotadas. Nos últimos anos, a educação tem avançado e continuará avançando. (AGITAÇÃO 26, 1999: 11)

É uma contradição? São várias, acreditamos. Poderíamos começar perguntando sobre quem deve fazer e o que deve fazer. Se, na fala anterior, apontando para o ensino fundamental, e agora tentando mostrar que as universidades particulares funcionam, estariam criando um cenário para sensibilizar a opinião? Surgem, então com a proposta e defesa seguinte:

Essa mesma bagagem de experiência e a consciência da responsabilidade para com o destino de outros milhões de jovens (refere-se aos avanços do estágio como ferramenta para assegurar qualidade do aprendizado prático), em especial os carentes, levam o CIEE a discordar de tentativas que, por razões evidentemente equivocadas, buscam eliminar essa oportunidade de aprendizado prático do já reduzido leque de opções com que contam os estudantes brasileiros. Felizmente, o CIEE não está sozinho na ação de defesa do estágio, pois conta com apoios expressivos, a exemplo da Ordem dos Advogados do Brasil/SP, que reuniu um qualificado grupo de especialistas, os quais concluíram por unanimidade pela legalidade, legitimidade e moralidade do estágio [...]. (AGITAÇÃO 60, 2004: 4).

Alguns pensamentos nos recorrem por hora para buscarmos uma análise que traga significado para entendimento dessas colocações. O grupo

empresarial encontrou um espaço em que possa lançar mão de sua interpretação de mundo e nele deixar detalhes pouco perceptíveis, mas que impactam e que, ao reforçar sua disponibilidade no seu trabalho voluntário e de sua defesa do estágio como a única saída para todas as mazelas.

Fica evidente quando passamos a questionar algumas das palavras, estrategicamente utilizadas nas matérias publicadas, que o discurso acusa sempre os problemas para traçar um paralelo entre estes e a solução que os mesmos indicam: o estágio. Ele, o estágio, é mostrado como algo legal, legítimo e moral.

Como primeira argumentação acerca dessa articulação pensada, planejada e lançada e, de antemão, no meio desse ataque ao sistema de educação brasileiro, apoiado por ninguém menos do que o próprio Senador Cristovam Buarque – que já assumiu o Ministério da Educação do Brasil (2003 a 2004), em que demonstra a educação e o estágio do seguinte modo:

Uma mudança profunda na educação brasileira, que coloque o ensino no rumo certo e eleve sua qualidade a um patamar aceitável, depende da mobilização dos estudantes. [...] Os jovens precisam se mobilizar dentro de suas escolas, nas ruas, via e-mail, por telefone, enfim, precisam fazer a revolução Educação já. [...] Hoje, o estágio não pode acabar, até pela sobrevivência do estudante. O importante, sempre, é que ele esteja vinculado à aprendizagem. [...]

O estágio é parte da educação, mas não é educação propriamente dita. Às vezes, é melhor o estágio do que a escola. (AGITAÇÃO 75, 2007: 8-11)

Mais contradição? Lembraremos que são justamente os antagonismos e as contradições, típicos do capitalismo que possibilitam a manutenção da visão empresarial. Fazemos referência à instituição - ONG CIEE, sem perdê-la de vista como uma empresa - sua fundação, sua estruturação, sua manutenção, seu financiamento, entre outros, são aspectos de uma empresa como qualquer outra. Não que uma ONG não tenha que ter ou ser uma organização, mas os próprios fundadores dela faziam questão de mostrar que eram diferentes de outras por aí, por se destacaram no seu modo de se organizarem.

Existe uma insistência muito grande, em seu discurso dos problemas atuais de que o Estado perde sua função no neoliberalismo, precisa ser neutro para a economia fluir. É assim que vemos instituições com o mesmo nome, por fora permanecerem as mesmas, mas que sua atuação, por dentro, é muito diferente, ou seja, não há uma relação empresarial deste porte que não esteja embasada e formada com empresa.

Quando falamos em Governo – como a representação física do Estado, de Nação, lembramos que é dito que ele ficaria cumprindo apenas as funções político-sociais, no mundo capitalista, mas aqui nos cabe uma pergunta para fechar no tema desse nosso momento de discussão: acaso não está aí o objetivo de uma ONG? Ela não é a responsável por fazer aquilo que o governo não faz? É uma ação Não-Governamental para resolver problemas sociais das mais variadas origens?

O que nos permite afirmar que agora a educação de qualidade será responsabilidade do próprio jovem, mas que ele possa ver que o estágio é até melhor que estar na escola. A ação social é feita pela ONG, mas a luta é tarefa de qualquer outro setor. Se eles existem é para cumprir seu papel, pois:

Olhar a educação e avaliar as possibilidades de reformular o modelo de escola é vital para que ela, a educação, se afirme como o pilar mais importante para o desenvolvimento dos jovens, principalmente às portas do novo milênio, quando o conhecimento, a criatividade e a capacidade de aprender serão, sem dúvida, o verdadeiro capital de todos. [...] Nesse contexto, o estágio do estudante reafirma sua importância como elemento que consolida essa relação e integra definitivamente o processo de formação, como um meio eficaz para dotar estudantes de habilidades e competências exigidas pelo mercado; dar maturidade e vivência profissional a esses jovens e, finalmente, como elo entre a vida acadêmica e a prática empresarial. (AGITAÇÃO 23, 1998: 4)

Voltando à primeira argumentação do representante desta instituição, perguntamo-nos o que ele entende por democracia? O que pretende quando fala em capital e por formação para a prática empresarial? Vamos traçando um paralelo entre as falas e percebendo que o discurso acusa

estarem na educação os grandes problemas, de que é preciso fazer algo, pois isto é empecilho ao desenvolvimento da nação, no entanto é possível começar a perceber que as intenções mudam conforme o momento e para quem se quer que o discurso se faça ouvido.

Mais ainda, qual educação é garantia de alguma coisa para alguém? Novamente, nos apoiando em Mészáros, teremos que raciocinar a partir dele, com o que nos diz:

As instituições formais de educação certamente são uma parte importante do sistema global de internalização.

[...]

Todavia, ao internalizar as onipresentes pressões externas, eles devem adotar as perspectivas globais da sociedade mercantilizada como inquestionáveis limites individuais a suas aspirações pessoais. Apenas a mais consciente das ações coletivas poderá livrá-los dessa grave e paralisante situação.

[...]

Nessa perspectiva, fica bastante claro que a educação formal não é a força ideologicamente primária que consolida o sistema do capital; tampouco ela é capaz de, por si só, fornecer uma alternativa emancipadora radical. Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou 'consenso' quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados. Esperar da sociedade mercantilizada uma sansão ativa – ou mesmo mera tolerância – de um mandato que estimule as instituições de educação formal a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo, ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental. É por isso que, também no âmbito educacional, as soluções 'não podem ser formais; elas devem ser essenciais. Em outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida. (MÉSZÁROS, 2009: 44-45)

Ai está o cerne da utilização da pedagogia como forma de passar mensagens e, nesta utilização, garantir que a manutenção do estágio o torne amplamente divulgado e aceito, acabando por ser legitimado nas relações sociais. Os sujeitos envolvidos no contexto do capitalismo mundializado, ao ouvirem um discurso modernizante, dentro de suas necessidades atuais, diante

das possibilidades reais, acabam por adaptar-se aos espaços que lhe são oferecidos.

No entanto, quando nos faz questionar o papel que assumem em seus universos, Mészáros também nos faz analisar o poder que a ideologia assume enquanto ferramenta da institucionalização e da legalização dos conceitos gerados nas instituições. Vale ressaltar que os assuntos relacionados ao estágio na revista *Agitação*, possíveis e imagináveis pelos próprios empresários, em todas as suas argumentações utilizadas na imprensa, configuram como manipulação de um modo de ver o mundo, apropriando-se da autoridade para falar em nome de tudo e de todos, salvaguardando a democracia, a igualdade, o direito, entre outros.

Ocorre-nos que, ao questionar as intenções da defesa do estágio e da preocupação com os jovens - com o futuro, com o desenvolvimento do país, com as mudanças que ocorrem no mundo, com os valores, quando dizem que há uma reorganização/reestruturação das organizações, com a modernização tecnológica e da importância do seu papel como agentes de interação entre o estudante com a escola, com a empresa, com as experiências de suas vidas, entre tantos outros aspectos que procuramos demonstrar nesta pesquisa, estamos diante daquilo que chamamos mobilização carregada de expectativas de que os jovens adentrem no mundo do trabalho para formar o contingente de mão-de-obra facilmente explorada, substituída e aberta ao mundo empresarial.

Longe estamos de só questionar o cumprimento das funções a que se propuseram os empresários paulistas ao criar uma ONG voltada à juventude brasileira. O que pretendíamos nestas linhas era chegar ao cerne de uma discussão dentro do mundo atual, em seus rearranjos primorosos para dar continuidade às velhas formas de exploração humana, com cara e nome novos, no entanto gerando uma inquietação pela impotência que temos de tomar qualquer atitude contrária aos ideais burgueses.

É mais ou menos dizer que a incapacidade das instituições é um sinal de nossas deficiências individuais e que, quer queira ou não, isso tudo existe, está aí e gera mudanças nas nossas vidas, tornando-se o modo como estamos vivendo o agora. Resta saber se reconstruiremos o que temos ou construiremos coisas novas.

Por último, mas não menos importante, deixamos registrado uma das grandes contribuições aos nossos pensamentos revolucionários:

O futuro nunca se anima a ser de todo presente sem antes ensaiar, e esse ensaio é a esperança. – Jorge Luis Borges⁹⁵

⁹⁵ Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo, nasceu em Buenos Aires (24/08/1899), viveu em Genebra (14/06/1986), foi escritor, poeta, tradutor, crítico e ensaísta mundialmente conhecido por seus contos e histórias curtas. Ele nasceu, depois de morrer, porque ele viu, que seu sonho era próspero. E nunca mais voltou. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Luis_Borges

Referências Bibliográficas

FONTES:

AGITAÇÃO ANO I, Nº 1, JANEIRO/FEVEREIRO, 1993.

AGITAÇÃO ANO I, Nº 2, MARÇO/ABRIL, 1993.

AGITAÇÃO ANO I, Nº 3, MAIO/JUNHO, 1993.

AGITAÇÃO ANO I, Nº 4, JULHO/AGOSTO, 1993.

AGITAÇÃO ANO I, Nº 5, SETEMBRO/OUTUBRO, 1993.

AGITAÇÃO ANO I, Nº 6, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 1993.

AGITAÇÃO ANO II, Nº 7, JANEIRO/FEVEREIRO, 1994.

AGITAÇÃO ANO II, Nº 8, MARÇO/ABRIL, 1994.

AGITAÇÃO ANO II, Nº 9, MAIO/JUNHO, 1994.

AGITAÇÃO ANO II, Nº 10, JULHO/AGOSTO, 1994.

AGITAÇÃO ANO II, Nº 11, SETEMBRO/OUTUBRO, 1994.

AGITAÇÃO ANO II, Nº 12, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 1994.

AGITAÇÃO ANO III, Nº 13, JANEIRO/FEVEREIRO, 1995.

AGITAÇÃO ANO III, Nº 14, MARÇO/ABRIL, 1995.

AGITAÇÃO ANO III, Nº 15, MAIO/JUNHO, 1995.

AGITAÇÃO ANO III, Nº 16, JULHO/AGOSTO, 1995.

AGITAÇÃO ANO III, Nº 17, SETEMBRO/OUTUBRO, 1995.

AGITAÇÃO ANO III, Nº 18, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 1995.

AGITAÇÃO ANO IV, Nº 19, JANEIRO/FEVEREIRO, 1996.

AGITAÇÃO ANO IV, Nº 20, MARÇO/ABRIL, 1996.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 21, NOVEMBRO/JANEIRO, 1997.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 22, FEVEREIRO/ABRIL, 1998.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 23, MAIO/JUNHO, 1998.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 24, AGOSTO/OUTUBRO, 1998.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 25, NOVEMBRO/JANEIRO, 1999.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 26, JANEIRO/FEVEREIRO, 1999.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 27, MARÇO/ABRIL, 1999.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 28, MAIO/JUNHO, 1999.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 29, JULHO/SETEMBRO, 1999.

AGITAÇÃO ANO V, Nº 30, OUTUBRO/DEZEMBRO, 1999.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 31, JANEIRO/FEVEREIRO, 2000.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 32, MARÇO/ABRIL, 2000.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 33, MAIO/JUNHO, 2000.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 34, JULHO/AGOSTO, 2000.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 35, SETEMBRO/OUTUBRO, 2000.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 36, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2000.

AGITAÇÃO ANO VII, Nº 37, JANEIRO/FEVEREIRO, 2001.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 38, MARÇO/ABRIL, 2001.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 39, MAIO/JUNHO, 2001.

AGITAÇÃO ANO VI, Nº 40, JULHO/AGOSTO, 2001.

AGITAÇÃO ANO VIII, Nº 41, SETEMBRO/OUTUBRO, 2001.

AGITAÇÃO ANO VIII, Nº 42, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2001.

AGITAÇÃO ANO IX, Nº 43, JANEIRO/FEVEREIRO, 2002.

AGITAÇÃO ANO IX, Nº 44, MARÇO/ABRIL, 2002.

AGITAÇÃO ANO IX, Nº 45, MAIO/JUNHO, 2002.

AGITAÇÃO ANO IX, Nº 46, JULHO/AGOSTO, 2002.

AGITAÇÃO ANO IX, Nº 47, SETEMBRO/OUTUBRO, 2002.

AGITAÇÃO ANO IX, Nº 48, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2002.

AGITAÇÃO ANO X, Nº 49, JANEIRO/FEVEREIRO, 2003.

AGITAÇÃO ANO X, Nº 50, MARÇO/ABRIL, 2003.

AGITAÇÃO ANO X, Nº 51, MAIO/JUNHO, 2003.

AGITAÇÃO ANO X, Nº 52, JULHO/AGOSTO, 2003.

AGITAÇÃO ANO X, Nº 53, SETEMBRO/OUTUBRO, 2003.

AGITAÇÃO ANO X, Nº 54, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2003.

AGITAÇÃO ANO XI, Nº 55, JANEIRO/FEVEREIRO, 2004.

AGITAÇÃO ANO XI, Nº 56, MARÇO/ABRIL, 2004.

AGITAÇÃO ANO XI, Nº 57, MAIO/JUNHO, 2004.

AGITAÇÃO ANO XI, Nº 58, JULHO/AGOSTO, 2004.

AGITAÇÃO ANO XI, Nº 59, SETEMBRO/OUTUBRO, 2004.

AGITAÇÃO ANO XI, Nº 60, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2004.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 61, JANEIRO/FEVEREIRO, 2005.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 62, MARÇO/ABRIL, 2005.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 63, MAIO/JUNHO, 2005.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 64, JULHO/AGOSTO, 2005.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 65, SETEMBRO/OUTUBRO, 2005.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 66, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2005.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 67, JANEIRO/FEVEREIRO, 2006.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 68, MARÇO/ABRIL, 2006.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 69, MAIO/JUNHO, 2006.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 70, JULHO/AGOSTO, 2006.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 71, SETEMBRO/OUTUBRO, 2006.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 72, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2006.

AGITAÇÃO ANO XIII, Nº 67, JANEIRO/FEVEREIRO, 2007.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 74, MARÇO/ABRIL, 2007.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 75, MAIO/JUNHO, 2007.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 76, JULHO/AGOSTO, 2007.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 77, SETEMBRO/OUTUBRO, 2007.

AGITAÇÃO ANO XII, Nº 78, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2007.

AGITAÇÃO ANO XIII, Nº 79, JANEIRO/FEVEREIRO, 2008.

AGITAÇÃO ANO XIV, Nº 80, MARÇO/ABRIL, 2008.

AGITAÇÃO ANO XIV, Nº 81, MAIO/JUNHO, 2008.

AGITAÇÃO ANO XIV, Nº 82, JULHO/AGOSTO, 2008.

AGITAÇÃO ANO XIV, Nº 83, SETEMBRO/OUTUBRO, 2008.

AGITAÇÃO ANO XIV, Nº 84, NOVEMBRO/DEZEMBRO, 2008.

AGITAÇÃO ANO XIV, Nº 85, JANEIRO/FEVEREIRO, 2009.

AGITAÇÃO ANO XV, Nº 86, MARÇO/ABRIL, 2009.

AGITAÇÃO, também disponível no site do CIEE, somente os exemplares atuais: <http://www.ciee.org.br/portal/institucional/agitacao.asp>

JORNAL “O ESTADO DE SÃO PAULO” – Caderno 2 CULTURA – *Para Fazer a Globalização Funcionar*. São Paulo, 02/12/2007. Pág. D8. D9 e D12.

Resumo Executivo da OIT, *Trabalho Decente e Juventude na América Latina e Caribe*, do ano de 2007 – disponível no site da OIT: http://www.summit-americas.org/V_Summit/Policy_Dialogue/tdj_resejec_pt.pdf, último acesso dia 21 de março de 2010; também em http://www.oitbrasil.org.br/prgativ/prg_esp/emp_form_jov.php

SCOLESO, Fabiana. *Reestruturação Produtiva e Sindicalismo Metalúrgico do ABC Paulista: As Misérias da Era Neoliberal na Década de 1990*. Doutorado em História Social. São Paulo/PUC, 2009.

SILVA, Magda Cibele Moraes Santos & BORGES, Ângela Maria Carvalho. *Mudanças Recentes na Regulamentação do Trabalho Juvenil no Brasil*. In: *Científico*, Ano VII, Salvador, 2007. Disponível no endereço: http://www.frb.br/ciente/dossie/dossie_borgessilva2.pdf, acessado dia 20 de novembro de 2009.

<http://www.ciee.org.br/portal/>

http://www.ciee.org.br/portal/institucional/uni_b.asp

www.estagiarios.com

<http://www.abres.org.br/v01>

<http://www.acibrag.com.br/Associados.php>,

<http://www.fapesp.br/materia/1285/conselho-superior-cs/horacio-lafer-piva.htm>

<http://www.oitbrasil.org.br/>;

<http://www.ipea.gov.br/default.jsp>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm

<http://www.agricultura.gov.br/>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/internet.pdf>

OBRAS:

ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo (Orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma Pesquisa Nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania & Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999.

ANTUNES, Ricardo (Org.). *Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos – Reestruturação Produtiva no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 1997.

_____. *A Dialética do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo. *A Desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)* – 2ª ed. – Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

_____. *O Caracol e sua Concha – Ensaio sobre a Nova Morfologia do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Os Sentidos do Trabalho – Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. *Adeus ao Trabalho. Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. - 12ª ed. - São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ARAÚJO, Ângela (Org.). *Do corporativismo ao neoliberalismo – Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARENDT, HANNAH. *A Condição Humana*. 10ª ed. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARRUDA JÚNIOR, Edmundo Lima de & RAMOS, Alexandre (Orgs.) *Globalização, Neoliberalismo e o Mundo do Trabalho*. Curitiba: IBEJ, 1998.

BAQUERO, Marcelo (Org.) *Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Tradução: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BEAUD, Michel. *História do Capitalismo – de 1500 aos nossos dias*. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOITO JR, Armando. *Neoliberalismo e Corporativismo de Estado no Brasil*. In: ARAÚJO, Ângela. *Do Corporativismo ao Neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz (Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRECHT, Bertold. *Teatro Completo – vol 4*. Tradução: Roberto Schwarz et. al. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Poemas – 1913-1956*. Seleção e Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2001.

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos*. Tradução: Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. *A Globalização Imaginada*. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. *Diferentes, Desiguais e Desconectados. Mapas da Interculturalidade*. Tradução: Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. *Leitores, Espectadores e Internautas*. Tradução: Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2008.

- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRINOLI, Héctor Perez. *Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia – o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Portugal: Difel, 2002.
- CHASIN, J. *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. Tradução: Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHESNAIS, François (Org.). *A Finança Mundializada*. Tradução: Rosa Marques e Paulo Nakatani. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CHESNAIS, François et. al. *Uma nova fase do capitalismo?* Tradução: Andréia Galvão e José Marcos Nayme Novelli. São Paulo: Xamã, 2003.
- CHESNEAUX, Jean. *Modernidade-Mundo*. Tradução: João da Cruz. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *Cultura, Trabalhadores e Viver Urbano*. In: Projeto História 18 – Espaço e Cultura. São Paulo: Educ/FAPESP, maio 1999.
-
- _____. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial SP, 2000.

CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa*. In: Projeto História, São Paulo, nº 35, 2007. Disponível on-line, p. 257: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2221/1322>

DE GRAZIA, Giuseppina. *Tempo de Trabalho e Desemprego: redução de jornada e precarização em questão*. São Paulo: Xamã, 2007.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Tradução: Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: UNESP/BOITEMPO, 1997.

FALCON, Francisco. *História Cultural: Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11ª ed. São Paulo: EDIUSP, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil* (1959) .32ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

GENTILI, Pablo (Org.) *Globalização Excludente – Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis/RJ: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *A Terceira Via: Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Mundo em Descontrole – O que a Globalização Está Fazendo de Nós*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GIDDENS, Anthony. (Org.). *O Debate global sobre a Terceira Via*. Tradução: Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere – vol. 2: Os intelectuais, O Princípio Educativo, Jornalismo*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 16ª ed. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e ,Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital: 1848-1875*. Tradução: Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 4ª ed. Tradução: Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Tempos Interessantes - Uma vida no Século XX*. Tradução: S. Duarte São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Sobre História*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBSBAWM, Eric J & RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Tradução: Maria do Carmo Cary. Lisboa/PT: Presença, 1973.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HARRISON Lawrence E. & HUNTINGTON , Samuel P (org.). *A Cultura Importa: os valores que definem o progresso humano*. Tradução: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2002.

IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Tradução: Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOSURDO, Domenico. *Contra-História do Liberalismo*. Tradução: Giovanni Semeraro. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: Estudos sobre a dialética marxista*. Tradução: Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, G. *Conversando com Lukács*. Entrevista com Hans Heinz Holz, Leo Köfler e W. Abendroth. Tradução Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MACIEL, Laura A. *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. *Globalização: estado nacional e espaço mundial*. São Paulo: Moderna, 1997.

MAGNOLI, Demétrio et al. *Panorama do Mundo*. São Paulo: Scipione, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O Capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *A Educação para além do Capital*. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *O Século XXI – Socialismo ou Barbárie?* Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *Estrutura social e forma de consciência: a determinação social como método*. Tradução: Luciana Pudenzi, Francisco Raul Cornejo, Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *A Crise Estrutural do Capital*. Tradução: Francisco Raul Cornejo et. al. São Paulo: Boitempo, 2009.

MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em Perspectiva*. 20 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto Cidadania & Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

NOVAIS, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: Hucitec, 1979.

OLIVEIRA, Francisco de & RIZEK, Cibele Saliba (Orgs.). *A Era da Indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. Tradução: Heitor Ferreira. São Paulo: Editora Globo, 1962.

- POCHMANN, Márcio. *O Trabalho sob Fogo Cruzado: Exclusão, Desemprego e Precarização no final do Século*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo (1942)*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense: 1994.
- PRONI, Marcelo Weishaupt & HENRIQUE, Wilnês (Orgs.). *Trabalho, mercado e sociedade*. São Paulo: Editora UNESP/SP; Instituto de Economia da UNICAMP, 2003.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo- 1970 – 1980*. 2ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- SADER, Emir & GENTILI, Pablo (Orgs.). *Pós-Neoliberalismo – As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias – Intelectuais, arte e meios de comunicação*. Tradução: Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: EDUSP, 2005.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil (1937)* São Paulo: Nacional, várias eds.
- TELLES, Vera da Silva. *Mutações do Trabalho e experiência urbana*. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Usos e Costumes*. Tradução: Rosaura Eichemberg. 1ª reimpressão - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 1. 4ª ed. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 2. 4ª ed. Tradução: Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 3. 3ª ed. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

VIDAL, J. W. Bautista. *Soberania e Dignidade: Raízes da sobrevivência*. Petrópolis: Vozes, 1991.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2006.

WAGNER, Eugênia Sales. *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*. 2ª ed. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.